



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras
PPGLetras/CPTL/Três Lagoas - MS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS

Cíntia Débora de Moraes Cinti

TEXTOS VIDEOSSINALIZADOS NA INTERNET:
UMA DESCRIÇÃO CENTRADA NO USO DA LIBRAS NO
MEIO ELETRÔNICO

TRÊS LAGOAS-MS

2025



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras
PPGLetras/CPTL/Três Lagoas - MS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS

Cíntia Débora de Moraes Cinti

TEXTOS VIDEOSSINALIZADOS NA INTERNET:
UMA DESCRIÇÃO CENTRADA NO USO DA LIBRAS NO
MEIO ELETRÔNICO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPG Letras, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, como requisito final para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira

TRÊS LAGOAS-MS

2025

TEXTOS VIDEOSSINALIZADOS NA INTERNET: UMA DESCRIÇÃO CENTRADA
NO USO DA LIBRAS NO MEIO ELETRÔNICO

Resultado: APROVADA



Orientador: Prof. Dr. Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira - Presidente
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Titular: Profa. Dra. Sheyla Cristina Araujo Matoso
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Titular: Prof. Dra. Audrei Gesser
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Suplente: Prof. Dr. Ricardo Magalhães Bulhões
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Suplente: Prof. Dra. Elaine de Castro
Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR

*“Sempre haverá propriedades do meio eletrônico
que nos capacitarão a usar a língua de formas
que, tradicionalmente, jamais conseguiríamos”*
(David Crystal)

*“O vento é sempre o mesmo, mas sua resposta
é diferente em cada folha”.*
(Cecília Meireles)

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão,

A Jeová, o Deus a quem sirvo, por lembrar-se de mim e ouvir as minhas orações. Por nos manter seguros e possibilitar que, mesmo em meio a uma pandemia, terrivelmente devastadora, eu pudesse realizar um sonho, ao transformar um período de *lockdown* em momentos de reflexões teóricas para formulação da proposta de pesquisa que resultaria no desenvolvimento desta tese.

A meus pais, pelo incentivo incondicional. Ao ver minha mãe com o corpo arqueado, lembro das inúmeras vezes em que ela saía do pequeno sítio em que morávamos, com os braços carregados de garrafas de leite, para que, com o dinheiro da venda, pudéssemos “nos dar ao luxo” de, dentre outras coisas, frequentar um curso de informática, mesmo sem vislumbrar a possibilidade de adquirir um computador. Que ironia do destino, após tantos anos, poder tratar sobre a comunicação mediada por telas, que a tempos nos parecia tão distante.

A minhas irmãs, por não permitirem que a distância interferisse nos laços que nos une. Pelas mensagens de carinho, pela escuta e conselhos.

A meu esposo, Vitor Cinti e filhos, Willian, Arthur e Helena, pelo apoio, carinho e amor. Por sustentarem o maior dos meus sonhos, por tornarem minha vida mais leve e feliz. Em vocês busco o entusiasmo para enfrentar os percalços da vida e lutar por nossos objetivos comuns. Obrigado por tolerarem minhas imperfeições e contribuírem para a busca em tornar-me alguém melhor.

Aos surdos, por não deixarem as línguas de sinais se perderem, por não aceitarem leituras equivocadas e estigmatizantes sobre sua cultura, língua e identidade. Graças a vocês, as línguas de sinais têm alçado a valoração que lhe é devida.

A meu mestre e mentor intelectual, Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira, a quem externo minha eterna gratidão, fazendo uso das palavras de Matthiessen (2014), durante a escrita da introdução da obra *Introduction to functional grammar*, em que afirma ter uma dívida com Michel Halliday, que se amplia com o passar dos anos e que o alegra e acumula juros para toda sua vida. Sou tomada por igual sentimento, ao pensar que riqueza material alguma poderia retribuir ou compensar o valor do conhecimento que tem nos proporcionado. Conhecimento que não se limita ao

âmbito teórico, mas se expande para valores profissionais, interpessoais, morais e éticos. A você, minha eterna gratidão, por ser tão presente, por nos apresentar tantas possibilidades de pesquisa, perspectivas teóricas, abordagens metodológicas e estratégias de análises. Por nos aconselhar e contribuir para que tivéssemos maior maturidade acadêmica. Por estimular o empenho e o cuidado quanto à organização, ao detalhamento e à sistematização que um texto acadêmico exige.

Às professoras Claudete Cameschi de Souza e Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, por nos proporcionar momentos importantes de discussões sobre a relação entre língua, política, cultura e identidade. Pela naturalidade com que nos conduziam ao conhecimento e pela inspiração que a relação harmoniosa entre vocês nos causa.

Ao professor Renato Rodrigues Pereira pelo contentamento e zelo com que nos apresentou as ciências do léxico e por nos mostrar a importância de selecionar o léxico adequado aos propósitos de um texto acadêmico.

A professora Vanessa Hagemeyer Burgo pelo empenho com que nos apresentou os aspectos funcionais de análise da interação *face a face*, características e marcas expressas em diferentes tipos de textos.

Ao professor Michel Gustavo Fontes, por nos mostrar a importância e a complexidade dos estudos no campo da linguagem, por retratar o percurso histórico e teórico sob o qual a Linguística se tornou uma ciência, e por nos apresentar abordagens teóricas de diversos ramos da Linguística.

Aos professores Vanessa Hagemeyer Burgo, Sheyla Cristina Araujo Matoso, Marcelo Saparas, Audrei Gesser, Ricardo Magalhães Bulhões e Elaine de Castro, por gentilmente aceitarem integrar a banca examinadora de defesa desta tese.

Ao Programa de Pós-graduação em Letras, por possibilitar um percurso formativo de excelência, com professores altamente qualificados e muitas possibilidades profissionais e pessoais. Por nos mostrar, também, que o processo educacional democrático não é utópico, ao permitir que a diversidade adentre o mundo da pesquisa e seja participante do futuro científico de nosso país. Por estabelecer, além disso, um elo tão significativo entre a realidade social, as minorias e o mundo acadêmico, possibilitando que aqueles que, por muito tempo estiveram invisibilizados, estivessem no centro de discussões a partir de novas leituras e, mais que isso, que tenham vez e voz diante das desigualdades sociais. Obrigado, sobretudo, pela valoração humana.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, por sustentar os sonhos de tantos acadêmicos que, a partir do ensino superior e da pós-graduação, podem vislumbrar a assunção de novos papéis sociais, de situações econômicas mais favoráveis, tornando-os protagonistas de suas histórias de vida.

CINTI, Cíntia Débora de Moraes. Textos videossinalizados na internet: uma descrição centrada no uso da Libras no meio eletrônico. 2025. 295 f. Tese. (PPG-Letras). - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS.

RESUMO

A crescente participação de pessoas surdas na sociedade tem ampliado as possibilidades de difusão das línguas de sinais, imersão cultural e linguística, construção de identidades e troca de experiências entre surdos. Esses encontros, durante a história, se limitavam às igrejas, comunidades e associações de surdos, ganham novos espaços, graças à formulação de políticas linguísticas e públicas voltadas para pessoas surdas e, sobretudo, pelo advento da tecnologia. A internet, enquanto produto significativo dos avanços tecnológicos, tem se consolidado como espaço potencial de engajamento entre usuários sinalizantes, impulsionando novas dinâmicas de comunicação e interação. Nas palavras de Marcuschi (2010a, p. 16) “a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo” e constitui o maior corpus linguístico já existente (Crystal, 2011). Sua capacidade de armazenamento de dados e os recursos de gerenciamento, cada vez mais interativos, têm favorecido a manifestação de diversas formas de linguagem e, principalmente, a acomodação de sistemas linguísticos complexos como os de modalidade visual-espaciais. Diante disso, esta pesquisa se volta para situações de uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no meio eletrônico visando ampliar a visibilidade sobre a Libras, seus sinalizantes e sobre os recursos de expansão de força política, linguística e social. Esta tese tem por objetivo caracterizar como as categorias de fala, escrita e interação com surdos afetam a realização linguística da Libras no contexto da internet, além de apresentar uma descrição sobre o modo como a Libras tem incorporado as propriedades do meio eletrônico à sua experiência de linguagem, haja vista que a internet dispõe de regras específicas de circulação e de difusão de textos de acesso online. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e de natureza aplicada, vinculada à linha de pesquisa “Análise e Descrição de Línguas” e fundamentada pela Linguística da Internet (Crystal, 2011) e Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday (1994). A Linguística da Internet procura reconhecer, teorizar e descrever os princípios teóricos e metodológicos das propriedades formais da linguagem da internet, sob os quais a Libras está sujeita. A Linguística Sistêmico-Funcional, por sua vez, entende a linguagem como recurso em que os significados são criados e materializados na gramática segundo padrões sistêmicos de escolhas, cuja organização depende da relação entre texto, contexto e práticas sociais para caracterização da experiência humana, onli Halliday e Matthiessen (2014). O corpus de análise é constituído por uma seleção de textos videossinalizados, contidos em repositórios públicos de textos de acesso online. O reconhecimento e a descrição do modo como a Libras se realiza, segundo as propriedades da linguagem da internet, nos fornece parâmetros para entender as transformações linguísticas, culturais e sociais da Língua de Sinais Brasileira, assim como as nuances desse sistema linguístico dentro dos modos de comunicação humana. Os resultados de nossas análises indicam que as principais implicações para a realização da Libras na internet residem (i) na acomodação de recursos multissemióticos atrelados aos modos dinâmicos de fala, escrita e sinalização; (ii) na adaptação dos parâmetros linguísticos às características do meio eletrônico, (iii) na orientação fluida e acelerada de difusão dos textos videossinalizados e, sobretudo, (iv) na codificação cultural que orienta os propósitos e as necessidades comunicativas dos sinalizantes, resultando em fenômenos de variações de pronúncia, economia linguística, hibridismo entre fala, escrita e sinalização, neologismos e gírias, acessibilidade linguística ampliada por recursos tecnológicos, além de novas dinâmicas de interação e construção de significados.

Palavras-chave: Libras; Parâmetros Linguísticos; Linguística da Internet; Linguística Sistêmico-Funcional.

CINTI, Cíntia Débora de Moraes. Textos videossinalizados na internet: uma descrição centrada no uso da Libras no meio eletrônico. 2025. 295 f. Tese. (PPG-Letras). - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS.

ABSTRACT

The growing participation of deaf people in society has expanded the possibilities for spreading sign languages, cultural and linguistic immersion, building identities and exchanging experiences among deaf people. These interactions, throughout history, were limited to churches, communities and associations of deaf people, gained new spaces, thanks to the formulation of linguistic and public policies aimed at deaf people and, above all, the advent of technology. The internet, as a significant product of technological advances, has consolidated itself as a potential space for engagement between signaling users, driving new dynamics of communication and interaction. In the words of Marcuschi (2010a, p. 16) "the internet is a kind of prototype of new forms of communicative behavior" and constitutes the largest existing linguistic corpus (Crystal, 2011). Its data storage capacity and management resources, which are increasingly interactive, have favored the manifestation of different forms of language and, mainly, the accommodation of complex linguistic systems such as visual-spatial ones. In view of this, this research focuses on situations of use of the Brazilian Sign Language (Libras) in the electronic environment, aiming to increase visibility about Libras, its signers and the resources for expanding political, linguistic and social strength. This thesis aims to characterize how the categories of speaking, writing and interaction with deaf people affect the linguistic realization of Libras in the context of the internet, in addition to presenting a description of the way in which Libras has incorporated the properties of the electronic medium into its experience of language, given that the internet has specific rules for the circulation and dissemination of texts for online access. This is a qualitative and applied research, linked to the line of research "Analysis and Description of Languages" and based on Internet Linguistics (Crystal, 2011) and Systemic-Functional Linguistics (Halliday, 1994). The Internet Linguistics seeks to recognize, theorize and describe the theoretical and methodological principles of the formal properties of internet language, to which Libras is subject. Systemic-Functional Linguistics, in turn, understands language as a resource in which meanings are created and materialized in grammar according to systemic patterns of choices, whose organization depends on the relationship between text, context and social practices for characterization of human experience, according to Halliday and Matthiessen (2014). The corpus of analysis consists of a selection of video-signaled texts, contained in public online text repositories. The recognition and description of the way in which Libras is carried out, according to the properties of the internet language, provides us with parameters to understand the linguistic, cultural and social transformations of Brazilian sign language, as well as the nuances of this linguistic system within the modes of communication human. The results of our analyses indicate that the main implications for the implementation of Libras on the internet reside in (i) the accommodation of multisemiotic resources linked to the dynamic modes of speech, writing, and signing; (ii) the adaptation of linguistic parameters to the characteristics of the electronic medium; (iii) the fluid and accelerated orientation of the dissemination of video-signed texts; and, above all, in (iv) the cultural codification that guides the purposes and communicative needs of signers, resulting in phenomena of pronunciation variations, linguistic economy, hybridism between speech, writing, and signing, neologisms and slang, linguistic accessibility increased by technological resources, in addition to new dynamics of interaction and construction of meanings.

Keywords: Libras; Linguistic Parameters; Internet Linguistics; Systemic-Functional Linguistics.

LISTA DE SIGLAS

ASL – Língua Americana de Sinais

LA – Linguística Aplicada

LI – Linguística da Internet

LSB – Língua de Sinais Brasileira

LBS – Língua Britânica de Sinais (*British Sign Language, BSL*)

LSF – Linguística Sistêmico-Funcional

STD – Sistema de transcrição de dados

TILs – Tradutores Intérpretes de Libras

UNESCO – Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas

a.c – Antes de Cristo

d.c – Depois de Cristo

UTCt – Unidade Terminológica Conceitual

AC – Ação Construída (*constructed action, CA*)

AR – Ação Representada (*depicted action, DA*)

SA – Sinal de Apontamento (*pointing sign, PT*)

PRO – Pronome

SG – Singular

PL – Plural

AS – Sinal de apontamento

VRI – Variação da realização na internet

AMV – Aspecto que motivou a variação

GMA – Gesto manual de apoio

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Notações para os parâmetros fonológicos criados por Stokoe.....	40
Quadro 2. O "estado da arte"	43
Quadro 3. Distinções básicas entre as línguas de sinais e as línguas orais	51
Quadro 4. Exemplo de descontinuidade na Libras	51
Quadro 5. Exemplo de ocorrência de simultaneidade na Libras	52
Quadro 6. Categorização dos parâmetros linguísticos	54
Quadro 7. Elementos composicionais para criação de textos videossinalizados	56
Quadro 8. Parâmetros fonológicos em Libras	60
Quadro 9. Exemplo de pares mínimos em Libras.....	65
Quadro 10. Fatores que causam alternância no número	66
Quadro 11. Categorias de análise sob o ponto de vista da fonética e fonologia	67
Quadro 12. Escopo fonético e fonológico das línguas orais e das línguas de sinais.....	79
Quadro 13. Formas distintas para realização do sinal CASA.....	81
Quadro 14. Tipos de orações em Libras	85
Quadro 15. Organização das sentenças em Libras.....	87
Quadro 16. Desafios da Linguística da Internet.....	96
Quadro 17. Propriedades formais da internet e questionamentos sobre a Libras...	101
Quadro 18. Variáveis associadas ao meio eletrônico (facetas sociais e tecnológicas)	104
Quadro 19. Características e organização dos processos	110
Quadro 20. Exemplo de processo material básico com dois participantes.....	114
Quadro 21. Exemplo de processo mental simples na BSL.....	115
Quadro 22. Exemplo de processo relacional na BSL	116
Quadro 23. Análise de “Dançando” na BSL.....	118
Quadro 24. Exemplo de elemento circunstancial	119
Quadro 25. Gestão das relações interpessoais.....	120
Quadro 26. Temas de interesse de estudo da sinalização no meio digital.....	121
Quadro 27. Temas de interesse de estudo da sinalização no meio digital pela metafunção textual.....	125
Quadro 28. Variedades de textos em Libras	127
Quadro 29. Categorias de análise	135
Quadro 30. Ambientes eletrônicos de onde são selecionados.....	143
Quadro 31. Organização metodológica	147
Quadro 32. Tópicos de cada subseção	150
Quadro 33. Parâmetros fonológicos da Libras	152
Quadro 34. Aspectos morfológicos da Libras	152
Quadro 35. Aspectos sintáticos da Libras	152
Quadro 36. Análise 1.....	156
Quadro 37. Análise 2.....	157
Quadro 38. Análise 3.....	159
Quadro 39. Análise 4.....	160
Quadro 40. Análise 5.....	161
Quadro 41. Análise 6.....	162
Quadro 42. Análise 7.....	163
Quadro 43. Análise 8.....	164
Quadro 44. Análise 9.....	166
Quadro 45. Análise 10.....	168

Quadro 46. Análise 11.....	170
Quadro 47. Análise 12.....	171
Quadro 48. Sequência discursiva da análise 12.....	172
Quadro 49. Análise 13.....	173
Quadro 50. Análise 14.....	175
Quadro 51. Análise 15.....	177
Quadro 52. Análise 16.....	179
Quadro 53. Marcadores Discursivos empregados no texto videossinalizado que compõe a análise 16.....	180
Quadro 54. Análise 17.....	182
Quadro 55. Análise 18.....	184
Quadro 56. Análise 19.....	186
Quadro 57. Análise 20.....	189
Quadro 58. Processos fonológicos.....	190
Quadro 59. Análise 21.....	192
Quadro 60. Análise 22.....	194
Quadro 61. Análise 23.....	195
Quadro 62. Análise 24.....	197
Quadro 63. Análise 25.....	199
Quadro 64. Retextualização.....	200
Quadro 65. Análise 26.....	201
Quadro 66. Análise 27.....	203
Quadro 67. Análise 28.....	205
Quadro 68. Análise 29.....	206
Quadro 69. Análise 30.....	209
Quadro 70. Análise 31.....	211
Quadro 71. Análise 32.....	212
Quadro 72. Análise 33.....	214
Quadro 73. Análise 34.....	216
Quadro 74. Análise 35.....	218
Quadro 75. Análise 36.....	220
Quadro 76. Análise 37.....	222
Quadro 77. Análise 38.....	225
Quadro 78. Análise 39.....	227
Quadro 79. Análise 40.....	229
Quadro 80. Análise 41.....	231
Quadro 81. Análise 42.....	234
Quadro 82. Análise 43.....	236
Quadro 83. Análise 44.....	238
Quadro 84. Análise 45.....	241

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Processos sistêmicos funcionais sobre o desenvolvimento psicomotor	29
Figura 2. A construção da experiência pelo sujeito surdo	32
Figura 3. Criança fazendo uso do sistema de comunicação caseiro (homesign)	34
Figura 4. Pares de sinais que se diferem pela orientação da palma da mão	41
Figura 5. Sinais distintos produzidos a partir de uma configuração de mão.....	53
Figura 6. Espaço gramatical	55
Figura 7. Constituição da gramática espacial	56
Figura 8. Posicionamento da mão e cabeça de um sinalizante frente à câmera.....	59
Figura 9. Articulações envolvidas na constituição dos sinais	64
Figura 10. Constituição do sinal ESCOLA	82
Figura 11. Representação da UTCt para transitividade verbal	84
Figura 12. Categorias de articulações-boca na Libras	86
Figura 13. Variações de uso do conectivo 'MAS'	90
Figura 14. Variedades de escrita na internet.....	97
Figura 15. Semiose presente na capa de um livro	105
Figura 16. Tópicos sobre problemas do mundo real associados à internet.....	106
Figura 17. <i>Feedback</i> sobre a transmissão da aula por meio do chat	183
Figura 18. Captura de tela da interação online	185
Figura 19. Aceno manual e indicação de pergunta	188
Figura 20. Emoji simbolizando a expressão <i>I Love You</i>	196
Figura 21. Figurinhas.....	203
Figura 22. Figurinhas visuais-espaciais.....	204
Figura 23. Manifestação da gíria "TOP"	208
Figura 24. Motivação icônica para o sinal "leite condensado"	242
Figura 25. Ocorrências de variações de pronúncia	247
Figura 26. Fenômenos de Variação Linguística (Economia)	253

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. A CONSTITUIÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DAS LÍNGUAS DE SINAIS	25
1.1 O papel dos gestos no desenvolvimento da linguagem	27
1.2 A comprovação dos parâmetros linguísticos das línguas de sinais.....	35
1.3 Panorama atual da Libras	42
2 ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DA LIBRAS.....	50
2.1 A modalidade visual-espacial: produção, percepção e realização	50
2.2 O uso do corpo e do espaço	55
2.3 Fonética e Fonologia.....	60
2.3.1 A fonética e a fonologia da Libras	60
2.4 Morfologia.....	80
2.5 Sintaxe	83
3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE LINGÜÍSTICA	91
3.1 A Linguística Aplicada	91
3.2 A Linguística da Internet.....	92
3.2.1 Internet como mídia mista: a ressignificação da escrita e da fala	97
3.3 A Linguística Aplicada da Internet	105
3.4 A Linguística Sistêmico-Funcional.....	108
3.4.1 Metafunção Ideacional	110
3.4.2 Metafunção Interpessoal	120
3.4.3 Metafunção Textual	124
3.5 Gêneros textuais	125
3.5.1 Teoria de Gênero e Registro	129
4 METODOLOGIA	133
4.1 Abordagem da pesquisa.....	133
4.2 Objetivo da pesquisa e categorias de análise	134
4.3 Tipo de pesquisa	138
4.4 Contexto e corpus da pesquisa	139
4.4.1 Contexto que conduziu à seleção de dados para esta pesquisa.....	139
4.4.2 Questões éticas sobre o acesso, manipulação e análise de dados	142
4.5 Constituição do corpus	142
4.6 Procedimentos de coleta, geração e apresentação de dados	146

4.7 Procedimentos de análise	150
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	155
5.1 Análise da incorporação de propriedades formais do meio eletrônico à Libras e gêneros digitais sinalizados.....	155
5.1.1 Links de Hipertexto.....	155
5.1.2 Persistência.....	165
5.1.3 Autoria múltipla ou multiautoria	171
5.1.4 <i>Feedback</i> simultâneo	182
5.1.5 Emoticons, GIFs, figurinhas, memes.....	191
5.1.6 Conversas múltiplas	206
5.2 Variações na realização linguística e construção de significados na Libras.....	210
6 DISCUSSÃO SOBRE OS RESULTADOS.....	246
6.1. Variações de pronúncia em Libras na internet	246
6.2 Variação linguística e representação da experiência	252
6.3 Hibridismo entre sinais, fala e escrita: fenômenos da Netspeak	254
6.4 Dinâmicas de interação em Libras no meio eletrônico	257
CONSIDERAÇÕES FINAIS	261
REFERÊNCIAS.....	263

INTRODUÇÃO

A evolução nos estudos da linguagem tem (re)significado a compreensão sobre a concepção e o uso da língua dentro das dimensões da comunicação humana, tanto pelo detalhamento cada vez maior de seus sistemas de funcionamento, em toda sua complexidade, quanto pela consideração dos modos particulares de realização linguística dentro de práticas de linguagem em contextos sociais emergentes.

Na contemporaneidade, é necessário considerar que a comunicação e a interação humana estão cada vez mais atreladas às inovações tecnológicas, sobretudo às ferramentas de comunicação da internet, possibilitando que usuários com diferentes culturas, línguas e modos de identificação, se conectem, sob diferentes propósitos, condições e contextos, em situações comunicativas diversas, no meio eletrônico.

A internet, considerada a maior rede de acesso, comunicação e transferência de dados e arquivos para usuários de todo o mundo, conforme Michaelis (2023), tem se destacado por possibilitar o acesso à informação para pessoas surdas a nível global, por meio de ferramentas e plataformas interativas que contam com acessibilidade linguística. A inclusão é um dos grandes desafios da internet, pois seu caráter multilíngue deve admitir a acomodação das diversas línguas, independentemente de suas especificidades, ainda que esse processo exija adaptações do sistema linguístico ao meio.

Debates sobre o multilinguismo se ampliaram, a partir da variedade de formas linguísticas presentes na internet. Sobre isto, Crystal (2005, p. 107), afirma que os sujeitos “não devem ser excluídos da [...] ideia de multilinguismo só porque seu mundo linguístico é diferente”. A desestabilização da homogeneidade da língua contribui para novas possibilidades de participação de pessoas surdas, fazendo com que “a web [seja] usada pelos surdos de forma potencialmente crescente” (Miglioli, 2014, p. 47).

Enquanto produto de inovações tecnológicas, a internet afeta os modos de comunicação e interação tradicionais¹, pois, segundo Crystal (2011, p. 15) apresenta “propriedades do meio que condicionam a experiência linguística e o comportamento de seus usuários”, ao reunir “em um só meio várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados”. (Marcuschi, 2010a, p. 16).

Embora o meio eletrônico revele um campo potencial de novas formas de manifestação da linguagem, cujas ferramentas possibilitam o uso de recursos dinâmicos, Crystal (2005, p. 79 - 81) chama a atenção para o fato de que “o mundo da Internet” suplanta as regras de escrita, convencionalmente, ensinadas na escola, e de fala, ao ser mediada por telas, alterando, dentre outros aspectos, a relação temporal da situação comunicativa entre emissor e receptor, além das regras tradicionais de interação face a face.

Estudiosos reforçam a ideia de que a linguagem na Internet exhibe recursos que não correspondem aos usos tradicionais da fala e da escrita, ao demonstrar que, no meio eletrônico, a língua escrita tem que ser traduzida graficamente para que seu conteúdo apareça claramente na tela e possa ser facilmente acessada e navegada, além disso, compreende “características escritas distintivas, principalmente siglas, abreviaturas e grafias divergentes”² (Squires, 2010, p. 457). A língua falada também precisa ser processada para que seu conteúdo possa ser indexado e navegado, com tais possibilidades dependentes do progresso no reconhecimento automático de fala. Chovanec (2009, p.115), argumenta sobre as interseções de fala e escrita, descrevendo “diversas características da oralidade que são usadas em textos escritos”.

Assim, a diversidade de usuários presentes no ambiente eletrônico, aliada às características particulares das ferramentas de comunicação e interação fornecidas pela internet podem interferir no processamento da linguagem, exigindo abordagens teóricas que contribuam, satisfatoriamente, para a

¹ Neste trabalho, “modos de comunicação e interação tradicionais” referem-se à oralidade e escrita, uma vez que são modalidades de uso da língua predominantes na comunicação humana, na escola e nas pesquisas linguísticas.

² No original: “*comprising distinctive written features, primarily acronyms, abbreviations, and respellings*”.

compreensão, amenização ou resolução de problemas que envolvam o uso da língua, no meio eletrônico, em situações cotidianas, já que “as línguas naturais não são estanques, mas, pelo contrário, suscetíveis a toda sorte de influência externa” (Rajagopalan, 2003, p. 68).

Diante dos desafios impostos pelas práticas de linguagem contemporâneas e ciente de sua responsabilidade enquanto estudioso da linguagem, Crystal (2013, p. 19) percebeu que “os modelos teóricos disponíveis já não [davam] conta dos dados observados” na internet, exigindo a caracterização de um novo ramo da Linguística, denominado Linguística da Internet (LI), a qual nos filiamos teoricamente para o desenvolvimento desta pesquisa.

De acordo com Crystal (2011), a LI é o ramo científico que se dedica ao estudo de todas as formas de manifestação da linguagem na internet e nasce da observação da interferência do meio eletrônico e das novas tecnologias no uso da língua, além da necessidade de elaboração de propostas científicas coerentes para resolução de problemas de comunicação nesse meio.

Marcuschi (2010a, p. 16), afirma que a “e-comunicação” tem tornado habituais “expressões como *e-mail*, *bate-papo virtual (chat)*, [...], *blog*” e mais recentemente, podemos acrescentar, *o facebook*, *instagram*, *whatsapp*, *youtube*, dentre outros.

Crystal (2006, p. 20) observou que nenhum dos termos cunhados até então davam conta de toda a complexidade para o estudo científico de todas as manifestações da linguagem no meio eletrônico. Segundo o autor, termos como *Netspeak*, *Cyberspeak* e outras variações com *-speak* sugerem uma homogeneidade não observada, enquanto termos como *Netlish*, *Weblish* e variações com *-lish* dão proeminência indevida à língua inglesa. Vocábulos como “discurso eletrônico” (*electronic discourse*) e “discurso mediado por computador” (*computer-mediated discourse*) têm foco excessivo na tipologia da interação e diálogo, enquanto o prefixo *e-* (gerador de e-linguagem e e-linguística) não são consenso entre especialistas, assim como “linguística cibernética” (trad. de *cyberlinguistics*). Em suma, o autor defende que LI reforça a ideia de que a internet não apresenta apenas novas variedades linguísticas e sim novas dinâmicas de comunicação.

A observação da predominância da escrita na internet e do estabelecimento de uma relação dialógica com a fala, motivou Crystal (2004) a propor a noção “*Textspeak*” para se referir aos textos escritos que assumem aspectos multimodais, abreviaturas e outras características específicas como a associação a caracteres que os distinguem do sistema de escrita convencional.

Embora se concentre nos exemplos que se voltam para as línguas de tradição oral, Crystal (2011) reconhece a necessidade de estudos sobre sistemas linguísticos complexos como as línguas de sinais e chama a atenção para o fato de que as propriedades da linguagem da internet “estendem e limitam as formas pelas quais podemos operar na linguagem falada, escrita e sinalizada” (Crystal, 2011, p. 136).

Diante disto, a presente tese se concentra no uso de uma língua de modalidade visual-espacial, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e na realização de textos videossinalizados na internet. Para Silva (2019, p. 68), o termo “videossinalizado” se refere ao texto produzido com o auxílio de uma câmera, cujo foco seja um ou mais sinalizantes, cientes de que “sua sinalização estará visivelmente monitorada de acordo com os limites e necessidades desse equipamento tecnológico”. O termo é amplamente utilizado e aceito no meio acadêmico e nos parece adequado como alternativa para acesso a quaisquer textos sinalizados, ou seja, “qualquer instância da linguagem em funcionamento que desempenhe algum papel em um contexto de situação” (Halliday; Hasan, 1989, p. 10)³, disponíveis em plataformas de acesso público no meio eletrônico. É importante frisar que pouco se sabe sobre o funcionamento e realização dos sistemas de modalidade visual-espacial na internet e tampouco como as formas escritas, associadas à Libras, transitam e contribuem para a construção de significados nesse meio, propósito este, que motiva o desenvolvimento desta pesquisa.

A Libras foi reconhecida no Brasil, por meio da Lei nº. 10.436 de 24 de abril de 2002 como “meio legal de comunicação e expressão [...] em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria,

³ No original: “So any instance of living language that is playing some part in a context of situation”.

constitui um sistema linguístico [...] oriundo de comunidades de pessoas surdas do Brasil”. (Brasil, 2002).

Trata-se, de uma língua dotada de um complexo sistema linguístico, constituído por vários níveis de estratificação, que se relacionam na organização da linguagem, como preconiza Halliday (2014). Além disso, possui um refinado sistema de produção, no qual o corpo participa ativamente de seu funcionamento semiótico, pois, embora seja “produzida pelas mãos, [...] movimentos do corpo e da face também desempenham funções” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 51).

Nas línguas de sinais, as dimensões espaciais são determinantes para o uso do corpo no processo comunicativo, já que são regidas por uma estrutura linguística cujos parâmetros fonológicos seguem a regras composicionais, conforme estudadas e apontadas por Willian Stokoe (1960), sendo elas: 1) configuração de mão (CM) que é a forma assumida pela mão na produção do sinal; 2) movimento do sinal (M); 3) ponto de articulação (PA), ou seja, o local onde o sinal é realizado, neste caso, pode ser junto ao corpo ou no espaço; 4) orientação da palma da mão ou direcionalidade (Or); 5) expressões não-manuais – faciais e/ou corporais (ENMs).

A organização dos parâmetros e sua realização linguística integra aspectos da visualidade, “cria pontes e lança as bases de um pensamento complexo e abstrato – que não disputa com a experiência concreta, mas a aprofunda em novos níveis, criando redes de significados cada vez mais sofisticados” (Stumpf; Linhares, 2021, p. 92).

Assim como o meio eletrônico pode interferir nos modos convencionais de fala e escrita, as línguas de sinais não estariam livres de tal influência, sobretudo pelo fato de que elas “se organizam no espaço de sinalização”. Isso significa que “as relações estabelecidas no espaço registram sentidos e relações gramaticais entre o sujeito e o objeto, assim como as marcações de relações preposicionais, temporais e de modo” (Quadros, 2019a, p. 31). Nesse sentido, o espaço de sinalização precisa se adaptar às propriedades do espaço interativo e multimodal da internet como forma de atender aos contextos de uso, por meio de diferentes dispositivos eletrônicos conectados através da internet e, essencialmente, como respaldo a seus propósitos comunicativos, ainda que

esse processo reorganize o funcionamento de seus parâmetros fonológicos e estabeleça novas dinâmicas no processo interativo.

Diante da complexidade de um sistema de modalidade visual-espacial e da necessidade de detalhamento das interfaces entre as modalidades escrita, falada e sinalizada, esta pesquisa tem por objetivo caracterizar como as categorias de fala, escrita e interação com surdos afetam a realização linguística da Libras no contexto da internet, além de apresentar uma descrição sobre o modo como a Libras tem incorporado as propriedades do meio eletrônico à sua experiência de linguagem.

Ao cumprir seu objetivo, este trabalho amplia o escopo de estudos com foco na Linguística aplicada da internet voltada para as línguas de sinais e, consequentemente, possibilita maior visibilidade sobre a Libras e seus sinalizantes⁴, conferindo maior valoração às línguas de modalidade visual-espacial como um todo, pois “ao colocarmos a diversidade em nossas agendas e em nossos protocolos, estamos protegendo um patrimônio sociocultural que, segregado em tantas classes, de maneira cruel, invisibiliza o modo de vida, [...] daqueles que vivem à margem” (Siqueira, 2012, p. 60).

Para atingir o propósito desta pesquisa, seguimos as recomendações de Crystal (2011, p. 15), para análises linguísticas da internet, isto é, “estabelecer as propriedades do meio que condicionam a experiência de linguagem e o comportamento de seus usuários”. A melhor maneira de fazermos isso, segundo o autor, é “começar por distingui-la dos mundos familiares da linguagem falada e escrita” e neste caso, por se tratar de uma língua visual-espacial, também se faz necessário distingui-las dos modos convencionais de interação com surdos face a face.

Para isso, consideramos aspectos sobre o funcionamento da Libras que apresentam distinções no meio eletrônico, em determinadas categorias: (i) das propriedades formais do meio eletrônico com foco na escrita (links de hipertexto, persistência, autoria múltipla ou multiautoria), na fala (*feedback* simultâneo, Emoticons, GIFs, figurinhas, memes e conversas múltiplas) e (ii) interação

⁴ Sinalizante: “Análogo a ‘falante’, mas que ‘fala’ uma língua de sinais, ou seja, a pessoa que sinaliza uma língua de sinais” (Quadros, 2019a, p. 34).

(aspectos gramaticais envolvidos na realização da Libras no meio eletrônico e na construção de significados expressos nos textos videossinalizados, segundo os gêneros textuais/discursivos analisados). Diante disso, somos conduzidos às perguntas norteadoras desta pesquisa, a saber:

a) Como as propriedades do meio eletrônico afetam a organização dos parâmetros linguísticos da Libras?

b) Como os recursos dinâmicos de fala e escrita da internet podem influenciar a realização de textos videossinalizados?

O meio eletrônico, enquanto espaço de sinalização associado aos recursos multimodais, multiculturais e multissemióticos dos quais a internet dispõe, pode nos fornecer informações fundamentais sobre o modo como a comunicação em Libras ocorre nesse meio, o que muda em relação à realização convencional e em que níveis linguísticos percebemos as principais distinções, tomando por base o corpus selecionado.

O corpus é constituído por textos videossinalizados em Libras, denominados por Crystal (2013, p. 24) de “pancrônicos”, “cuja identidade emerge de usos localizados em diferentes pontos do tempo”, contidos em repositórios de acesso público online, associados a instituições formais de ensino (com caráter formal de disponibilização, acesso e manipulação de dados) e redes sociais (cujo caráter é informal, em virtude de os propósitos comunicativos e interativos das postagens estarem atrelados à interesses pessoais e particulares). Esta pesquisa entende por dados de acesso público aqueles,

que podem ser utilizados na produção de pesquisa e na transmissão de conhecimento e que se encontram disponíveis sem restrição ao acesso dos pesquisadores e dos cidadãos em geral, não estando sujeitos a limitações relacionadas à privacidade, à segurança ou ao controle de acesso. Essas informações podem estar processadas, ou não, e contidas em qualquer meio, suporte e formato produzido ou gerido por órgãos públicos ou privados (Brasil, 2016).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, vinculada à linha de pesquisa “Estudos Linguísticos” com foco na “Análise e Descrição de Línguas” e integra a vertente funcionalista de estudos da linguagem, por entendermos que “a estrutura da língua só pode ser explicada levando-se em conta a comunicação na situação social” (Cunha; Souza, 2011, p. 17).

A pesquisa se ampara teoricamente na Linguística Aplicada, pois se volta, empiricamente, para as minorias e as situações sociais de uso da língua nas quais estão engajados, a partir de uma postura interpretativista, e nos procedimentos teóricos e metodológicos da Linguística da Internet, sob a qual temos acesso aos fundamentos das propriedades formais da linguagem no meio eletrônico, pautada principalmente em autores como Davis; Brewer; Brewer, 1997; Macfadyen; Thurlow; Brown, 2003; Macfadyen; Roche; Doff, 2004; Goda, 2004; Ling, 2005; Ling; Baron, 2007; Crystal, 2008; Baron, 2010; Sun, 2010; Fu, 2018; Zaiets *et al.*, 2021. Além de estudos linguísticos da Libras, conforme (e.g. Ferreira, 2010; Quadros; Karnopp, 2004; Quadros, 2011, 2018, 2019, 2020, Quadros; Pizzio; Rezende, 2008; Quadros; Cruz, 2011; Strobel, 2008, Gesser, 2009), entre outros.

Nos filiamos também aos pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), cunhada por Halliday (1994), por “compreender e descrever a linguagem em seu funcionamento como um sistema de comunicação humana e não como um conjunto de regras gerais, desvinculadas de seu contexto de uso” (Cunha; Souza, 2011, p. 24). Através dessa vertente, compreendemos que as escolhas linguísticas, ainda que realizadas de modo inconsciente, são afetadas pelo contexto social em que estão vinculados, determinando a rede de possibilidades linguísticas que servirá aos seus falantes (Halliday, 1994; Halliday; Matthiessen, 2014; Moura Neves, 2021), nesse caso, sinalizantes. Quanto a esse aspecto, será explorada particularmente a pesquisa de Rudge (2018), que buscou descrever aplicar os construtos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional à Língua de Sinais Britânica (doravante BSL).

Devido à eficácia das condições de sistematização das funções da linguagem, associadas a padrões gramaticais complexos, a LSF é uma perspectiva teórica apropriada para descrição e detalhamento de qualquer sistema linguístico, independente de sua modalidade. Seus pressupostos teóricos e metodológicos aplicados ao sistema linguístico da Libras nos permite teorizar sobre os níveis de estratificação linguística que a constituem a partir de um eixo paradigmático⁵ e descrever como “cada escolha no sistema adquire seu

⁵ “o estudo da língua é realizado sob diversos níveis e estratos como forma de entender os mecanismos de seleção que os sujeitos utilizam para se comunicar em diferentes contextos [...]”

significado quando se coloca em relação de oposição com outras escolhas que poderiam ter sido feitas” conforme explica Dutra (2011, p. 114).

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 30), é a linguagem que nos fornece uma “teoria da experiência humana”, a qual nos permite construir categorias semióticas particulares, cuja taxonomia se materializa na estrutura gramatical. No caso da Libras, essas categorias foram pouco exploradas até a contemporaneidade, o que nos motiva a utilizar a LSF para detalhamento do funcionamento de seu sistema linguístico no ambiente eletrônico. Essa é uma das justificativas do presente estudo.

Além disso, a carência de aplicação teórica e metodológica da LSF em sistemas de modalidade visuais-espaciais, exige pesquisas que demonstrem detalhadamente quais processos cognitivos e socioafetivos, finalidades discursivas e nuances de textualização ocorrem durante a construção de significados e, sobretudo, como os recursos linguísticos associados aos diferentes domínios da linguagem são selecionados e mobilizados na língua – assim como demonstrou Rudge (2018)⁶ a respeito da LSB.

O detalhamento de funções específicas do processo de construção de sentidos na Libras, demonstra como o sujeito surdo expressa a realidade na forma linguística, configurando sua relação com o mundo. Tal fato contribui para compreendermos os aspectos que motivam a seleção de sinais que se distinguem dos modos tradicionais de realização e, conseqüentemente, pode nortear outros estudiosos e desenvolvedores de páginas da internet para adoção de recursos e estratégias adequadas ao modo como os sujeitos sinalizantes se expressam e interagem no meio eletrônico.

Por fim, a pesquisa também se justifica na contribuição para a constituição de novas leituras sobre a Libras e seus sinalizantes, favorecendo o reconhecimento de seu potencial linguístico e da complexidade de sua estrutura gramatical. Além de refinar a compreensão sobre “os processos pelos quais uma

levando-se em consideração a maneira como o sistema está representado nas escolhas lexicogramaticais dos sujeitos envolvidos” (Nonemacher, 2016, p. 33).

⁶ Ler em: ‘*Analysing British Sign Language through the lens of Systemic-Functional Linguistics*’.

língua expande seu alcance, e com ele sua força semiótica, no campo social e político” (Halliday, 2008, p. 10, tradução nossa).⁷

Esta tese foi organizada em sete seções. Iniciamos com uma breve introdução sobre o tema, informando ao leitor sobre o objetivo desta pesquisa, aspectos associados à necessidade de seu desenvolvimento e apresentando o campo teórico e metodológico que a ampara.

Na seção 1, apresentamos o contexto sócio-histórico sobre o qual as línguas de sinais se constituíram. Essa seção se justifica pela necessidade de familiarizar o leitor sobre as interpretações que permearam o imaginário social sobre as línguas de sinais antes, durante e após o reconhecimento de seu status linguístico, interferindo em leituras sobre o papel social da pessoa surda, sua cultura, língua e processos de identificação e, assim, compreendermos os impactos de visões estabilizadas para a produção de conhecimentos sobre os sistemas de modalidade visual-espacial e conseqüentemente para sua valoração.

Na seção 2, tratamos sobre as principais características dos níveis fonético-fonológico, morfológico e sintático da Libras. O propósito da seção é familiarizar o leitor com o funcionamento dos aspectos linguísticos da Libras, facilitando a interpretação de dados.

A seção 3 se ocupa da apresentação dos fundamentos teóricos que amparam as análises linguísticas desta tese. Dentre elas, a Linguística Aplicada (LA), Linguística da Internet (LI) e a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF).

Na seção 4, metodologia, discutimos sobre o objetivo, finalidade, tipo e abordagem da pesquisa. Além da constituição do corpus, instrumentos de coleta de dados e procedimentos de análise.

Na seção 5, apresentamos os dados que compõe o corpus desta pesquisa e descrevemos o funcionamento da Libras segundo (i) a incorporação das propriedades formais do meio eletrônico (Crystal, 2011), como foco em facetas sociais e tecnológicas (Herring, 2005), sob as quais discutimos as variáveis do contexto de situação na análise de textos sinalizados e em gêneros textuais; e (ii) descrevemos variações nos textos sinalizados segundo

⁷ No original: “the processes whereby a language expands its scope, and with it its semiotic force, in the social and political field” (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 10).

ocorrências nos níveis fonético-fonológico, morfológico e sintático, a partir de categorias de análise (Quadro 29), com especial atenção aos aspectos linguísticos da Libras já identificados em trabalhos anteriores e sob o viés da Linguística Sistêmico-Funcional.

Na seção 6, discutimos sobre os resultados obtidos, destacando as principais distinções observadas na realização linguística da Libras no contexto da internet.

Tecemos algumas considerações sobre o desenvolvimento da pesquisa nos comentários conclusivos como forma de traçar um panorama sobre a amplitude dos resultados obtidos e estimativas de alcance desta pesquisa no campo de estudos linguísticos.

Esta pesquisa coloca em evidência as ilimitadas possibilidades de análise da Libras em uso na internet e demonstra que, assim como outros sistemas linguísticos de tradição oral, o hibridismo entre a Libras e outros sistemas semióticos afetam o modo tradicional de organização linguística. Além disso, o ambiente multimodal oferece recursos que ampliam as possibilidades de interação, acesso e criação de textos videossinalizados que possibilitam maior participação e engajamento de sujeitos surdos.

Observar o funcionamento de um sistema de modalidade visual-espacial diante das novas dinâmicas comunicativas da contemporaneidade permite, portanto, ampliar a compreensão sobre os impactos do meio eletrônico na organização linguística da Libras e na constituição de práticas discursivas produzidas por sinalizantes no cenário digital.

1. A CONSTITUIÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DAS LÍNGUAS DE SINAIS

O interesse pelas línguas de sinais tem se intensificado na contemporaneidade, situando-as de forma expressiva no campo de estudos da linguagem. No decorrer da história, o reconhecimento da potencialidade e dos sistemas de funcionamento das línguas de sinais exigiu muito empenho por parte de linguistas e de outros estudiosos. Tal reconhecimento simbolizava, inicialmente, colocar à prova a suposta hegemonia das línguas de tradição oral, mediante acepções das noções de língua e linguagem sob as quais as línguas de sinais se ajustassem. Além disso, era necessário distingui-las de outros sistemas de comunicação incipientes, o que exigia maior sistematização e rigor científico na apresentação de sua estrutura linguística.

Na contemporaneidade, a evolução tecnológica possibilitou o uso de recursos e ferramentas de armazenamento oferecidas pela internet, contribuindo para a captura de sinais em movimento e em diferentes perspectivas, favorecendo o detalhamento de toda a eficiência e o refinamento do sistema de produção dessas línguas, dentro das dinâmicas de comunicação humana. As novas possibilidades de análise de textos sinalizados ampliaram o desenvolvimento de investigações em línguas de sinais que integram o campo de estudos funcionais da linguagem.

A perspectiva funcionalista descreve como se organiza e se apresenta um texto, em sua constituição, a partir de critérios que permitem sistematizar o funcionamento da língua em uso e, sobretudo, como a forma (estrutura linguística) se adequa ao uso – no caso desta pesquisa, o uso no meio eletrônico. Nesse processo, os sujeitos são levados a decidir quais recursos linguísticos e qual léxico (ou conjunto deles) seria apropriado em cada contexto, a fim de se atingir um propósito comunicativo.

Sob essa perspectiva, o uso da internet tem possibilitado, dentre outras finalidades, a documentação das línguas visuais-espaciais, intermediando a criação de grandes “corporas de línguas de sinais” (Quadros, 2019b, p. 4), favorecendo a manutenção de sua vitalidade e acima de tudo, impulsionando o desenvolvimento de novas pesquisas, em contextos reais de uso, a partir de robustos bancos de dados, conforme enfatiza a autora.

O ambiente eletrônico também tem (re)significado as práticas de interação entre surdos na internet, pois, de acordo com Reis e Kirchof (2019), o

surgimento das mídias sociais, mais especificamente, das redes sociais na internet vem modificando significativamente não apenas as formas de comunicação das comunidades de sujeitos surdos, mas também as suas formas de sociabilidade (Reis; Kirchof, 2019, p. 143).

Sobre isso, Quadros (2019a) lembra que, por volta da década de 1950, “época da fundação das associações de surdos, não havia internet [...] então, os espaços das associações eram usados para informar, combinar e decidir os encontros” (Quadros, 2019a, p. 45). Isso nos mostra que a chegada e o uso da internet têm possibilitado novos ambientes de interação e novos modos de significar suas relações e práticas sociais e, conseqüentemente, sua relação com a língua, cultura e processos de identificação.

Diante disto, o propósito desta seção é oferecer um breve olhar histórico sobre o modo como as línguas de sinais se estabeleceram socialmente, até a chegada da internet, discutindo sobre as principais nuances do processo de reconhecimento das línguas de sinais para cultura, identidade(s) e métodos adotados ao ensino dos sujeitos surdos. Em virtude das diferentes perspectivas históricas e diferentes propósitos aos quais se engajaram os estudos das línguas de sinais, dividimos esta seção em quatro momentos importantes: 1.1) O papel dos gestos no desenvolvimento da linguagem; 1.2) A comprovação dos parâmetros linguísticos das línguas de sinais; 1.3) Panorama atual da Libras.

A reconstituição desses quatro momentos históricos fornecerá uma leitura secular sobre o modo como as línguas de sinais se constituíram, a fim de proporcionar maior familiaridade ao leitor sobre o tenso processo de reconhecimento político, científico e acadêmico ao qual as línguas de sinais se submeteram. Também nos dará suporte para perceber as relações de força e poder envolvidas que, direta ou indiretamente, continuam interferindo no modo como os sujeitos surdos e sua cultura são, social e simbolicamente, percebidos.

Deste modo, iniciaremos a seção 1.1 tratando sobre o modo como a cultura oral acompanhou o desenvolvimento das línguas de sinais, desde a investigação sobre os gestos na linguagem humana até o reconhecimento linguístico dos sistemas de base gestual.

1.1 O papel dos gestos no desenvolvimento da linguagem

A observação da produtividade comunicativa do uso de gestos combinados aos sistemas linguísticos despertou o interesse de muitos estudiosos no decorrer da história. Não nos referimos apenas aos estudiosos das línguas de sinais, mas também aos que se dedicaram aos estudos linguísticos das línguas de tradição oral, por observarem que o uso articulado entre partes do corpo no processamento da linguagem, era característico em diferentes fases da vida, sobretudo em bebês. Além disso, os comportamentos gestuais não são exclusivos da espécie humana já que “o uso humano de rostos, mãos, braços e outras partes do corpo também é comportamento observado em outras espécies” (Stokoe, 1980, p. 366, tradução nossa)⁸.

De acordo com Armstrong e Wilcox (2007), a observação dos primeiros traços manuais se deu por meio da comparação entre os gestos identificados no comportamento de seres humanos e chimpanzés (a partir da consideração de sua linha evolutiva). Levantam como hipótese o fato de que o bipedalismo, nos primeiros hominídeos, teria favorecido a habilidade de uso de ferramentas e desenvolvimento de “alguma forma de linguagem, provavelmente gesticulada” compondo “parte de seu repertório comportamental” já que as mãos estariam livres da tarefa de locomoção, o que justificaria o fato de que o “característico aparelho vocal humano provavelmente evoluiu mais tarde que a mão” (Armstrong; Wilcox, 2007, p. 23, tradução nossa)⁹.

Knight, Kennedy e Hurford (2004) afirmam que o interesse pelo vínculo entre partes do corpo e o sistema vocal, teria evidenciado “a questão de como os humanos, dada sua herança primata não simbólica, passaram a representar seu conhecimento de forma simbólica”, pondo em destaque a representação simbólica como “questão central na evolução da linguagem”. Tal interesse teria revelado “evidências para um modo de comunicação pré-linguístico nos gestos,

⁸ No original: “the human use of faces, hands, arms and other body parts is also behavior observed in other species” (Stokoe, 1980, p. 366).

⁹ No original: “some form of language, probably gestured [...] part of your behavioral repertoire [...] characteristic human vocal apparatus probably evolved later than the hand” (Armstrong; Wilcox, 2007, p. 23).

expressões faciais, pantomimas e vocalizações inarticuladas às quais os humanos podem ter recurso quando privados da fala”. (Knight, Kennedy; Hurford, 2004, p. 8).

A observação da potencialidade do uso do corpo em simbolizar e o modo que se transpunha linguisticamente a materialização simbólica do pensamento foram questões fundamentais para o reconhecimento de que os signos visuais produzidos poderiam funcionar linguisticamente, sem necessariamente pertencerem aos sistemas de modalidade oral. Tais observações impulsionariam, mais tarde, pesquisas sobre a psicolinguística com Emmorey (2002, 2007), linguística cognitiva por Goldin-Meadow (2003), Armstrong (1999), aquisição da linguagem por Quadros (1997), Quadros e Finger (2017) e desenvolvimento psicomotor, por Fonseca (2008). Esse último, inspirado em Wallon (1941), demonstrou que o desenvolvimento simbólico está relacionado com a maturação motora em crianças, sobretudo em representações exercidas pelo corpo, pois,

o campo motor que surge do corpo equilibrado e seguro se inter-relaciona com o campo visual que capta o espaço e os objetos, mão e visão mutuamente guiadas e vigiadas por efeitos da tonicidade sustentadora estabelecem um acordo funcional, dito sensório-motor (*input-output*) entre os meios e os fins, uma espécie de equivalência funcional entre a postura e as praxias (Fonseca, 2008, p. 44).

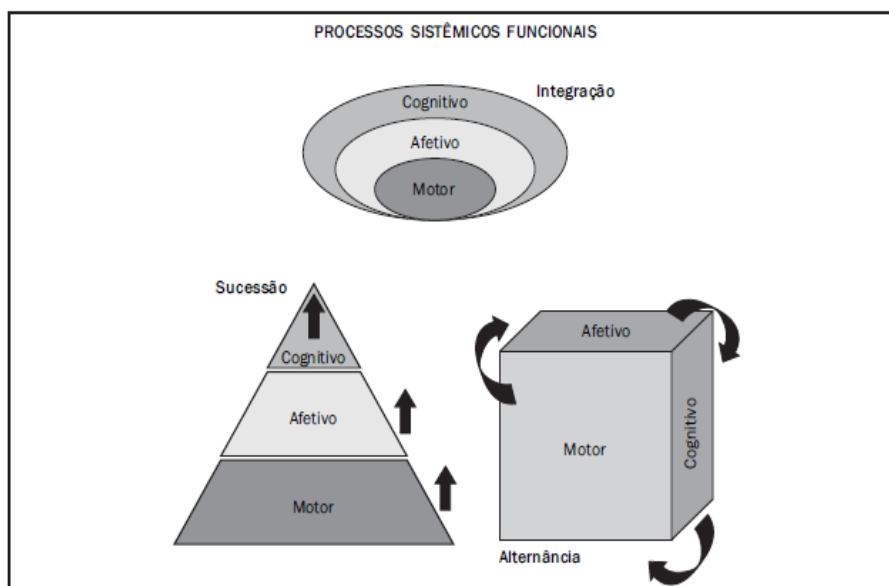
Segundo essa perspectiva assumida por Fonseca (2008, p. 46), as representações simbólicas, enquanto parte do desenvolvimento do sujeito, se sustentam por aspectos afetivos, cognitivos e motores. Assim, quando a criança surda realiza um sinal¹⁰, ela está promovendo uma ação dialética entre,

componentes gestuais a serem executados e materializados no espaço e no tempo certos, componentes emocionais a sentir e a covivenciar e, finalmente, componentes sociais a perceber e a compreender, em termos de integração e elaboração de condutas profundamente sociabilizadoras (Fonseca, 2008, p. 46).

¹⁰ Sinais: “correspondem às palavras” (Quadros, 2019a, p. 34).

No modelo de desenvolvimento sistêmico a seguir, observamos a integração, sucessão e alternância entre os processos sistêmicos cognitivo, afetivo e motor,

Figura 1. Processos sistêmicos funcionais sobre o desenvolvimento psicomotor



Fonte: Fonseca (2008, p. 45).

O modelo desenvolvido por Wallon (1941) e mencionado por Fonseca (2008) se refere à interdependência das etapas de desenvolvimento do sujeito, que ora alterna progressivamente aspectos cognitivos, afetivos e motores para o estabelecimento de individualidades e relações interpessoais, ora se sucede funcionalmente a depender do contexto, ora integra-se como forma de dar vazão a novas habilidades, inclusive manuais – nesse caso, linguísticas.

Nas línguas de sinais, a relação funcional entre os aspectos afetivos, cognitivos e motores são especialmente importantes, pois integram diferentes domínios de significados que se materializam na estrutura da língua (Halliday; Matthiessen, 2014) e, portanto, marcam realizações muito específicas em sistemas de modalidade visuais-espaciais (Rudge, 2018).

Investigações sobre a relação entre os gestos e a natureza simbólica contribuíram, significativamente, para o conhecimento sobre o desenvolvimento da linguagem escrita. Vigotsky (2007) cita dois domínios aos quais os gestos, enquanto valor simbólico, se associam à origem dos signos que orientam a escrita. O primeiro deles é o rabisco e o segundo é o brincar, conforme explica,

O gesto é o signo visual inicial que contém a futura escrita da criança, assim como uma semente contém um futuro carvalho. [...] uma criança que tem que desenhar o ato de correr começa por demonstrar o movimento com os dedos, encarando os traços e pontos resultantes no papel como uma representação do correr. [...] toda a atividade representativa simbólica das crianças é plena desses gestos indicativos: por exemplo, para a criança, um cabo de vassoura transforma-se num cavalo de pau [...] o brinquedo simbólico das crianças pode ser entendido como um sistema muito complexo de “fala” através de gestos que comunicam e indicam os significados dos objetos usados para brincar. É somente na base desses gestos indicativos que esses objetos adquirem, gradualmente, seu significado – assim como o desenho que, de início apoiado por gestos, transforma-se num signo independente. (Vigotsky, 2007, p. 128-130).

Embora, na atualidade, se saiba que “a escrita não pode ser tida como uma representação da fala” e tampouco dos sinais, porque “não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, o movimento do corpo e dos olhos, entre outros” (Marcuschi, 2010b, p. 17), entendemos que as concepções de Vigotsky (2007) sustentam uma tendência de estudos sobre a relação entre linguagem e pensamento, que vem se estabelecendo desde 355 antes de Cristo (a.c), momento em que a produção intelectual e artística ganhava os contornos do pensamento filosófico centrado no Antropocentrismo e no Racionalismo¹¹. De acordo com Weedwood (2002), nesse período, os gregos pensavam filosoficamente a natureza e as causas da linguagem como forma de compreender o uso da língua para comunicação e verificar se a língua possuía algum vínculo direto e essencial com a realidade, sendo essa relação espiritual, física, ou puramente arbitrária, caracterizando assim o discurso filosófico.

A perspectiva naturalista (*physis*), da qual se apropriavam os gregos, indicava, segundo Weedwood (2002), se haveria relação entre as palavras e o que elas representam, ou se era algo convencionalizado (*thesis*), ocorrendo de forma arbitrária. A partir dessa concepção, não havia correspondência entre as palavras (sinais – entendido até então como gestos sem associação direta com a realidade) e seus referentes.

¹¹ Racionalismo: “Doutrina segundo a qual todo conhecimento é baseado na razão” (Geiger, 2011, p.731). Antropocentrismo: “Concepção ou doutrina segundas as quais o ser humano é considerado o centro do universo.” (Geiger, 2011, p. 55).

Embora os surdos fizessem uso de uma língua, dotada de impressionante complexidade gramatical, o que era perceptível, até então, era o uso do corpo e a formulação de gestos aparentemente sem significados. Isto se deve ao fato de que “a filosofia privilegiou o estudo das características mais gerais e abstratas da mente. Isto significou muitas vezes ignorar o aspecto corporal da existência humana não discutindo o fenômeno da percepção”. (Pereira, 2010, p. 27).

Os gestos ganharam grande visibilidade a partir dos estudos da Fenomenologia, cunhada por filósofo alemão, Edmund Husserl (1859 – 1938), no final do século XIX. Influenciado pela vertente filosófica, inspirada em Platão, Descartes e Franz Brentano, Husserl, esse filósofo alemão cria a Fenomenologia como forma de “explicar as estruturas em que a experiência se verifica, descrevendo-as em suas estruturas universais” (Silva; Lopes; Diniz, 2008, p. 256).

De acordo com Robert Sokolowski (2004, p. 22), “o termo ‘fenomenologia’ é uma combinação das palavras gregas *phainomenon* e *logos*”, ou seja, fenômeno e pensamento. Essa nova concepção filosófica rompe com o egocentrismo da doutrina cartesiana, sob a qual a existência das coisas só poderia ser explicada se, metodicamente, provadas pela razão. Isso coloca a intencionalidade como centro das discussões sobre o modo como se materializa a realidade.

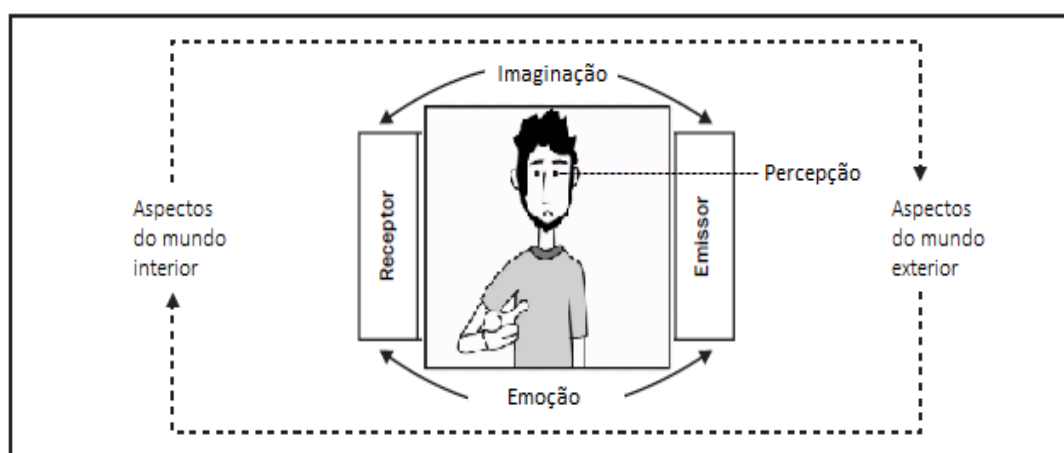
Sob o ponto de vista da fenomenologia, os gestos estão associados à intencionalidade, isso quer dizer que o fenômeno que envolve uma arquitetura corpórea dentro de uma espacialidade e movimentos programados é determinado pela consciência e, portanto, tais características não podem estar desvinculadas do pensamento, embora não se limitem como fruto da consciência. Merleau-Ponty (1999), na obra *Fenomenologia da percepção*, explica a natureza dos gestos da seguinte maneira:

Um gesto cotidiano não contém uma série de contrações musculares e de inervações? Portanto, é impossível limitar a explicação fisiológica. Por outro lado, também é impossível limitar a consciência. Se referimos o gesto de mostrar à consciência, se uma única vez o estímulo pode deixar de ser a causa da reação para tornar-se seu objeto intencional, não se concebe que ele possa em algum caso funcionar como pura causa, nem que alguma vez o movimento possa ser cego. Pois se são possíveis movimentos “abstratos”, nos quais existe consciência do ponto de partida e consciência do ponto de chegada, é preciso que em cada momento de nossa vida saibamos onde está nosso corpo sem

precisar procurá-lo como procuramos um objeto removido durante nossa ausência, é preciso portanto que até mesmo os movimentos "automáticos" se anunciem à consciência, quer dizer, que nunca existam movimentos em si em nosso corpo (Merleau-Ponty, 1999, p. 174).

A verificação da articulação do gesto atrelado à consciência exigiu desvencilhá-los de formas de expressão não humanas e compreendê-los enquanto produtores de significados. De acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 214), o modo com que os significados são expressos pela língua, marcando a realização da experiência na estrutura lexicogramatical, está ligado a aspectos externos – o que experimentamos em contato com o mundo externo – e internos – relacionados ao “mundo da consciência (incluindo percepção, emoção e imaginação)”. Isso está representado por meio da Figura 2.

Figura 2. A construção da experiência pelo sujeito surdo



Fonte: Adaptado de Fonseca (2008, p. 152).

Os gestos, enquanto produto da relação entre o corpo e o mundo, contribuem para a materialização da experiência, conforme indica Merleau-Ponty (1999, p. 196),

O que chamamos de esquema corporal é justamente esse sistema de equivalências, esse invariante imediatamente dado pelo qual as diferentes tarefas motoras são instantaneamente transponíveis. Isso significa que ele não é apenas uma experiência de meu corpo, mas ainda uma experiência de meu corpo no mundo, e que é ele que dá um sentido motor às ordens verbais (Merleau-Ponty, 1999, p. 196).

Além disso, a análise de gestos na interação possibilitou a identificação dos primeiros sistemas de comunicação alternativos, chamados “*homesigners*” (Brentari, 2012, p. 40) ou “sistemas de comunicação caseiros” (Goldin-Meadow, 2012, p. 602). Esses sistemas são utilizados por crianças surdas que não são expostas a uma língua de sinais e não desenvolvem a língua oral, conforme esclarece Goldin-Meadow (2012),

a maioria das crianças surdas não nasce de pais surdos, mas de pais ouvintes que provavelmente não conhecem uma língua de sinais convencional. Se as perdas auditivas das crianças forem graves, as crianças normalmente não conseguem aprender a língua falada que os pais usam com elas (Goldin-Meadow, 2012, p. 602).

De acordo com a autora, nesses casos, embora a competência linguística da pessoa surda esteja preservada, não se tem acesso a um modelo linguístico de referência ao qual possam aplicar suas competências. Embora a contemporaneidade nos ofereça novas leituras sobre as funções dos gestos, deixando claro que não se confundem aos sinais por não possuírem léxico, nem mesmo “fonologia, determinada por vários critérios” (de quem é essa citação?). Conforme destaca Brentari (2019, p. 8), é inegável que as línguas de sinais se constituam a partir de uma base gestual, o que exige maior criteriosidade nas análises linguísticas, já que “nem sempre é fácil identificar os gestos e os sinais como produções que apresentem fronteiras claras. Os gestos podem se fundir com os sinais e se tornarem linguísticos” (Quadros, 2019a, p. 32).

Goldin-Meadow (2012) afirma que os sinais caseiros não estão associados a um contexto particular, entretanto, quando combinados a apontamentos, posicionamento da cabeça, direcionamento do olhar, ainda que associados a gestos icônicos¹² (associação visível entre a representação simbólica e o referente), “os gestos merecem o rótulo de “sinal”. (p. 604). Como no exemplo a seguir, em que a criança, que faz uso do sistema de comunicação caseiro, realiza um apontamento direcionado para uma cadeira para se referir a um referente ausente (o pai, que costuma se sentar nela) e realiza, na

¹² Goldin-Meadow (2012, p. 605), afirma que a “iconicidade restringe o conjunto de formas que podem ser usadas para transmitir um significado” por isso, “há relativamente pouca variabilidade no conjunto de formas que um homesigner utiliza para transmitir um significado específico”.

sequência, o gesto indicativo de sono, indicando que o pai está dormindo em outro cômodo da casa.

Figura 3. Criança fazendo uso do sistema de comunicação caseiro (homesign)



Fonte: Goldin-Meadow (2012, p. 605)

É importante ressaltar que os estudos iniciais sobre as características dos gestos e de suas propriedades contribuíram, significativamente, para os estudos de vários níveis linguísticos, sobretudo da fonologia, conforme explica Brentari (2012, p. 41), pois, em termos estruturais foi possível descrever formas de diferentes níveis de complexidade, dando subsídio para a análise de categorias gramaticais das línguas de sinais como o espaço gramatical, a combinação de movimentos, o ponto do espaço ou corpo onde se articula o sinal, a direcionalidade, as formas assumidas pelas mãos, além das expressões da face e do próprio corpo.

Leite (2013, p. 40) afirma que “as línguas de sinais impõem, de uma maneira que não ocorre com nenhuma língua oral, uma contínua e difícil avaliação do que é língua e o que é gesto no discurso sinalizado”, por isso, a investigação sobre a relação entre a participação “co-gesto” (para as línguas sinalizadas) e “co-fala” (para as línguas de tradição oral) e a interferência e as nuances dessa relação para o processamento do discurso, também se fazem necessárias.

Para Brentari (2019, p. 104-105), os gestos, além de assumirem a função de complementaridade significativa dos enunciados falados ou sinalizados – denominada pela autora de “híbridas” por apresentarem “propriedades que são linguísticas e propriedades que são gestuais” – podem apresentar diferentes interfaces inter e intramodais, “como estados mentais, demonstrações e atitudes do falante”, ou sinalizante. (Brentari, 2019, p. 105).

Podemos destacar a pesquisa de Correa (2007), em que se propõe a investigar a complementaridade entre sinais e gestos identificados em narrativas produzidas por sujeitos surdos. A autora afirma que “os signos gestuais são complementares ao código verbal quando:”

1. os signos gestuais substituem alguns signos verbais;
2. um signo gestual acrescenta informação ao código verbal;
3. um signo gestual reforça a informação transmitida verbalmente;
4. ambos, signo verbal e gestual contribuem para um mesmo propósito comunicativo. (Correa, 2007, p. 4).

De acordo com Kendon (2000, p. 53)¹³, os gestos podem “fornecer o contexto em termos do qual uma expressão verbal deve ser interpretada”, além de “carregar um significado adicional, mais abstrato, que está implícito no que está sendo dito”.

Hayes Kraemer (2017, p. 2) considera significados abstratos aqueles cujo conceito não dispõe de um “um referente tangível no mundo real”, o que torna mais complexa a tarefa de expressar na língua seus possíveis significados, a depender das experiências particulares de cada sujeito, por isso a importância em considerar o meio visual como aspecto fundamental da construção da experiência da pessoa surda, uma vez que, desconsiderado esse aspecto, ela pode apresentar empecilhos para encontrar referentes em sua própria língua, implicando na dilação do processo de construção da subjetividade, dos referentes linguísticos e da construção de significados como um todo.

Diante disso, pretendemos explorar, na próxima seção, como foi desconstruída a concepção de ausência de significados nos gestos produzidos por pessoas surdas, com contribuições de diferentes perspectivas.

1.2 A comprovação dos parâmetros linguísticos das línguas de sinais

Ao observar e identificar problemas que se afloram em situações específicas do cotidiano, pesquisadores podem traçar, de modo planejado e sistematizado, estratégias consistentes para solucioná-los, amenizá-los, ou

ainda, compreendê-los. Com os primeiros estudiosos das línguas de sinais não foi diferente. A perspicácia e o empenho os levaram a observar que o modo dinâmico e eficaz que se articulava a comunicação entre surdos era incondizente com o modo com que a sociedade a percebia.

Douglas Baynton (2002, p. 14), ao tratar sobre o repentino desinteresse pelos estudos das línguas de sinais, motivado pela prevalência das políticas do Oralismo, afirma que “nenhum professor da Gallaudet no século XX achou que valeria a pena investigar seriamente os meios de comunicação utilizados por seus alunos”. Entretanto, em 1954, o antropólogo Mervyn Meggitt produziu o primeiro artigo significativo, desde o século XIX, no qual documenta uma língua de sinais aborígine australiana, o que reacenderia, até certo ponto, os ânimos para as pesquisas sobre as, até aquele momento, chamadas ‘línguas de sinais’, como se apresentassem, universalmente, a mesma forma linguística, independentemente de seu país de origem.

Baynton (2002) explica que os professores sinalizantes do século XIX se pautavam em padrões de imitação ao ensinarem os signos visuais por acreditarem que a língua era pantomima, enquanto os sinais produzidos pelos surdos apresentavam maior grau de complexidade. Esse pensamento talvez, justifique o fato de que, por muito tempo, “mímica, gesto, sinais e linguagem de sinais [fossem] termos frequentemente usados como sinônimos grosseiros” (Stokoe, 1980, p. 367, tradução nossa).¹⁴

O equívoco quanto à nomenclatura não era reflexo apenas do desconhecimento sobre o funcionamento desse sistema linguístico, mas do descrédito que até então era atribuído ao modo de comunicação utilizado pelos surdos. Não havia produção de conhecimento científico sobre as línguas de modalidade visual-espacial, justamente por não se acreditar que se tratava de uma língua, conforme destaca Wilcox (2002):

Devo admitir que quando comecei a ler e conversar com Stokoe sobre a origem da teoria gestual da linguagem, eu não estava convencido.

¹³ No original – “the gesture seems to provide the context in terms of which a verbal expression is to be interpreted”. Também, “the gesture conveys an additional, more abstract, meaning that is implied by what is being said” (Kendon, 2000, p. 53).

¹⁴ No original: “*Mime, gesture, signing, and sign language are terms often used as rough synonym*” (Stokoe, 1980, p. 367).

Ele simplesmente desafiou muitas das minhas suposições básicas sobre Língua. Certa vez, enquanto Stokoe, David Armstrong e eu trabalhávamos sobre o *Gesture and the Nature of Language*, expressei minha preocupação a Stokoe. “Sabe, Bill,” eu disse, “acho que algumas pessoas vão ler nosso livro e concluir que somos loucos.” Sua resposta foi: “Bem, eu estive lá antes!” (Wilcox, 2002, p. 119, tradução)¹⁵,

De acordo com Quadros (2019a, p. 26) “os estudos das línguas de sinais, incluindo a Libras, inicialmente tiveram como função convencer os linguistas e demais agentes de políticas linguísticas e educacionais de que elas eram, de fato, línguas” e com toda certeza, isto não foi tarefa fácil, pois além de desestabilizar a noção cristalizada sobre língua e linguagem, ainda exigiria desafiar as concepções de “linguistas da estatura de Leonard Bloomfield, [para quem] as línguas de sinais eram sistemas de gestos primitivos e transparentes” (Bloomfield 1933, p. 39, *apud* Sandler; Lillo-Martin, 2006, p. 8).

Ficou sob competência de Willian C. Stokoe (1919-2000) demonstrar toda a complexidade de um sistema linguístico visual-espacial que, em sua monografia intitulada *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf*, publicada em 1960, a partir da análise da língua gestual utilizada por surdos americanos (a atual *American Sign Language* – ASL), provou que não se tratava de “um código visual corrupto para a língua falada ou uma pantomima elaborada” (Carvalho, 2007, p. 106).

Além de redimensionar a concepção de língua, Stokoe ampliou os horizontes quanto à compreensão sobre o processamento da linguagem, por demonstrar, empiricamente, que o funcionamento de uma língua não se limita à modalidade audio-vocal, possibilitando a identificação de propriedades comuns a quaisquer línguas naturais, ainda que os efeitos de modalidade interfiram no funcionamento do sistema linguístico, consoante Meier, Cormier, Quinto-Pozos (2002) e outros estudiosos que contribuíram com a escrita da obra *Modality and structure in signed and spoken language*. Também houve um movimento de sentidos a respeito do próprio surdo, conforme indica Santana (2007),

¹⁵ No original: “I must admit that when I first began reading and talking to Stokoe about the origins of the gestural theory of language, I was not convinced. He simply challenged many of my basic assumptions about language. Once, while Stokoe, David Armstrong, and I were working on *Gesture and the Nature of Language*, I expressed my concern to Stokoe. ‘You know, Bill,’ I said, ‘I think some people are going to read our book and conclude that we are crazy.’ His response was, ‘Well, I’ve been there before!’” (Wilcox, 2002, p. 119).

Conferir à língua de sinais o estatuto de língua não tem apenas repercussões linguísticas e cognitivas, mas também sociais. Se ser anormal é caracterizado pela ausência de língua e de tudo que ela representa (comunicação, pensamento, aprendizagem etc.), a partir do momento em que se tem a língua de sinais como língua do surdo, o padrão de normalidade também muda. Ou seja, a língua de sinais legitima o surdo como “sujeito de linguagem” e é capaz de transformar a “anormalidade” em diferença. Isso é resultado de uma luta pela redefinição do que é considerado normal. A ideia de que a surdez é uma diferença traz com ela uma delimitação de esferas sociais: a identidade surda, a cultura surda, a comunidade surda (Santana, 2007, p. 33).

Diante disso, o pioneirismo e a descrição detalhada promovida por Stokoe, impulsionou não só o interesse de linguistas em pesquisar mais a fundo a estrutura da ASL, mas também de professores que possuíam alunos surdos e que até então, não haviam notado tamanha complexidade no sistema linguístico utilizado por eles. De acordo com Weedwood (2002, p. 80) “professores de surdos [...], e não gramáticos [...] foram mais a fundo no estudo da articulação”. Sandler e Lillo-Martin, (2006) ressaltam ainda que,

a descoberta de William Stokoe (1960) de que uma língua de sinais tem um nível fonêmico de estrutura foi revolucionária. A contribuição de Stokoe não foi apenas socialmente revolucionária, mostrando clara e publicamente pela primeira vez que os surdos dominam línguas reais como todos os outros, mas também foi cientificamente revolucionária, lançando a linguagem de sinais repentina e dramaticamente na arena da atividade linguística (Sandler; Lillo-Martin, 2006, p. 8).

Stokoe (1960, p. 30), com base nos níveis linguísticos das línguas orais, propôs um modelo de análise fonológico para ASL, buscando termos correspondentes para as línguas de sinais, tais como “*chereme*”¹⁶ para se referir ao fonema e “*allocher*”¹⁷ como conceito correspondente ao alofone (conforme trataremos mais ostensivamente na Seção 2.3, sobre fonética e fonologia). A mudança terminológica justificava a necessidade de observação das

¹⁶ *Chereme* é uma palavra originada do Grego: *cheír* “mão” (chiro-) + -*eme*; cunhado pelo linguista americano William C. Stokoe em 1960. Uma unidade emic constitui um tipo de objeto abstrato analisado em linguística e em áreas afins. Os tipos de unidades êmicas são comumente indicados por um acordo com o sufixo -*eme*, como o fonema, grafema e morfema. No Português, esse termo, *Chereme*, foi traduzido como *quirema*. (Passos, 2014, p. 29).

¹⁷ *Allocher* tem origem: *allo-* + *cher(eme)*, no modelo de alofone, alomorfe (*allophone*, *allomorph*) das línguas de sinais. As várias unidades que representam uma determinada unidade emica,

especificidades do sistema linguístico visual-espacial, porém, sem ferir a sua universalidade linguística. Além disso, foi uma alternativa para acomodar as investigações sobre as línguas de sinais no campo da linguística com o rigor científico que lhe era exigido. Brentari (2019) explica que inicialmente as “teorias de fonologia de sinais tentaram capturar dois tipos de pressões sobre um sistema fonológico”,

(1) As pressões de eficiência comuns às línguas sinalizadas e faladas, que incluem como as unidades do sistema são organizadas para maximizar a informação transmitida, bem como a facilidade de produção, facilidade de percepção e a forma como os pontos fortes dos sistemas periféricos específicos envolvidos o afetam.

(2) As possibilidades de iconicidade que todas as línguas exploram, mas que as línguas de sinais exploram em maior medida. Nossos corpos interagem com o mundo de várias maneiras interessantes, e a maneira como as iconicidades afetam as correspondências forma-significado das unidades nas línguas de sinais é uma área que pode contribuir para nossa compreensão da linguagem de maneira mais geral. (Brentari, 2019, p. 39).

A partir da associação de pares de sinais, Stokoe observou a existência de um número finito de combinações, cuja articulação se diferia em um dos três parâmetros propostos (configuração de mão, ponto de articulação e movimento), alterando o valor semântico de um dos pares, isso quer dizer que ele identificou “pares mínimos na ASL, que, analogamente aos identificados nas línguas faladas, conferem um caráter fonológico ao traço articulatorio com base no qual o contraste semântico é estabelecido” (Xavier, 2006, p. 11). Assim, Stokoe (1960) demonstrou que, embora a ASL apresentasse particularidades em sua estrutura, por advento da modalidade, contava com fonologia ou “*cherology*” (p. 31), conforme denominou, e outros níveis de articulação tão autênticos quanto qualquer outro sistema de tradição oral.

Stokoe também convencionou um sistema de notação para os sinais na forma escrita, demonstrando como se organizavam os parâmetros fonológicos identificados na estrutura linguística. O sistema de notação proposto por Stokoe (1960), resultou na organização de um dicionário, publicado em 1965, no qual estabelece o registro de cinquenta e cinco símbolos referente às produções

sendo denotada pelo termo correspondente com o prefixo alo-, tais como, *allophone*, *allograph*, *alomorfe* (alofone [fonema], alográfico [grafema], alomorfe [morfema]). (Passos, 2014, p. 29).

visíveis na comunicação. Dentre eles, doze aspectos de tabulação marcam a relação entre o local de articulação do sinal e a face, tronco e espaço, dezenove configurações de mãos e vinte e quatro símbolos são relacionados ao movimento dos sinais. Apresentamos algumas das notações por meio do Quadro 1,

Quadro 1. Notações para os parâmetros fonológicos criados por Stokoe

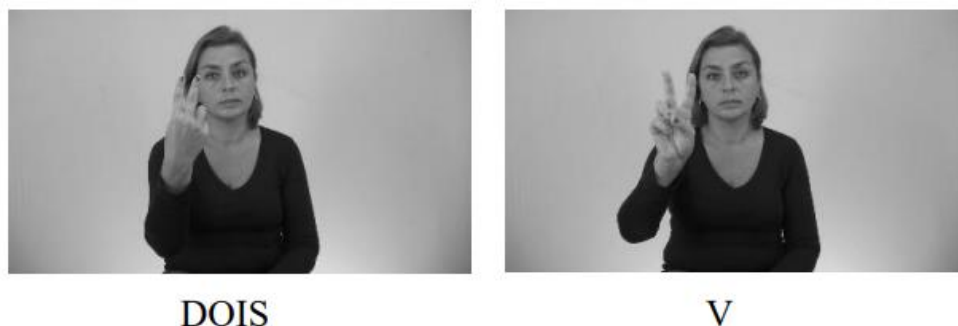
Ponto de articulação do sinal		Configuração de mão		Movimento	
	Local neutro		Mão compacta, punho; assim como as letras 'a', 's', ou 't' do alfabeto manual.		Ascendente (ação vertical)
	Rosto ou cabeça		Mão espalmada		Descendente (ação vertical)
	Testa, sobrancelha ou parte superior da face.		Mãos, dedos e polegar espalmados, em '5'		Para cima e para baixo (ação vertical)
	Região da face, olhos ou nariz		Mão curvada em 'c'		Para a direita (ação lateral)
	Parte inferior do rosto, queixo.		Mão contraída em 'e' parecendo uma garra.		Para a esquerda (ação lateral)
	bochecha, têmpora, orelha.		Toque entre polegar e dedo indicador, demais dedos abertos.		De um lado para o outro (ação lateral).
	Pescoço		'g' ou 'd' do alfabeto manual, indicador em destaque no punho.		Em direção ao sinalizante (ação horizontal)

Fonte: Traduzido e adaptado de Stokoe (1965, p. 10-12)

A partir dos estudos de Stokoe (1960), Battison (1974; 1978), propôs a existência de um novo parâmetro fonológico, a orientação da palma da mão (Or), ao observar que determinados pares de sinais na ASL se assemelhavam em todos os parâmetros fonológicos, exceto no sentido assumido pela palma da mão, demonstrando a necessidade de considerar esse aspecto contrastivo. Como forma de demonstrar o parâmetro observado por Battison, fazemos uso de um exemplo com foco na Libras, apresentado por Xavier (2011, p. 124), em que os pares de sinais “DOIS” e “V” se diferem pelo fato de que, “no primeiro, a palma está voltada para o sinalizador, enquanto, no segundo, ela está voltada para frente, dado que a configuração (em V), a localização (em frente à lateral

do corpo) e o movimento (ausência de movimento) são iguais”, conforme nos apresentamos por meio da Figura 4,

Figura 4. Pares de sinais que se diferem pela orientação da palma da mão



Fonte: Xavier (2011, p. 124).

Esses estudos motivaram Klima e Bellugi (1979) a realizar uma análise sistematizada da estrutura gramatical da ASL e compararam-na com a língua de sinais chinesa e observaram que elas se distinguiam quanto ao uso dos parâmetros, porém ambas apresentavam um número finito de combinações entre pares de sinais. Além disso, constataram a presença de elementos de contraste, como a distinção de número de mãos empregadas na articulação do sinal (se com uma ou com as duas mãos) e o ponto em que a mão dominante (aquela que exerce função ativa na realização do sinal) entra em contato. Tais estudiosos demonstraram, ainda, que a iconicidade nas línguas de sinais era motivada por suas “representações miméticas ou pantomímicas” (Xavier, 2006, p. 6), porém se diferenciava no processo articulatório, ou seja, apresentavam arbitrariedade, contrariando a relação direta entre o referente e sua expressão semântica. Gesser (2009, p. 21) ressalta que a pantomima expõe o objeto, enquanto o sinal exprime “o símbolo convencionado para esse objeto”.

Novas pesquisas resultaram na convenção do parâmetro expressões não manuais (ENM), a partir da observação da participação ativa das expressões da face, assim como movimento dos olhos, sobrancelhas, bochechas e boca na constituição semântica dos sinais, conforme discutido por Bellugi e Fischer (1972); Baker (1976); Liddell (1980); Quadros e Karnopp (2004); Ferreira (2010); Pêgo (2013, 2021) e outros estudiosos. Décadas mais tarde, o status linguístico das línguas de sinais não estava socialmente consolidado, fazendo-se

“necessário manifestar a paridade linguística entre línguas orais e línguas gestuais, tendo em conta que estas últimas não eram consideradas ‘verdadeiras’ línguas, mas sim sistemas de comunicação alternativos” (Mineiro; Carmo, 2016, p. 171).

Sob essa perspectiva, Gesser (2009), destaca que as línguas de sinais passaram por um longo período de descredibilidade, exigindo que muitos estudos posteriores se concentrassem em elucidar os mitos que punham em dúvida a potencialidade linguística das línguas de sinais, legitimando-as, e sobretudo, como forma de desconstruir os sentidos estabilizados, sob os quais se projetavam as línguas de sinais e seus sinalizantes, no imaginário social.

Na contemporaneidade, pesquisas têm sido desenvolvidas, especialmente, como forma de demonstrar a complexidade e o detalhamento do funcionamento de sistemas visuais-espaciais. Diante disso, apresentamos, na seção 1.4, um panorama atual sobre os estudos com foco na Libras, dentre eles, estudos voltados para o contexto da internet.

1.3 Panorama atual da Libras

Destacamos que os estudos sobre os níveis gramaticais das línguas de sinais, como um todo, ainda são muito recentes em comparação aos estudos das línguas de tradição oral. Por isso, pretendemos apresentar algumas pesquisas que se voltam para a língua de sinais brasileira, com o interesse de descrever o funcionamento de estruturas finas, ainda pouco conhecidas, como por exemplo, a ocorrência da segmentação na Libras (Leite, 2008), sobre o funcionamento do gênero prova em Libras (Silva, 2019), assim como o modo com que marcadores discursivos¹⁸ se apresentam nessa língua (Matoso, 2022), sobre a concordância verbal na Libras (Wanderley, 2017; Lourenço, 2018a), sobre o funcionamento dos parâmetros linguísticos (Pêgo, 2013; Alecrim, 2022), dentre outros interesses investigativos.

Pretendemos demonstrar, por meio da apresentação dessas investigações científicas, alguns procedimentos, adotados na

¹⁸ Marcadores Discursivos (MDs) são recursos linguísticos que assumem diferentes funções no uso da língua. Serão definidos e discutidos com maior ênfase na seção analítica, página 180.

contemporaneidade, que têm contribuído substancialmente para o desenvolvimento de pesquisas linguísticas que se voltam para as línguas de sinais e favorecem a documentação, descrição e análise de línguas de modalidade visual-espacial e, sobretudo proporcionar maior aprofundamento nas características da Libras e no funcionamento de suas categorias gramaticais, a fim de contribuir com a análise de seu funcionamento no meio eletrônico.

Diante disso, apresentamos por meio do Quadro 2, informações sobre os proponentes, desenvolvimento de suas pesquisas, procedimentos adotados e resultados alcançados,

Quadro 2. O "estado da arte"

	Fonético/ fonológico
Autor (ano) - IE	Tese: Passos (2014) – UFMG
Título da dissertação/ Tese	Parâmetros físicos do movimento em Libras: um estudo sobre intensificadores.
Objetivo da pesquisa	Analisar quais parâmetros físicos do movimento expressam, sob a forma de graus, a intensidade gramatical em Libras
Procedimentos de análise	Foi realizado um experimento com três sujeitos ouvintes usuários de Libras como segunda língua (L2), mediante estímulos visuais em três níveis de intensidade, a filmagem da produção em Libras e a ferramenta <i>FlowAnalyzer</i> para extração de parâmetros físicos do movimento
Resultados alcançados	Ao se elevarem os níveis de intensidade dos estímulos, se modificaram os graus de intensidade gramatical em Libras. O movimento da Libras e os graus de intensidade gramatical na sinalização em Libras teria emergido com a auto-organização de variáveis do movimento em decorrência da interação entre fatores (intensidade, sujeito e estímulos) e variáveis (duração, energia, variância e velocidade média).
Disponível em	 https://repositorio.ufmg.br/bitstream/10457/UMSA-ALAGMG/1/1282d.pdf
Autor (ano) - IE	Tese: Souza (2020) – UFRGS
Título da dissertação/ Tese	A constituição prosódica da Língua Brasileira de Sinais: as expressões não manuais
Objetivo da pesquisa	Essa tese investigou, por meio do Modelo de Análise da Marcação de Constituição Prosódica (Sandler, 2010), a delimitação dos constituintes prosódicos frase fonológica e frase entoacional da Língua Brasileira de Sinais (Libras), com foco nas expressões não manuais (ENMs) na Libras

Procedimentos de análise	A segmentação e análise dos dados foram realizadas no <i>software</i> ELAN, desenvolvido pelo <i>Max Planck Institute of Psycholinguistics</i> . Para a padronização da transcrição e para a criação de trilhas no ELAN, fez-se uma adaptação da proposta de McCleary, Viotti e Leite (2010).
Resultados alcançados	A marcação de fronteira de frase fonológica é realizada por alterações manuais e que, na ausência dessas, outras ENMs, como movimento de sobrancelhas, mudança na posição de boca, semicerramento e piscar de olhos delimitam tal constituinte prosódico. Já levantamento de sobrancelhas, mudanças na posição de cabeça e corpo, semicerramento e piscar de olhos, e reconfiguração de todas as expressões faciais demarcam limites de frase entoacional.
Disponível em	 https://lume.ufrgs.br/handle/10183/217373
Autor (ano) - IE	Dissertação: Alecrim (2022) – UFPR
Título da dissertação/Tese	A variação fonético-fonológica da configuração de mão na Libras
Objetivo da pesquisa	Analisar o parâmetro configuração de mão na Libras tanto fonológica quanto foneticamente
Procedimentos de análise	Foram reanalisados os oito padrões de variação identificados por Xavier e Barbosa (2014) e analisados os processos que subjazem a ela: a neutralização e a alofonia.
Resultados alcançados	Fonologicamente, os resultados apontam a predominância de uma das variantes observadas para cada padrão de variação. Foneticamente, foi possível observar de que forma a configuração desses sinais variou inter e intrasujeito
Disponível em	 https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/76239
Morfológico	
Autor (ano) - IE	Dissertação: Pêgo (2013) - UNB
Título da dissertação/Tese	Sinais não-manuais gramaticais da LSB ¹⁹ nos traços morfológicos e lexicais. Um estudo do morfema-boca.
Objetivo da pesquisa	Contribuir na construção da concepção de morfologia, morfema das línguas de sinais, concentrando-se num aspecto pouco estudado, porém essencial para a gramática da LSB: os morfemas-boca
Procedimentos de análise	Contraste entre a ASL e LSB, a partir de de narrativas e/ou vídeos do <i>YouTube</i>
Resultados alcançados	A análise mostrou, indiscutivelmente, que os morfemas-boca na LSB possuem propriedades morfo-lexicais regidos por regras linguísticas específicas, possuem tempo coordenado e atribuem significados específicos.

¹⁹ Língua de Sinais Brasileira.

Disponível em	 http://repositorio.unb.br/handle/10482/13303
Autor (ano) - IE	Rodero-Takahira (2015) - USP
Título da dissertação/ Tese	Compostos na Língua de Sinais Brasileira
Objetivo da pesquisa	Descrever os tipos de compostos que ocorrem na Libras e investigar a possibilidade de ocorrência de classificadores (CL) e marcadores não-manuais em compostos, formando compostos simultâneos.
Procedimentos de análise	Análise de dados retirados de dicionários, conversas espontâneas e gravações para constituição de três grupos de compostos (sequenciais, simultâneos e simultâneos-sequenciais).
Resultados alcançados	Os compostos simultâneos apresentam um predicado CL sinalizado simultaneamente com outro CL ou juntamente com a boca.
Disponível em	 https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-23112015-125742/pt-br.php
Autor (ano) - IE	Wanderley (2017) - UFSC
Título da dissertação/ Tese	A classificação dos verbos com concordância da língua brasileira de sinais: uma análise a partir do <i>SignWriting</i>
Objetivo da pesquisa	Registrar os verbos com concordância número pessoal em escrita de sinais do sistema <i>SignWriting</i> favorecendo a gramática na produção textual
Procedimentos de análise	Uso de dois modelos de classificação de tipos de verbos, segundo o movimento e orientação de mão para análise de ocorrências de verbos de concordância na produção e tradução de textos em escrita de sinais.
Resultados alcançados	Os resultados fazem referência ao uso do espaço e contato com o corpo, produtividade limitada e livre, padronização da orientação de mão na escrita de sinais e suas normas linguísticas.
Disponível em	 https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/194005
	Sintático
Autor (ano) - IE	Tese: Leite (2008) - USP
Título da dissertação/Tese	A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos
Objetivo da pesquisa	Oferecer critérios para a segmentação do discurso na Língua de Sinais Brasileira (libras em unidades gramaticais)
Procedimentos de análise	Análise de produções sinalizadas em vídeo, a partir de introspecções espontâneas.

Resultados alcançados	Dentre outras contribuições, destacam-se descrições de acelerações (assilação de traços do sinal subsequente), alongamentos (reinteração parcial de fases do gesto), intensificações (combinações de várias modulações para marcação de acento) e espacializações de sinais (localização marcada da sinalização no espaço à frente do falante).
Disponível em	 https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-25092008-160005/pt-br.php
Autor (ano) - IE	Dissertação: Royer (2019) – UFSC
Título da dissertação/Tese	Análise da ordem das palavras nas sentenças em Libras do corpus da grande Florianópolis
Objetivo da pesquisa	Compreender como é possível diferenciar entre o que as teorias apresentam e a realidade das produções dos surdos em seus usos da Libras em situações efetivas no âmbito das práticas sociais linguageiras
Procedimentos de análise	Análise da ordem das palavras nas sentenças em Libras a partir de situações de fala espontânea disponíveis no Corpus de Libras (http://www.corpuslibras.ufsc.br/)
Resultados alcançados	Confirmam as análises anteriores de que a ordem mais usada, considerada básica, é a ordem SVO. Acerca do tópico de ordem OSV, continua sendo minoria ou inexistente.
Disponível em	 https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/211385
Autor (ano) - IE	Tese: Royer (2023) – UFSC
Título da dissertação/Tese	Estrutura oracional e transitividade na Libras
Objetivo da pesquisa	Analisar a transitividade dos verbos para compreender mais sobre a estrutura da ordem das palavras, englobando seis implicações possíveis de sujeito (S), objeto (O) e verbo (V).
Procedimentos de análise	Comparação entre as estruturas sinalizadas pelos participantes, sob perspectiva funcionalista de análise das estruturas oracionais na Libras.
Resultados alcançados	Foram identificados verbos nulos; verbos modais; objeto com adjunto adjetival; objeto com adjunto adverbial; verbos inerentes; boias dos objetos e 17 verbos e suas respectivas formas.
Disponível em	 https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/253149
	Semântico

Autor (ano) - IE	Dissertação: Faria-Nascimento (2003) ²⁰ – Universidade de Brasília (UNB)
Título da dissertação/Tese	A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos
Objetivo da pesquisa	Compreender como ocorre a construção de sentidos metafóricos e polissêmicos por sujeitos surdos e, assim, conduzi-los à construção de itens lexicais e fraseológicos da Libras
Procedimentos de análise	Análise da língua em uso a partir de aspectos icônicos, metafóricos e metonímicos em Libras a partir de discussões metalinguísticas e contraste com estratégias de letramento em LP.
Resultados alcançados	A adoção de uma metodologia adequada contribui para o fortalecimento da identidade dos surdos e para melhorar o desempenho na linguagem escrita.
Disponível em	 http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/5287
Autor (ano) - IE	Dissertação: Almeida (2016) - UFSC
Título da dissertação/Tese	Hipervídeo na Educação de Surdos
Objetivo da pesquisa	Estabelecer recomendações para a construção de narrativas em hipervídeo que favoreçam o aprendizado de pessoas surdas
Procedimentos de análise	Desenvolvimento de um protótipo a partir da observação e da aplicação a um grupo focal. Registro das percepções sobre a mídia através da análise de conteúdo.
Resultados alcançados	O hipervídeo favorece a aquisição de conhecimento por pessoas surdas em virtude do potencial estético da comunicação audiovisual.
Disponível em	 https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/168141
Autor (ano) - IE	Tese: Silva (2019) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Título da dissertação/Tese	Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a prova como foco de análise
Objetivo da pesquisa	Identificar gêneros emergentes em Libras videossinalizada na esfera acadêmica disponíveis em plataformas de domínio público e analisar os elementos que caracterizam o gênero acadêmico prova.
Procedimentos de análise	Análise comparativa de elementos composicionais, estilísticos e temáticos de provas selecionadas referente aos anos 2012 e 2019
Resultados alcançados	Descrição detalhada dos elementos do gênero acadêmico prova e discussão sobre características relativamente estáveis.

²⁰ A Dissertação tem como data de defesa o ano 2003, porém foi publicada em 2010, por isso, há distinção na literatura quanto ao ano e sobrenome da autora.

Disponível em	 https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214869
	Pragmático
Autor (ano) - IE	Tese: Jeremias (2020) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
Título da dissertação/Tese	Iconicidade nas sentenças topicalizadas da Libras: uma motivação semântica e pragmática.
Objetivo da pesquisa	Investigar e identificar quais manifestações icônicas atuam como tendências ou padrões de uso motivadores de sentenças transitivas e topicalizadas na Libras.
Procedimentos de análise	Catologação de padrões de sentenças com usos topicalizados de manifestação icônica na ordem anterior aos verbos
Resultados alcançados	A anáfora zero, a imperfectividade do verbo e a indefinidade do objeto se comportam como tendências nas sentenças topicalizadas, porém, não como elementos fundamentalmente motivadores dessa construção.
Disponível em	 https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216338
Autor (ano) - IE	Tese: Moreira (2021) – Universidade de Brasília (UNB).
Título da dissertação/Tese	Criação de sinais-termo: o conceito na descrição das estruturas sintáticas em português para Surdos
Objetivo da pesquisa	Propor o desenvolvimento de uma Unidade Terminológica Conceitual (UTCt) que ofereça ao aluno surdo suporte para compreender a estrutura sintática da Língua Portuguesa em Língua de Sinais Brasileira (LSB).
Procedimentos de análise	Análise dos aspectos morfolexicais na construção de sinais-termo e contraste com o conceito apresentado em língua portuguesa.
Resultados alcançados	Foi criada uma página no meio eletrônico, denominada TERMBILIBRAS que traz conceitos e os sinaistermo como: i) material de apoio didático e ii) ordenados em um vocabulário bilingue.
Disponível em	 http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/43440?locale=fr
	Tese: Matoso (2022) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).
Título da dissertação/Tese	A interação entre surdos: funções dos marcadores discursivos em Libras
Objetivo da pesquisa	Analisar o emprego dos marcadores discursivos na língua brasileira de sinais (Libras) e as funções que desempenham na interação entre pessoas surdas.

Procedimentos de análise	Foram selecionados vídeos com interações em Libras disponíveis no repositório institucional da UFSC, denominado Corpus Libras, transcritos com o uso do software ELAN e analisados.
Resultados alcançados	Dentre oitenta e cinco ocorrências de usos de marcadores discursivos identificadas, foram descritos quinze tipos distintos, segundo as funções exercidas na interação em Libras. Nove deles com funções interacionais e seis com funções ideacionais.
Disponível em	 https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4786

Fonte: a autora.

2 ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DA LIBRAS

Como vimos na seção 1.4, estudos sobre os aspectos linguísticos da Libras têm demonstrado a eficiência, refinamento e complexidade desse sistema linguístico. Caracterizá-la, é uma das tarefas primárias de uma pesquisa que busque descrevê-la, devido à amplitude de elementos contidos em cada nível de articulação da língua.

O objetivo desta seção, portanto, é proporcionar uma leitura prévia sobre os níveis fonético e fonológico, morfológico e sintático, para familiarizar os leitores sobre as características gramaticais desta língua, destacando os elementos distintivos (efeitos de modalidade) e equivalentes (princípios universais) entre as línguas de sinais e as línguas orais. Além disso, pretendemos fornecer subsídios teóricos e direcionamentos metodológicos, a partir da Linguística da Libras (LB), que contribuam para compreensão das funções exercidas pelos parâmetros linguísticos da Libras, a saber: (a) configuração de mão, (b) ponto de articulação, (c) movimento; (d) orientação de mão (direcionalidade) e (e) expressões não manuais (faciais e corporais), a fim de facilitar a compreensão sobre o funcionamento desses mecanismos linguísticos a partir das propriedades formais do meio eletrônico e dentro das categorias compreendidas pelas metafunções ideacional, interpessoal e textual a serem analisadas posteriormente.

2.1 A modalidade visual-espacial: produção, percepção e realização

A Libras é uma língua natural, de modalidade visual-espacial, utilizada por comunidades linguísticas, compostas por sujeitos sinalizantes (surdos e ouvintes), denominadas comunidades surdas brasileiras. Como outras línguas de sinais, a Libras é um “sistema verbal” (Segala; Quadros, 2015, p. 359) que foi reconhecido oficialmente no Brasil em 2002, por meio da Lei 10.436 de 24 de abril. (Brasil, 2002). Trata-se de um sistema linguístico constituído por organizados níveis de articulação, cuja produção – ocasionada pelas mãos (uma ou duas, de modo simultâneo ou alternado), em combinação às expressões

faciais e corporais, e percepção (ocasionada pelo sistema óptico) é distinta das línguas de tradição oral, conforme demonstramos por meio do Quadro 3,

Quadro 3. Distinções básicas entre as línguas de sinais e as línguas orais

Distinções básicas entre as línguas de sinais e as línguas orais					
		Percepção	Produção	Articulação	Unidade mínima
Modalidades linguísticas	Visual-espacial	visão	Pelas mãos, face e tronco.	A forma fonológica é determinada pelo conjunto de parâmetros em concordância com suas propriedades fonéticas (números de mãos, dedos, juntas dos dedos, ombro, cotovelo, braço, antebraço, pulso) dentre outros.	sinal
	Oral	Pela voz	audição	O conjunto de sons e suas propriedades fonéticas (características físicas do som em concordância com posição e articulação da língua, forma da boca) determinam a forma fonológica, ou seja, a representação sonora.	palavra

Fonte: a autora.

Todas “as línguas naturais gozam de uma característica comum que é o fato de que todas elas variam e mudam. Toda mudança linguística passa por processo de variação; no entanto, nem toda variação implica mudança” (Silva; Quadros, 2023, p. 50) e esse é o caso da descontinuidade na Libras, sob a qual embora a forma linguística se assemelhe, a relação semântica é distinta. Como exemplo, os autores citam os sinais “ACHAR” e “AMANHÃ”, cuja distinção se caracteriza apenas pelo parâmetro de movimento, conforme Quadro 4,

Quadro 4. Exemplo de descontinuidade na Libras

Sinal - ACHAR	Sinal - AMANHÃ
	
Disponível em: 	Disponível em: 

Fonte: adaptado de Silva; Quadros (2023, p. 50)

Por efeito da modalidade visual-espacial, podem ocorrer “restrições à estruturação da língua” conforme aponta Ferreira (2010, p. 28), (as quais discutiremos em maior profundidade nesta seção e subseções). Entretanto, “contém os mesmos princípios subjacentes de construção que as línguas orais, no sentido de que têm um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais, e uma gramática, isto é, um sistema de regras que regem o uso desses símbolos” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 48).

Quadros (2019a, p. 26) reconhece, entretanto, distinções linguísticas importantes entre os sistemas de tradição oral e os de natureza visual-espacial. De acordo com Ferreira (2010, p. 29), uma delas se refere à “ordem sequencial linear da fala e a simultaneidade dos parâmetros na constituição dos sinais”. Embora as línguas orais não sejam “exclusivamente unidimensionais” e as línguas de sinais façam uso “da linearidade temporal”, os sinais são produzidos pela articulação simultânea e combinada entre as unidades fonológicas (envolvendo as mãos e movimentos do corpo e face), enquanto as unidades mínimas, expressas por meio da oralidade, se processam uma a uma. Embora seja nossa intenção apresentar mais detalhes sobre esse assunto durante o desenvolvimento da análise do corpus selecionado para esta tese, demonstramos, por meio do Quadro 5, a ocorrência de um exemplo de simultaneidade presente em um texto videossinalizado presente no ambiente eletrônico.

Quadro 5. Exemplo de ocorrência de simultaneidade na Libras

Vídeo disponível no <i>output</i> Vimeo	Sinalização	Análise
		Neste exemplo, é possível observar a ocorrência simultânea das unidades fonológicas na Libras. Ao formular a frase: ‘PRAZER EM CONHECER VOCÊ’, o sinal ‘CONHECER’ articulado no queixo é realizado ao mesmo tempo em que o sinal de ‘VOCÊ’, realizado no espaço neutro.

Fonte: Museu da Imagem e do Som. Disponível em <https://vimeo.com/73898296>. Acesso em out. 2022.

De acordo com Pizzio et al. (2023, p. 177), a simultaneidade é fruto de uma “propriedade específica da modalidade das Línguas de Sinais, pois apenas a modalidade visual permite a articulação simultânea de dois radicais, graças à disponibilidade de dois articuladores manuais (as duas mãos do sinalizante)”. Outro traço exclusivo das línguas de sinais é o uso da datilologia, que, segundo os autores, são “empréstimos de estruturas das línguas orais circundantes” que se realizam a partir da soletração manual no espaço.

De acordo com Silva e Quadros (2023, p. 46), a Libras apresenta dualidade que “é a capacidade de combinar elementos menores para formar unidades maiores”, de acordo com regras de organização do nível linguístico. Assim, a partir de uma única configuração de mão (que, isoladamente não contém significado) podem ser formados inúmeros sinais (unidades significativas), conforme demonstramos por meio da Figura 5,

Figura 5. Sinais distintos produzidos a partir de uma configuração de mão



Fonte: Albres (2022, p. 150).

A funcionalidade dos parâmetros linguísticos, portanto, é orientada segundo padrões específicos de cada categoria em consonância com o contexto e situações de uso em que ocorrem as práticas de linguagem. No Quadro 6, a seguir, demonstraremos algumas dessas categorias,

Quadro 6. Categorização dos parâmetros linguísticos

		Parâmetros				
		Movimento (M)	Configuração de mão (CM)	Ponto de articulação (PA)	Orientação de mão (Or)	Expressões não manuais (ENMs)
Categorias	Tipo	direcional ou local	básicas e variantes	espaço neutro, tronco, face, pescoço, braço, antebraço e mãos.	para: frente, trás, cima, baixo, lado, diagonal	percepção dos movimentos de face, olhos, cabeça ou tronco
	Característica	combinados ou independentes: podem ser usados como morfemas	pode estar presente em uma das mãos ou ambas, a depender do sinal constituído	apresentam variações e restrições motivadas pelo contexto (formais/informais) - Quadros e Cruz, (2011, p. 65).	para: frente, trás, cima, baixo, lado, diagonal	indica construção sintática e diferenciação de itens lexicais.
	Frequência/ Função	repetido, alternado e simples	estrutura a forma assumida pela mão na realização linguística.	determina o local e o ponto de contato da(s) mão(s) na realização do sinal.	para: frente, trás, cima, baixo, lado, diagonal	função sintática: orações interrogativas, relativas, topicalização, concordância e foco.
	Maneira/ Modo	contínuo, refreado, de retenção	não foram identificados quais CMs compõem o conjunto de ‘fonemas’ e ‘alofones’ – Quadros e Cruz (2011, p. 64).	os sinais se articulam no espaço gramatical, cabeça e outras partes do tronco	para: frente, trás, cima, baixo, lado, diagonal	sobancelhas: franzidas/ levantadas; cabeça: projetada para frente, trás e lados; tronco: para frente e trás; ombros: mov. alternado/simultâneo

Fonte: Quadros e Karnopp (2004); Quadros e Cruz (2011); Quadros (2019b).

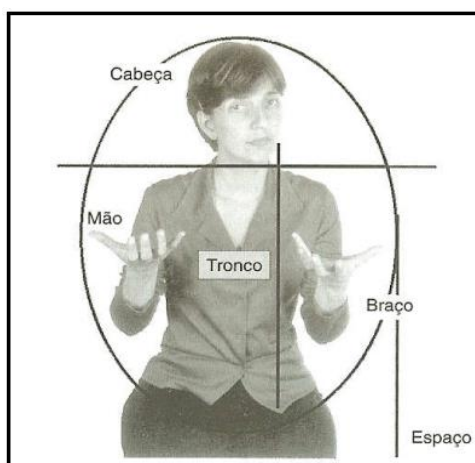
A investigação da estruturação dos sinais, segundo os parâmetros linguísticos, dentro dos níveis de articulação das línguas de sinais, possibilitou a identificação de universais linguísticos “e traços culturais da língua” (Ferreira, 2010, p. 35), contribuindo para a compreensão de que, para além da observação isolada de seus elementos constituintes gramaticais, a análise da realização linguística (o modo como a língua é processada em uso) necessita da consideração do caráter funcional de suas unidades gramaticais, aliadas ao contexto situacional e cultural em que ocorrem para o exame da determinação da forma linguística, sobretudo, ao se tratar de um sistema visual-espacial, no

qual muitas das categorias gramaticais necessitam ser mais exploradas, **segundo** (Ferreira (2010); Quadros e Karnopp (2004), Quadros (2019a).

2.2 O uso do corpo e do espaço

Assim como outros sistemas linguísticos de natureza visual-espacial, a Libras se constitui no espaço gramatical, localizado, tradicionalmente, “dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados” (Quadros e Karnopp, 2004, p. 57). É nesse espaço, também caracterizado como “espaço de enunciação”, que os constituintes linguísticos se associam, conforme indica a Figura 6,

Figura 6. Espaço gramatical



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 57)

Quadros (2020, p. 14) chama atenção para a importância da observação dos “usos do espaço e do corpo [...] para a compreensão e produção de textos” sinalizados. Concordamos com a autora e reiteramos que no contexto da internet essa observação se torna ainda mais imprescindível, haja vista que a sinalização necessita de uma reorganização em relação ao campo operacional da câmera ou tela ao qual será veiculado.

É dentro do espaço gramatical que se organiza a marcação de referentes por meio de apontamentos ou outros recursos linguísticos como o direcionamento do olhar ou posicionamento / inclinação da cabeça. Dentre outras funções, o corpo exerce “alternância de perspectivas, também chamado

de alternância de referências, envolve o uso do corpo do sinalizante como referência gramatical” (Quadros, 2021, p. 69). A combinação de uma série de recursos e estratégias linguísticas no espaço gramatical, sobretudo, posicionamento e perspectivas do uso do corpo, durante o processo de construção de um texto sinalizado, constitui a gramática espacial, conforme a Figura 7,

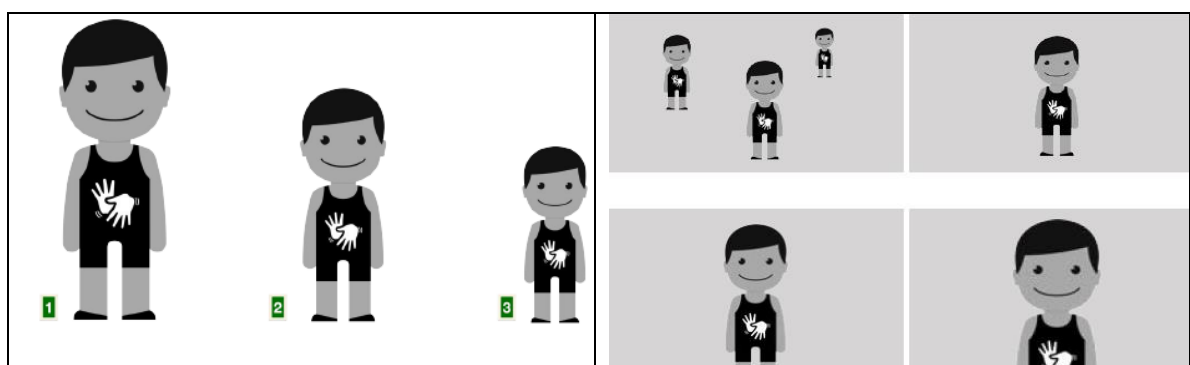
Figura 7. Constituição da gramática espacial

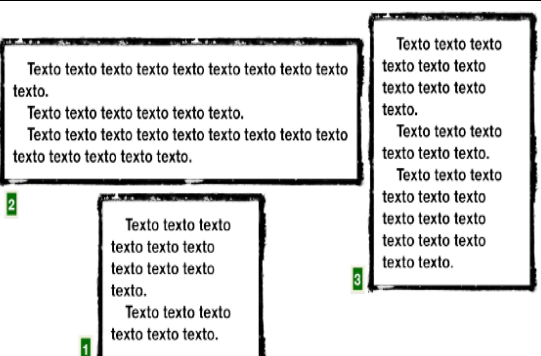
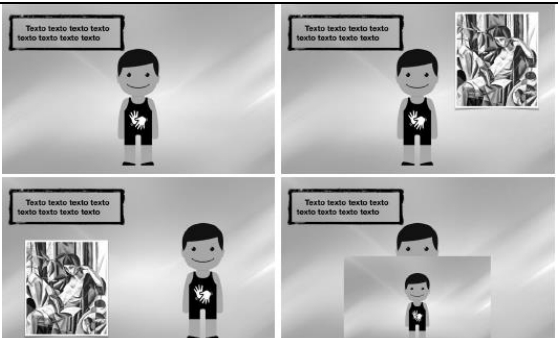
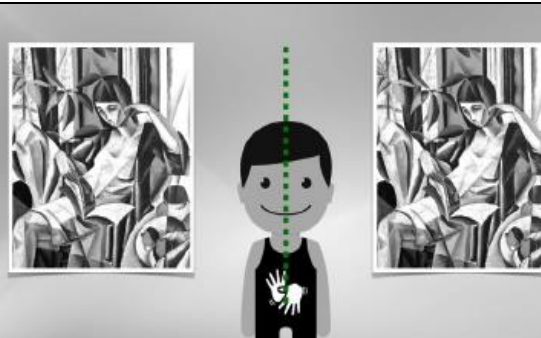


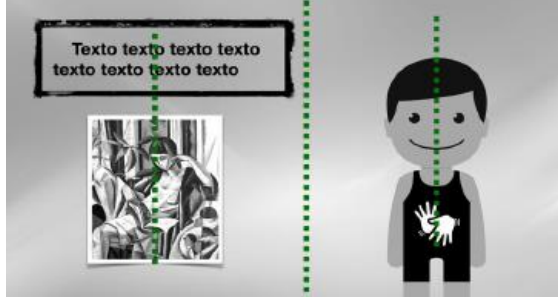
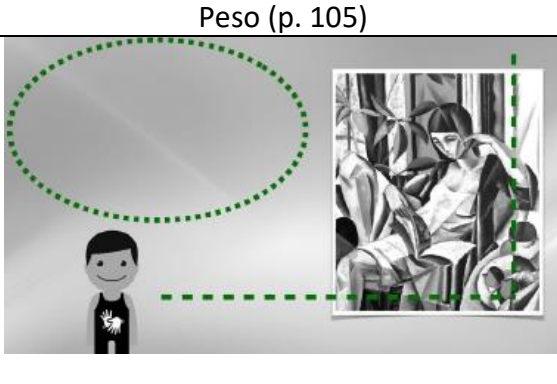
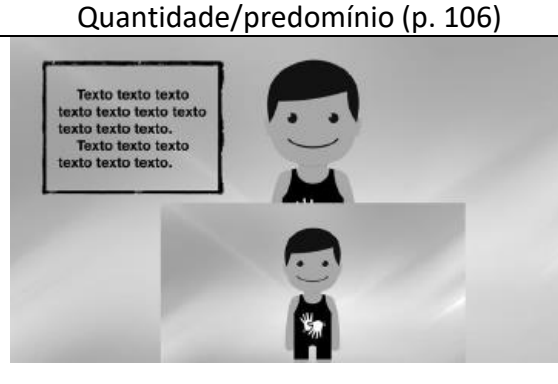
Fonte: Soares (2020, p. 72)

A depender do propósito comunicativo e regras de circulação do meio eletrônico, se faz necessária a incorporação de propriedades específicas para acomodação do texto videossinalizado. Algumas dessas propriedades são percebidas nos estudos desenvolvidos por Rosado e Taveira (2022), ao tratarem sobre “gramática visual para os vídeos digitais em línguas de sinais”. Esses autores nos oferecem parâmetros para o desenvolvimento de textos videossinalizados cujos elementos composicionais variam e, conseqüentemente, afetam a disposição espacial e/ou corporal do sinalizante, conforme apresentamos no Quadro 7, na sequência.

Quadro 7. Elementos composicionais para criação de textos videossinalizados



Variações de tamanho (p. 80) 	Corte / enquadramento (p. 81) 
Posicionamento na tela (p. 85)(	Agrupamentos (p. 87) 
Espaçamento (p. 89) 	Rotação (p. 90) 
Repetição (p. 95) 	Simetria (p. 97) 
Assimetria (p. 97)	Ampliação/redução (p. 99)

	
Atração/proximidade (p. 102)	Alinhamento (p. 104)
	
Peso (p. 105)	Quantidade/predomínio (p. 106)
	
Espaço (p. 107)	Sobreposição (p. 109)

Fonte: a autora, com base em Rosado; Taveira (2022)

Na contemporaneidade, os textos sinalizados estão cada vez mais atrelados às tecnologias, sobretudo, aos recursos de vídeo, o que justifica o uso da expressão “videossinalizados” (Silva, 2019, p. 71).

Albres (2022, p. 91), aponta alterações significativas no posicionamento da mão e da cabeça do sinalizante, observadas em contexto cinematográfico, devido ao efeito de “zoom in” e “zoom out”, ou seja, a “alteração de tamanho ou escala conforme sua representatividade”. A autora enfatiza a necessidade de adoção “de estratégias que vão além da competência linguística” a fim de adequar-se ao enquadramento e ao posicionamento da câmera, entretanto, tal reposicionamento gera novos ângulos de captura e ênfase do sinalizante. Diante disso, julgamos ser indispensável análises linguísticas em situações como essa

(Figura 8), a fim de verificar em que medida tais adaptações afetam a forma linguística.

Figura 8. Posicionamento da mão e cabeça de um sinalizante frente à câmera



Fonte: Albres (2022, p. 91)

Diante do exposto, julgamos ser necessário, para esta pesquisa, a observação de aspectos composicionais de textos videossinalizados, disponíveis no meio eletrônico, e as possíveis interferências com relação ao corpo do sinalizante e o espaço viabilizado pelo recurso tecnológico, para a produção dos sinais, haja vista que a análise linguística de reposicionamentos, como o exemplo anterior (Figura 8), configura-se como um exemplo de reorganização ao contexto e, portanto, os sinais produzidos podem estar sujeitos à variações de pronúncia. Conforme discute Xavier (2011),

a variação na pronúncia dos sinais pode decorrer das diferentes manifestações que a configuração de mão e/ou a localização e/ou o movimento e/ou a orientação e/ou o número de mãos e/ou as marcações não-manuais de um dado sinal pode(m) apresentar, sem que isso altere o seu significado (Xavier, 2011, p. 127).

Xavier e Barbosa (2014; 2017) classificam as variações de pronúncia em: (a) variação livre, cuja ocorrência do sinal não é motivada pelo contexto em que é produzido e (b) variação motivada, quando o contexto fonético-fonológico motiva a realização do sinal.

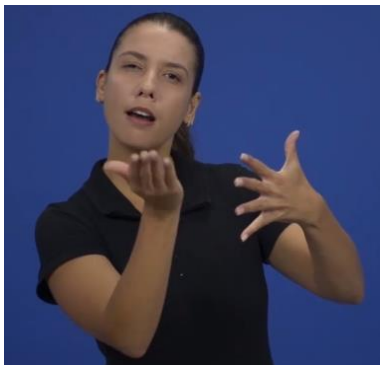
2.3 Fonética e Fonologia

Esta seção visa a caracterizar o campo da fonética e fonologia da Libras, fornecendo os princípios básicos para compreensão desse nível de articulação da língua, dos efeitos de modalidade dos sistemas visuais-espaciais e das principais distinções entre a fonética das línguas orais e das línguas de sinais e sobretudo, oferecer uma breve leitura sobre o funcionamento de unidades fonológicas em Libras, a fim de facilitar a compreensão do processo de análise empreendido por meio desta tese.

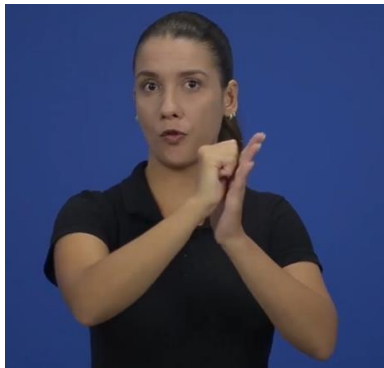
2.3.1 A fonética e a fonologia da Libras

Todas as línguas naturais são orientadas por princípios organizacionais que regem sua estrutura, produção, percepção e realização. No caso das línguas orais, a fala é estruturada por sequências sonoras formadas por segmentos consonantais e vocálicos, cuja organização atende às propriedades de formação de cadeias sonoras possíveis na língua (Silva, 2009). Nas línguas visuais espaciais, os sinais se estruturam a partir da articulação entre unidades fonológicas ou parâmetros fonológicos constituintes (sendo eles, a configuração de mão, movimento, ponto de articulação, orientação da mão e expressões não-manuais) (Ferreira Brito, 2010; Quadros; Karnopp (2004), conforme Quadro 8,

Quadro 8. Parâmetros fonológicos em Libras

Parâmetros fonológicos	Sinal em Libras	Definição
		Para Stokoe (1960), os parâmetros correspondem aos fonemas, ou seja, as unidades mínimas que constituem o sinal.

Configuração de mão (CM)



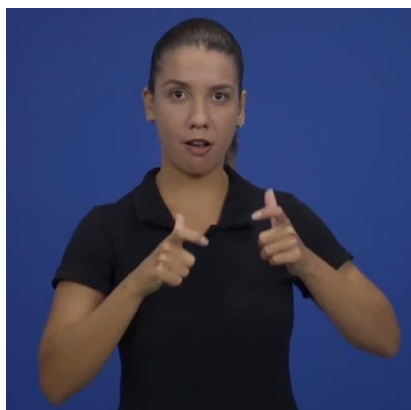
Trata-se da forma assumida pela mão durante a realização do sinal. Após o modelo fonológico desenvolvido por Liddell e Johnson (1989), indicando que os dedos médio, anelar, mínimo e indicador operam de modo coordenado e individualmente ao polegar, pôde-se verificar a existência de um “conjunto de configurações qualitativamente diferentes” (Alecrim; Xavier, 2019, p. 3). O número de CMs se difere de acordo com a perspectiva teórica adotada. Na Libras foram identificadas:

Pesquisador (ano)	Nº de CMs
Ferreira Brito; Langevin (1995)	46
Pimenta; Quadros (2006, 2013);	61
Felipe (2005)	64
Faria-Nascimento (2011)	75
Barreto; Barreto (2012)	111
NALS (2023)	143

Fonte: a autora.

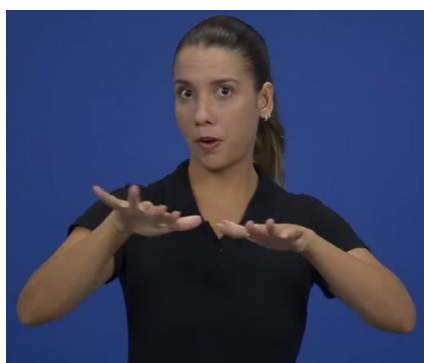
Além disso, as configurações de mãos podem variar quanto à: a) extensão ou não do polegar (b) a quantidade de dedos; (c) flexão ou não de articulações; (d) a adução (aproximação) ou abdução (afastamento) dos dedos; (e) a mudança ou não da configuração; e (f) a ordem das configurações. (Xavier et al., 2023, p. 380).

Ponto de articulação/ Locação (L)



Trata-se do ponto junto ao corpo ou espaço no qual o sinal é articulado.

Movimento



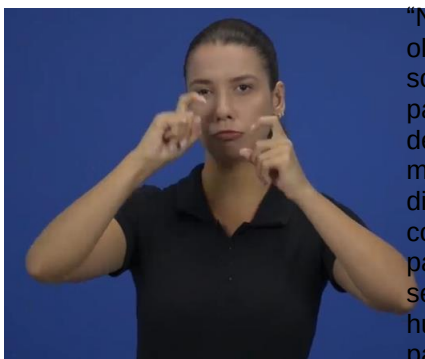
De acordo com Quadros e Karnopp (2004), o movimento pode ser considerado um parâmetro complexo em virtude da amplitude de suas caracterizações. Pode ser analisado quanto à frequência, intensidade, alternância, simultaneidade, contorno, altura, predomínio ou ausência de movimento.

Orientação da
palma
da mão



“é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 59).

Expressões
não-manuais



“Na Libras temos, além dos sinais manuais, os olhos, as bochechas, a boca, o tronco e as sobrancelhas como recursos não manuais para a construção do signo linguístico. Além deles, temos as expressões faciais não manuais *linguísticas* e as *afetivas*. A principal diferença apontada entre elas, na literatura, consiste no fato de que as primeiras fazem parte da gramática da Língua de Sinais e a segunda categoria engloba a linguagem humana, sendo incorporada à comunicação para diversos objetivos” (Pizzio et. al., 2023, p. 238).

fonte: imagens capturadas
do V-book Gramática da
Libras. Disponível em:



Fonte: a autora.

Em suma, “os termos ‘fonética’ e ‘fonologia’ referem-se à área de estudos da linguística que se ocupa da identificação e descrição das unidades e traços mínimos de uma língua que não apresentam significado autônomo” (Quadros, 2019a, p. 50), ou seja, “a fonética estuda a natureza física da produção e da percepção dos sons da fala (chamados fones), a fonologia preocupa-se com a maneira como eles se organizam dentro de uma língua, classificando-os em unidades, chamadas fonemas” (Capovilla et al., 2019, p. 1333).

Com enfoque nas línguas de tradição oral, Mori (2003, p. 149), considera a fonética como “ciência do aspecto material dos sons” já que estuda “os aspectos físicos da fala, ou seja, as bases acústicas relacionadas com a percepção, e as bases fisiológicas relacionadas com a produção”, enquanto a

fonologia se encarrega do estudo das diferenças fônicas e sua relação com as distinções de significados.

Sob o ponto de vista das línguas de sinais, Crasborn (2012, p.4), enfatiza que, enquanto “os estudos fonéticos das línguas de sinais normalmente se concentram na articulação dos sinais” e se interessa pelos elementos que possam ocasionar variações fonéticas, a fonologia se ocupa da análise da “representação mental dessas formas, identificando quais desses elementos são contrastivos, ou seja, quais deles apresentam propriedades distintivas” (Quadros, 2019a, p.49). Assim,

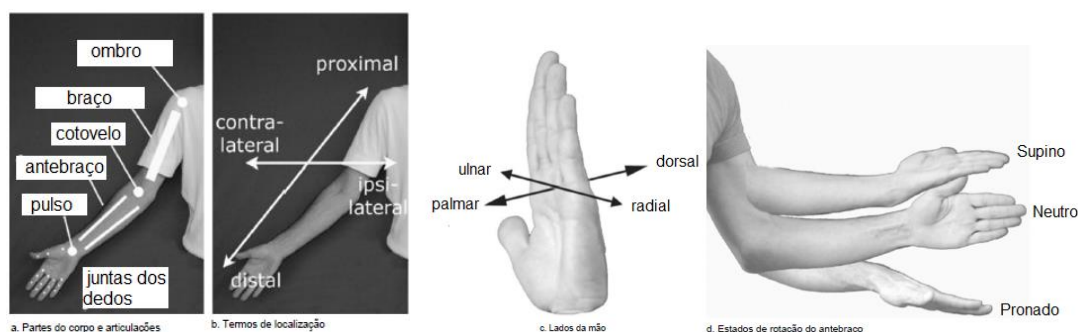
Os estudos fonológicos das línguas naturais, em geral, exploram três aspectos do significante linguístico: a contrastividade de suas unidades, as regras de combinação dessas unidades, denominadas conjuntamente de fonotaxe, e os processos fonológicos decorrentes da influência que as unidades fonológicas podem sofrer umas das outras. (Xavier; Silva, 2023, p. 151).

Esse processo se assemelha ao das línguas orais, pois, segundo Câmara Júnior (2013) no final do século XIX, o linguista russo Baudouin de Courtenay (1845-1829) criou o conceito de fonema concentrando-se na abstração psíquica do som. Sob essa concepção, considerava-se um número restrito de propriedades articulatórias e acústicas, constituindo traços distintivos de sons vocais elementares. “Com isso, cada fonema, ou seja, cada conjunto de certos traços distintivos, opõe entre si as formas da língua, que o possuem, em face de outras formas, que não o possuem, ou possuem em seu lugar outro fonema”. (Câmara Junior, 2013, p. 33).

Cada língua, independentemente de sua modalidade, possui propriedades de articulação e produção relevantes para a identificação de suas unidades fônicas distintivas, segundo um número determinado combinações possíveis. Nas línguas de sinais, segundo Quadros e Karnopp (2004), as mãos são os articuladores primários. Elas podem apresentar diferenças quanto à forma (configurações de mãos), assim como movimentos e locais do espaço e do corpo em que exerce contato, revelando, portanto, propriedades distintivas na forma fonológica, pelo modo com que são articulados os sinais. Além das mãos, “movimentos do corpo e da face também desempenham funções” (p. 51).

O estudo das funções desempenhadas pelo corpo, face e mãos em línguas de sinais, tem contribuído para descrições fonético-fonológicas cada vez mais detalhadas. De acordo com Crasborn (2012, p. 9), os modelos fonológicos, sob o ponto de vista da fonologia funcional, devem focar no nível perceptivo, ou seja, a caracterização da forma fonológica “não contém detalhes de como o movimento é executado: resta se é o cotovelo, o punho ou mesmo os dedos que se estendem para realizar o contato com a outra mão, ou ambos”. A realização fonética, por sua vez, “precisa ser caracterizada tanto no nível articulatório quanto à nível perceptivo para ser adequadamente compreendida”. Percebemos, por meio da Figura 9, a quantidade de articulações que podem estar envolvidas na constituição dos sinais e, portanto, exigem observação.

Figura 9. Articulações envolvidas na constituição dos sinais



Fonte: Crasborn (2012, p. 10)

Quadros (2019a, p. 67), afirma que ao descrever a forma fonética dos sinais considerando “categorias visuais abstratas determinadas pela percepção do movimento do corpo” Crasborn (2012) pôde analisar o envolvimento de várias partes do corpo na realização fonética, tornando a análise extremamente complexa. Brentari (2019, p. 14), ressalta que a análise, sob o ponto de vista da fonologia das línguas de sinais deve ser capaz de determinar “questões de boa formação, contraste, restrições e estrutura constituinte” e destaca a importância em observar,

se a forma é produzida ligeiramente diferente em relação a uma dada estrutura, o que acontece com a inteligibilidade? A mudança é mesmo notada? Se for, então podemos perguntar se a forma resultante é considerada um dos vários tipos. A mudança resulta em uma forma que é: (i) sem sentido (fora do sistema inteiramente), (ii) com um significado completamente diferente (um par mínimo), (iii) com um

significado relacionado (um contraste morfológico), (iv) que aparece apenas em um contexto particular (alofônico), ou (v) que identifique o usuário como proveniente de um determinado grupo demográfico (sociolinguístico)? (Brentari, 2019, p. 15).

Enquanto a caracterização fonética dispõe de modelos de descrição à nível articulatorio, a forma fonológica subjacente, portanto, é determinada à nível perceptivo, ou seja,

a descrição fonológica dos sinais centra-se tipicamente na mão: a sua forma, rotação no espaço, localização e movimento são representados no léxico. Tal especificação não contém um detalhamento articulatorio concreto, independentemente do nível de descrição (Crasborn, 2012, p. 11).

Mori (2003, p. 149), complementa os aspectos de uma descrição fonológica ao afirmar que os fones são descritos “segundo a função que eles cumprem numa língua específica, [...] diferenças de significado e a sua inter-relação significativa para formar sílabas, morfemas e palavras” /sinais. No caso dos fonemas, suas propriedades distintivas resultam na identificação de pares mínimos, ou seja, “quando o significado de dois sinais é estabelecido através da modificação de somente um dos parâmetros” (Cruz, 2016, p.62). Vejamos alguns exemplos (Quadro 9),

Quadro 9. Exemplo de pares mínimos em Libras

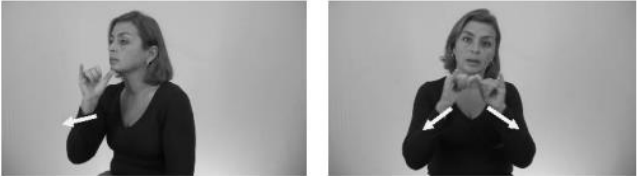


Fonte: Quadros (2019a, p. 59-61)

Atualmente, estudiosos têm se esforçado em identificar e descrever “restrições fonotáticas” (Quadros, 2019a, p. 50), ou seja, restrições quanto às combinações possíveis entre unidades fonológicas, em diferentes contextos. Embora saibamos que a internet, enquanto produto da tecnologia, expande as possibilidades de uso de recursos para a interação em Libras, é necessário considerar que “o meio linguístico afeta a organização do sistema fonológico”

(Brentari (2012, p. 22). Além disso, de acordo com Xavier (2011, p. 135), alguns fatores podem motivar a “alternância no número de articuladores manuais”, ou seja, os sinais que tradicionalmente são produzidos com uma das mãos podem vir a ser produzidos com as duas mãos e vice-versa. Dentre eles, os apresentados a seguir.

Quadro 10. Fatores que causam alternância no número de articuladores manuais

Fatores	Sinal/ situação de uso	Realização linguística
Expressividade	Pronome possessivo meu/minha aplicado na expressão equivalente a “problema meu” do português.	Varição de uma para duas mãos motivada pela ênfase na expressão facial  POSS-1 PROBLEMA POSS-1 Realização tradicional Realização motivada pela expressão facial
Processos lexicais/ Gramaticais	Verbo indicador ²¹ ‘AVISAR’	Varição de uma para duas mãos motivada pela indexação ao número de pessoas avisadas  AVISAR (uma pessoa) AVISAR (várias pessoas)
Influência do contexto fonético-fonológico	Verbo ‘PRECISAR’	Varição de duas para uma mão motivada pela articulação do sinal subsequente ocorrendo uma “coarticulação antecipatória” (p. 141)  PRECISAR PRECISAR NÃO Realização tradicional Realização motivada pelo sinal subsequente ‘NÃO’

Fonte: Adaptado de Xavier (2011, p. 135-141).

Xavier (2011) ressalta, que embora tenha elencado esses fatores, trazendo exemplos isoladamente, a variação do número de mãos pode ser

²¹ “Verbos indicadores são sinais que têm a propriedade de realizar dêixis, ou seja, de sofrer alterações em sua forma para assim apontar para pontos no espaço de sinalização associados às entidades por eles referidas” (Xavier, 2011, p. 138).

motivada pela ação associada entre eles. A Libras, em funcionamento, também pode motivar a presença de alofones. “O alofone é um dos possíveis modos de se pronunciar, no caso da língua de sinais, de sinalizar, um fonema” (Diniz, 2020, p. 453).

Diante disso, nosso propósito de análise ao observar o funcionamento da Libras na internet, sob o ponto de vista dos aspectos fonético-fonológicos, é verificar a ocorrência de distinções significativas em algumas categorias, organizadas no Quadro 11,

Quadro 11. Categorias de análise sob o ponto de vista da fonética e fonologia

Quanto à produção	Articulação	Realização
Manual: Uma (monomaneal / unificação) ou duas (bimanual)?	Simétrica ou assimétrica? Número de dedos envolvidos?	Qual a variação ocasiona na forma fonológica em relação à realização tradicional?
Quanto ao uso dos parâmetros fonológicos	Como se organizam no espaço gramatical?	Há distinções nos parâmetros durante a realização linguística? haja vista o espaço viabilizado para a sinalização e as propriedades de difusão do meio eletrônico? (Crystal, 2011; Herring, 2005).
Quanto às combinações possíveis de unidades fonológicas	Formação de pares mínimos ou identificação de alofones que, segundo Quadros (2019a, p. 58), carecem de descrições detalhadas.	Como as unidades fonológicas tradicionais se combinam no meio eletrônico? Há ocorrência de restrições fonotáticas? Quais e como ocorrem?

Fonte: a autora.

Como vimos, os sinais envolvem a combinação de parâmetros fonológicos distintos em sua constituição e são articulados por diferentes pontos do braço, das mãos e dos dedos. Envolvem ainda face e seus elementos (sobrancelhas, olhos, boca e bochechas), assim como o tronco. Utiliza-se ainda de diferentes posicionamentos, seja da cabeça, do corpo ou dos articuladores manuais. Além disso, os sinais se processam de maneiras distintas em cada língua de sinais, em cada sinalizante e a depender do contexto de uso. Do mesmo modo, os sons são realizados de modos distintos por cada membro de uma comunidade linguística e “nunca são produzidos no aparelho fonatório num mesmo ponto articulatório, eles podem estar condicionados por determinados contextos fônicos que os circundam” (Mori, 2003, p. 148).

Para que houvesse uma compreensão pormenorizada dos dois sistemas linguísticos (orais e visuais-espaciais), sob ponto de vista da fonética e da

fonologia, organizamos, os principais aspectos dessas ciências no Quadro 12, na página seguinte.

Quadro 12. Escopo fonético e fonológico das línguas orais e das línguas de sinais

		Línguas orais (Cagliari; Cagliari; Mori, 2003)	Línguas de sinais (Quadros; Karnopp, 2004)
Fonética	Objeto de estudo	Os sons da fala independentemente da função que eles possam desempenhar em uma determinada língua.	O conjunto de signos visíveis, cujas propriedades físico-articulatórias e perceptivas constituem os sinais.
	Função	Descrever os aspectos físicos dos sons da fala “independentemente da função que eles possam desempenhar numa língua determinada” (Mori, 2003, p. 149).	Descrever as unidades mínimas dos sinais a partir de suas propriedades físico-articulatórias e perceptivas de configuração e orientação de mão, movimento, locação e expressões faciais e corporais. (Quadros; Karnopp, 2004, p. 81).
	Modo	Busca responder quais as propriedades e estruturas envolvidos na produção, articulação, transmissão e percepção dos sons ²²	Busca responder quais e como se organizam as propriedades físico-articulatórias e perceptivas envolvidas na produção, articulação e manifestação dos sinais.
	Métodos	Descritivo	Descritivo
	Transcrição	Os fones são transcritos dentro de colchetes [].	Os fones são transcritos dentro de colchetes [].
Fonologia	Objeto de estudo	Os sons da língua.	O conjunto de propriedades físico-articulatórias e perceptivas que constituem a sinalização.
	Função	Busca responder qual o valor sonoro de uma língua, determinando sua “função linguística” (Cagliari et.al, 2003, p. 106), em que estuda os fones segundo as “diferenças de significado e a sua inter-relação significativa para formar sílabas, morfemas e palavras” (Mori, 2003, p. 149).	“A primeira tarefa da fonologia para línguas de sinais é determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais” e “estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as variações permitidas/possíveis no ambiente fonológico” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 82).
	Modo	Interpreta os sons descritos pela fonética, a partir de modelos teóricos disponíveis.	Interpreta as propriedades físico-articulatórias descritas pela fonética, a partir de modelos teóricos disponíveis.
	Métodos	Explicativa, interpretativa.	Explicativa, interpretativa.
	Transcrição	A transcrição fonêmica, ou seja, da forma fonológica, é representada dentro de barras simples inclinadas / /.	A transcrição fonêmica, ou seja, da forma fonológica, é representada dentro de barras simples inclinadas / /.

Fonte: a autora.

²² Fonética articulatória: descreve os movimentos exercidos pelo aparelho fonador para a produção dos sons da fala. Fonética articulatória: descreve as propriedades física e acústicas na produção e propagação dos sons. Fonética acústica: descreve o modo como o ouvinte percebe o som. (Cagliari; Cagliari, 2003).

2.4 Morfologia

A morfologia é o ramo da Linguística que estuda a estrutura interna das palavras, assim como as combinações entre seus elementos constituintes. No caso das línguas de sinais, o foco de investigação se volta para a formação e estruturação dos sinais, sejam eles manuais ou não manuais. Como os sinais são equivalentes às palavras das línguas orais, podemos defini-los sob o ponto de vista dessa ciência, como “unidade mínima que pode ocorrer livremente [...] em várias posições sintáticas” (Sandalo, 2003, p. 183). Não pretendemos adentrar no mérito da discussão dos inúmeros sentidos atribuídos à palavra, sob os quais resultam diversas definições, pois sabemos que “as noções morfológicas tradicionais têm muita dificuldade para definir precisamente esse objeto gramatical” (Silva; Medeiros, 2016, p. 14), mas julgamos ser razoável considerar tal delimitação, a fim de compreendermos que,

os sinais pertencem a categorias lexicais ou classes de palavras tais como nome, verbo, adjetivo, advérbio, etc. As línguas de sinais têm um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (morfemas) são combinadas. Entretanto, as línguas de sinais diferem das línguas orais no tipo de processos combinatórios que, frequentemente, cria palavras morfológicamente complexas. (Quadros; Karnopp, 2004, p. 87).

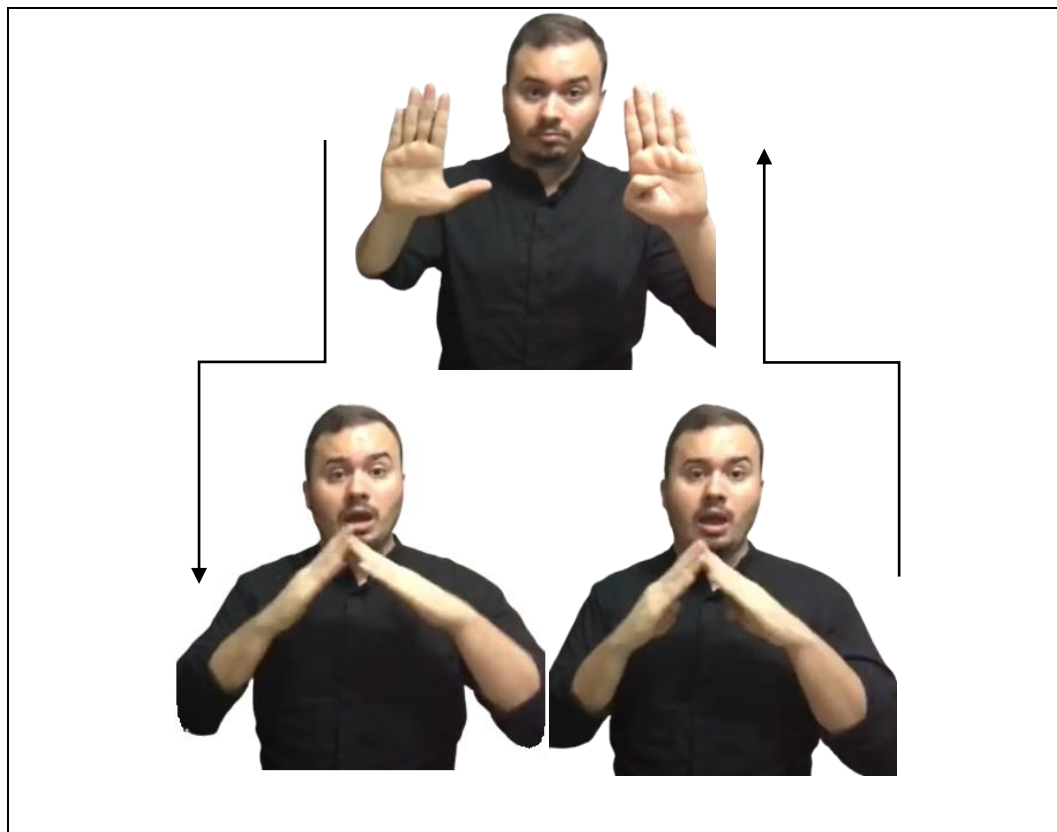
Estudos sobre categorias gramaticais das línguas de sinais contribuíram, substancialmente para o conhecimento da estrutura morfológica, ou seja, para identificação de “morfemas individuais, que podem ser sinais ou partes dos sinais; morfes e alomorfes – radicais, raízes, prefixos e sufixos –, e analisar seu significado e função lexical” (Pizzio et al., 2023, p. 176), e, para além da identificação de sinais novos na língua, compreender as mudanças ocorridas nos sinais existentes, sobretudo no contexto da internet.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 19), para conhecimento de um sinal, são necessárias algumas informações, a saber, a) “a informação fonética/fonológica (a pronúncia”, composição e segmentação dos sinais, b) “a informação morfológica (saber como o plural se forma, como o gênero é marcado, perceber a relação entre as palavras)”, c) “a informação sintática (saber onde a palavra se encaixa na estrutura)” e d) “a informação semântica (compreender o / os significados” do(s) sinais. Acrescemos a esses esclarecimentos, a importância da análise da informação e pragmática (que visa a compreender o funcionamento da

língua em diferentes contextos de uso), o que justifica em partes a argumentação das autoras quanto à existência de aspectos que não se limitam às informações semânticas e fonológicas para compreensão de uma palavra/sinal, haja vista a relação arbitrária entre as combinações sonoras ou visuais-espaciais ao significado.

De acordo com Xavier e Neves (2016), os processos de modificação de sinais se assemelham aos de flexão nas línguas orais, pois resultam em formas distintas para realização de um mesmo sinal, porém não são formados novos sinais, assim como demonstramos no Quadro 13, diferentes usos de configuração de mãos para realização do sinal CASA.

Quadro 13. Formas distintas para realização do sinal CASA



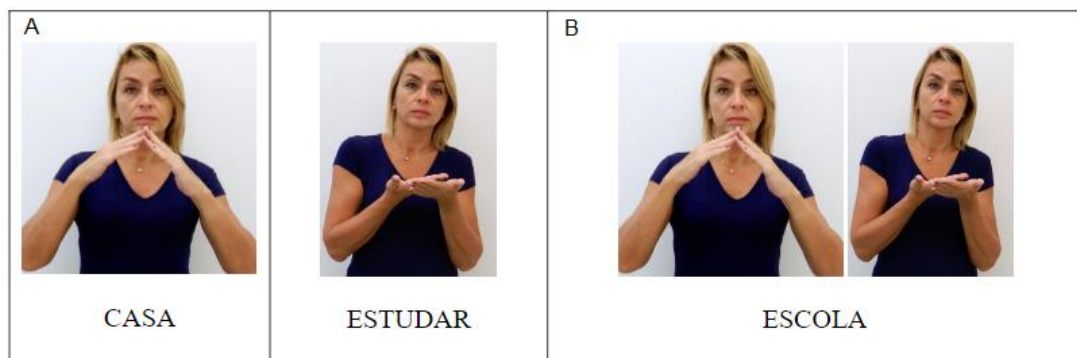
Fonte: Parente Jr (2020). Morfologia da Libras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s64Mow9vwCc>. Acesso em 30 mar. 2024.

Para os autores, sob a ótica da morfologia, os sinais na Libras apresentam mudanças em sua forma quando incorporam elementos como negação, argumento, quantidade e intensidade, mas que pouco se sabe a respeito de fenômenos de derivação e composição em línguas de sinais, porém, apontam a existência de “processos através dos quais certos sinais sofrem alteração para veicular significados tipicamente gramaticais (quantidade, negação, pessoa do discurso,

intensidade, etc.), bem como outros através dos quais novos sinais são criados” (Xavier; Neves, 2016, p. 131).

A formação de sinais compostos, ou seja, a combinação entre morfemas diferentes na construção dos sinais, apresenta grande produtividade nas línguas de sinais, sobretudo pelo fato de a modalidade possibilitar a realização de sinais de modo simultâneo. Os estudos de Rodero-Takahira (2015), demonstraram que, assim como na ASL, os sinais que participam do composto se distinguem de sua forma original. Um exemplo dessa distinção ocorre na ausência de repetição durante a realização do sinal ESCOLA, que deriva dos compostos CASA + ESTUDAR, conforme Figura 10,

Figura 10. Constituição do sinal ESCOLA



Fonte: adaptado de Xavier e Neves (2016, p. 147).

Rodero-Takahira e Scher (2020), ao investigarem o fenômeno da composição na Libras, destacam o potencial de participação de classificadores (CLs) e expressões não manuais (ENMs) lexicais para formação de compostos simultâneos. A produtividade dos classificadores também se acentua na produção de significados, em virtude de seu detalhamento imagético.

Os classificadores são estruturas das línguas de sinais que expressam visualmente as especificidades dos elementos aos quais descrevem. São chamados de descritores imagéticos por Campello (2008). Esse conceito, segundo Capovilla et al., 2019, p. 685),

diz respeito aos diferentes modos como um determinado sinal é produzido dependendo das [...] características físicas do referente como tamanho, forma, intensidade ou movimento, dando aos sinais da língua de sinais grande realismo e flexibilidade (Capovilla et al., 2019, p. 685).

Sobre a função dos classificadores ou descritores imagéticos, Porto (2016) chama atenção para o potencial de detalhamento como transferências visuais. Felipe (2002), afirma que essas estruturas funcionam como marcadores de flexão de gênero e motivam “mudanças morfológicas e semânticas” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 93).

Na próxima seção, abordaremos sobre o processo de formação de sentenças na Libras e sobre o funcionamento das estruturas envolvidas nesse processo.

2.5 Sintaxe

A sintaxe é o ramo da Linguística que estuda a organização dos recursos disponíveis na constituição da sentença. Todas as línguas naturais, dispõem de regras para composição e combinação das unidades sintáticas, tanto em relação à ordem, concordância, coerência e estruturação dentro do nível sintático de articulação da língua.

A partir dos princípios de organização contidos em cada língua, há uma combinação entre unidades sintáticas na composição de períodos compostos, porém, a organização dos constituintes da sentença pode alterar-se, a depender do contexto de uso e função assumida por cada unidade sintática.

As unidades sintáticas compreendem estruturas com pelo menos um verbo e seus argumentos que, sintaticamente, podem representar o sujeito e o predicado da sentença. No caso das sentenças complexas, pode haver combinações de mais de uma unidade sintática formando unidades oracionais complexas. No nível da interpretação, uma ou mais unidades sintáticas podem compreender uma proposição configurando os enunciados. (Quadros et al., 2023, p.25)

Negrão, Scher e Viotti (2010, p.89), afirmam que “as sentenças das línguas naturais não são formadas por sequências lineares de itens lexicais. Elas são formadas a partir da estruturação hierárquica de seus constituintes”, por isso, embora possamos intuir sobre a organização das sentenças, a partir de nossa competência linguística, será a relação entre os constituintes da sentença, em concordância com sua função e dimensão contextual de uso, que motivará sua organização.

Lillo-Martin, Hill e Wood (2019), afirmam que o foco informativo atribuído pela organização discursiva, interfere na plasticidade da língua, ou seja, na proeminência da realização linguística, possibilitando ou não, variações. A língua americana de

sinais (ASL), é considerada pelos autores como uma língua “[– plástica]” por “permitir que a palavra que recebe o foco informacional ocorra na posição final da oração”. (Lillo-Martin; Hill; Wood, 2019, p. 59).

O foco informacional, portanto, induz à mudança, de ordem sintática, entre o sujeito gramatical (S), o verbo (V) e o objeto (O). Lillo-Martin, Hill e Wood (2019, p. 57-59), observam que as combinações possíveis, de ordem básica seriam “SOV, SVO, VSO, VOS, OVS e OSV”, porém, ao analisar as combinações possíveis desses elementos em ASL, a partir da frase “o cachorro mordeu meus sapatos”, levando em consideração o contexto de uso e o foco informativo, notaram que a ordem “VSO não é permitida, pois é considerada agramatical em qualquer construção possível”, o que justifica a necessidade de análise, levando em consideração o caráter funcional da mensagem.

Sob o ponto de vista da funcionalidade, a necessidade de sistematizar e convencionar terminologias para representar, conceitual e visualmente em Libras, construções amplamente conhecidas na língua portuguesa, tem contado com a colaboração de muitos estudiosos, sobretudo, linguistas sinalizantes nativos da Libras. Destacamos, nessa tarefa, os estudos de Moreira (2018; 2021) nesta tarefa, ao criar uma Unidade Terminológica Conceitual (UTCt), como forma de conceituar a relação sujeito, verbo e objeto, dentro do sistema de transitividade verbal, conforme demonstramos por meio da Figura 11,

Figura 11. Representação da UTCt para transitividade verbal



Fonte: Moreira, 2021, p. 58.

Segundo Moreira (2021, p. 59), a unidade conceitual contribui para que “aprendizes Surdos de português como L2 consigam compreender os argumentos que entram na construção e no funcionamento de um sintagma ou oração”. Além

disso, deve-se considerar a “experiência lógica da LSB e como ela funciona nas relações cognitivas dos Surdos para pensar nessa estrutura que é capaz de construir, organizar e apresentar funcionalmente a estrutura sintática do português para este público” (Moreira, 2021, p. 59).

De acordo com Quadros e Royer (2019), na Libras, os constituintes da sentença se articulam de modo distinto das línguas orais. A partir da integração entre componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos, podem ser encontrados fenômenos como o “encaixamento” ou subordinação, parataxe ou coordenação, e hipotaxe. Vejamos as características de cada um desses fenômenos linguísticos, demonstradas no Quadro 14:

Quadro 14. Tipos de orações em Libras

Parataxe/ coordenação	Hipotaxe	Subordinação/ encaixamento
Neste caso, a relação entre as orações se estabelece pelo sentido e pela relevância.	Há uma relação de interdependência, em que uma das orações funciona como adjunto (circunstância) da oração primária, contribuindo para coesão do discurso.	Há dependência entre as orações.
Não apresenta encaixamento	Não apresenta encaixamento, pois uma das orações funciona como adjunto da oração principal.	Apresenta encaixamento, ou seja, a oração auxiliar traz informações que completam a oração principal.

Fonte: adaptado de Hopper e Traugott (1993, p. 170)

Quando à relação estabelecida entre as orações, não se limita à distinção tradicional entre coordenação e subordinação, então, ocorre o fenômeno de gradiência, cujos fenômenos de articulação entre orações são de ordem semântica.

Os pesquisadores Tang e Lau (2012) expõem os desafios dos pesquisadores em línguas de sinais, sobretudo por se tratar de línguas relativamente jovens, se comparadas às línguas de tradição oral, ao descrever as regras estabelecidas no funcionamento das orações complexas, o que justifica a escassez em produções científicas sobre o uso de conjunções em línguas de sinais. Os autores citam a adoção de recursos de justaposição de orações e o uso de expressões não-manuais em substituição ao uso de conjunções em línguas de sinais.

Estudos recentes sobre a gramática da Libras, publicados em V-book, organizados por Quadros (2021), demonstram várias organizações sintáticas observadas na Libras, conforme demonstramos no Quadro 15, a seguir:

Quadro 15. Organização das sentenças em Libras

Tipos de organização sintática		Como se apresentam		Exemplos/ Aplicações
Paratáticas	Paratáticas/ Coordenadas justapostas	São construções sintáticas que dispensam qualquer intersecção. Se dispõe uma ao lado da outra e são consideradas autônomas, porém, se associam por relação semântica. A ordem deste tipo de sentença não pode ser alterada para que não haja interferência no sentido da oração.		Marcadas na Libras por expressões não-manuais: movimentos de tronco, acenos e inclinação de cabeça, elevação de sobrancelhas, franzimento da testa, movimento da boca, abertura dos olhos.
	Paratáticas/ coordenadas marcadas por conectivos	Podem apresentar dois tipos de organização sintática: interligadas por conjunções (de caráter sintático) ou por justaposição (de caráter semântico-pragmático)		Exemplos de conectivos presentes na Libras: MAS, OU, DEPOIS, É, TAMBÉM, POR ISSO, PRONTO, dentre outros.
Hipotáticas	Causais	Pode ser de ordem conclusiva ou explicativa a depender do foco informacional, em que o segundo evento se relaciona com o primeiro por ação temporal, por causa, efeito ou sucessão.		Na Libras, marcados por orações justapostas, indicando causa ou explicação a partir de termos como PORQUE, POR ISSO e marcadores prosódicos não-manuais como <i>mouthing</i> (articulação labial), arqueamento da sobrancelha e franzimento da testa (indicando informações causais).
	Comparativas	A relação entre as sentenças se estabelece por comparação.	Marcadas em Libras pelos sinais: PARECE e IGUAL.	
	Condicionais	Sentença condicional: A relação entre as sentenças é estabelecida por uma ação de consequência condicional , ou seja, um período está condicionado à ação do outro, e o limite entre uma sentença e outra é marcado obrigatoriamente por uma marcação	Condicionais factuais: A sentença primária apresenta uma possibilidade real para a consequência apresentada na segunda. Além dos marcadores manuais e não-manuais, podem ser utilizada alternância manual.	Condicionais factuais: Marcações não manuais: arqueamento de sobrancelhas e inclinação da cabeça marcando o limite entre uma oração (ação real/ verbo) e outra sentença (consequência). A separação entre as sentenças é marcada por uma breve pausa, em alguns casos

		não-manual, enquanto o sinal manual é opcional. Na Libras a ordem da sentença condicional não pode ser alterada, deste modo a condição sempre vem antes da consequência.	Sentença condicional contrafactual: o primeiro período expõe fatos que já aconteceram (passado) e portanto, a consequência (oração subordinada) indica algo que não pode ser revertido. No primeiro período pode ser usado advérbios temporais como: ONTEM, ANTEONTEM, MÊS PASSADO, ANO PASSADO, dentre outros.	marcada pelo piscar dos olhos * Sinais manuais opcionais que podem ser utilizados: SI, POR EXEMPLO, ENTÃO (gesto), SIGNIFICA. Exemplo: “SIM MEU CELULAR QUEBRAR/ VOU COMPRAR UM NOVO” (Quadros, 2021, t. 18m54s-18m56s). Condicionais contrafactuais: O limite entre as sentenças pode ser expresso pelo sinal POR EXEMPLO e não-manuais: sobrelanceada arqueada e inclinação da cabeça.
	Finais (ou de finalidade)	São sentenças justapostas que se relacionam a partir de um propósito ou finalidade.	Não há sinal lexical que marque os limites entre uma e outra sentença, porém apresenta sinais não-manuais como olhos semicerrados e elevação do queixo, marcando o início da oração subordinada de finalidade. Exemplo: “Amanhã ele vem para ensinar vocês como editar” (Quadros, 2021, t.28m10s-28m14s). Neste caso, a segunda oração se constitui como hipotática de finalidade).	
	Temporais	Sentenças marcadas por acontecimentos situados em momentos específicos do tempo. Neste caso, a segunda sentença traz informações que já foram marcadas na linha do tempo, dentro da primeira sentença.	Hipotaxe temporal simultânea: os acontecimentos dentro da oração principal ocorrem simultaneamente aos descritos/sinalizados na segunda oração. (marcada pelo posicionamento do corpo e direcionamento da cabeça). Sentença hipotática não simultânea: Os eventos da segunda oração não são demonstrados ao mesmo tempo aos da primeira oração. Geralmente marcado pelos sinais: PRONTO, FIM e marcações não manuais: franzimento da testa e acirramento dos olhos. Exemplo: “Eu aprender PRONTO, professor de matemática” (Quadros, 2021, t.31m49s-31m52s).	
Subordinação/ encaixamento	Encaixadas substantivas	Tanto em orações simples quanto complexas, a transitividade verbal regerá a estrutura da oração, enquanto toda o restante funcionará como predicado. As orações encaixadas assumirão uma função de argumento à oração principal, constituindo a organização sintática. Há, portanto, uma relação de	A oração principal e subordinada pode articular-se com ou sem uso de conectivo. Um dos conectivos que podem estar presentes é O QUE. Em situações em que é empregado o verbo AJUDAR, direcionado para o próprio sinalizante, indicando que o sujeito da oração foi ajudado, dentro da oração principal,	

		dependência entre as orações.	precisará de um complemento dentro da oração subordinada que funcione como complemento.
	Encaixadas relativas	A oração subordinada/encaixada funciona como adjetivo da oração principal, trazendo características ou informações particulares na segunda oração.	Apresenta marcação não manuais através do movimento do corpo, inclinação da cabeça

Fonte: Quadros (2021). Disponível em: <https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/gramatica/index.php>. Acesso em 05 maio 2023.

De acordo com Quadros (2021, t. 04m49s-05m02s), em línguas de sinais, as orações paratáticas coordenadas se articulam, predominantemente, sem a presença de um conectivo. Assim, a relação entre as orações ocorre por meio de justaposição, a partir de critérios semânticos e pragmáticos, ou seja, as orações podem associar-se por relação de sentido e uso, segundo o foco informacional, e não necessariamente por um conectivo expresso por sinal manual.

A Gramática da Libras (2021) apresenta três tipos de orações paratáticas coordenadas: (a) conjuntivas, (b) disjuntivas e (c) adversativas. As orações do tipo conjuntivas se referem aos conectivos articulados pelo uso de marcadores não-manuais, marcados pelo movimento do tronco, da cabeça, piscar de olhos, indicando os limites de cada oração. (Wilbur, 1974; Hermann, 2010; Pfau, 2010; Zorzi, 2018 apud Quadros, 2021, t. 09m24s).

Nas orações paratáticas coordenadas do tipo disjuntivas, os limites da oração são apresentados tanto pelas expressões não-manuais, quanto pela incorporação do sujeito, contribuindo para expressão da ação dos personagens e do modo como ocorre a prática linguística. (Quadros, 2021).

Já as orações paratáticas coordenadas adversativas podem ser marcadas tanto pelo uso de conectivos em sentenças justapostas, quanto por marcadores não-manuais, nesse último caso, podendo alternar o uso do espaço durante a incorporação do sujeito, apresentando repetições na sinalização – reinteração/retificação (Quadros, 2021). Apresentamos, por meio da Figura 13, alguns exemplos de variações de uso do conectivo 'MAS', presentes, principalmente nas orações paratáticas,

Figura 13. Variações de uso do conectivo 'MAS'



Fonte: (Quadros, 2021, t. 21m38s-21m40s).

Disponível em: <https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/gramatica/videos/Cap%C3%ADulo%204%20-%20Senten%C3%A7as/4.5%20Tipos%20de%20parataxe-coordena%C3%A7%C3%A3o.mp4>

De acordo com Quadros (2021), os estudos de Zorzi (2018) e Tang e Lau (2012) foram importantes para demonstrar que, a organização paratática coordenada, nas línguas de sinais, é expressa pelo uso de marcadores não-manuais e apresentam um uso reduzido de conectivos, causando ambiguidade na interpretação do uso de conjunções ou disjunções. Um dos caminhos para desambiguar a leitura, segundo a autora, pode ser por meio de pistas prosódicas ou lexicais. Diante disso, dada a variabilidade de uso de expressões não-manuais e a importância do foco informacional, conforme vimos anteriormente, se desmitifica o caráter invariável e uniforme da organização sintática, sob o qual são estabelecidos,

princípios gerais que se apliquem de maneira uniforme a um tipo de sentença, independentemente do contexto particular em que ela foi enunciada. Portanto, sua análise não vai poder se basear nas variáveis de contexto, que são inúmeras, e, por essa razão, resistem a uma generalização. O que a sintaxe vai fazer é investigar a possibilidade de a ambiguidade de uma sentença [...] estar associada a diferentes estruturas. (Negrão; Scher; Viotti, 2010, p. 93).

Além disso, os novos contextos de realização linguística, cada vez mais aliados aos ambientes eletrônicos, possibilitam novas interpretações sobre a organização sintática e outros níveis de articulação da língua que, sob o caráter funcional e pragmático de uso, podem apresentar novos arranjos em meio à multisssemiose das páginas eletrônicas.

3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE LINGUÍSTICA

O objetivo desta seção é apresentar as teorias que orientam as proposições organizadas nesta tese. Entendemos por teoria, “o conjunto de conceitos e noções, perspectivas e filiações que sustentam, fundamentam um campo disciplinar” (Dias, 2018, p. 159).

O objetivo de uma teoria linguística, segundo Crystal (2011, p. 135), “é determinar as características da linguagem humana e estabelecer princípios gerais para o estudo de todas as línguas”. Embora essa máxima não se altere, o autor afirma que a internet nos fornece um novo domínio de investigação que tem demonstrado grande impacto sobre as línguas, tanto em termos de uso e realização linguística, quanto em termos metodológicos e epistemológicos.

Diante disto, é importante destacar que não pretendemos, a partir do aporte teórico e metodológico, encontrar padrões de uso para a Libras no contexto da internet, dada a inconstância, volatilidade e dinamicidade do meio eletrônico, mas sim, demonstrar como a Libras tem se manifestado na internet e variado a partir dos casos selecionados para composição do corpus de análise.

3.1 A Linguística Aplicada

A Linguística Aplicada, doravante LA, é a “ciência que estuda a linguagem em uso em diferentes contextos e com diferentes objetivos comunicativos e interacionais” (Battisti, 2017, p. 12). Esse campo disciplinar surgiu na década de 1940, como alternativa de produção de conhecimento sobre o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, dada a urgência de ensino de línguas àqueles que estavam “no front de batalha” (Ribeiro; Coscarelli, 2023, p. 18).

Embora o caráter inicial da LA fosse propor intervenções a demandas relacionadas ao ensino e à aprendizagem da língua em sala de aula, outros contextos passaram a ser delegados a seu escopo que, por efeito de seu aspecto social, também reverbera em sala de aula.

Moita Lopes (2009, p. 23), ao tratar sobre as mudanças na concepção e no direcionamento de pesquisas em LA, afirma que “fazer pesquisa nesse campo pode ser uma forma de repensar a vida social”, assim, não apenas a teoria é atualizada, mas a compreensão sobre os modos com que ocorrem as práticas sociais de

diferentes comunidades linguísticas. Nesse caso, voltadas para fala, escrita e interação em Libras.

Além de tornar o olhar mais atento às mudanças globais, a LA também ajuda o pesquisador a agir, criticamente, sobre elas. Descrever o funcionamento de um sistema linguístico de modalidade visual-espacial na internet, se faz uma oportunidade de entender parte dessas mudanças globais e sobretudo, de demonstrar quais mecanismos de adaptação a essas mudanças têm sido necessárias. Além disso, se volta para um grupo minoritário, considerando sua “realidade emergente global” (Kumaravadivelu, 2006, p. 135).

A relação entre língua(gem) e tecnologia, na contemporaneidade, mobiliza tópicos importantes para a LA, especialmente ao tratar do uso de recursos dinâmicos para comunicação e interação. No caso desta pesquisa, a LA nos fornece subsídios teóricos e metodológicos de diversos ramos da Linguística para análise de textos videossinalizados na internet, (como a Linguística da Internet, conforme veremos na próxima seção), a fim de nos proporcionar leituras sobre o funcionamento e adaptabilidade da Libras, no meio eletrônico. A relação entre textos, culturas, línguas e tecnologia exigem considerações aplicadas, pois “se o texto é mutante e mutável, o processo de produção que lhe dá origem também o é, além da leitura que o atualiza” (Ribeiro, 2021, p. 11).

3.2 A Linguística da Internet

No decorrer da história, a tecnologia, proveniente do grego *τέχνη* (tékhne), foi perdendo seu caráter técnico e instrumental. Marshall McLuhan (1969), na obra “Os meios de comunicação como extensões do homem”, afirma que a tecnologia eletrônica, desenvolvida a partir da associação entre recursos mecânicos e a energia elétrica, no contexto industrial, passou a ser percebida como extensão física do homem e de seu sistema nervoso por interferir na percepção do mundo.

No contexto da tecnologia digital, houve a hibridização na linguagem comunicacional entre máquinas, espaços físicos e seres humanos, possibilitando a transformação de códigos em sons, imagens e textos ao mesmo tempo em que os seres humanos disponibilizam muitas das funções cognitivas para o bom funcionamento de páginas e sistemas computacionais. (Wiener, 1961).

A íntima relação entre os seres humanos e os recursos tecnológicos associados à comunicação se vincularam, de tal modo, que passaram a tornar

difusa sua dissociação. Sob esse aspecto, Pierre Lévy (1993), destaca que o agenciamento de interfaces, definido por ele como “estabelecimento de contato entre meios heterogêneos” (p. 176) ressignificou a relação entre homens e máquinas e sobretudo, com as redes. Em um de seus exemplos, sobre a aplicação de interfaces relacionadas a um livro, o autor externaliza sua visão sobre a conectividade entre as partes constituintes de um texto cultivada pela tradição escrita,

O que é um livro? Uma sociedade de palavras? Certamente, mas estas palavras encontram-se materializadas, conectadas, apresentadas e valorizadas junto ao leitor por uma rede de interfaces acumulada e polida pelos séculos. Caso se acrescente ou se suprima uma única interface à rede técnica da escrita em um dado momento, toda a relação com o texto se transforma. (Lévy, 1993, p. 180).

O fortalecimento e inovações do sistema *world wide web* (www), principalmente a partir da década de 1980, possibilitou a incorporação de “uma avançada capacidade gráfica, tornando possível captar e distribuir imagens pela Internet, bem como várias técnicas de interface importadas do mundo da multimídia” (Castells, 2003, p. 18).

Após décadas de desenvolvimento, a internet provou ter um papel preponderante no desenvolvimento e na transformação das linguagens. Alguns aspectos são proeminentes: fomento de uma literatura crescente; mensagens de texto que ajudam – em vez de atrapalhar – os padrões de alfabetização; o fortalecimento da língua franca²³; o uso de textismos (Crystal, 2008), impactando habilidades linguísticas; o multiculturalismo linguístico, entre outros.

A emergência de um novo ramo de uma disciplina acadêmica não ocorre com frequência, porém a chegada e o desenvolvimento da Internet tiveram um impacto tão grande nas línguas, influenciando e interferindo no uso da linguagem (Akujobi; Eze, 2021), que cientistas da linguagem viram a necessidade de reconhecer e explorar o escopo de estudo do que viria a ser a Linguística da Internet. Tal fato é fundamentado, principalmente, na distinção da linguagem em uso na internet com as modalidades da fala, escrita e sinalização. Além da multimodalidade e multissemiose que sustentam os processos de interação na internet, há evidentes efeitos

²³ Segundo Lopes e Baumgartner (2019), a língua franca, cujo uso iniciou no bojo de comunidades europeias do século XII para fins comerciais, pode ser definida como um sistema linguístico compartilhado entre falantes de idiomas distintos, sendo adotado como elo intercultural e comunicacional para finalidades e contextos específicos.

sociolinguísticos, psicossociais e cognitivos associados à produção e recepção de linguagem na internet (Cope; Kalantzis, 2009).

Um dos primeiros linguistas a atentar para tal mudança e propor um novo ramo teórico para a Linguística foi o britânico David Crystal, por isso, esta seção se alicerça majoritariamente nas proposições teóricas do autor. Crystal considera a definição de Linguística da Internet (LI), “o nome mais conveniente para o estudo científico de todas as manifestações da linguagem no meio eletrônico. Ela fornece o foco necessário, em comparação com a comunicação humana como um todo”²⁴ (Crystal, 2011, p. 2) e possibilita,

a análise sincrônica da linguagem em todas as áreas de atividade da Internet, incluindo e-mail, os vários tipos de interação em salas de bate-papo e jogos, mensagens instantâneas e páginas da web, incluindo áreas associadas de comunicação mediada por computador (CMC), como mensagens SMS (mensagens de texto). (Crystal, 2005, p. 1).

A LI, surge, portanto, da observação da interferência das novas tecnologias no uso da língua e da necessidade de resolução de possíveis problemas de comunicação, em virtude dessa interferência, exigindo a caracterização de um novo ramo da Linguística, já que “os modelos teóricos disponíveis já não [davam] conta dos dados observados” na internet (Crystal, 2013, p. 19).

A LI fornece subsídios teóricos e metodológicos para análise de textos em circulação no meio eletrônico. De acordo com Crystal (2011), esse novo ramo teórico surgiu como meio de se estabelecer um equilíbrio entre “o estudo das propriedades formais da linguagem da Internet e o estudo de seus propósitos e efeitos comunicativos” (p. 4), pois, embora o meio ofereça possibilidades de uso de ferramentas para construção, armazenamento, compartilhamento e difusão de dados, sejam eles, orais, sinalizados ou escritos, esses dados estarão susceptíveis tanto aos aspectos formais da linguagem escrita tradicional e da comunicação face a face, quanto aos recursos multimodais, multiculturais e multissemióticos provenientes das propriedades formais do meio eletrônico em que estiverem inscritos, tornando-se dados com combinações híbridas (Tagliamonte; Denis, 2008). Entretanto, isso não significa que os modos tradicionais de fala e escrita

²⁴ No original: “I find Internet linguistics the most convenient name for the scientific study of all manifestations of language in the electronic medium. It provides the required focus, compared with human communication as a whole” (Crystal, 2011, p. 2).

permanecerão inalterados, pois necessitam adaptar-se ao contexto de circulação da internet, a fim de atender seus propósitos comunicativos.

Embora a LI tenha uma grande área de atuação, há um limite para os estudos nesse campo. Os linguistas não poderiam contribuir profissionalmente para os debates que ocorrem sobre os perigos sociais, psicológicos, legais e outros associados à internet. Esses são temas na alçada de sociólogos, psicólogos, fisiologistas, educadores, advogados e estudiosos de outras áreas. Eles não fazem parte de uma Linguística da Internet, embora as colaborações da Linguística Aplicada com esses outros domínios provavelmente se mostrem esclarecedoras (Crystal, 2011, p. 6-7).

Desde o início da década de 2000, David Crystal se propõe a escrever sobre as manifestações da linguagem na internet, mas seu envolvimento e perspicaz observação do meio eletrônico teve início na década de 1980, no exercício de suas funções profissionais. Ao escrever a obra *Language and the Internet* (2006), motivado pelos novos modos de interação por meio de blogs e mensagens instantâneas, Crystal se concentrou nas características estilísticas das páginas da web a fim de identificar variedades linguísticas presentes no meio eletrônico.

A observação da “Netspeak”, termo cunhado por Crystal (2006, p. 20) para se referir a “um tipo de linguagem que exhibe recursos exclusivos da internet [...] decorrentes de seu caráter como meio eletrônico, global e interativo”, reforçou a ideia de que a internet não apresentava apenas novas variedades linguísticas e sim novas dinâmicas de comunicação.

Na obra *Internet Linguistics: a student guide*, Crystal (2011), realiza um detalhamento minucioso da comunicação no meio eletrônico, fazendo apontamentos fundamentais sobre o desenvolvimento de pesquisas linguísticas, em todos os níveis de estratificação da língua, como a constituição do corpus, questões éticas, procedimentos de coleta e análise de dados e incorporação metodológica. Embora se concentre nos exemplos que se voltam para as línguas de tradição oral, Crystal (2011) reconhece a necessidade de estudos sobre sistemas linguísticos complexos como as línguas de sinais e chama atenção para o fato de que as propriedades da linguagem da internet “estendem e limitam as formas pelas quais podemos operar na linguagem falada, escrita e sinalizada” (Crystal, 2011, p. 136).

Desde então, outros estudiosos têm desenvolvido trabalhos na área (e.g. Davis; Brewer; Brewer, 1997; Macfadyen; Roche; Doff, 2004; Goda, 2004; Ling, 2005; Ling; Baron, 2007; Crystal, 2008; Baron, 2010; Sun, 2010; Fu, 2018; Zaiets et

al., 2021, entre outros) interessados, principalmente, em estudos de sintaxe, semântica e morfologia da internet, os meios de transmissão (fonológica, grafológica, multimídia), o discurso e a pragmática na internet e, enfim, a interface da área com ciências tradicionais como a sociolinguística e a psicolinguística.

A LI se estabelece ante a diversos desafios apresentados pelo desenvolvimento da internet e consequências vinculadas a fatores contextuais que afetam decisivamente a comunicação humana (Crystal, 2011). Os desafios mais importantes para as pesquisas linguísticas, são resumidos no Quadro 16, a seguir:

Quadro 16. Desafios da Linguística da Internet

Categorias	Desafios
Dados (<i>Big Data</i>)	A Internet agora contém mais linguagem escrita do que todas as bibliotecas do mundo juntas. Além disso, o conteúdo informativo aumenta rapidamente à medida que mais partes do mundo ficam online, o armazenamento cresce (principalmente por vídeo, por meio de redes como o <i>YouTube</i>) e a Internet falada se torna rotina.
Diversidade	É difícil encontrar generalizações linguísticas que se apliquem confortavelmente à linguagem da Internet como um todo.
A velocidade da mudança	Os estudos linguísticos da internet sempre correm o risco de ficarem desatualizados assim que são escritos e publicados.
Especificidade sem precedentes	Com raras exceções, tem sido impossível identificar o momento preciso em que uma nova palavra ou sentido chega a uma língua. Esse tipo de especificidade cronológica terá muito mais relevância com a necessidade de compreender constantes mudanças linguísticas.
Inacessibilidade e confiabilidade dos dados	Questões de confiabilidade e representatividade social ainda precisam ser totalmente exploradas. Alguns domínios, como mensagens de texto, permanecem indefinidos, especialmente idiomas, além do inglês. A literatura de pesquisa é caracterizada por muita especulação teórica, mas relativamente poucos estudos empíricos.
Anonimato	Normalmente, os linguistas se esforçam muito para estabelecer os fatores situacionais que motivam ou condicionam o uso da linguagem: idade, gênero, classe social, etnicidade etc. Operar por trás de falsas personas parece tornar as pessoas menos inibidas: elas podem se sentir encorajadas a falar mais e de maneiras diferentes de seu repertório linguístico do mundo real.
Ética	Que tipos de permissões são necessárias para o uso de dados da Internet? Os linguistas precisam cuidar para que seus procedimentos de coleta de dados sejam robustos com relação à questão da propriedade.
Outputs	Os novos tipos de linguagem introduzidos pela tecnologia (<i>blogs, tweets, facebook, whatsapp, YouTube, email, sms, chats, etc.</i>)

Fonte: a autora conforme (Crystal, 2011).

Além desses desafios, o fato de que a internet exhibe recursos dinâmicos para escrita, leitura, fala, comunicação e interação e os modos distintos de uso e incorporação desses recursos à linguagem, reforça a ideia de que novas dinâmicas de interação social têm se constituído e que o uso da linguagem na internet não corresponde aos usos tradicionais de fala, escrita e interação, como abordaremos a seguir.

3.2.1 Internet como mídia mista: a ressignificação da escrita e da fala

A comunicação na internet, configura projeções promissoras para análise do processamento da linguagem a partir da noção de meio. De acordo com Crystal (2011, p. 17), “o meio eletrônico torna a linguagem da Internet diferente daquela encontrada em outros meios e, se encontrarmos diferenças, é fundamental examinar por que elas existem”. Sob o ponto de vista dos estudos linguísticos, o meio pode ser definido como o canal pelo qual a linguagem se processa,

(ou *modalidade*, em alguns estudos) – para a fala, o meio fônico (ar); para a escrita, o meio gráfico (marcas em uma superfície); para sinalização, o meio visual (movimento da mão e expressão facial). Agora temos uma quarta dimensão da comunicação linguística – um meio eletrônico ou digital. (Crystal, 2011, p. 17).

O “mundo da Internet”, conforme Crystal (2005, p. 79), suplanta as regras de escrita, convencionalmente, ensinadas na escola, e de fala, ao ser mediada por telas. Além disso, outros aspectos são envoltos no uso, interação e comunicação nesse meio, como aspectos temporais, multimidiáticos, multiculturais, multilinguísticos, alterando, dentre outros aspectos, a relação comunicativa entre emissor e receptor, além das regras tradicionais de interação face a face.

Há distinções fundamentais da escrita e da fala no meio eletrônico. Tais alteridades nem sempre são tão evidentes, ou mesmo aplicáveis a todos os outputs. Por exemplo, quanto à escrita, a Figura 14 exemplifica que alguns *outputs*, como textos científicos, enciclopédia digital, dicionários online, entre outros, apresentam nenhuma ou pouca mudança estilística com a escrita tradicional. O mesmo não ocorre para textos como *email*, *sms*, *chats* etc., os quais, exibem várias das principais propriedades da fala.

Figura 14. Variedades de escrita na internet



Fonte: a autora

Dentre os textos escritos que se aproximam da fala, destacam-se as propriedades de:

- tempo governado com exigência ou expectativa de produção e resposta imediata;
- texto transiente, ou seja, as mensagens podem ser excluídas imediatamente ou perder a atenção à medida que são roladas para fora da tela;
- urgência e força energética característicos da conversa cara a cara.

No que se refere à fala, há também propriedades únicas promovidas pela interação na internet (Crystal, 2011):

- há sempre um atraso entre a transmissão e a recepção da mensagem, o que nega a simultaneidade da conversa face à face;
- quando a dimensão visual está ausente, as mensagens instantâneas se aproximam do “dar e receber” dinâmico de uma conversa, embora não tenham a propriedade de *feedback* simultâneo.
- nos grupos de bate-papo, embora a pressão sobre os indivíduos para responder ainda exista, ela é menos forte porque a responsabilidade é compartilhada; e
- em fóruns de redes sociais não há dinâmica obrigatória baseada no tempo, embora muitos participantes respondam prontamente às mensagens recebidas.

Embora o uso da língua atrelado às ferramentas e recursos dinâmicos de comunicação e interação da internet tenham se mostrado promissores aos estudos da linguagem quanto ao letramento e multiletramentos (Buzato, 2012; Rojo, 2013; Freire, 2021), ensino e aprendizagem de línguas (Araújo; Leffa, 2016; Montes, 2016; Goettert, 2023), acessibilidade linguística (Goes, 2019;), incorporação de novas práticas de escrita e leitura ao ambiente escolar e acadêmico (Marcuschi, 2010b; Ribeiro, 2016), expansão da força política e social de línguas (Corrêa; Cruz, 2019), modos de manifestação da linguagem no meio eletrônico e implicações para a re(significações) das noções de texto, língua e linguagem (Marcuschi; Xavier, 2010; Marcuschi, 2010a; Crystal, 2006; 2008; 2011), não se sabe ao certo como os sistemas linguísticos de modalidade visual-espacial, se realizam no meio eletrônico.

O que se pode afirmar é que independentemente da modalidade, para que atinjam seus propósitos comunicativos, os falantes necessitam do desenvolvimento

de estratégias de reorganização e acomodação dos sistemas linguísticos ao meio eletrônico, como resposta às “regras dos aplicativos ou dos ambientes e plataformas em que [os] textos serão publicados, o que guarda relação com os gêneros textuais” (Ribero; Coscarelli, 2023, p. 45). Além disso,

um interactante para alcançar uma meta cultural particular é provável iniciar um texto a partir de um gênero particular, e este texto é provável se desdobrar em uma forma particular – mas o potencial [de escolhas para construção de significados em dada cultura] está inerente na relação dialógica entre linguagem e contexto. Logo, a relação entre um texto e suas condições de produção passa necessariamente pelo contexto em que é produzido e no qual será negociado. Isso significa dizer que há uma relação dialética, interna e dinâmica entre texto e contexto. As escolhas linguísticas constroem o contexto social em que o texto é negociado, ao mesmo tempo em que são determinadas por esse mesmo contexto. Portanto, um não opera sem o outro. (Santos, 2014, p. 169).

Assim, as características “relativamente estáveis” dos gêneros, em conformidade com Bakhtin (2016, p. 12), que possibilitam ao leitor reconhecer, classificar e utilizar textos, passam a ganhar novas composições, organizações e formas de apresentação, tais como cores, tipos de letras, formatos, dimensões, direções e ordens distintas, apresentando novas interseções entre texto e o meio eletrônico. Além de novas possibilidades de replicação ou reprodução a depender do software ao qual estiver veiculado. Esses recursos não se limitam aos textos escritos, mas também à conversação e à interação, conforme explica Recuero (2014),

As ferramentas de comunicação mediada pelo computador, inicialmente, suportavam apenas a linguagem escrita [...]. Com a apropriação para a conversação, essa linguagem precisou ser adaptada. Em outras palavras, ela precisou incorporar formas de indicar elementos que são essenciais para a tradução da língua escrita em língua falada, como elementos que dão dimensão prosódica da fala e elementos não verbais, como gestos e expressões. Sem esses elementos, a fala seria extremamente ruidosa no espaço online (Recuero, 2014, p. 45).

No caso da Libras, essas adaptações ainda não foram devidamente avaliadas, entretanto, algumas pistas teóricas, nos direcionam para possibilidades adaptativas quanto ao uso do espaço (Quadros, 2019b), quanto à construção de marcas prosódicas (Leite, 2008), quanto à diferentes modos de construção de sentido (Rudge, 2018).

Squires (2010), lembra, ainda, que a linguagem na internet é carregada por pressupostos ideológicos, fruto do contexto histórico e sociocultural, sobre as características linguísticas de seus falantes, já que não correspondem aos padrões

formais e convencionais (institucionalizados). O motivo dessa discrepância em relação aos modos tradicionais de fala, escrita e interação, é, justamente, a necessidade de acomodação das línguas ao meio eletrônico, segundo suas propriedades formais, a fim de atender suas finalidades e propósitos comunicativos (Crystal, 2011).

Não é interesse desta pesquisa discorrer sobre a dialética ideológica que circunda o imaginário social sobre as variedades linguísticas presentes na internet, entretanto, entendemos que tais sentidos podem inferir sobre o (des)prestígio de determinadas variedades linguísticas. Além disso, enfatizamos que a falta de conhecimento sobre o funcionamento de um sistema linguístico, sobretudo de modalidade distinta dos de tradição oral, pode afetar os significados projetados sob as línguas e seus falantes (nesse caso, sinalizantes), o que motiva o desenvolvimento desta pesquisa.

Admitimos ser audaciosa a tarefa de observar, teorizar e descrever línguas (visual-espaciais) tão fascinantes e que apresentam aspectos gramaticais que necessitam de aprofundamento no campo de estudos linguísticos. Sobre isso, limitações teóricas nos são apresentadas, devido à longa tradição de estudos no campo das ciências humanas e sociais de se concentrar em investigações voltadas para as línguas escritas e orais, impactando o exame de categorias exclusivas de línguas de modalidade visual-espacial, como vimos ao longo das seções.

Outros efeitos da comunicação pela internet que precisariam ser analisadas na interação em Libras são os efeitos: (a) da “contagem de palavras e tempo” (limitações de tempo em vídeo e limitações de caracteres em texto escrito), de modo geral, isto reduz as opções gramaticais e gráficas e amplia o uso de *emoticons* e outros símbolos, abreviaturas e linguagem implícita; (b) da economia e da velocidade que incide na definição e tratamento de erros canônicos e implica o uso de corretores e tradutores automáticos; e (c) da variabilidade de funções comunicativas, em diversos *outputs* (e.g., *instagram*, *facebook*, *TikTok*, etc.), proporcionando usos linguísticos diferentes para finalidades discursivas distintas.

O Quadro 17, a seguir, apresenta algumas das propriedades do meio eletrônico, tais como links de hipertexto, persistência, autoria múltipla, *feedback* simultâneo, o uso de Emoticons, GIFs, figurinhas, memes e conversas múltiplas e apontamos, conforme Crystal (2011), as principais distinções de seus efeitos sobre a fala e a escrita tradicionais. Além disso, apresentamos os desafios de pesquisa

propostos pelo autor e oferecemos alguns questionamentos sobre tais categorias que incidem sobre a Libras.

Quadro 17. Propriedades formais da internet e questionamentos sobre a Libras

ESCRITA			
Categorias	Principais diferenças entre a modalidade online e o tradicional	Desafios e interesses de pesquisa conforme Crystal (2011),	Questionamentos sobre línguas de sinais
Links de Hipertexto	- A hipertextualidade é a propriedade funcional mais fundamental da Internet, sem a qual o meio não existiria; - As motivações para acessar os hiperlinks não são totalmente claras. Em alguns casos, os cliques são obrigatórios ou acidentais; - <i>Links</i> entre sites são parciais e muitas vezes não são recíprocos.	Precisamos perguntar quão relevantes ou informativos são os links em uma página, e essas são questões linguísticas. Para Berners-Lee e Fischetti (1999, p.133), a web “é mais uma criação social do que técnica [para] ajudar as pessoas a trabalharem juntas”. Como devemos lidar com questões de organização do discurso e a audiência – pela pragmática, estilística e sociolinguística?	- Como pode ocorrer a sinalização de hiperlinks? - Como o hipertexto pode ser incorporado às línguas de sinais? - Como pode ocorrer a quebra de linearidade²⁵ na topicalização, característica fundamental do hipertexto?
Persistência	- Conteúdo dinâmico e animado. Uma página na web, geralmente, varia. Seu conteúdo factual pode mudar diante de nossos olhos; - <i>Outputs</i> exibem diferentes tipos de persistência;	Em todos os casos, o texto pode ser modificado com uma facilidade e indetectabilidade que não é possível quando as pessoas tentam alterar um texto tradicionalmente escrito.	- A persistência é um fator considerado na interação por meio das línguas de sinais? Como? - De que forma a longa e a curta persistência pode alterar a produção de sinais na criação do enunciado?

²⁵ Segundo Marcuschi (1999, p. 22), a noção de linearidade de um texto é quebrada quando sua estrutura convencional é rompida, assim como o que espera dele. Segundo o autor, as estratégias de linearização de um texto se referem principalmente à (i) adoção de um sistema linguístico e adequação a seus níveis de construção sintática, semântica, pragmática; (ii) o modo como a informação é organizada ou “estocada num dado meio” (p. 31) e, (iii) o modo com que se dá o controle de acesso e seleção de informações do texto. Sendo esse último, o fator com maior distinção entre textos tradicionais e emergentes, já que “o controle fica por conta do leitor que agirá de acordo com suas necessidades e em função de suas condições cognitivas ou interesses específicos” (Marcuschi, 1999, p. 32).

Autoria múltipla ou multiautoria²⁶	- Os textos ficam pragmaticamente heterogêneos, pois as intenções por trás das várias contribuições variam muito; - Tópicos sensíveis: observações e contribuições variam, de leve a moderada, a grave; - A autoria múltipla também perturba nosso senso de identidade física de um texto.	A situação está começando a se assemelhar à prática dos escribas medievais, onde não havia dois manuscritos idênticos. A terminologia tradicional (por exemplo, 'primeira edição', 'segunda edição' etc.) demonstra ser inadequada, mas ainda não está claro o que colocar em seu lugar. Textos de vários usuários publicados em locais como <i>Wikipedia</i>, ou a própria integração de um texto autoral com inteligência artificial estabelecem uma tradição onde o conceito de autoria múltipla ganha espaço.	- As línguas de sinais, na interação face a face, são centradas no sinalizante, devido à dinâmica particular de controle de turno²⁷. Sendo assim, como o fenômeno da autoria múltipla afeta a representação da experiência na internet? - De que forma as ferramentas e recursos online podem promover a multiautoria de textos em sinais?
FALA			
<i>Feedback</i> simultâneo	Quando não há <i>Feedback</i> simultâneo: - Não há necessidade de muitos marcadores discursivos (MDs) de monitoramento da conversa: vocalizações (como <i>mhm</i> e <i>é mesmo?</i>), movimentos faciais e gestos; - Na fala face a face, os falantes notam <i>feedbacks</i> do interactante e modificam sua fala de acordo; - Pode haver atraso de <i>feedbacks</i> (problemas de conexão, entre outros); - Vídeos podem ser imediatamente apagados em alguns <i>outputs</i>, antes da visualização. É a	Os linguistas precisam explorar as consequências disso. Se os usuários da Internet não podem contar com <i>feedback</i> simultâneo de seus interlocutores, que efeito isso tem na maneira como eles usam a linguagem?	Alguns escritores sugerem que a falta desses recursos é uma das razões pelas quais tantas interações na Internet são percebidas, erroneamente, como abruptas, frias, distantes ou antagônicas. Isso também ocorre na interação sinalizada? - Como a ausência de <i>feedbacks</i> pode alterar a interação na modalidade visual espacial? - Para as línguas de sinais, o uso de marcadores discursivos de monitoramento de interlocução é muito usual. De que forma pode ocorrer o funcionamento da Libras em realidade online?

²⁶ A escrita na internet evidencia constantemente um fenômeno de multiautoria que atinge seu extremo em páginas do tipo *wiki*, onde os leitores podem alterar um texto existente, conforme sua inclinação. O processo levanta questões sociais e jurídicas importantes, mas também tem várias consequências linguísticas.

²⁷ Segundo os pressupostos de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), entendemos por turno a ação de tomada e gerenciamento comunicativo mantida pelo falante/sinalizante em situação de interação. Corresponde à um aspecto fundamental da organização da interação e está sujeito à alternância entre os envolvidos.

	possibilidade de “correção imediata”.		
Emoticons, GIFs, figurinhas, memes, etc.	- Os novos símbolos que substituem ou complementam o discurso pelo significado atitudinal; - Arte criativa com papel semântico variado; - Muito depende dos recursos do <i>output</i> em que se dá a interação; - O multiculturalismo e o <i>trending</i>²⁸ desempenham um papel fundamental na comunicação.	Há também fatores sociolinguísticos e estilísticos que restringem nosso uso desses símbolos. Será que quanto mais sério o conteúdo, menos emoticons? Ou quanto mais formal a interação, menos emoticons? Existe uma correlação entre o uso de emoticons e idade, sexo ou etnia? Precisamos de mais estudos sobre quem usa esses símbolos, quando, onde e por que, em cada tipo de atividade na Internet.	- Como cada um desses elementos visuais e gráficos podem ser empregados na interação sinalizada, online e presencialmente? - De que forma esses usos ampliam ou restringem a linguagem sinalizada? - Qual a representatividade desses elementos grafo-visuais para a caracterização da cultura surda? - Como a comunicação combinada a esses elementos afeta a inscrição de surdos na cultura midiática?
Conversas múltiplas	- Multiplicidade de conversas e tópicos simultâneos; - Conversas de configurações de partes múltiplas em tempo real. Nós verificamos as mensagens de outros participantes rolando a tela: pode haver várias conversas em andamento, sobre diferentes tópicos, e podemos atender e responder a todas elas, dependendo apenas do nosso interesse, motivação e capacidade de digitar.	Quantas outras estratégias desse tipo existem? Precisamos de mais estudos sobre as técnicas que os interactantes usam para manter seu senso de organização do discurso em conversas envolvendo múltiplos participantes.	- De que forma pode ocorrer conversas múltiplas na interação sinalizada na internet? - Que sinais foram criados ou reorganizados para atender a tais necessidades comunicativas?

Fonte: a autora.

De modo geral, as línguas naturais assumem (como demonstra o Quadro 17) “necessidades especiais de comunicação na internet, portanto, caracteriza-se pela rápida inovação e rápida disseminação e tem as características de popularidade, criatividade, brevidade e vivacidade”²⁹ (Sun, 2010, p.110). A Libras, como língua natural, não ficaria imune a tais transformações, o que nos motiva a verificar como a modalidade visual-espacial se realiza junto às novas dinâmicas de fala e escrita e

²⁸ Atualmente popular ou amplamente discutido on-line, especialmente em sites de mídia social.

²⁹ No original: “*special needs of internet communication; therefore, it is characterized by fast innovation and quick spread and has the characteristics of popularity, creativity, brevity and vividness*” (Sun, 2010, p.110).

interação no contexto da internet. Cada uma das categorias elencadas no Quadro 17 e sua relação com a Libras serão discutidas na seção analítica desta tese.

Crystal (2011), indica as seguintes variáveis associadas ao meio eletrônico, com base no trabalho de Susan Herring (2005).

Quadro 18. Variáveis associadas ao meio eletrônico (facetas sociais e tecnológicas)

Facetas Tecnológicas	Sincronicidade	se a atividade opera em tempo real (<i>sincrônico</i>) ou não (<i>assíncrono</i>).
	Granularidade	a natureza das unidades transmitidas pelo sistema, sejam mensagens, caracteres ou linhas
	Tamanho	número de caracteres que um buffer do sistema permite em uma única mensagem
	Canais	os canais multimídia envolvidos (gráficos animados, vídeo, áudio)
	Identidade	se as mensagens são anônimas ou identificadas
	Público	se as mensagens são públicas ou privadas
	Adaptação	se o sistema permite que o conteúdo seja filtrado, citado ou modificado
	Formato	a aparência das mensagens na tela, incluindo variáveis como a ordem em que aparecem, sua localização em relação a outras mensagens e se outras informações são anexadas automaticamente
	Persistência	o período que as mensagens permanecem no sistema.
Facetas Sociais	Estrutura de participação	o número de participantes ativos ou potenciais em uma interação, a quantidade que eles dizem, a velocidade com que eles dizem, se estão interagindo em particular ou em público, e na vida real ou pseudovida.
	Características dos participantes	a gama usual de fatores identificados pelos sociolinguistas como relevantes para a análise da linguagem, como idade, sexo, educação, formação cultural, crenças e habilidades profissionais
	Finalidade	o(s) motivo(s) de uma mensagem, seja enviada por indivíduos seja por grupos (por exemplo, jogar um jogo, anunciar um produto, ensinar um idioma)
	Atividades	os modos pelos quais o objetivo é alcançado (por exemplo, usar texto, enviar fotografias, adicionar som, fornecer um fórum)
	Tópico	o tipo de conteúdo considerado relevante ou apropriado para uma mensagem (conforme a referência comum a uma mensagem ser 'fora do tópico')
	Tom	a maneira ou o espírito de uma interação (por exemplo, sem emoção, jocoso, agressivo, persuasivo)
	Normas de organização	como os participantes se organizam (por exemplo, controlar o conteúdo por meio de um moderador, admitir novos membros, distribuir mensagens)
	Normas de adequação social	os padrões comportamentais aceitos pelos participantes (por exemplo, diretrizes de etiqueta, filtros de spam)
	Normas de linguagem	as convenções linguísticas reconhecidas pelos participantes (por exemplo, uso de abreviaturas, piadas internas, grafias fora do padrão)
	Código	o(s) idioma(s) ou variedades linguísticas usadas pelos participantes, faladas ou escritas (ou seja, incluindo scripts e fontes)

Fonte: a autora (Crystal, 2011, p. 33-34; Herring, 2005, p. 612-634)

À essas variáveis nos referimos como facetas sociais e tecnológicas, cuja interferência nos textos videossinalizados ainda não foram listados, tampouco avaliados seus impactos em ocorrências de uso. Embora saibamos que nem todas as variáveis possam ser identificadas nos textos do corpus selecionado, elas nos servem de padrão para estabelecer as dimensões de campo (de que assunto trata o texto), relação (como se relacionam os interactantes) e modo (como se organiza o

texto) e assim determinar quais variáveis e propriedades do meio eletrônico afetam o uso da Libras e seu funcionamento na internet.

3.3 A Linguística Aplicada da Internet

O surgimento da Linguística Aplicada da Internet é resultado da necessidade de expansão do domínio teórico e metodológico acerca de uma preocupação antiga da LA, a relação entre línguas, culturas, sujeitos e tecnologias e as práticas sociais de escrita, leitura e interação. Essa relação, associada aos usos dinâmicos de ferramentas e recursos da internet, confirma as projeções realizadas pelo grupo de professores de inglês, conhecidos como *New London Group*, que se reuniu, na década de 1990, para tratar, dentre outros tópicos, do impacto das “novas mídias” nos textos e modos de leitura e escrita (Ribeiro; Coscarelli, 2023, p. 45).

A interferência do uso da internet nos modos tradicionais de escrita, fala e sinalização, embora tenha início no meio eletrônico, não se limita a ele, mas se expande para diversos campos e esferas sociais. A capa do livro na Figura 15 é um exemplo de que as dinâmicas de comunicação por meio de ferramentas da internet se estendem ao cotidiano de uso da linguagem escrita fora do ambiente eletrônico,

Figura 15. Semiose presente na capa de um livro



Fonte: Bates (2016)

A capa, além de trazer detalhes gráficos de ícones comuns ao meio eletrônico e que incorporam aspectos da multimodalidade, também faz menção a profissões

(embora informais), muito exercidas por jovens da contemporaneidade, os famosos *youtubers* e *digital influencers*, produtores de conteúdos para as redes sociais da internet, que, sob diferentes propósitos, geram popularidade e renda através de suas postagens. A própria ausência de regulamentação formal para a profissão já nos diz muito sobre a discrepância entre as inovações do meio eletrônico e as alternativas para sua incorporação social, gerando, dentre outras pautas, muitos debates no mundo real.

Figura 16. Tópicos sobre problemas do mundo real associados à internet



Fonte: Regulação das redes sociais. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/262550-regulacao-redes-sociais-caminhos-brasil.htm>. Acesso em 10 abr. 2024.

Questões éticas nas redes sociais. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/06/etica-profissional-nao-pode-ignorar-as-redes-sociais.shtml>. Acesso em 10 abr. 2024.

Fato ou Fake?. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/>. Acesso em 10 abr. 2024.

Sob o ponto de vista da Linguística, a concepção aplicada da internet surge a partir de questionamentos sobre novas formas de interação e comunicação por esse meio. A Linguística Aplicada da Internet torna-se, portanto, uma ramificação importante da LI. De fato, um equilíbrio precisa ser mantido entre o estudo das propriedades formais da linguagem da internet e o estudo de seus propósitos e efeitos comunicativos.

Para Baron (2010), à medida que as descobertas descritivas e teóricas se acumulam, uma Linguística Aplicada da Internet é definida na pesquisa de soluções para problemas de linguagem encontrados pelos vários usuários da internet, como, por exemplo, em buscas, publicidades eletrônicas, segurança online, *fake news* etc. Hoje, grande parte das pesquisas sobre a linguagem da internet já é motivada por considerações aplicadas.

O interesse pelas formas de manifestação da linguagem na internet por pessoas surdas e a necessidade de produção de dados empíricos no campo de estudos da linguagem têm motivado pesquisadores a engajarem-se na observação das interações no meio eletrônico relacionadas a esse público. Em um estudo recente, desenvolvido por a Schlindwein e Rocha (2023), foram selecionados dois canais do sítio online *YouTube*, gerenciado por sujeitos surdos, como forma de retratar, discursivamente, a ocorrência de práticas translíngues, ou seja, práticas de uso da língua que utilizam de diversos recursos semióticos e linguísticos como meio de superar concepções políticas, ideológicas e socioculturais estabilizadas, conforme definem as autoras. Nele, as autoras apontam para associações entre estruturas da Libras, do inglês e do português, sobretudo representadas na forma escrita.

Resende (2012), Silva e Xavier (2024) se empenharam em analisar o processo de assimilação na Libras, que se caracteriza pela mudança de determinada unidade fonológica motivada pela assimilação de características de outra unidade. A pesquisa de Silva e Xavier (2024) foi viabilizada pelo acesso a uma quantidade expressiva de vídeos produzidos e disponibilizados no *YouTube* por um sujeito surdo, constituindo o corpus de análise dos pesquisadores.

Isso nos mostra que a internet tem sido promissora para investigação de manifestações linguísticas por diferentes propósitos e que, embora “não [sejam] poucas as situações em que os surdos enfrentam problemas em seu cotidiano relacionados à acessibilidade da comunicação” conforme explica Goetttert (2019, p. 133), novas estratégias de amenização de problemas como esse têm sido oportunizadas por meio de pesquisas, já que a internet tem se mostrado um campo profícuo e oportuno para incorporação de práticas de linguagem sinalizadas, favorecendo, sobretudo, a participação social de pessoas surdas e a visibilidade sobre as línguas de sinais.

A Linguística Aplicada da Internet contribui para refletirmos, criticamente, sobre as práticas sociais emergentes e sobretudo, sobre o modo com que se constituem, estabelecem sua relação com a língua e são determinadas pelo contexto nas situações sociais. Além disso, se volta para grupos minoritários, tornando-os protagonistas em qualquer meio, inclusive, no meio eletrônico. Como parte significativa da LA, a Linguística Sistêmico-Funcional sensibiliza o olhar do pesquisador para modos particulares de produção de significados na/pela língua, como veremos na próxima seção.

3.4 A Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é uma ciência inaugurada por Michael Halliday, na década de 1970, e implementada por uma série de pesquisadores (Martin, 1985; Hasan, 1989, Halliday; Matthiessen, 2004; 2014, Eggins, 2004, Thompson, 2004). O reconhecimento do envolvimento da linguagem em todos os domínios da vida humana, seja na gestão de nossas experiências, nos relacionamentos interpessoais, ou no modo com que sistematizamos textualmente os recursos linguísticos, conduziu esse grupo de pesquisadores a desenvolver a LSF. “Trata-se de uma teoria de descrição gramatical, uma construção teórico-descritiva coerente que fornece descrições plausíveis sobre o como e o porquê de a língua variar em função de e em relação com grupos de falantes e contextos de uso” (Gouveia, 2009, p. 14).

Tratar sobre a LSF, exige pensar no uso eficaz e contextualizado da língua(gem) como forma de atingir propósitos comunicativos em situações reais de uso. Sob o ponto de vista dessa ciência, a língua é um sistema semiótico, composto por uma rede de possibilidades de escolhas linguísticas sob as quais os significados são construídos.

A gramática, portanto, é considerada como “unidade central de processamento da linguagem, a base onde os significados são criados” (Santos, 2014, p. 167). Ela, somada ao contexto de uso da língua, oferece as possibilidades de escolhas de recursos linguísticos “que os falantes fazem frente a outras que poderiam ter sido feitas” (Cunha; Souza, 2011, p. 28). Tais recursos permeiam os estratos semântico, fonológico/grafológico e lexicogramatical da língua, a fim de compor, a partir de um repertório linguístico, as construções que melhor atendam as intenções dos falantes e seus propósitos comunicativos.

Fuzer e Cabral (2014, p. 19) explicam que se trata de uma teoria “sistêmica” justamente por entender a língua “como redes de sistemas linguísticos interligados” e “funcional”, porque a maneira como os significados se materializam na estrutura da língua depende das “funções que a linguagem desempenha em textos” e deriva da combinação de três estruturas com funções independentes: as estruturas de “representação (significado como conteúdo); troca (significado como forma de ação) e mensagem (significado como relevância para o contexto)” (Cunha; Souza, 2011, p. 28).

Essas estruturas, segundo Halliday e Matthiessen (2014), se configuram na arquitetura da linguagem como *metafunções*, ou seja, como forma de demonstrar “a funcionalidade intrínseca à linguagem” (p. 31), a saber: (i) metafunção ideacional (que expressa os significados da experiência), (ii) metafunção interpessoal (se refere aos significados criados a partir das relações sociais), (iii) metafunção textual (significados mobilizados em decorrência do contexto). Isso significa que “tudo o que expressamos linguisticamente quer dizer ao mesmo tempo: alguma coisa (ideacional); dita a alguém (interpessoal) de algum modo (textual)”, conforme explicam Silva e Ikeda (2013, p. 6), pautados em Halliday (1994). Trataremos na subseção 3.4.1 a 3.4.3 sobre cada um dos modelos estabelecidos pela LSF, segundo cada metafunção.

Nesta tese, o objetivo principal é caracterizar como as categorias de fala, escrita e interação com surdos afetam a realização linguística da Libras no contexto da internet, além de apresentar uma descrição sobre o modo como a Libras tem incorporado as propriedades do meio eletrônico à sua experiência de linguagem. Para isso, optou-se por utilizar os pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), com ênfase na metafunção ideacional e interpessoal.

As três metafunções da LSF, conforme proposta por Halliday e discutidas nas próximas seções, abrangem as metafunções ideacional, interpessoal e textual. Cada uma dessas metafunções desempenha um papel distinto na análise da linguagem. No entanto, para o escopo desta pesquisa, a análise será centrada nas metafunções ideacional e interpessoal. Essa decisão baseia-se no interesse específico em demonstrar as variações da representação da experiência e interpessoalidade entre a sinalização presencial e aquela realizada por meio digital.

Embora a metafunção textual seja igualmente importante na análise linguística, sua seção na fundamentação teórica desta tese é reduzida. Isso ocorre por dois motivos principais:

- o foco da pesquisa, com o objetivo principal de analisar as variações na representação da experiência (metafunção ideacional) e interpessoalidade entre a sinalização presencial e digital; e
- as limitações de escopo, pois abordar todas as metafunções com igual profundidade resultaria em uma análise excessivamente extensa e possivelmente dispersa. Ao concentrar-se nas metafunções ideacional e interpessoal, a pesquisa pode oferecer uma análise mais detalhada e focada.

Nas subseções a seguir, apresentamos cada uma das metafunções.

3.4.1 Metafunção Ideacional

A metafunção ideacional é o domínio da linguagem sob o qual são sistematizados os significados da experiência, ou seja, aqueles que representam a relação entre o sujeito e o mundo interior (consciência) e exterior (o que se passa no mundo físico, ao redor do sujeito). (Halliday, 1994). Tal relação envolve processos e participantes “quem faz o quê” e circunstâncias “onde, quando, como, por que” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 41). Os processos também definidos por Cunha (2011) como,

elementos responsáveis por codificar ações, eventos, estabelecer relações, exprimir ideias e sentimentos, construir o dizer e o existir, realizam-se através de sintagmas verbais. *Participantes* são os elementos envolvidos com os processos, de forma obrigatória ou não [...] *Circunstâncias* são as informações adicionais atribuídas aos diferentes processos, as quais se realizam por meio de advérbios ou sintagmas adverbiais (Cunha, 2011, p. 68).

Esses elementos se estabelecem no sistema de transitividade da linguagem, que é o âmbito da gramática, onde a forma linguística é determinada no domínio da oração (responsável por sistematizar fatos e eventos). A “transitividade apresenta um evento sob ângulos diferentes, [...] bem como os modos pelos quais a interpretação do leitor é orientada em determinada direção” (Oliveira, 2014, p. 31). A linguagem é constituída por seis tipos de processos: materiais, comportamentais, mentais, verbais, relacionais e existenciais.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 213), “cada tipo de processo constitui um modelo ou esquema para construir um domínio particular de experiência”, segundo a organização sistematizada no Quadro 19,

Quadro 19. Características e organização dos processos

		Função	Subtipos de orações	Exemplos de verbos	Participantes
Processos na LSF	Materiais	Interpreta e representa mudanças no fluxo de eventos (fazer e acontecer).	Criativas (a oração indica a existência do participante)	Escrever, fazer, desenhar, pintar, criar, produzir, formar	Obrigatório: Ator (quem pratica a ação) Opcionais: Beneficiário - recebedor (recebe bens) ou
			Transformativas (indica mudança de aspectos que envolvem o participante)	Amarrar, amassar, fechar, limpar, cortar, formar, abrir.	

					Cliente (se recebe serviços) Meta (quem sofre a ação). Escopo (expressa o alcance do processo, porém não é afetado por ele).
Comportamentais	Caracterizam comportamentos na ação verbal. Podem estar na fronteira entre material e mental.	Fronteira material	Levantar, sentar, dançar.	Obrigatório: Comportante (realiza o comportamento) Opcional: Alcance (extensão do processo)	
		Fronteira mental	Observar, assistir, olhar, sonhar.		
		verbal	Argumentar, discutir, tagarelar.		
		Fisiológicos	Chorar, suspirar, acenar, bocejar, respirar, soluçar.		
Mentais	Representam mudanças no fluxo de eventos que ocorrem em nossa consciência.	Emotivas	Gostar, amar, alertar, afligir, temer, sofrer.	Experienciador	
		Cognitivas	Estudar, estimar, lembrar, julgar.		
		Perceptivas	Escutar, provar, reparar, vislumbrar.		
		Desiderativas	Aspirar, desejar, planejar, tentar.		
Verbais	Apresentam “relações simbólicas construídas na consciência humana e encenadas na forma de linguagem, como dizer e significar” (Hallyday; Matthiessen, 2014, p. 215).	Atividade	Alvo: Acusar, elogiar, insultar. Fala: falar, conversar.	Obrigatório: Dizente (humano) Opcionais: Receptor (para quem é a mensagem) Alvo (de quem se fala). Verbiagem (conteúdo da mensagem)	
		Semiose	Neutro: Dizer, contar.		
			Identificação: convencer, prometer, informar.		
			Comando: exigir, rogar, ameaçar.		
Relacionais	Estabelecem relação e atributos aos elementos de uma oração. Apresentam características e identidades dos seres representados. Podem ser do tipo Atributivos: “Isso é ótimo”; ou Identificativos “Isso é uma cadeira”	Intensivas	Ser, estar	Portador e atributo	
		Possessivas	Ter, possuir, pertencer.	Identificado e identificador	
		Circunstanciais	É, será		
Existenciais	Representam acontecimentos	Neutras	Existir, restar, surgir, ocorrer.	Existente	

		ou algo existente.	Marcas de circunstâncias	Sucedor, resultar, estar, surgir.	
			Abstratos	Vigorar, florescer.	

Fonte: a autora, a partir de Halliday; Matthiessen (2014) e Fuzer; Cabral (2014).

Aliadas aos diferentes processos e participantes estão as circunstâncias que, por sua vez podem expressar maneira, causa, tempo, espaço, localização (lugar), grau, extensão, ângulo, matéria, contraste, intensidade, papel, assunto (Halliday; Matthiessen, 2004, 2014).

Rudge (2018), descreveu, em sua pesquisa de doutorado, como os significados são construídos na Língua Britânica de Sinais (LBS), sob o ponto de vista da LSF. O autor demonstrou que a seleção de recursos não manuais afeta não só os limites da oração, mas engendra um modo particular (sobretudo em relação ao funcionamento dos parâmetros linguísticos) de construção de significados em um sistema de modalidade visual-espacial, tanto na codificação de aspectos da experiência e da realidade, quanto no gerenciamento de comunicação e produção de textos de modo eficaz.

A pesquisa de Rudge (2018) fornece subsídios metodológicos para análise de outros sistemas de modalidade visual-espacial, dada sua amplitude e detalhamento e demonstra que a LSF é uma teoria ideal para descrição de sistemas linguísticos altamente complexos, como os de modalidade visual-espacial, dada a eficiência de aplicabilidade do modelo a qualquer dimensão do sistema semiótico da linguagem humana. Ao focar na metafunção ideacional, a pesquisa pode revelar nuances significativas sobre como a Libras incorpora elementos do meio eletrônico, modificando e adaptando a representação da experiência.

A seguir, apresento detalhes de cada um dos processos explicados pela perspectiva de análise da BSL.

3.4.1.1 Processos Materiais

De acordo com Thompson (2014), os processos materiais são de fundamental importância e envolvem ações físicas como: correr, arremessar, coçar, cozinhar e se sentar. A definição clássica de verbo como uma ação prática se adequa bem a essa categoria de processos.

Rudge (2018), ao analisar os processos materiais da *British Sign Language* (BSL), observou que essa categoria engloba o uso de sinais totalmente lexicais,

como abrir, crescer, saltar, andar, pintar, pegar e fazer, além de sinais lexicais parciais e outras estratégias discursivas, como estruturas representacionais. Mais de um terço dos processos analisados por Rudge são classificados como materiais, e cada oração inclui pelo menos um participante, denominado "executor" do processo, ou Ator.

Na sinalização, a execução de disposições substantivas é influenciada pelo foco comunicativo. Quando o foco está nas trajetórias de deslocamento dos Participantes ou Atores, as orações estruturam representações de movimento. Se a atenção se concentra em uma ação corporal específica de um dos participantes, essa ação é representada como uma ação construída. Caso contrário, as orações materiais empregam sinais verbais totalmente lexicais (Rudge, 2018).

De acordo com Rudge (2018), a ação construída é uma construção linguística usada para representar uma ação ou série de ações em uma narrativa ou conversa. Envolve o uso de expressões faciais específicas, movimentos corporais e outros marcadores não-manuais para transmitir uma sequência de eventos ou ações. Bernardino et. al (2020) reforçam o fato de que uma ação construída obedece a regras de elaboração, onde o sinalizante representa a ação em seu próprio corpo, processo chamado pelos autores de incorporação de referente, pois parte da perspectiva do sinalizante, enquanto o movimento de deslocamento, sugerem que se utilize um classificador de entidade.

Na representação da experiência, aquele que executa a ação é chamado de Ator, e todo processo material possui um Ator, mesmo que ele não seja explicitamente mencionado na oração. Os processos materiais podem ser categorizados em dois tipos: aqueles que envolvem apenas Atores e aqueles que também afetam ou são realizados "sobre" outros participantes. O segundo participante é denominado Meta, pois a ação é direcionada a esse participante de alguma forma. Esses termos são mais claros quando os Atores são humanos e a Meta (se presente) é inanimada (Thompson, 2014).

Rudge (2018) também observa que o número de participantes influencia a complexidade dos processos materiais. A presença de dois ou mais participantes adiciona complexidade à sinalização e demanda mais informação semântica.

O Quadro 20 ilustra um exemplo básico de processo material com dois participantes, baseado nos dados do estudo de Rudge (2018). Embora a Meta possa ser dividida pelo processo material, ele pode ser posicionado no final da estrutura sem alterar seu significado. O Ator é indicado por um sinal de apontamento

(representando o falante, ou seja, a primeira pessoa), uma prática comum em línguas sinalizadas.

Quadro 20. Exemplo de processo material básico com dois participantes

Manual	PT:PRO1SG ³⁰	CARRO	COMPRA	PT ³¹ -DET
Experiencial	Ator	Me-	Pr:material	-ta
Tradução	“Eu comprei aquele carro.”			
Vídeo	tinyurl.com/bslsf5-1			
Vídeo: Rudge (2018, p. 166): https://youtu.be/w7-PxhrXM8w?si=jxY1hA8GL8tKP601				
Fonte: Rudge (2018, p.166).				

3.4.1.2 Processos Verbais e Mentais

De acordo com Rudge (2018, p. 168), os processos mentais são aqueles que estruturam a consciência, em contraste com os processos materiais que organizam o mundo externo. Na BSL, os verbos mentais incluem processos como saber, pensar, querer e gostar, além de processos verbais como responder, dizer, assinar e perguntar. O autor optou por tratar os processos mentais e verbais conjuntamente devido à interconexão de suas respectivas redes de sistemas. Ambos os tipos de processos se iniciam com um participante: o Dizente e o Experienciador, respectivamente. O Dizente é o participante diretamente envolvido com o processo consciente expresso, enquanto o Experienciador é o participante que participa da comunicação, seja de forma visual, escrita ou verbal (Rudge, 2018).

De acordo com Thompson (2014), seguindo a linha de pensamento de Rudge, os processos mentais constituem uma categoria semântica válida, com uma distinção clara entre eventos no mundo externo e no mundo interno da mente. Existem muitos verbos que se referem a esses processos mentais, como pensar, imaginar, gostar e querer. Além disso, os termos Ator e, em menor grau, Meta, parecem inadequados para rotular os participantes nesses processos. Em contraste, os processos verbais apresentam uma gramática relativamente mais simples e servem como mediadores entre processos mentais e materiais: a ação de dizer algo é uma manifestação física que reflete uma operação mental. Em um extremo, os

³⁰ No exemplo, as siglas correspondem a: PT (*pointing sign*) – sinal de apontamento, PRO (*pronoun*) – pronome, 1SG (*first person, singular*) – primeira pessoa do singular.

³¹ No exemplo, as siglas correspondem a: PT (*pointing sign*) – sinal de apontamento, DET (*determiner*) pronome determinante.

processos verbais podem ser representados como facilmente adaptáveis a uma série de processos materiais.

A complexidade adicional nas sentenças verbais reside no fato de que esses processos criam uma ligação entre experiências internas e externas com relação a outros participantes. Portanto, uma oração verbal deve considerar duas alternativas: se a comunicação é dirigida ao destinatário, adicionando assim o destinatário; e se a comunicação é “dirigida” verbalmente a alguém (como uma crítica ou um elogio), adicionando um Alvo, ou se o objetivo é disseminar mais informações (Rudge, 2018).

Diversos aspectos da ação física ou propósito mental podem ser codificados em processos verbais. Por exemplo, o verbo “gritar” comunica informações sobre o volume produzido pelo falante. No entanto, os processos centrais da fala são facilmente identificáveis, pois estão associados à transmissão de informações por meio da linguagem (Thompson, 2014).

Rudge (2018, p. 169) enfatiza que, se a opção de “revelação” é escolhida na atividade verbal, os sistemas mental e verbal se alinham no sistema de Projeção. Assim, a entrada na Projeção requer a inclusão de um participante: um fenômeno mental (o que é sentido) ou um fenômeno verbal (o que é dito). Se o objetivo das sentenças for fornecer uma ideia em uma sentença mental ou uma frase em uma sentença verbal, elas serão selecionadas para projeção; caso contrário, os fenômenos ou palavras serão tratados como elementos de grupos nominais. Finalmente, se a projeção for um relato, o fenômeno ou a linguagem assumirá a forma de uma oração dependente, enquanto se for uma citação, o fenômeno ou a linguagem será apresentado como uma solicitação de diálogo construído, isto é, a personificação do dizer e do sentir.

Quadro 21. Exemplo de processo mental simples na BSL

Manual	PT:POSS1SG	PRIMEIRO	CARRO	PT:PRO1SG	AMOR
Experiencial	Fenômeno			Experienciador	Pr:mental
Tradução	“Eu amo meu primeiro carro”				
Vídeo	tinyurl.com/bslsfl6-13				

Vídeo: Rudge (2018, p. 170): <https://youtu.be/JuALvR1bJH0?si=hCYgRb3BZop5SsXT>

Fonte: Rudge (2018, p.170).

Para ilustrar, o Quadro 21 exibe um processo mental simplificado. No quadro, Experienciador e Fenômeno são marcados em negrito, contudo, o Fenômeno está proeminente no início do processo, o que reflete um efeito textual específico.

3.4.1.3 Processos Relacionais

De acordo com Rudge (2018, p. 174), o processo relacional é caracterizado por condições de "ser, ter e estar em" ou seus análogos. Em inglês, as sentenças relativas operam com dois sistemas paralelos: o modo de relação e o tipo de relação. O modo de relação define a interação entre os participantes: "atributivo", quando uma entidade é atribuída a uma classe ou categoria; e "identificativo", quando uma entidade é utilizada para identificar outra. No que diz respeito ao tipo de relação, há três categorias: codificação intensiva (existência) para relacionamentos do tipo "x é y"; codificação possessiva (ter) para relações de propriedade e posse; e circunstancial (estar em) para condições temporais ou locais de uma entidade.

Thompson (2014) detalha as características dos dois tipos distintos de processos relacionais. Na oração identificativa, os participantes podem ser trocados mantendo o mesmo significado geral, permitindo alterações gramaticais como a passivização. Por exemplo, "David é um ator" e "O ator é David" têm o mesmo significado independentemente da ordem dos participantes. Em contraste, na atribuição, essa troca não é possível, pois um é o Portador e o outro é o Atributo.

Rudge (2018) afirma que, na BSL, as sentenças relacionais são formadas pela justaposição de dois grupos nominais e alterações significativas nas características não manuais entre esses grupos para indicar o processo relacional. No exemplo, a seguir (Quadro 22), a justaposição é constituída pelos grupos nominais (SA:PRO3SG, sinal de apontamento em terceira pessoa do singular) e pelo sinal "LEGAL", acompanhados de expressões não-manuais,

Quadro 22. Exemplo de processo relacional na BSL

Não-Manual	sobrançelas erguidas	aceno de cabeça
Manual	SA:PRO3SG	LEGAL
Experiencial	índice	Aspecto
	Pr:Rel	

Tradução "Ela é legal (simpática)"

Vídeo tinyurl.com/bslsfl6-18

Vídeo: Rudge (2018, p. 177): <https://www.youtube.com/watch?v=20ShvrdoKvE>

Fonte: Rudge (2018, p. 177).

O processo relacional requer pelo menos dois participantes, denominados por Rudge como Índice e Aspecto. Rudge (2018, p. 174-175) define esses participantes de maneira análoga às estruturas Identificador e Identificado, bem como Valor e Característica: o Índice é o ponto central, enquanto os Aspectos fornecem informações adicionais, geralmente seguindo a ordem Índice e Aspecto. O uso desses termos é motivado por três razões: para refletir a indefinição da modalidade relacional (não se encaixa estritamente como atributivo ou identificativo, mas como algo intermediário); para evitar confusões com outros termos associados a diferentes padrões relacionais em outras línguas (como Identificador, Identificado, Token, Valor, Portador, Atributo, etc.); e para manter uma distinção em relação aos termos utilizados na metafunção textual (como Tópico, Comentário, Dado, Novo, etc.).

3.4.1.4 Processos Existenciais e Comportamentais

No que diz respeito aos Processos Comportamentais e Existenciais, o estudo do professor Rudge sobre a BSL alerta que "outras línguas além do inglês tendem a diferir tanto na esquematização quanto na quantidade desses tipos de processo" (Rudge, 2018, p. 181). De fato, esses processos não foram identificados no estudo de Rudge, que se baseia na premissa de Matthiessen (2004) de que esses processos são "categorias swing" (p. 600).

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014), os processos comportamentais são aqueles que refletem "o comportamento fisiológico e psicológico, como respirar, tossir, sorrir, sonhar e olhar" (p. 301). Em seu compêndio terminológico, Matthiessen, Teruya e Lam (2010) destacam que os processos comportamentais são "os menos distintos de todos os tipos de processo" (p. 64), apresentando padrões de realização muito semelhantes e relações semânticas com processos mentais, materiais e verbais.

A pesquisa de Rudge revelou que, na BSL, processos que podem ser classificados como semanticamente comportamentais (ou situados na fronteira entre comportamental e outro tipo de processo) "não podem ser facilmente diferenciados dos padrões de realização observados em outros tipos de processo" (Rudge, 2018, p. 182). O exemplo a seguir ilustra um processo tipicamente comportamental na BSL, que, em termos de materialidade de realização, é compreendido como um

processo material. No exemplo, CA refere-se à *constructed action*, ou seja, uma ação construída.

Quadro 23. Análise de “Dançando” na BSL

Manual	COLEGA	PT:PRO3SG	CA: DANÇANDO
Experiencial	ATOR		Pr: Material
Tradução	(Meu) colega estava dançando.		
Vídeo	tinyurl.com/bslsfl6-27		

Fonte: Vídeo: Rudge (2018, p.182): <https://www.youtube.com/watch?v=H9vNVRdQbXo>

Fonte: Rudge (2018, p.182)

Halliday e Matthiessen (2014) analisam que o verbo ‘dançar’, em inglês, é classificado como um processo comportamental (próximo ao material), uma vez que expressa "posturas corporais e passatempos" (p. 302). Rudge (2018, p. 182) observa que, no exemplo analisado, “o processo é expresso como uma ação construída, representando a personificação física do participante que executa o processo”.

No contexto da BSL, esse processo parece ser realizado como um processo material, tanto em termos de sua realização lexicogramatical quanto pela construção de um ‘fazer’ experiencial, ao invés de uma experiência de ‘comportamento’.

Rudge (2018, p. 182) ressalta, no entanto, que orações comportamentais podem estar presentes na BSL, mas que seriam necessários mais dados para investigar a possível distinção sistêmica entre tipos comportamentais e outros tipos de processo.

Por exemplo, a sinalização de “pânico” (ação construída – alguém em pânico) demonstra uma manifestação clara de “fazer” e pode ser classificada como um processo material. No entanto, embora a noção de pânico reflita efeitos físicos, ela pode ser compreendida como um processo mais mental ou, sob uma perspectiva analítica, como um processo comportamental: um efeito mental gerado pelo medo ou uma manifestação física de um efeito mental.

3.4.1.5 O sistema de Circunstância

As circunstâncias, expressas por adjuntos circunstanciais, codificam essencialmente o contexto no qual um processo ocorre. Existem categorias

estabelecidas de situações que correspondem às nossas intuições sobre as condições contextuais: maneira, lugar e tempo. No entanto, há uma ampla gama de condições possíveis a considerar e não existe um conjunto de categorias universalmente acordado. Além disso, os ambientes parecem integrar dois tipos distintos de significado (Thompson, 2014).

No estudo de Rudge (2018) é afirmado que o sistema de circunstância opera em conjunto com o tipo de processo na sinalização. O autor destaca que o único padrão evidente entre todos os tipos de processos e os “tipos de circunstância” é observado nos processos relacionais circunstanciais, onde é necessário escolher entre os sistemas de localização ou extensão. Thompson (2014) observa que muitas circunstâncias, especialmente aquelas realizadas por grupos preposicionais, podem ser interpretadas como orações não totalmente desenvolvidas e desempenham um papel secundário de apoio em outra oração.

Rudge (2018) identifica quatro categorias distintas de circunstâncias em seu estudo, com a principal diferença sendo a possibilidade de implementação por meio de elementos manuais, não manuais ou espaço-cinéticos. De forma resumida, as quatro categorias são descritas como segue:

- Extensão espaço-temporal: refere-se à frequência de ocorrência, medidas de distância e duração temporal.
- Localização espaço-temporal: relaciona-se a um lugar ou tempo específico.
- Modo: indica como um processo é realizado e qual a qualidade da execução.
- Acompanhamento: envolve outros participantes animados ou inanimados que não são considerados participantes principais do processo.

A seguir, é apresentado um exemplo de elemento circunstancial (Quadro 24),

Quadro 24. Exemplo de elemento circunstancial

Manual	TODO-DIA	PT:PRO1SG	COMEÇO	NOVE HORAS
Experiencial	Circ:extensão	Ator	Pr:material	Circ:localização
Tradução	“Todos os dias começo às 9 horas.”			
Vídeo	tinyurl.com/bslsf6-28			
Vídeo: Rudge (2018, p. 187): https://youtu.be/JZs7We-0xs0?si=-tliXH0SrpLqUhs				
Fonte: Rudge (2018, p.187)				

O Quadro 24 ilustra uma justaposição típica entre os elementos circunstanciais de localização e extensão. Ambos os elementos estão relacionados

ao tempo, com a diferença de que o primeiro elemento especifica a duração do processo, enquanto o segundo refere-se ao momento em que o processo ocorre. Esses dois elementos são implementados por meio de sinais manuais distintos.

3.4.2 Metafunção Interpessoal

Ao realizarmos um pedido, prestarmos ou pedirmos informações, dar ordens, envolver, persuadir ou convencer alguém, avaliar ou qualquer instância de uso da linguagem que envolva estabelecimento de relações sociais e pessoais, é considerado por Halliday (1994) como um evento interativo, que exige uma leitura de cada situação contextual a fim de selecionar recursos semânticos e léxico-gramaticais apropriados a cada situação. Assim, a estrutura oracional organiza a mensagem produzida no momento da situação comunicativa e interativa, expressando os significados das relações interpessoais entre interactantes e de suas atitudes.

A organização do discurso também está sujeita aos papéis e identidades sociais assumidas (Eggins, 2004), as relações de força e poder estabelecidas e aos significados particulares em circulação em cada cultura. Sob o ponto de vista da LSF, conforme Halliday e Matthiessen (2014), a metafunção interpessoal é o sistema responsável pela gestão dos padrões de troca de discurso e relações sociais por meio da linguagem, em função de alguns aspectos gramaticais,

Quadro 25. Gestão das relações interpessoais

Representação de funções gramaticais	Organização da oração			
<i>Mood</i> – função interacional em que se estrutura o “sistema semântico da função de fala” (Oliveira, 2014, p. 32).	Mood	Resíduo Predicado, complemento e adjunto	Sujeito Grupo nominal	Finito Grupo verbal
Modalidade – Função pessoal que expressa a avaliação do interactante referente ao conteúdo da mensagem	Dar	Informações (proposição)	Modalização	probabilidade
				frequência
	Pedir	Bens e serviços (proposta)	Modulação	obrigação
				desejabilidade

Fonte: a autora, com base em Halliday e Matthiessen (2004)

Em uma interação, as orações (sejam estruturadas na forma escrita, falada ou sinalizada) revelam recursos linguísticos interpessoais cujos significados se

manifestam no sistema *Mood* (modo). O modo se estrutura a partir do sujeito (pronome pessoal ou demonstrativo), finito (grupo verbal que atribui tempo e modo à oração) e o resíduo (predicador, complementos e adjuntos). (Fuzer; Cabral, 2014).

De acordo Halliday e Mathiessen (2004, p. 135) as possibilidades interacionais estão inscritas em dois commodities, bens e serviços ou informações. As escolhas, ainda que inconscientes, são etapas analíticas realizadas a partir de uma rede de significados que se pretende estabelecer e que são estruturadas a nível oracional considerando as escolhas que poderiam ser feitas.

Na interação comunicativa, tudo o que é dito adquire significado em contraste com outras escolhas linguísticas possíveis que poderiam ter sido feitas. Essas escolhas estão relacionadas à modalidade, que é “um recurso interpessoal utilizado para expressar significados relacionados ao julgamento do falante em diferentes graus” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 114). A modalização indica diferentes níveis de negociação de informações, enquanto a modulação expressa variações nos graus de ofertas e comandos. Alguns aspectos de interesse de estudos da Libras no escopo da metafunção interpessoal no meio digital são resumidos no Quadro 26:

Quadro 26. Temas de interesse de estudo da sinalização no meio digital pela metafunção interpessoal

METAFUNÇÃO INTERPESSOAL	Como os sinalizantes (surdos e não surdos) se relacionam no meio eletrônico	- Na sinalização digital multimidiática, que variações podem ocorrer em termos de:
		(a) Expressão de identidade: pode incluir a análise de elementos como a escolha de sinais específicos, estilo de sinalização, e uso de expressões faciais para transmitir informações sobre gênero, idade, cultura, e outros aspectos da identidade. (b) Polidez e atitudes: como os usuários podem expressar sinais para indicar respeito, cortesia, gratidão, sarcasmo, entre outras atitudes, e como essas expressões são interpretadas dentro do contexto digital. (c) Negociação de papéis sociais: negociação de diferentes papéis sociais, como o papel de amigo, colega, professor, aluno, etc. Como os sinais podem estabelecer e negociar esses papéis dentro das interações digitais. (d) Cooperação e conflito: como os sinais podem ser empregados para indicar concordância, desacordo, compromisso, entre outros aspectos da interação social online. (e) Participação e engajamento: como os usuários de línguas sinalizadas podem se envolver e participar das interações online incluindo estratégias de engajamento, como a solicitação de <i>feedback</i>, a confirmação de compreensão, e o uso de sinais gestuais para encorajar a participação dos outros.

Fonte: a autora.

As relações interpessoais exigem a seleção de recursos linguísticos que favoreçam a dimensão interacional e contribuam para que os propósitos comunicativos dos interactantes sejam cumpridos. Diante da interferência do meio eletrônico na experiência de linguagem (Crystal, 2011), da integração de recursos semióticos ao uso da língua (Matthiessen, 2021) e dos modos dinâmicos de construção de enunciados, segundo a cultura dos envolvidos em contexto multilíngue (Marcuschi, 2010a), consideramos que a seleção de recursos interpessoais associados à polidez na comunicação sinalizada pode apresentar distinções na interação online e consequentemente afetar a organização gramatical. Diante disso, dedicamos a próxima subseção ao tratamento de alguns aspectos teóricos sobre a Teoria da Polidez.

3.4.2.1 A Teoria da Polidez

A teoria da polidez investiga como os falantes se comportam linguisticamente em situações de interação. Ela “é fundamental para a produção da ordem social e uma condição prévia para a cooperação humana.” (Brown; Levinson, 1987, p. 1) e envolve “todos os aspectos do discurso que são regidos por regras, cuja função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal” (Kerbrat-Orecchione, 2006, p. 77).

A Teoria da Polidez foi criada por Penelope Brown e Stephan Levinson (1987), a partir do conceito de *face* estabelecido por Ervin Goffman (1967),

O termo *face* pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma pela linha que os outros assumem que ela adotou durante um contato específico. *Face* é uma imagem de si mesma delineada em termos de atributos sociais aprovados. (Goffman, 1967, p. 5, tradução nossa)³².

O conceito de *face* em uma situação de interação, se estabelece como regra e condição do jogo comunicativo. Brown e Levinson (1987) afirmam a existência de duas faces: (i) positiva, que expressa o desejo de que se sustente a imagem que

³² No original: Politeness, “is basic to the production of social order, and a precondition of human cooperation” (Brown; Levinson, 1987, p. 1).

“The term *face* may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. *Face* is an image of self delineated in terms of approved social” (Goffman, 1967, p. 5).

projeta de si, para que seja aceito socialmente, e (ii) negativa, que expressa desejo por liberdade de ação e remete a necessidade de se proteger contra imposições, interrupções ou outros tipos de interferências em suas atitudes. O falante faz uma estimativa de quais escolhas lexicais podem ser feitas ou ditas como forma de sustentar a *face* do outro e proteger a própria face. Assim, o contexto de situação e de cultura determina o repertório de escolhas linguísticas e o comportamento dos interactantes.

Perder a *face* é um comprometimento da persona que se criou ou ainda uma ameaça àquela construção e resulta da seleção de recursos linguísticos, consciente ou inconscientemente empregados na situação comunicativa, podendo ocasionar uma ameaça à *face* do outro e, conseqüentemente, colocar em risco a própria face, executando, o que Brown e Levinson (1987) denominam de um ato de ameaça à *face* (FTA -*Face threatening act*).

Se o ato de ameaça à *face* é interpretado, se deixa claro, linguisticamente ou contextualmente a quem está direcionado, é considerado com registro (*on-record*), do contrário, se a mensagem não deixa claro a quem se destina ou é desconsiderada pelo interactante, é considerado um ato de ameaça à *face* sem registro (*off-record*).

O ato de ameaça à *face on-record* pode ser explícito e enfático, quando não há adoção de recursos linguísticos mitigadores, por exemplo, quando se realiza um ato de fala direto, com modulação imperativa (expressa ordem ou comando) e pode aparentar que se detém maior poder social do que aquele com quem está interagindo. Ou pode ser percebido como um ato de ameaça à *face* explícito, onde o interactante pode adotar mecanismos linguísticos para suavizar o ato e estabelecer um caminho para polidez positiva.

Tanto a *face* do falante (sinalizante) quanto a do interlocutor podem ser ameaçadas, conforme Brown e Levinson (1987, p. 65–68), por meio de

- a) atos que ameaçam a face positiva do falante, como confissões, desculpas, autocríticas ou declarações autodepreciativas que implicam humilhação;
- b) atos que ameaçam a face negativa do falante, como promessas e ofertas que restringem sua liberdade de ação futura;
- c) atos que ameaçam a face positiva do interlocutor, tais como críticas, reprovações, insultos, chacotas ou manifestações sarcásticas, que diminuem sua imagem social;

d) atos que ameaçam a face negativa do interlocutor, como ordens, pedidos, convites ou outras formas de imposição que restringem sua liberdade de escolha.

Ao fazer a estimativa, o falante decide quais dispositivos linguísticos ele irá utilizar para promover aquele ato de ameaça à face. Se for um ato de ato de ameaça à face muito direto, sem o uso de ações reparadoras (*without redressive action, baldy*), não haverá uma preocupação com o sentimento ou preservação da face do interactante, não haverá preocupação se a pessoa irá magoar-se ou não. Se for um ato de ameaça a face com ação reparadora (*with redressive action*) são acrescentados itens lexicais que podem suavizar o ato de ameaça à face.

Oliveira (2022) explica que atos de ameaça à face cuja construção do enunciado conte com dispositivos de polidez positiva que invistam na relação emotiva entre os interactantes (demonstrando afetividade, amizade, empatia) funcionam como estratégias de valorização do outro e de demonstração de unidade e pertencimento.

Em geral, temos possibilidade de estabelecer uma estimativa para melhorar nossa comunicação realizando um ato de reparação à face (*face saving acts – FSAs*), pois “as concessões de polidez possuem um caráter político relevante que abrange intenções individuais, bem como o sentido de sua variabilidade em diferentes tipos de discurso contextualizados culturalmente” (Pérez, 2012, p. 278).

3.4.3 Metafunção Textual

Além de construir representações para a experiência e expressar atributos para o estabelecimento de relações interpessoais, a linguagem, por meio da metafunção textual, organiza o fluxo discursivo, ao construir sequências de discurso e criar coesão e continuidade ao tópico do texto.

Apresentamos alguns aspectos de interesse de estudos da Libras no escopo da metafunção textual na sinalização no meio digital são resumidos no Quadro 27, a seguir:

Quadro 27. Temas de interesse de estudo da sinalização no meio digital pela metafunção textual

METAFUNÇÃO TEXTUAL	Como se organizam e se dispõem os textos videossinalizados na internet	- Na sinalização digital multimidiática, que variações podem ocorrer em termos de: (a) Coerência e coesão: variações em como os sinais são conectados para formar frases e sentenças, e como são utilizados marcadores de coesão e sequência para indicar relações lógicas e temporais entre as partes da mensagem. (b) Estrutura textual: no caso de conversas em vídeo, narrativas visuais, instruções passo a passo, entre outros, como esses textos são estruturados e organizados visualmente para facilitar a compreensão e a interpretação por parte dos usuários. (c) Marcação de tópicos e temas: variações em como os tópicos e temas são marcados e desenvolvidos ao longo de uma conversa ou texto sinalizado. Isso pode envolver a identificação de gestos que introduzem novos tópicos, retomam temas anteriores, e sinalizam transições entre diferentes partes da conversa. (d) Estilo e registro: como essas variações são manifestadas visualmente, incluindo o uso de diferentes velocidades de sinalização, níveis de formalidade, e estilos de expressão gestual.
----------------------------------	--	---

Fonte: a autora.

Ressaltamos o potencial da aplicação da metafunção textual para pesquisas futuras da Libras e textos sinalizados, em geral. Essa metafunção apresenta um vasto campo de investigação. Por exemplo, a metafunção textual pode revelar como a coesão e a coerência são mantidas ou alteradas na comunicação digital.

Nesta tese, entretanto, assumimos a escolha de focar nas metafunções ideacional e interpessoal como uma decisão estratégica para atingir os objetivos específicos estabelecidos. A seção reduzida sobre a metafunção textual não diminui sua importância, mas reflete uma delimitação necessária para uma análise aprofundada e coerente das variações na representação da experiência e interpessoalidade da Libras no contexto digital.

3.5 Gêneros textuais

Para Bakhtin (2016), gênero se refere à textos, cujas variedades são situadas histórica, cultural e socialmente, possuem sentido completo e são relativamente estáveis. Podem também ser entendidos como “categorias faladas ou escritas de um discurso e como meio de ação social” (Swales, 1990, p. 33).

Segundo Silva (2018, p. 313) “os gêneros expressam significados de acordo com seus amplos propósitos sociais – engajar e entreter, informar e avaliar textos ou

pontos de vista”. Além disso, “se apresentam como ferramentas para interações sociais e representação da experiência humana, à medida que formatam a capacidade da dimensão sociocomunicativa e sociossimbólica da linguagem” (Oliveira, 2017, p. 150).

Embora a conversação seja ela mediada por uma língua de tradição oral ou visual-espacial e faça parte de uma das tarefas mais habituais dentre as relações interpessoais, é necessário lembrar que a linguagem escrita, enquanto prática social, desempenha um papel fundamental para registro de nossas experiências diárias e apresentam estruturas, repertório e padrões linguísticos que implicam no reconhecimento e na interpretação de suas diferenças estilísticas (Biber; Conrad, 2019).

Oliveira (2017, p. 152) afirma que uma das maneiras de se reconhecer “aspectos fundamentais dos gêneros” é através da “análise gramatical”, pois as escolhas linguísticas realizadas, embora sejam orientadas por diferentes propósitos comunicativos, são fruto de uma rede de possibilidades determinadas pelo contexto de uso. Logo, os gêneros se caracterizam através de “complexas relações entre um meio, um uso e a linguagem” (Marcuschi, 2010, p. 23).

No meio eletrônico, os gêneros digitais apresentam “camadas cultural e computacional integradas” (Silva, 2016, p. 171) e nos “oferece peculiaridades específicas para usos sociais, culturais e comunicativos que não se oferecem nas relações interpessoais face a face” (Marcuschi, 2010, p. 23).

Na contemporaneidade, muitos gêneros têm se destacado na internet com abordagem sinalizada e em formato de vídeo. Silva (2019, p. 71) propõe, em sua tese, o termo “videossinalizado” para se referir “ao texto gravado em vídeo com a presença de um ou mais sinalizantes de Libras, [cuja] sinalização esteja visivelmente monitorada de acordo com os limites e necessidades desse equipamento tecnológico”. No Quadro 28, apresentamos algumas das variedades de textos em Libras,

Quadro 28. Variedades de textos em Libras

Libras		O texto em Libras refere-se ao que é produzido em Libras face a face ou sem especificação do tipo de registro e formato ou refere-se à generalização.
Libras videossinalizada		O texto em Libras videossinalizada refere-se ao uso da Libras gravada em vídeo sendo que o sinalizante ²⁴ estabelece uma relação com a câmera, com ou sem emprego de recursos multimodais.
Libras escrita		O texto em Libras escrita refere-se ao que é produzido em SignWriting, ELiS, entre outros sistemas de escrita de sinais.
Libras avatar		O texto em Libras avatar refere-se ao que é produzido/apresentado pelo personagem/sinalizante criado em 3D, por exemplo: aplicativos <i>HandTalk</i> , <i>ProDeaf</i> (extinto) e <i>VLibras</i> .
Libras tátil		O texto em Libras tátil refere-se ao que é produzido ou comunicado com o contato tátil nas mãos entre surdocegos enquanto interlocutor (ver TATEISHI, SANTOS e JINHUI, 2010; ARAÚJO, PEREIRA e JÚNIOR, 2014).

Fonte: (Silva, 2019, p. 71).

Esta pesquisa se concentra nas variedades de textos apresentadas no Quadro 28, sobretudo na de caráter videossinalizado e acrescentamos a essas categorias a Libras mista (cuja sinalização esteja atrelada a outras superfícies textuais, de ordem oral ou escrita)³³, haja vista que “os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita” (Marcuschi, 2010b, p. 15).

Entendemos por gêneros emergentes, textos constituídos pela integração de ferramentas da internet “que podemos chamar de complexas, não por serem complicadas, mas por serem realizadas de forma dinâmica, aberta, recursiva, gerando estruturas emergentes nem sempre previsíveis” (Coscarelli; Novais, 2010, p. 36). Listamos alguns dos gêneros emergentes de interesse para esta pesquisa:

- *Librascast* (podcast sinalizado);
- *Live* (reuniões online, que podem ser assistidas de forma síncrona e assíncrona);
- *Ciberhumor* (páginas atreladas a perfis públicos de sinalizantes com o objetivo de contar piadas utilizando, para isso, recursos da internet);
- *Libras tutorial*;

- *Vlog*;
- *EducaLibras*.

Devido à rápida evolução de recursos e ferramentas da internet e a necessidade de acomodar diferentes sistemas linguísticos no meio eletrônico, Marcuschi (2010b, p. 80) sugere a revisão de noções “tais como linearidade, estrutura, coesão e coerência, entre outras” destacadas nesta tese (Quadro 29). Diante disto, além de identificarmos os gêneros digitais, esta tese pretende apresentar uma análise de seus aspectos contextuais (sociais, situacionais e culturais) e composicionais, empregando, para isto, as dimensões de campo, relação e modo fundamentados na Teoria de Gênero e Registro (conforme seção 3.5.1).

Medeiros e Fernandes (2020, p. 66) registraram “aspectos composicionais que caracterizam gêneros textuais sinalizados, registrados em videolibras, que circulam na internet” e observaram que além da multimodalidade, se destaca “a articulação entre a dimensão linguística (verbal) e a visual (não-verbal)” (Medeiros; Fernandes, 2020, p. 79).

A partir de suas características e elementos composicionais, uma conversa sinalizada por meio de videochamada no *whatsapp*, o envio de um *e-mail*, a interpretação de uma música, a realização de uma reunião por meio de *live*, dentre outros exemplos de gêneros que podem estar presentes em nosso cotidiano, através da internet, cumprem funções sociais a partir de significados atribuídos para cada finalidade textual durante o uso da língua, conforme explica Vian Junior (2009),

Como membros de uma sociedade e como produtores em potencial de textos, os usuários da língua trocam significados com seus interlocutores. Para que estes significados sejam trocados, torna-se necessário o conhecimento da estruturação do gênero a ser utilizado: uma conversa telefônica, a compra de um produto, a discussão de um determinado assunto ou qualquer outro dos inúmeros gêneros à disposição do usuário em seu cotidiano. Cada um desses tipos de evento objetiva determinado significado social, sendo possível definir os elementos que o estruturam e como estes se organizaram para a formação do todo (Vian Junior, 2009, p. 389).

A significação, por sua vez, está diretamente relacionada com o processo de construção dos textos que devem ser analisados “de acordo com seus contextos,

³³ Um exemplo de Libras mista ocorre em textos que integram o uso de legendas na forma escrita e oral (através de interpretação em Libras) à forma sinalizada

considerando as características das pessoas que os produziram e as características das situações e propósitos comunicativos” conforme sugerem Biber e Conrad (2019, p. 5, tradução nossa)³⁴.

Freitag e Silva (2006, p. 2) afirmam que “a comunicação na Internet minimiza as diferenças dialetais, restritas a marcas lexicais características de falares de diferentes regiões do Brasil” por isso, segundo Oliveira (2022), é muito complexo associar determinadas realizações linguísticas presentes na internet, segundo suas características e padrões de uso, às comunidades linguísticas a que pertencem, devido à associação de inúmeras naturezas linguísticas presentes (e em contato) na internet.

O uso da Libras, enquanto texto e substância primária da linguagem, necessita dos traços de sua conexão com o contexto para que seja potencializado como unidade de significado. O modo como o texto é organizado e estruturado é determinado pelo contexto, pela situação e pelo propósito de uso da língua e pelas experiências particulares de seus usuários, que por sua vez, têm acesso às informações semânticas para a leitura de uma determinada situação e/ou prática de linguagem em curso, com todas as nuances que se afloram na complexa situação de comunicação, interação e uso da linguagem escrita.

3.5.1 Teoria de Gênero e Registro

A Teoria de Gênero e Registro (TGR) foi proposta por Eggins e Martin (1997), como forma de investigar como textos são construídos a partir de diferentes contextos. Essa perspectiva se alia ao fato de que variações na língua podem ser exercidas pela cultura e pelas situações de uso (Malinowski, 1936) e que a estrutura linguística carrega marcas de seu contexto de produção, assim como o contexto possibilita a identificação do sistema linguístico e o modo como os significados são construídos (Halliday, 1994). A identidade genérica “sugere que a negociação de textos depende, em parte, da identificação das formas pelas quais um determinado texto é semelhante e remanescente de outros textos que circulam na cultura”³⁵ (Eggins, 2004, p. 55).

³⁴ No original: “Texts can be described according to their contexts, considering the characteristics of the people who produced the texts, and the characteristics of the situations and communicative purposes associated with the texts” (Biber; Conrad, 2019, p. 5).

³⁵ No original: “It suggests that negotiating texts depends in part on identifying ways in which a particular text is similar to, reminiscent of, other texts circulating in the culture” (Eggins, 2004, p.55).

Gêneros e registros, portanto, são expressões utilizadas pelos sistemicistas para se referir “ao significado e à função da variação entre os textos na dimensão contextual, bem como a quanto os textos se assemelham e se distinguem por expressarem linguística e discursivamente traços do contexto social em que são utilizados” (Silva, 2018, p. 305).

Segundo Eggins e Martin (1997), os gêneros descrevem variáveis da dimensão do contexto de cultura sobre a língua. Essas variáveis possibilitam aos membros de uma mesma cultura, estabelecerem padrões de fala/sinalização e escrita, sobre os quais se determina, identifica e interpreta a finalidade de um texto, por isso “a teoria de gênero sugere que textos que realizam diferentes atividades na cultura se desenvolvem de modos diferentes, organizando-se em diferentes etapas ou estágios” (p. 236).

Hasan (1989) e Martin (1992) descrevem os estágios como elementos integrantes de uma Estrutura Potencial Genérica (EPG), cujo potencial de significados “abrange todas as possibilidades estruturais de um texto em uma determinada Configuração Contextual” (Navarro; Simões, 2019, p. 312). Os estágios organizam-se em,

- obrigatórios, são aspectos que sempre estarão presentes na estrutura composicional dos textos, de modo determinante para a caracterização do gênero ao qual pertencem.

- opcionais, aqueles que podem ou não estar presentes nos textos pois sua presença ou ausência não afeta a estrutura do texto, tampouco a identificação do gênero;

- recursivos ou iterativos, que são aqueles elementos que podem ocorrer com frequência dentro dos textos; e

- sequenciais, que indicam a ordem de elementos obrigatórios e opcionais.

Para tratarmos de textos videossinalizados que estão em circulação na internet, é preciso ter em mente as dimensões de campo, relação e modo, ou seja, um conjunto de variáveis da análise de Registro contidos na Teoria de Gênero e Registro, associadas ao contexto situacional, sob as quais, os significados da linguagem são sistematizados. Essas dimensões são definidas por Halliday; Matthiessen (2014, p. 33)³⁶, como,

³⁶ No original: • *field – what’s going on in the situation: (i) the nature of the social and semiotic activity; and (ii) the domain of experience this activity relates to (the ‘subject matter’ or ‘topic’)*

- (i) **Campo** – o que está acontecendo na situação: (i) a natureza da atividade social e semiótica; e (ii) o domínio de experiência com o qual esta atividade se relaciona (o 'assunto ou 'tópico').
- (ii) **Relação** - quem está participando da situação: (i) os papéis desempenhados por aqueles que participam da atividade sociossemiótica – (1) papéis institucionais, (2) papéis de status (poder, seja igual ou desigual), (3) papéis de contato (familiaridade, variando de estranhos a íntimos) e (4) papéis sociométricos (afeto, neutro ou carregado, positivo ou negativo);
- (iii) **Modo** – qual o papel desempenhado pela linguagem e outros sistemas semióticos na situação: (i) a divisão do trabalho entre atividades semióticas e sociais (desde atividades semióticas como constitutivas da situação até atividades semióticas como facilitadoras); (ii) a divisão do trabalho entre as atividades linguísticas e outras atividades semióticas; (iii) modo retórico: a orientação do texto para o campo (por exemplo, informativo, didático, explicativo) ou teor (por exemplo, persuasivo, exortativo, polêmico); (iv) turno: dialógico ou monológico; (v) meio: escrito ou falado; (vi) canal: fônico ou gráfico. (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 33, tradução nossa).

Na internet, os assuntos passam a ser estruturados a partir de aspectos *multi* (multimodais, multidimensionais, multiculturais). Além disso, a relação entre os interactantes se torna instável, se considerada a relação entre autor/leitor, sinalizante/falante e ouvinte, pois os enunciados, em textos escritos são “pancrônicos”, ou seja, “sua identidade emerge de usos localizados em diferentes pontos do tempo” (Crystal, 2013, p. 24) e passam a contar com anonimato, ou seja, em muitos casos não se consegue identificar a autoria de certos textos que estão em circulação, assim como a audiência se torna mutável, dada a imprevisibilidade cronológica, histórica e sociológica de leitura.

Esses fatores exemplificam alguns, dentre vários outros aspectos que impactam na relação entre os interactantes no meio eletrônico, assim como as abordagens e os modos como os textos se dispõem. Por isso, ao considerarmos o fato de que “pessoas que usam a língua para metas comunicativas semelhantes desenvolvem, ao longo do tempo, tipos comuns de fala e de escrita que lhes

• *tenor – who is taking part in the situation: (i) the roles played by those taking part in the socio-semiotic activity – (1) institutional roles, (2) status roles (power, either equal or unequal), (3) contact roles (familiarity, ranging from strangers to intimates) and (4) sociometric roles (affect, either neutral or charged, positively or negatively); and (ii) the values that the interactants imbue the domain with (either neutral or loaded, positively or negatively)*

• *mode – what role is being played by language and other semiotic systems in the situation: (i) the division of labour between semiotic activities and social ones (ranging from semiotic activities as constitutive of the situation to semiotic activities as facilitating); (ii) the division of labour between linguistic activities and other semiotic activities; (iii) rhetorical mode: the orientation of the text towards field (e.g. informative, didactic, explanatory, explicatory) or tenor (e.g. persuasive, exhortatory, hortatory, polemic); (iv) turn: dialogic or monologic; (v) medium: written or spoken; (vi) channel: phonic or graphic (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 33).*

permitem alcançar seus objetivos” (Oliveira, 2014, p. 27), o que chamamos nesta tese de usos tradicionais, realizar uma leitura atenta às dimensões de gênero e registro se faz uma oportunidade de detalhar, com maior eficiência, distinções nos padrões linguísticos estabelecidos em outras dimensões contextuais.

4 METODOLOGIA

O propósito desta seção é apresentar detalhes sobre o desenvolvimento, seleção de dados e procedimentos de análise, segundo os objetivos desta pesquisa. Argumentamos que a internet, considerada o maior “e-corpus” já identificado, como disserta Crystal (2006, p. 78), tem se mostrado um campo potencial de novas formas de manifestação da linguagem (Crystal, 2011), cujos recursos e ferramentas tecnológicas possibilitam modos dinâmicos de fala, escrita e interação nesse meio, motivando que a Libras, assim como outros sistemas linguísticos, incorporem propriedades formais do meio eletrônico a fim de se adaptarem a ele, conforme mostram os fundamentos teóricos e reforçam os resultados desta pesquisa.

4.1 Abordagem da pesquisa

A abordagem adotada nesta pesquisa é a qualitativa, pois, a partir de variáveis estabelecidas pelas propriedades formais do meio eletrônico e das distinções dos modos tradicionais de leitura, escrita e interação, pretende-se observar e explicar como ocorre determinado fenômeno (Bortoni-Ricardo, 2008), ou seja, como a Libras é realizada no meio eletrônico.

Além do exame exaustivo de um fenômeno, a abordagem qualitativa, a partir dos princípios do movimento científico contemporâneo, especialmente aliados ao campo da Linguística Aplicada, possibilitaram uma postura dialética em relação ao objeto de pesquisa e a outras áreas de conhecimento. Isso se justifica pois,

a abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas. No entanto, não se assume aqui a redução da compreensão do outro e da realidade a uma compreensão introspectiva de si mesmo. É por isso que, na tarefa epistemológica de delimitação qualitativa, há de se superar tal idéia, buscando uma postura mais dialética. (Sanchez; Minayo, 1993, p. 244).

Essa relação dialética entre as ciências, pesquisadora e objeto de estudos, nos conduziu para a adoção de uma postura pragmática e menos prescritiva, fortalecendo a aliança crítica entre nossa experiência enquanto sinalizante de Libras e falante de uma língua de tradição oral ao aporte teórico, a fim de que não

caíssemos na ilusão da transparência da linguagem, afetando, assim, os resultados da pesquisa.

4.2 Objetivo da pesquisa e categorias de análise

Esta pesquisa tem como objetivo caracterizar como as categorias de fala, escrita e interação com surdos afetam a realização linguística da Libras no contexto da internet, além de descrever o modo como a Libras tem incorporado as propriedades formais do meio eletrônico à sua experiência de linguagem. Diante disso, retomamos as perguntas norteadoras desta pesquisa:

a) Como as propriedades do meio eletrônico afetam a organização dos parâmetros linguísticos da Libras?

b) Como os recursos dinâmicos de fala e escrita da internet podem influenciar a realização de textos videossinalizados?

Para atingir o propósito desta pesquisa, seguimos as recomendações de Crystal (2011, p. 15), para análises linguísticas da internet, ou seja, “estabelecer as propriedades do meio que condicionam a experiência de linguagem e o comportamento de seus usuários”. A melhor maneira de fazermos isso, segundo o autor, é “começar por distingui-la dos mundos familiares da linguagem falada e escrita” e nesse caso, por se tratar de uma língua visual-espacial, também se faz necessário distingui-las dos modos convencionais de interação com surdos face a face, conforme categorias descritas no Quadro 29, a seguir,

Quadro 29. Categorias de análise

Categorias da fala e escrita		Questionamentos sobre o funcionamento da Libras quanto aos aspectos:
PROPRIEDADES FORMAIS DO MEIO ELETRÔNICO SOB O PONTO DE VISTA DA LIE LAI	Links de Hipertexto Para Xavier (2010, p. 208), hipertexto é “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade”. estabelecidas através de <i>links</i> ou “ <i>hiperlinks</i> (relações)” (Gualberto, 2012, p. 39).	- Como pode ocorrer a sinalização de hiperlinks? - Como o hipertexto pode ser incorporado às línguas de sinais? - Como pode ocorrer a quebra de linearidade na topicalização, característica fundamental do hipertexto?
	Persistência “A persistência é um método heurístico de criação de páginas <i>web</i> influenciada pelas características do meio e pelos elementos que constituem uma página” (Guardia; García, 2003, p. 4).	- A persistência é um fator considerado na interação por meio das línguas de sinais? - De que forma a longa e a curta persistência pode alterar a produção de sinais na criação do enunciado?
	Autoria múltipla ou multiautoria. Textos produzidos por vários autores.	- As línguas de sinais, na interação face a face, são centradas no sinalizante, devido à dinâmica particular de controle de turno. Sendo assim, como o fenômeno da autoria múltipla afeta a representação da experiência na internet? - De que forma as ferramentas e os recursos online podem promover a multiautoria de textos em sinais?
	Feedback simultâneo Possibilidade de retorno imediato à interação, seja na forma escrita ou falada/sinalizada.	Alguns escritores sugerem que a falta desses recursos é uma das razões pelas quais tantas interações na Internet são percebidas, erroneamente, como abruptas, frias, distantes ou antagônicas. Isso também ocorre na interação sinalizada? - Como a ausência de <i>feedbacks</i> pode alterar a interação na modalidade visual espacial? - Para as línguas de sinais, o uso de marcadores discursivos de monitoramento de interlocução é muito usual. Como a realidade online pode afetar a seleção de recursos linguísticos empregados habitualmente na Libras?
	Emoticons, GIFs, figurinhas, memes, etc. Símbolos que substituem ou complementam o discurso pelo significado atitudinal.	- Como cada um desses elementos visuais e gráficos podem ser empregados na interação sinalizada, online e presencialmente? - De que forma esses usos ampliam ou restringem a linguagem sinalizada? - Qual a representatividade desses elementos grafo-visuais para a caracterização da cultura surda? - Como a comunicação combinada a esses elementos pode afetar a inscrição de surdos na cultura midiática?

	Conversas múltiplas Conversas em tempo real que apresentam de configurações múltiplas de tópicos, e participantes.		- De que forma podem ocorrer e se organizar as conversas múltiplas na interação sinalizada na internet? - Que sinais foram criados para atender a tais necessidades comunicativas? - Qual a interferência dos efeitos de modalidade na interação em Libras no meio eletrônico? (Simultaneidade, relação entre parâmetros linguísticos)
Categorias linguísticas			Questionamentos sobre o funcionamento da Libras quanto aos aspectos:
ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DA LIBRAS (LB) (condicionam os modos de sinalização para interação em Libras)	ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS	Configuração de mão	- Quais estratégias de organização linguística no meio eletrônico são percebidas e como podem afetar o uso dos parâmetros?
		Movimento	- Como a incorporação de recursos e ferramentas tecnológicas da internet podem afetar o uso dos parâmetros na construção de sentido em textos videossinalizados?
		Ponto de articulação	- Considerando os tipos de variação livre e motivada demonstradas por Xavier e Barbosa (2014; 2017) como o contexto multicultural e multimodal da internet pode afetar o funcionamento dos parâmetros?
		Orientação da mão	- Como as limitações de espaço podem interferir nas condições de simetria e dominância das mãos apontadas por Battison (1974)?
		Expressões não-manuais	- Como as limitações de tela e espaço podem interferir na orientação de mão durante a sinalização? - Como o ambiente virtual pode afetar a seleção de recursos linguísticos não-manuais? Considerando as funções tradicionais das expressões não-manuais (topicalização, referenciação, marcador de aspecto, tempo, domínios sintáticos, entre outras).
	ASPECTOS MORFOLÓGICOS		Flexão (Simultaneidade)
		Derivação (sequencialidade)	Afixação – A partir do corpus selecionado, houve ocorrência de novos sinais relacionados à “e-comunicação” (Marcuschi, 2010a), a partir de afixos? Composição – Houve formação de novos sinais a partir da relação entre radicais e sinais existentes?

	ASPECTOS SINTÁTICOS		Como podem ocorrer fenômenos como o “encaixamento” ou subordinação, parataxe ou coordenação, e hipotaxe no meio eletrônico?
CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS NA LIBRAS SOB O PONTO DE VISTA DA LSF	METAFUNÇÃO IDEACIONAL	Como é expressa a experiência por sinalizantes	- Que variações podem ocorrer em termos de PARTICIPANTES, PROCESSOS e CIRCUNSTÂNCIAS na sinalização digital multimidiática?
	METAFUNÇÃO INTERPESSOAL	Como se relacionam os interactantes surdos e não surdos no meio eletrônico	- Na sinalização digital multimidiática, que variações podem ocorrer em termos de: (a) Expressão de identidade: pode incluir a análise de elementos como a escolha de sinais específicos, estilo de sinalização, e uso de expressões faciais para transmitir informações sobre gênero, idade, cultura, e outros aspectos da identidade. (b) Polidez e atitudes: como os usuários utilizam sinais para indicar respeito, cortesia, gratidão, sarcasmo, entre outros, e como essas expressões são interpretadas dentro do contexto digital. (c) Negociação de papéis sociais: negociação de diferentes papéis sociais, como o papel de amigo, colega, professor, aluno, etc. Como os sinais gestuais são utilizados para estabelecer e negociar esses papéis dentro das interações digitais. (d) Cooperação e conflito: como os sinais são empregados para indicar concordância, desacordo, compromisso, entre outros aspectos da interação social online. (e) Participação e engajamento: como os usuários de línguas sinalizadas se envolvem e participam das interações online. Isso pode incluir estratégias de engajamento, como a solicitação de <i>feedback</i>, a confirmação de compreensão, e o uso de sinais gestuais para encorajar a participação dos outros.

As categorias organizadas e demonstradas no Quadro 29, traçam um panorama sobre “os recursos de tela que são introduzidos automaticamente pelo software, sobre os quais o usuário não tem controle, e os recursos que são resultado de escolhas linguísticas feitas pelo usuário” (Crystal, 2011 p. 40), e que, por sua vez, afetam o modo como os significados são mobilizados na Libras.

Essas categorias são norteadoras para que cumpramos nossos objetivos específicos, a saber: (i) teorizar sobre os níveis de estratificação linguística da Libras; (ii) descrever o funcionamento de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos da Libras no meio eletrônico, condicionados às propriedades do meio eletrônico em contextos formais e informais de uso; (iii) categorizar as propriedades formais e tradicionais da fala, escrita e interação com surdos e sistematizar os usos incorporados aos recursos do meio eletrônico; (iiii) analisar como os significados são mobilizados na Libras quando realizada em meio eletrônico.

4.3 Tipo de pesquisa

Na contemporaneidade, o uso da internet por sujeitos surdos e não surdos sinalizantes tem garantido a constante alimentação e armazenamento de textos videossinalizados em línguas de sinais, servindo a diferentes propósitos sociais. Entretanto, pesquisadores têm apontado para problemas oriundos do uso de recursos e/ou ferramentas da internet por/para sujeitos surdos. Stumpf (2000), discute que a não observação da cultura surda em páginas direcionadas à educação de surdos, pode gerar desconforto quanto ao uso de ferramentas de acesso, tornando a comunicação e a aprendizagem ineficazes.

Uma pesquisa desenvolvida por Guarinello et al. (2009) sobre letramento de universitários surdos, revelou que, embora boa parte opte por práticas de leitura e escrita na internet, muitos apresentam dificuldades na produção e leitura de textos que exigem maior interpretação. Já Alves (2012) destaca que surdos bilíngues em fase de aquisição pré-linguística apresentam dificuldades em compreender a informações textuais disponíveis nas páginas da web.

Esses exemplos revelam problemáticas que exigem a observação de pesquisas de natureza aplicada, ou seja, aquelas que assumem um caráter investigativo sob o objetivo de intervir criticamente a fim de solucionar ou amenizar os problemas identificados, relacionados, nesse caso, às práticas sociais de escrita,

leitura e interação, amplamente debatidas no cenário de estudos linguísticos e, dessa vez, associados aos textos em Libras.

Sob essa perspectiva, a presente pesquisa assume a natureza aplicada, voltando-se aos estudos da linguagem no contexto da internet, sob finalidade descritiva e interpretativista, ou seja, buscamos observar e coletar dados em formato de textos videossinalizados como forma de observar, descrever e analisar/interpretar o funcionamento das realizações em Libras, caracterizando-os de forma detalhada e observando seus mecanismos de acomodação ao meio eletrônico, a fim de propor leituras aprofundadas sobre eles e evitar possíveis problemas de incorporação de um sistema visual-espacial à internet.

4.4 Contexto e corpus da pesquisa

Esta seção se ocupa da apresentação do corpus de análise desta pesquisa, dos elementos que nortearam a seleção e a delimitação de dados e das características dos textos e dos sujeitos envolvidos. Para melhor compreensão, optamos por fazer, inicialmente, uma breve contextualização sobre o modo como a internet tem servido como banco de dados, fruto da grande contingência de textos videossinalizados que comporta.

Demonstramos também como a internet tem sido potencializadora de pesquisas em línguas de modalidade visual-espacial devido à diretrizes de acesso público a dados contidos tanto em repositórios institucionalizados (cujos textos disponíveis seguem a critérios formais de organização, disposição, acesso e manipulação) quanto em redes sociais (cujos textos, embora submetidos a políticas e diretrizes de acesso, uso e publicização de dados, assumem um caráter informal, devido à maior flexibilidade de incorporação de propriedades do meio eletrônico e horizontalidade na criação, integração e disponibilização de conteúdos de acesso *online*).

4.4.1 Contexto que conduziu à seleção de dados para esta pesquisa

Antes do advento da internet, as possibilidades de acesso às produções científicas voltadas para a Libras se limitavam a arquivos em papel, armazenados, principalmente, em centros de educação de surdos, bibliotecas e repositórios físicos de instituições de ensino superior. A literatura produzida sobre a língua era reduzida,

se comparada à produção de conhecimento da contemporaneidade e as relações de contato entre sinalizantes eram estabelecidas, sobretudo em comunidades surdas, igrejas, ou eventos relacionados à cultura e ao ensino de pessoas surdas.

Em oposição ao caráter estabilizado dos textos impressos e interações face a face, a internet possibilitou o processamento de dados em alta velocidade e a integração de recursos de mídia, propiciando, dentre outros aspectos, a redução da distância e do tempo de acesso à informação, compartilhamento e armazenamento de dados e interações entre usuários do meio eletrônico.

Enquanto novos recursos tecnológicos integrados à internet eram engendrados, as línguas de sinais atingiam novos patamares de acesso, uso, regimentação e valoração. Por isso, “acessar dados linguísticos de diferentes línguas de modo simultâneo [...] a partir de dados disponibilizados publicamente tornou-se uma realidade que teve impacto nas formas das teorias linguísticas” (Quadros, 2019b, p. 2).

Dentre as implicações teóricas, podemos citar o desenvolvimento da Linguística da Internet, como forma de análise de todas as manifestações da linguagem na internet (Crystal, 2011), metodologias para pesquisas na internet (Fragoso; Recuero; Amaral, 2011), e procedimentos para o desenvolvimento do trabalho de campo no meio eletrônico, tais como a netnografia (Kozinets, 2014), etnografia virtual (Hine, 2004) e etnografia para internet (Hine, 2015), dentre outros.

Diante da ampliação das possibilidades de escrita, fala e interação na internet, ampliou-se a produção de conhecimento científico sobre práticas de linguagem estabelecidas através de perfis públicos conectados às redes sociais e da disponibilização de materiais científicos do campo de estudos linguísticos em repositórios de acesso público online. Quadros (2019b, p. 2), ao se referir às línguas de sinais, pontua que a tecnologia, sobretudo a partir da internet, “possibilitou a documentação de línguas compondo diferentes *corporas*”.

Um desses corpora, denominado Corpus Libras³⁷, surgiu a partir do engajamento de pesquisadores brasileiros, vinculados a universidades públicas, que, sob coordenação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), documentaram, por meio de vídeo, uma série de materiais em Libras, fruto de entrevistas, narrativas, produções espontâneas, dentre outros, possibilitando a constituição de um vasto inventário da/em Libras disponível na internet como fonte

³⁷ Disponível em: www.corpuslibras.ufsc.br.

de dados para desenvolvimento de pesquisas. Essa iniciativa, advinda da necessidade de manutenção da vitalidade da Libras, intensificou os debates sobre a necessidade de reconhecimento dessa língua como “Referência Cultural Brasileira”, a partir de sua inclusão no Inventário Nacional de Diversidade Linguística (INDL), conforme publicado no Diário Oficial da União, n. 122, de 30 de junho de 2022,

O Inventário Nacional de Libras compreendeu a elaboração de um corpus sobre a língua, contando com a participação de homens e mulheres de distintas faixas etárias, sendo 18 (dezoito) da Grande Florianópolis e outros 36 (trinta e seis) surdos de referência (professores e pesquisadores) de outras regiões do país. Foram coletados também dados a partir de entrevistas com 14 (quatorze) pessoas ouvintes de referência da comunidade surda brasileira. No total, houve a transcrição de 181.402 (cento e oitenta e um mil quatrocentos e dois) sinais. Foi realizado também um amplo levantamento sociolinguístico com usuários de libras, surdos e ouvintes, totalizando uma amostra nacional de 2.352 (dois mil trezentos e cinquenta e dois) usuários de LIBRAS, sendo 861 (oitocentos e sessenta e um) surdos e 1.491 (um mil quatrocentos e noventa e um) ouvintes. Esse conjunto de dados e informações representam uma amostra significativa dos usos dessa língua de sinais no Brasil.

O referido estudo sobre a língua fundamentou a emissão de parecer favorável à inclusão da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no Inventário Nacional da Diversidade Linguística - INDL e seu reconhecimento como “Referência Cultural Brasileira” (Brasil, 2022, p. 268).

O inventário da Libras organizada no CorpusLibras e suas políticas de acesso e manipulação de dados motivou o desenvolvimento de muitas pesquisas no campo dos estudos linguísticos, expandindo a força política e social da Libras, sobretudo no meio acadêmico. A produção científica, fruto dessas pesquisas, incorporam o campo formal de estudos da linguagem com foco em Libras, tornando-as cada vez mais presentes em repositórios públicos de acesso online.

Além do armazenamento e da disponibilização de textos científicos, a internet tem viabilizado o acesso a conteúdos produzidos por sujeitos sinalizantes, publicizados por meio de redes sociais, com diferentes focos informativos. Embora tenham um caráter informal, as publicações aproximam o leitor de aspectos culturais, educacionais e linguísticos sobre as comunidades surdas brasileiras e, sobretudo, traçam marcas, diretas ou indiretas sobre as práticas sociais de leitura, escrita e interação dessas comunidades linguísticas.

Visando o objetivo desta pesquisa e considerando a importância de publicações de caráter formal e informal para atingi-lo, fomos conduzidos à seleção de dados disponibilizados em repositórios de acesso público, associados a instituições formais de ensino (com caráter formal de disponibilização, acesso e manipulação de dados) e redes sociais (cujo caráter é informal, em virtude de os

propósitos comunicativos e interativos das postagens estarem atrelados à interesses pessoais e particulares).

4.4.2 Questões éticas sobre o acesso, manipulação e análise de dados

Como esta pesquisa utiliza de dados de acesso público, atrelados à plataformas institucionais (de caráter formal) e redes sociais (de caráter informal), se enquadra nas disposições da resolução nº 510, publicada em 07 de abril de 2016, que estabelece, dentre outras normas, sobre a aceitabilidade e liberdade de acesso e manipulação de dados em “II – pesquisa que utilize informações de acesso público, nos termos da Lei no 12.527, de 18 de novembro de 2011; III – pesquisa que utilize informações de domínio público” (Brasil, 2016, p. 44).

Essas disposições estão alinhadas com o Ofício Circular nº 17/2022 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP (Brasil, 2022), consolidando as possibilidades de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais com adoção de dados públicos, ampliando sua confiabilidade e viabilidade.

Nesta pesquisa, evitamos a seleção de dados cujo foco da interação e/ou comunicação seja mediada por temas sensíveis, tais como questões religiosas, políticas e ideológicas e se preocupa com a relevância e com a contribuição social desta pesquisa, além da confiabilidade em seu teor científico. (CONEP; CNS, 2015). Prezamos também pela observância de direitos dos envolvidos, por isso, checou-se as políticas de privacidade e termos de uso de cada plataforma de acesso público, que contém os dados que compõe o corpus de análise, sobretudo de caráter informal, a fim de averiguar sua assonância com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), que prevê, dentre outras disposições a “inviolabilidade da intimidade, da honra e da imagem” (Brasil, 2018).

Apresentamos, na próxima seção, como foi gerenciada a coleta, a manipulação e apresentação de dados.

4.5 Constituição do corpus

A constituição do *corpus* de uma pesquisa, independentemente da área a qual se vincule, depende dos propósitos e dos objetivos estabelecidos, do universo a ser pesquisado e das condições para desenvolvimento da pesquisa. De acordo com as pesquisadoras Fragoso, Recuero e Amaral (2011), esses aspectos são

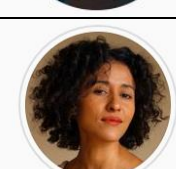
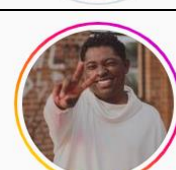
fundamentais para determinação dos procedimentos de análise e, sobretudo, para caracterização da amostra, ou seja, do conjunto de dados, considerados pertinentes, segundo objetivos e critérios de desenvolvimento da pesquisa, selecionados a fim de constituir o corpus de análise. A partir dessa perspectiva, a amostra que melhor caracteriza a presente pesquisa é a do tipo intencional, definida pelas autoras como “amostras qualitativas, cujos elementos são selecionados conforme critérios que derivam do problema de pesquisa, das características do universo observado e das condições e métodos de observação e análise”. (Fragoso; Recuero; Amaral, 2011, p. 78).

O corpus desta pesquisa é constituído por amostras de textos videossinalizados vinculados a plataformas de acesso público online, de caráter formal e informal, produzidos por sujeitos sinalizantes (surdos e não-surdos), de forma pancrônica, ou seja, com datas distintas de disponibilização pública no meio eletrônico, conforme Quadro 30,

Quadro 30. Ambientes eletrônicos de onde são selecionados

	Repositório	Instituição/ desenvolvedor	Disponível em:	Identidade visual
Repositórios de acesso público (caráter formal)	Repositório Digital Huet	Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)	http://repositorio.ines.gov.br/	
	Sítio online de Libras da UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	https://corpuslibras.ufsc.br/ /e https://libras.ufsc.br/ e https://app-hmg-libras.levantelab.com.br/ e https://signbank.libras.ufsc.br/pt/search-signs/view-all?page=1&letter=a	
	e-Disciplinas USP	Universidade de São Paulo (USP)	https://edisciplinas.usp.br/course/view.php?id=5603	

	Blog Mãos Aventureiras	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	https://www.ufrgs.br/maosaventureiras/	
	WebMídias NEADUNI	Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)	https://www.youtube.com/@NEADUNI_WEBMIDIAS	
	Repositório de acessibilidade linguística a dispositivos legais denominada PCD legal	Ministério Público do Trabalho no Estado do Espírito Santo	http://www.pcdlegal.com.br/	
	Libraspuc	Curso de Libras Pontifícia Universidade Católica - PUC-SP	https://www.instagram.com/libraspuc/	
	Jornalismo Tv Cultura	TV Cultura	https://www.youtube.com/@JornalismoTVCultura	
	Biblioteca digital da Editora Arara Azul	Editora Arara Azul	https://editora-arara-azul.com.br/livro-digital-html5/	
	CBDS – Confederação Brasileira de Desportos de surdos	CBDS	https://www.instagram.com/cbdsbrasil/	
Perfis públicos de redes sociais (caráter informal)	Librascast	canal de informações em Libras	https://www.youtube.com/@noticiaemmovimentotv	
	Igor Bucioli	Criador de conteúdo digital, surdo, engenheiro de automação, Gamer e Artista.	https://www.instagram.com/igorbucioli/ e https://www.tiktok.com/@igorbucioli	
	Canal Ewerton Carlos	Desenvolvedor de conteúdo para internet	https://www.youtube.com/@EwertonCarlosACADEMICOLIBRAS	

	Canal 'Sinais diários em Libras'	Desenvolvedor de conteúdo para internet	https://www.youtube.com/channel/UCBMCoXdelqNP6ihSh0RI_w	
	Canal @KitanaDreams	Drag queen, Maquiadora e Crafter	https://www.youtube.com/@KitanaDreams	
	Fabio.ssilva	Professor de Libras/ Surdo	https://www.instagram.com/fabiodesa.tv/	
	aannemagalhaes	Desenvolvedora de material acessível à pessoas surdas e Intérprete de Libras/ não surda	https://www.instagram.com/aannemagalhaes/	
	vinnphoto	Comediante e ator/ Surdo	https://www.instagram.com/vinnphoto/	
	sueliramalho	Consultora e palestrante sobre a Libras/ Surda	https://www.instagram.com/sueliramalho/	
	rimarsegala	Professor de Libras, Linguista.	https://www.facebook.com/rimar.r.segala	
	rodrigocustodio84	Professor de Linguística da Libras	https://www.instagram.com/rodrigocustodio84/	
	cleidianelibras	Intérprete de Libras/ não surda	https://www.tiktok.com/@cleidianelibras	
	Isflocos	surdo, multiartista, criador de conteúdo, empresário e influenciador digital.	https://www.youtube.com/isflocos/videos	

Fonte: a autora.

Conforme apresentamos por meio do Quadro 30, as amostras que compõem o corpus desta pesquisa são provenientes de vinte e um endereços eletrônicos, sendo, (i) dez endereços de repositórios de acesso público, associados a instituições formais de ensino e organizações privadas (de caráter formal) e, (ii) onze endereços eletrônicos de perfis públicos de sujeitos sinalizantes em redes sociais (de caráter informal), dentre os quais não delimitamos um quantitativo de amostras a serem coletadas, tendo em vista a necessidade de esgotar as possibilidades de responder às perguntas categorizadas no Quadro 29 e atender aos interesses desta pesquisa.

Apresentamos, na próxima seção, os procedimentos adotados para coleta, geração e apresentação dos dados que constituem o corpus de análise desta pesquisa.

4.6 Procedimentos de coleta, geração e apresentação de dados

A coleta de dados foi orientada pela técnica de trabalho de campo, ou seja, aquela em que a pesquisa exige o contato com o que/quem se pretende estudar (uma situação de campo).

No caso desta pesquisa, pressupõe-se a interação direta com o ambiente (ou sujeitos). Os dados foram coletados diretamente das fontes primárias, no ambiente natural onde o fenômeno está presente: a internet.

O antropólogo Bruce Albert (2014, p. 5), afirma que “os parâmetros do trabalho de campo tradicional”, sob o qual, ilusoriamente as relações sociais dos grupos investigados era dissociado do contexto político e das mudanças históricas de suas sociedades, estão em constante transformação. Segundo o autor, o trabalho de campo descentralizado de tópicos sociais que marcam a marginalidade de grupos minoritários investigados não é bem-visto, exigindo posturas cada vez mais críticas e ativas por parte dos pesquisadores. Assim, a observação dos etnógrafos não é mais “meramente ‘participante’, sua ‘participação’ social se tornou ao mesmo tempo condição e enquadramento de sua pesquisa de campo” (Albert, 2014, p.5). O pesquisador, portanto, passa a ser “um ator que precisa ter experiências semelhantes às de seus informantes, independentemente de quão mediadas tais experiências sejam³⁸” (Hine, 2004, p. 22).

³⁸ No original: “un actor que necesita tener experiencias similares a las de sus informantes, indistintamente de cuán mediadas estén tales experiencias” (Hine, 2004, p. 22).

Isso nos mostra que estudos etnográficos são cada vez mais necessários no campo da linguagem, principalmente, no campo aplicado e de igual modo, legitima as mudanças nas relações sociais, culturais, identitárias e linguísticas da contemporaneidade, sobretudo manifestadas na internet. Para Hine (2004), o desenvolvimento de uma etnografia sobre a internet é uma resposta adaptativa às novas possibilidades de aplicação da etnografia, sob as quais, a internet é concebida como cultura (por considerar que o acesso à internet tem se tornado um hábito incorporado às ações cotidianas) e artefato cultural (por entender que o uso da internet está associado a evolução tecnológica de artefatos como os telefones celulares, computadores, equipamentos e técnicas para captura e armazenamento de som e imagem).

Sob essa perspectiva e pela necessidade de investigação de textos videossinalizados de caráter formal e informal, esta pesquisa utiliza uma importante vertente etnográfica, a Netnografia (Kozinets, 2014), cuja característica e contribuições para este trabalho estão descritas no Quadro 31, a seguir.

Quadro 31. Organização metodológica

Netnografia	
Características	Contribuições para a coleta e geração de dados desta pesquisa
Quanto ao trabalho de campo:	* Para constituição do banco de dados de caráter formal: Observação e coleta de dados em plataformas institucionais. * Para constituição do banco de dados de caráter informal: engajamento da pesquisadora em tópicos sinalizados criados nas redes sociais selecionadas, seja por meio de reações, uso de emoticons, comentários escritos ou sinalizados em <i>lives</i>.
Quanto à seleção dos informantes: Orgad (2005, p. 54), afirma que “nem sempre é possível equiparar personas online e offline”, por isso seguimos as recomendações de Hine (2015) sobre a necessidade de observar os sujeitos da pesquisa e suas interações no contexto online sem desvincular-se do offline.	Diante dos propósitos da pesquisa e considerando os contextos on e offline de uso da Libras, os informantes foram selecionados a partir dos seguintes critérios: (i) Que fossem sinalizantes, independentemente de serem surdos ou ouvintes; (ii) Que apresentassem fluência na Libras e que suas personas online apresentassem condição de referência³⁹ dentro das comunidades surdas ou nas redes sociais (atestada pelo número de seguidores ou

³⁹ Quadros et al. (2018, p. 72), chama de surdos e ouvintes de referência “pessoas identificadas como representantes da comunidade surda nacionalmente ou localmente, em seus respectivos estados. [...] desempenham funções sociais liderando uma série de ações e atividades em diferentes níveis sociais, tais como, nos níveis políticos, sociais, intelectuais e comunitários”.

	engajamento em suas publicações online); Cuja sinalização online apresentasse modos distintos da realização da Libras em contexto offline.
Quanto à seleção da fonte de dados na internet:	Seleção de perfis públicos disponíveis em redes sociais e plataformas institucionais de acesso público, resultando na constituição de um corpus de caráter formal e informal.
Quanto à coleta de dados: O engajamento e envolvimento do pesquisador em comunidades online por meio da leitura regular de mensagens, seguir links, responder a outros membros por correio eletrônico, fazer comentários breves, aderir e contribuir para atividades comunitárias, contribui para a observação das práticas de linguagem “e, conseqüentemente, sugerir os diferentes tipos de dados que serão coletados” (Kozinets, 2014, p. 93).	Após seleção do grupo de informantes e endereços eletrônicos a serem utilizados como fonte de dados, observou-se em quais contextos da interação entre sinalizantes e quais trechos dos vídeos observados apresentavam construções sinalizadas em que o uso da Libras se distinguiu do modo de realização tradicional de interação (face a face) e/ou modos particulares de estabelecer relações sociais, culturais e linguísticas em virtude das propriedades formais do meio eletrônico.
Quanto à geração de dados: “Duas formas básicas de capturar dados online são: salvar o arquivo em um modo legível em computador, ou como uma imagem visual de sua tela [...]. Quando os dados contêm muitos estímulos visuais, como texto, assim como em websites de [...] redes sociais, os diversos métodos de captura de telas são preferenciais” (Kozinets, 2014, p. 96).	Os trechos dos textos videossinalizados selecionados foram selecionados por meio de captura de tela por meio do recurso de teclado chamado <i>printScreen</i> .
Quanto à geração de dados: “Duas formas básicas de capturar dados online são: salvar o arquivo em um modo legível em computador, ou como uma imagem visual de sua tela [...]. Quando os dados contêm muitos estímulos visuais, como texto, assim como em websites de [...] redes sociais, os diversos métodos de captura de telas são preferenciais” (Kozinets, 2014, p. 96).	Os trechos dos textos videossinalizados selecionados foram selecionados por meio de captura de tela por meio do recurso de teclado chamado <i>printScreen</i> .
Quanto à transcrição de dados	As práticas discursivas foram transcritas sob a leitura da pesquisadora. Pagura (2015) destaca que tanto o processo de tradução (na forma escrita), quanto de interpretação (na forma oral) demanda muito esforço cognitivo e exige competência linguística tanto da língua de partida quanto da língua de chegada. Diante disso e considerando o fato de que as línguas de sinais “não possuem um sistema de escrita convencional e plenamente adaptado ao computador” (Quadros, 2019a, p. 20), optamos por realizar a transcrição tendo como auxílio programas de edição de vídeos que nos permitiram pausar cada trecho da sinalização e observar com cuidado a realização linguística, segundo os níveis categorizados.
Quanto à análise de dados: “Foco qualitativo e interpretativo” (Reis; Kirchof, 2019, p. 144).	Ao analisar a estrutura discursiva se “examina atentamente a mecânica de como exatamente a fala ou a escrita funciona em um contexto específico e, partindo do princípio de que qualquer texto contém escolhas que poderiam ter sido de outra forma,

	funciona como um caminho para o desenvolvimento da capacidade do etnógrafo de examinar o que é considerado e por meio da experiência julgar se são familiares ou estranhas” (Hine, 2015, p. 106).
--	---

Fonte: a autora.

Como percebemos, a Netnografia se caracteriza como um método de “pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online” (Kozinets, 2014, p. 61) com a finalidade de realizar uma densa descrição do fenômeno cultural observado. (Hine, 2015).

De acordo com Mattos (2011), a etnografia como metodologia de investigação científica, pode trazer importantes contribuições para pesquisas de abordagem qualitativa,

em particular para os estudos que se interessam pelas desigualdades sociais, processos de exclusão e situações sóciointeracionais, por alguns motivos entre eles estão: Primeiro, preocupa-se com uma análise holística ou dialética da cultura, isto é, a cultura não é vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e as ações e interações humanas. Segundo, por introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica no processo modificador das estruturas sociais. Terceiro, por revelar as relações e interações ocorridas no interior das [...] estruturas sociais (Mattos, 2011, p. 50).

Optamos pela mesclagem entre duas vertentes etnográficas voltadas para a internet por oferecerem parâmetros para observação, coleta e organização dos dados obtidos no trabalho em campo de modo mais criterioso, pela necessidade de relacionar práticas sociais emergentes feitas por sinalizantes e modos dinâmicos de interação (online) com formas “relativamente estáveis” (Bakhtin, 2016) de textos videossinalizados e práticas culturais e interpessoais histórica e socialmente situadas (offline). Assim, “quando o construto focal se estende além do contexto da comunidade online para o mundo social mais amplo, seria errôneo presumir que podemos obter um quadro completo por meio de uma netnografia pura” (Kozinets, 2014, p. 66).

4.7 Procedimentos de análise

A análise, discutida na seção 5, ocorrerá em duas etapas, conforme apresentamos a seguir.

ETAPA 1: Análise da incorporação de propriedades formais do meio eletrônico à Libras em textos sinalizados e gêneros digitais

Essa etapa de análise investiga as propriedades formais do meio eletrônico nos textos videossinalizados em Libras, com ênfase nas facetas sociais e tecnológicas (Herring, 2005) e variáveis do contexto situacional que definem os gêneros (campo, relações e modo – conforme a TGR).

Desse modo, a ênfase na análise incide em aspectos como *Links* de Hipertexto, Persistência, Autoria Múltipla, *Feedback* simultâneo, Emoticons, GIFs, figurinhas, memes, etc. e Conversas múltiplas. Para tanto, cada aspecto é apresentado com exemplos de variações linguísticas, estilísticas, ortográficas, vocabulares e pragmáticas extraídas do corpus e discutidas em termos de padrões de ocorrência, conforme recomenda Crystal (2011). No Quadro 32, apresentamos cada categoria a ser analisada:

Quadro 32. Tópicos de cada subseção

Subseções	Categorias	Questionamentos sobre o funcionamento da Libras quanto aos aspectos:
5.1.1	<i>Links</i> de Hipertexto	- Como pode ocorrer a sinalização de hiperlinks? - Como o hipertexto pode ser incorporado às línguas de sinais? - Como pode ocorrer a quebra de linearidade na topicalização, característica fundamental do hipertexto?
5.1.2	Persistência	- A persistência é um fator considerado na interação por meio das línguas de sinais? Como? - De que forma a longa e a curta persistência pode alterar a produção de sinais na criação do enunciado?
5.1.3	Autoria múltipla ou multiautoria.	- As línguas de sinais, na interação face a face, são centradas no sinalizante, devido à dinâmica particular de controle de turno. Sendo assim, como o fenômeno da autoria múltipla afeta a representação da experiência na internet? - De que forma as ferramentas e recursos online podem promover a multiautoria de textos em sinais?

5.1.4	<i>Feedback</i> simultâneo	Alguns escritores sugerem que a falta desses recursos é uma das razões pelas quais tantas interações na Internet são percebidas, erroneamente, como abruptas, frias, distantes ou antagônicas. Isso também ocorre na interação sinalizada? - Como a ausência de <i>feedbacks</i> pode alterar a interação na modalidade visual espacial? - Para as línguas de sinais, o uso de marcadores discursivos de monitoramento de interlocução é muito usual. Como a realidade online pode afetar a seleção de recursos linguísticos empregados habitualmente na Libras?
5.1.5	Emoticons, GIFs, figurinhas, memes, etc.	Como cada um desses elementos visuais e gráficos podem ser empregados na interação sinalizada, online e presencialmente? De que forma esses usos ampliam ou restringem a linguagem sinalizada? - Qual a representatividade desses elementos grafo-visuais para a caracterização da cultura surda? - Como a comunicação combinada a esses elementos afeta a inscrição de surdos na cultura midiática?
5.1.6	Conversas múltiplas	- De que forma podem ocorrer e se organizar as conversas múltiplas na interação sinalizada na internet? - Que sinais foram criados ou reorganizados para atender a tais necessidades comunicativas? - Qual a interferência dos efeitos de modalidade na interação em Libras no meio eletrônico? (Simultaneidade, relação entre parâmetros linguísticos).

Fonte: a autora.

As facetas sociais e tecnológicas de gêneros digitais sinalizados cujas variáveis compreendem: (sincronicidade, granularidade, comprimento, canais, identidade, público, adaptação, formato, estrutura de participação, características dos participantes, finalidades, atividades, tópico, tom, normas de organização, normas de adequação social, linguagem e código) (Herring, 2005) serão discutidas nos textos do corpus selecionado, a fim de estabelecer dimensões de campo (de que assunto trata o texto), relação (como se relacionam os interactantes) e modo (como se organiza o texto) e assim determinar quais variáveis identificadas afetam o uso da Libras no meio eletrônico.

ETAPA 2: Análise dos aspectos linguísticos da Libras no meio digital e Análise da metafunção ideacional e interpessoal

Essa etapa de análise investiga aspectos fonético-fonológicos, aspectos morfológicos e aspectos sintáticos da Libras na internet, descritos e analisados pela metafunção ideacional e interpessoal.

Desse modo, são destacadas variações linguísticas nos:

1) Aspectos fonético-fonológicos:

Quadro 33. Parâmetros fonológicos da Libras

Configuração de mão (CM)	- Quais estratégias de organização linguística no meio eletrônico são percebidas e como podem afetar o uso dos parâmetros? - Como a incorporação de recursos e ferramentas tecnológicas da internet podem afetar o uso dos parâmetros na construção de sentido em textos videossinalizados? - Considerando os tipos de variação livre e motivada demonstradas por Xavier e Barbosa (2014; 2017) como o contexto multicultural e multimodal da internet pode afetar o funcionamento dos parâmetros? - Como as limitações de espaço podem interferir nas condições de simetria e dominância das mãos apontadas por Battison (1974)? - Como as limitações de tela e espaço podem interferir na orientação de mão durante a sinalização? - Como o ambiente virtual pode afetar a seleção de recursos linguísticos não-manuais? Considerando as funções tradicionais das expressões não-manuais (topicalização, referenciação, marcador de aspecto, tempo, domínios sintáticos, entre outras).
Movimento (M)	
Ponto de articulação (PA)	
Orientação da mão (Or)	
Expressões não-manuais (ENMs)	

Fonte: a autora.

2) Aspectos Morfológicos:

Quadro 34. Aspectos morfológicos da Libras

Flexão (Simultaneidade)	- Como os verbos de concordância podem ser realizados na internet? - Como pode ocorrer a marcação de gênero, número-pessoal e locação? - Como pode ocorrer a flexão de aspecto, duração, graduação, repetição?
Derivação (sequencialidade)	Afixação – A partir do corpus selecionado, houve ocorrência de novos sinais relacionados à “e-comunicação” (Marcuschi, 2010a), a partir de afixos? Composição – Houve formação de novos sinais a partir da relação entre radicais e sinais existentes.

Fonte: a autora.

3) Aspectos Sintáticos:

Quadro 35. Aspectos sintáticos da Libras

Como podem ocorrer fenômenos como o “encaixamento” ou subordinação, parataxe ou coordenação, e hipotaxe no meio eletrônico?

Fonte: a autora.

São apresentados dois quadros, em um deles descrevemos a análise da sinalização, segundo os níveis fonético-fonológico, morfológico e sintático e no outro quadro apresentamos a análise das metafunções ideacional e interpessoal.

Abaixo de cada categoria foi inserida uma seção de análise linguística, tanto para descrever o funcionamento dos parâmetros e das observações sobre a sinalização realizada, quanto para descrever os padrões de construção da experiência com base nos Processos, Participantes e Circunstâncias, na análise da metafunção ideacional e interpessoal. Os dados que compõem a análise da metafunção ideacional serão descritos em quadros e comentados na seção de análise linguística. Sobre a metafunção interpessoal, serão comentadas na seção de análise linguística apenas as informações mais relevantes, devido ao foco desta pesquisa, porém não serão descritos nos quadros de análises. Esta etapa da análise foi orientada pelos modelos da pesquisa de Rudge (2018) e utiliza as siglas a seguir para representação da sinalização (em inglês, as siglas utilizadas por Rudge):

AC – Ação Construída (*constructed action, CA*): uma construção linguística usada para representar uma ação ou série de ações em uma narrativa ou conversa que envolve o uso de expressões faciais específicas, movimentos corporais e outros marcadores não-manuais para transmitir uma sequência de eventos ou ações. Ao contrário de representar sinais específicos para cada ação, uma ação construída permite que usuários de língua de sinais descrevam ações complexas ou interações usando uma combinação de expressões faciais, linguagem corporal e outros sinais não-manuais. Essa técnica é particularmente útil para expressar atividades dinâmicas ou detalhadas em uma linguagem visual e espacial, como a língua de sinais.

AR – Ação Representada (*depicted action, DA*): refere-se à representação de uma ação ou evento usando elementos visuais e gestuais no espaço de sinalização. Em vez de usar um sinal específico para cada ação, um sinalizador pode usar os movimentos do corpo, expressões faciais e referências espaciais para retratar a ação de forma vívida. As ações representadas vão além dos sinais convencionais e envolvem o sinalizador agindo fisicamente ou retratando as características da ação. Essa técnica é particularmente útil para transmitir atividades dinâmicas ou detalhadas em uma linguagem visual e espacial como a

língua de sinais. Ela permite aos sinalizadores fornecer uma descrição mais imersiva e expressiva de ações ou eventos.

SA – Sinal de Apontamento (*pointing sign*, PT): tipo de sinal em que o locutor utiliza a mão ou dedo para indicar ou apontar para uma pessoa, lugar, coisa ou direção específica. Esse sinal é frequentemente utilizado para fornecer informações sobre a localização ou identidade de algo no espaço ao redor do falante. O sinal de apontamento é uma forma comum de referência espacial em línguas de sinais, permitindo que os usuários comuniquem a direção, posição ou identidade de um objeto sem a necessidade de utilizar sinais específicos para cada item. Esse tipo de gesto contribui para a natureza visual e espacial das línguas de sinais.

PRO – pronome: pronome de indicação em língua de sinais é geralmente realizado por apontar para a pessoa ou objeto a que se está referindo. Essa técnica envolve o uso dos dedos, mãos ou até mesmo movimentos do corpo para indicar a direção ou localização do referente na conversa. Por exemplo, para indicar a terceira pessoa do singular (ele/ela), o sinalizador pode apontar para a direção onde a pessoa ou objeto está localizado no espaço. O movimento do apontamento ajuda a estabelecer claramente quem ou o que está sendo referenciado na comunicação. É importante notar que diferentes línguas de sinais podem ter variações na forma como os pronomes de indicação são realizados, e as convenções podem variar de uma comunidade de língua de sinais para outra.

Números 1, 2, 3 / SG e PL – indicações da pessoa do verbo e número, singular (SG) e plural (PL). Por exemplo, a expressão SA: PRO3SG deve ser entendida como SINAL DE APONTAMENTO: PRONOME DA TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR.

Apresentamos, na seção 5, a análise dos dados selecionados, segundo os critérios teóricos e metodológicos apresentados nas seções anteriores e conforme as etapas descritas.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A apresentação e análise de dados, realizada nesta seção, foi organizada em duas subseções, a saber: (5.1) análise da incorporação de propriedades formais do meio eletrônico à Libras em gêneros digitais (procedimentos de análise descritos na ETAPA 1 da subseção 4.7), (5.2) variações na realização linguística e construção de significados na Libras em função da necessidade de acomodação do sistema linguístico ao meio eletrônico (conforme ETAPA 2) e (6) Discussão sobre os resultados.

5.1 Análise da incorporação de propriedades formais do meio eletrônico à Libras e gêneros digitais sinalizados

Consideramos os seguintes tipos de textos descritos por Silva (2019) para fins de análise, nesta etapa: (i) em Libras (face a face – como forma obter a realização ou forma prototípica); (ii) Libras escrita; (iii) Libras avatar, (iiii) Libras videossinalizada e acrescentamos a esses (iiiii) a Libras mista (cuja sinalização esteja atrelada a outras superfícies textuais, de ordem oral ou escrita)⁴⁰

A partir desses tipos de textos e seus diversos gêneros, discutimos as variáveis do contexto situacional que os definem (campo, relações e modo – conforme a TGR), as propriedades formais do meio, considerando as variações linguísticas, estilísticas, ortográficas, vocabulares e pragmáticas (Crystal, 2011) e as facetas sociais e tecnológicas características nos textos sinalizados selecionados (Herring, 2005), como forma de analisamos as implicações de seus mecanismos ao uso da Libras nas páginas da *web*.

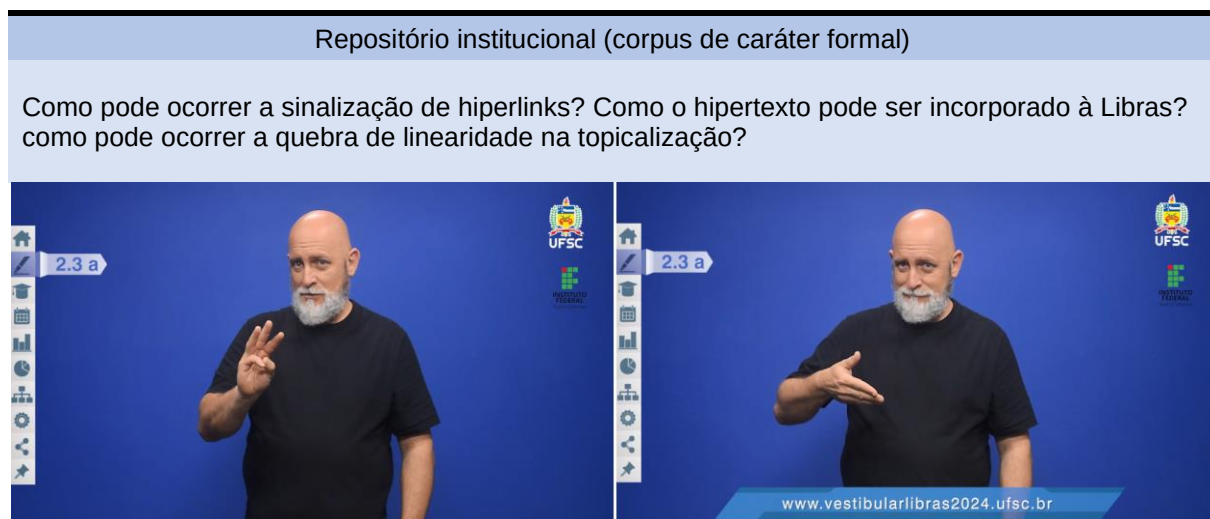
5.1.1 Links de Hipertexto

O hipertexto é um modelo conceitual utilizado na organização de informações digitais “que se ramifica de modo a permitir ao leitor virtual o acesso praticamente ilimitado a outros textos, na medida em que procede a escolhas locais e sucessivas em tempo real” (Koch, 2009, p. 25). Essas escolhas são viabilizadas através de

⁴⁰ Um exemplo de Libras mista ocorre em textos que integram o uso de legendas na forma escrita e oral (através de interpretação em Libras) à forma sinalizada.

hiperlinks, que são elementos operacionais que implementam as conexões entre diferentes partes de documentos ou entre documentos distintos da internet. Como forma de compreendermos como ocorre a sinalização de hiperlinks, como o hipertexto tem sido incorporado à Libras e como se dá a quebra de linearidade na topicalização, caracterizada pelo uso do hipertexto, o corpus desta pesquisa nos oferece os seguintes dados:

Quadro 36. Análise 1



Fonte: (Coperve, 2023, t. 02m09s-02m10s). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/251238>.

- Campo** O texto videossinalizado se refere à disponibilização e às orientações de acesso a um link. Está disponível no repositório institucional da Universidade Federal de Santa Catarina. Trata-se de um edital do Vestibular UFSC/IFSC 2023 para preenchimento de vagas para graduação em Letras Libras – Licenciatura e bacharelado/UFSC e Pedagogia Bilíngue/IFSC – Edital nº. 012/2023/COPERVE.
- Relação** O sinalizante realiza a interpretação do edital em Libras com orientações de acesso ao endereço eletrônico no qual candidatos podem inscrever-se. O sinalizante estabelece interação com os leitores mantendo o contato visual com a câmera. O nível de formalidade do hipertexto é expresso pela neutralidade das cores de fundo e da roupa utilizada pelo sinalizante e pela seleção discreta de recursos multissemióticos tanto para apresentação do link de inscrição, quanto das imagens e números que marcam o ponto do edital que está sendo lido.
- Modo** O sinalizante marca manualmente o sistema *world wide web* (www), indicando a disponibilidade do documento no meio eletrônico e simultaneamente ocorre a marcação não manual de concordância através do posicionamento da cabeça do sinalizante na mesma direção em que o sinal manual é produzido. Em seguida, o link é apresentado por referenciação no texto videossinalizado, exigindo um reposicionamento da cabeça do sinalizante com inclinação para baixo, indicando a concordância com a posição do espaço gramatical onde é apresentado. Embora haja marcas de concordância entre os sinais manuais e não manuais na apresentação do link é possível observar que o olhar do sinalizante mantém o foco na direção da câmera, tanto como forma de manter a interação com os leitores, quanto de manter a linearidade mínima do texto que, devido à sensibilidade visual de leitores sinalizantes poderia, a qualquer tempo, motivar o foco ou a dispersão da leitura. Nesse caso, a linearidade mínima também é mantida pelo avançar automático do vídeo ativado pelo clique.

Fonte: a autora.

O texto videossinalizado não possibilita um redirecionamento automático por meio do link. Deste modo, a ativação do link deflagra um processo exaustivo, dada a necessidade de retroceder e localizar novamente o endereço eletrônico exposto no vídeo para copiá-lo e assim acessá-lo, ou induziria o leitor a retornar ao edital, em formato escrito, a fim de localizar o link e ativá-lo. Entretanto, a relação de interface é estabelecida pelo edital na forma escrita, mantendo a intertextualidade, polifonia e dialogismo, fundamentais para o processo de construção de sentidos do hipertexto, conforme disserta Marcuschi (1999).

A principal distinção sobre o modo como um link é tradicionalmente apresentado está no fato de que, na interação face a face, cada caractere teria que ser apresentado manualmente, por datilologia, enquanto na internet, a partir do texto videossinalizado analisado, é apresentado por referência⁴¹, ou seja, pela indicação manual do espaço gramatical onde está localizado. Esse processo exige o auxílio de recursos multimodais para apresentação do link em formato escrito no vídeo, o que acarreta uma economia de sinais manuais semelhante às abreviaturas nas línguas orais, dispensando a sinalização de cada caractere e motivando a intensificação de sinais não-manuais (direção do olhar), como forma de manter a interação com o leitor e sobretudo, a linearidade mínima do texto.

Quadro 37. Análise 2

Repositório institucional (corpus de caráter formal)

Como pode ocorrer a sinalização de hiperlinks? Como o hipertexto pode ser incorporado à Libras? como pode ocorrer a quebra de linearidade na topicalização?



Sutton-Spence (2021, t. 01m04s-01m05s). Disponível em: <http://www.literaturaemlibras.com/>

⁴¹ De acordo com Koch e Marcuschi (1998, p. 173) a referência seria uma “atividade de “etiquetar” um mundo existente e indicialmente designado” e não “uma experiência estritamente sensorial [...] refletida pela linguagem”. A referência, segundo os autores, “é um processo discursivo [em] que os referentes são objetos-de-discurso” (p. 174). Na Libras, a referência ocorre “pela especificação da locação ou pela indicação manual [e por] produção da articulação-boca” (Pêgo, 2023, p. 281).

<i>Campo</i>	O recorte selecionado é um texto público videossinalizado, de âmbito formal, traduzido por Gustavo Gusmão. O texto se refere ao acesso à uma obra literária produzida pela autora Rachel Sutton Spence, publicado em 2021 pela Editora Arara Azul. A obra intitulada Literatura em Libras está disponível gratuitamente e encontra-se acessível em Libras para leitura online e em PDF. No recorte selecionado Gusmão traz informações sobre como acessá-la.
<i>Relação</i>	Embora a autora também seja surda, Gusmão é quem realiza tanto as orientações sobre o acesso à obra, quanto a tradução da obra para leitura online. Para a autora, a Libras é concebida como segunda língua, já para Gusmão como primeira língua. A decisão da tradução por um nativo implica na seleção eficiente de recursos linguísticos para gerenciamento e organização do texto segundo os propósitos da autora e, sobretudo, para a eficiência na construção de sentidos sobre o texto.
<i>Modo</i>	Gusmão realiza o sinal link associando-o à descrição da função do recurso, que é conduzir o leitor a outras partes do texto ou em outros documentos correlacionados, o que justifica o uso do sinal LINK + CLICAR + TELA, revelando de forma sinalizada as possibilidades de navegação pelas interfaces da internet oferecidas pelo link. Esse detalhamento é fundamental nas línguas de sinais pois compreende tanto o léxico quanto o seu conceito. A quebra de linearidade está no fato de que, embora a ação de acesso ao link esteja representada de forma sinalizada no vídeo, o link está disponível na página principal do hipertexto, exigindo que o leitor interrompa o texto videossinalizado para acessá-lo, ou seja, os caracteres que constituem o endereço eletrônico são omitidos da sinalização e não são apresentados por meio de outros recursos multimodais. Outra alternativa seria optar pela reprodução do texto videossinalizados através da ferramenta <i>Picture in Picture</i> (PIP) como forma de continuar recebendo as orientações sinalizadas enquanto acessa o link, entretanto, ainda resultaria na quebra de linearidade da leitura, em virtude da multiplicidade de possibilidades de navegação pelas informações, conforme explica Marcuschi (1999).

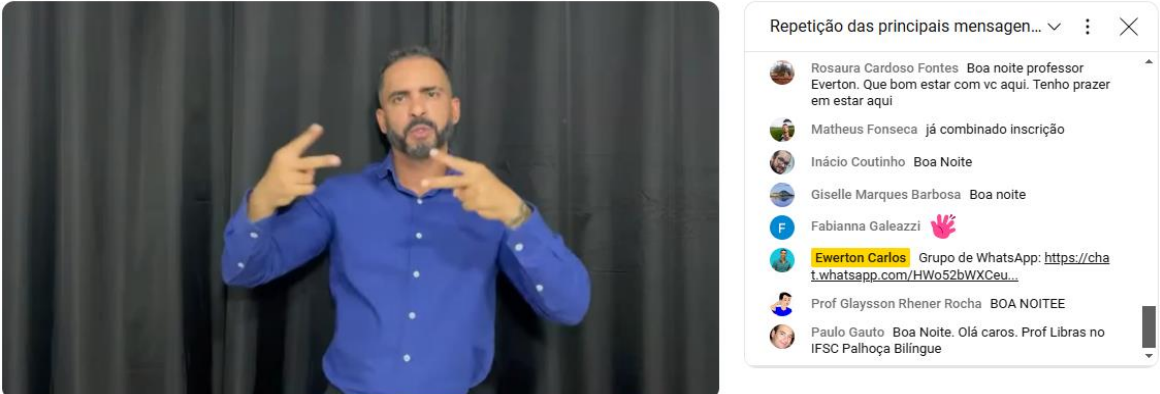
Fonte: a autora.

Nesse caso, a principal distinção quanto à realização tradicional do sinal LINK está na omissão dos caracteres que compõem o endereço eletrônico. A associação do sinal LINK à função do recurso (CLICAR + TELA) não é arbitrária, tampouco a omissão do endereço eletrônico, pois, diferente da sinalização face a face, em que cada caractere deveria ser apresentado para construir o sentido total do texto, na internet, o sentido se completa por relação de intertextualidade entre as informações do texto videossinalizado e aquelas contidas na página principal de apresentação da obra.

Quadro 38. Análise 3

Repositório individual (corpus de caráter informal)

Como pode ocorrer a sinalização de hiperlinks? Como o hipertexto pode ser incorporado à Libras? como pode ocorrer a quebra de linearidade na topicalização?



@EwertonCarlos (2024, t. 05m17s). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=NS56xD8S12Q>

- Campo** O texto videossinalizado se refere às personalidades surdas que conquistaram reconhecimento social. Está disponível no sítio online *Youtube*, vinculado à uma iniciativa particular proposta pelo professor Ewerton Carlos. Trata-se de um texto público, transmitido de modo síncrono e disponível de modo assíncrono (gravação da videoaula).
- Relação** O professor sinalizante é surdo. Se identifica ao público através de seu nome real. Embora seu canal não seja institucionalizado, adota postura e linguagem formal. Além disso, estabelece um padrão de tonalidades de cores discretas e neutras para roupas e planos de fundo durante as transmissões. Seu canal foi criado no ano de 2016 e conta com pouco mais de dezessete mil inscritos e cento e sessenta vídeos.
- Modo** No texto videossinalizado, o palestrante se refere ao link, porém não o exibe por meio de sinais manuais, o que parece impor uma restrição ao processo de leitura. No entanto, quando o link é descrito no chat, sob a forma escrita, e em seguida através do *qr code*, os sentidos do texto se completam, possibilitando ao leitor estabelecer relação entre as modalidades escrita e sinalizada, servindo aos propósitos do palestrante, ou seja, direcionar a audiência para o grupo de whatsapp mencionado por ele. O princípio de linearidade, nesse caso, residiria no fato do texto videossinalizado ser acessado exatamente na posição que o trazemos (na captura de tela), seguindo a ordem de leitura da esquerda para a direita o leitor teria acesso ao texto sinalizado e imediatamente ao chat, entretanto, é necessário considerar outras disposições de tela, cujo espaço seria mais restrito como no celular, por exemplo, em que o chat provavelmente estaria abaixo do texto videossinalizado, ou mesmo oculto, a depender das preferências de participação e leitura. Por isso, a depender de onde estão situados, os links “não só afetam diretamente a compreensão, como também influenciam o que deve ser destacado pelo leitor ou ignorado completamente” (Cavalcante, 2010, p. 211). Essa fragmentação textual é o principal elemento de deslinearização de tópico, haja vista que exige a orientação e atenção do leitor, tanto para interpretar a orientação contida no texto videossinalizado, quanto para localizar, em meio a tantas interações contidas no chat, o link mencionado pelo palestrante.

Fonte: a autora.

É importante destacar que a exibição do link no chat funciona com o objetivo de complementar o sentido do que foi “discursivizado” em vídeo admitindo uma

alteração significativa no modo de realização tradicional pois sem a adoção de outras semioses o link teria que ser apresentado e descrito de forma sinalizada (manualmente). No meio eletrônico observamos a ocorrência de uma economia de sinais motivada pelo apoio e integração de uma nova interface e materialidade textual, o *chat*.

Quadro 39. Análise 4

Repositório individual (corpus de caráter informal)	
Como pode ocorrer a sinalização de hiperlinks? Como o hipertexto pode ser incorporado à Libras? como pode ocorrer a quebra de linearidade na topicalização?	
	
Postagem do facebook. Disponível em: https://acesse.one/G87df	
<i>Campo</i>	Publicação realizada no sítio online facebook com foco na divulgação de um workshop programado para a data de 21 de julho de 2024.
<i>Relação</i>	A interação ocorre de duas formas, a primeira, do lado esquerdo, onde são disponibilizadas informações sobre o workshop de forma sinalizada e, à direita, é anexado o link para contato com o organizador para prestação de maiores informações.
<i>Modo</i>	A leitura, neste caso, é horizontal e obedece a uma linearidade mínima ao passo que o próprio recurso gerencia o progresso do texto, entretanto, a explicação do evento na forma sinalizada é realizada primeiro, estabelecendo elos linguísticos (ao sinalizar) e culturais (ao trazer a imagem como fruto da cultura e da experiência visual de pessoas surdas). A quebra de linearidade, veiculada ao hyperlink (na segunda imagem), está no fato de que abaixo da imagem está o link de contato com o informante, como forma de obter maiores informações sobre o evento, admitindo uma nova alternativa para navegação. Ao se tratar de sujeitos surdos, “quando um elemento gráfico novo aparece na tela logo chama a atenção e os leitores tendem a aproximar o mouse ou clicar, mesmo que a forma não siga o mesmo padrão adotado para os links” (Krusser, 2019, p. 75).

Fonte: a autora.

Nesse caso, a menção ao link de forma sinalizada é ausente. A relação de sentidos, porém, se estabelece pelo fato de o sinalizante trazer, prévia e brevemente, informações sobre o evento e, em seguida, destacá-lo junto ao link. É importante destacar que, nesse tipo de hipertexto, os recursos multissemióticos são

fundamentais para construção de sentidos sobre o texto, haja vista que o ritmo de leitura está condicionado ao tempo dinâmico regido pelo próprio recurso.

Quadro 40. Análise 5

Repositório institucional (corpus de caráter formal)

Como pode ocorrer a sinalização de hiperlinks? Como o hipertexto pode ser incorporado à Libras?
Como pode ocorrer a quebra de linearidade na topicalização?



Fonte: PCD Legal. Disponível em: <http://www.pcdlegal.com.br/>

- Campo** Trata-se de uma biblioteca virtual denominada PCD Legal que dispõe de conteúdo acessível em Libras.
- Relação** Na relação com o interlocutor, o hipertexto integra diferentes materialidades textuais, dentre elas: áudio, vídeo e escrita. As obras são apresentadas a partir das capas em miniaturas e contam com o link visográfico das mãos como forma de acesso aos hipervídeos.
- Modo** O princípio básico da constituição de um hipertexto está na “ausência de um foco dominante de leitura” (Xavier, 2010, p. 213) o que implica na seleção deslinearizada de conteúdos. Isso quer dizer que, à medida que o leitor posiciona o cursor sobre os links visográficos, são abertas janelas de reprodução dos hipervídeos. No entanto, o movimento do cursor, ainda que involuntário, pode encerrar sua reprodução e levar à perda de foco no conteúdo do texto. Uma alternativa para evitar esse problema é proporcionado pela apresentação do *QRCode* presente nas capas das obras, entretanto, a legibilidade é comprometida devido ao tamanho e à resolução das imagens apresentadas. Krusser (2019, p. 75) afirma que a legibilidade de um vídeo, dentre outros elementos, está diretamente associada ao “contraste de cores, enquadramento do intérprete e resolução do vídeo”. Nesse caso, observamos grande variação, tonalidades e intensidades de cores de capas e pouco contraste com as janelas em Libras em algumas situações, o que também poderia afetar não só a legibilidade como a seleção não arbitrária de conteúdos, dada a cultura, nível de letramento digital e acuidade visual de pessoas surdas.

Fonte: a autora

Quadro 41. Análise 6

Repositório de sinais

Como pode ocorrer a sinalização de hiperlinks? Como o hipertexto pode ser incorporado à Libras? como pode ocorrer a quebra de linearidade na topicalização?



Fonte: FLL1024 – Língua Brasileira de Sinais – Dicas de treinamento. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/page/view.php?id=207694>. Acesso em 10 jul. 2024.

Campo Dicas de treinamento de vocabulário em Libras no sítio online e-disciplinas da Universidade de São Paulo (USP).

Relação A interação ocorre por meio de fóruns, enquetes, suporte, mensagens internas, questionários, workshop, conteúdo interativo, textos de construção colaborativa (wikis) e, sobretudo, em formato de vídeo, conforme observamos na orientação da atividade que precede as dicas,

Enunciado:

Passo 1: Leia com cuidado a [página com as dicas de treinamento desta semana](#) e pratique os sinais indicados.

Passo 2: [leia as instruções como enviar um vídeo](#) (abra em outra janela).

Passo 3: **Grave e envie um vídeo com a tradução do seguinte texto para a Libras. Use a soletração manual para os nomes próprios e nomes dos cursos.**

“Boa noite. Meu nome é Isaías. Eu estudo Letras na USP. Meu amigo estuda Física e a irmã dele estuda Biologia.

Fonte: Envio prática 7. Disponível em: <https://encr.pw/J6qCt>. Acesso em 22 jul. 2024.

Modo

O hipertexto está acomodado em um software de apoio à aprendizagem denominado Moodle, expressão proveniente da língua inglesa (*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*) que significa Ambiente de Aprendizado Dinâmico Modular Orientado a Objetos. Através da plataforma são criados conteúdos de apoio às disciplinas, grupos de trabalhos e cursos de extensão, neste caso, da USP. (e-disciplinas. <https://docs.atp.usp.br/moodle/>)

Fonte: a autora

O hipertexto é público e possui linguagem formal, sendo o conteúdo é predominantemente assíncrono, o que dificulta a atualização dos sinais nos vídeos do repositório. Embora se apresente predominantemente escrito, abrem-se possibilidades de acesso à Libras por meio dos links. Os links apresentam mais de uma acepção

vocabular em vídeo. Uma limitação, neste caso, é o fato de não ocorrer exemplos de aplicação em contexto. Entretanto, a possibilidade de entrega da atividade de forma videossinalizada, é uma estratégia de criar hipóteses de leitura sobre o vocabulário e sobre o conteúdo viabilizado pelo link. A principal quebra de linearidade, nesse caso, é a intertextualidade entre as duas modalidades linguísticas e o fato de o leitor poder acessar o vocabulário em Libras, viabilizado através dos links, sem que tenha seguido os tópicos de direcionamento do conteúdo.

Quadro 42. Análise 7



Fonte: Página de apresentação do Repositório Digital Huet.
Disponível em: <http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/>. Acesso em 02 jul. 2024.

Campo

Seleção de tópicos de forma videossinalizada

Relação

A interação ocorre entre leitor e tela. Ela pode mediada ou não (a depender da escolha do leitor) por recursos de acessibilidade viabilizada por link:



Fonte: <http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/handle/123456789/70>

Modo

O hipertexto analisado integra a página principal de apresentação do repositório do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) no meio eletrônico. Trata-se de uma página pública e adota uma linguagem de caráter formal. Seu conteúdo é predominantemente assíncrono, porém a interpretação em Libras por meio do avatar é síncrona.

Nesse caso, o hipertexto reduz o risco de seleção arbitrária de conteúdo por pessoas surdas, já que, ao mover o mouse sobre cada tópico escrito da página, ocorre a

interpretação simultânea do texto em Libras, isto é, ocorre uma deslinearização do texto por um princípio de polifonia. É importante observar também que a sinalizante se dispõe no centro da tela, embora ocupe vários espaços da tela a depender do deslocamento do cursor. O estilo do texto afeta o processo de construção de sentidos não apenas sobre o sujeito, mas sobre a própria língua. Há uma quebra de linearidade no texto sobre a “uniformidade linguística e cultural, presente na ideologia uma língua, uma nação” (Müller, et al, 2013, p. 3) e pela qual perpassa a relação hierárquica de valoração das línguas a partir do status de uma língua oral. A disposição de uma página no meio eletrônico, cujo conteúdo tem predomínio de uma língua de modalidade visual-espacial e que pode ser acessada por milhares de falantes e sinalizantes de todo o mundo, expande as possibilidades de elevação do status e da valoração linguística e reduz o estranhamento de funcionamento de sistemas que se distinguem da modalidade oral, ou seja, o próprio hipertexto aliado aos elementos linguísticos e composicionais da página promove uma política linguística, desconstruindo sentidos estigmatizantes sobre línguas e grupos minoritários.

Fonte: a autora.

Outros elementos sobre o funcionamento do hiperlink e sobre a leitura do hipertexto, atrelado à modalidade visual-espacial, podem ser observados por meio do Quadro 43.

Quadro 43. Análise 8



Fonte: Repositório institucional da UFSC (SignBank). Disponível em:

<https://signbank.libras.ufsc.br/pt/search-signs/handshape/view-all>. Acesso em 02 jul. 2024.

Campo

Plataforma institucional de armazenamento de sinais da UFSC, denominada SignBank.

Relação

A relação entre leitor e hipertexto é mediada pela leitura de múltiplas semioses: imagens, escrita e vídeo.

Modo

De acordo com Coscarelli (2017), a leitura bem-sucedida de um hipertexto requer, dentre outras habilidades, a seleção eficiente do percurso de leitura. Essa seleção, por sua vez, demanda o reconhecimento de links. Observamos por meio do corpus de análise, que a seleção de links exige o exame e a integração de informações, já que os links são atrelados ao parâmetro linguístico de configuração de mão, envolvido na produção e na articulação dos sinais. Assim, ainda que o leitor não conheça o funcionamento de um sistema visual-espacial, a pesquisa por sinais exigirá um certo nível de letramento a fim de estabelecer uma rota para as buscas.

Fonte: a autora.

A relação arbitrária entre a configuração de mão (link) e o sinal pretendido pode interferir na seleção do percurso de leitura, a depender do nível de letramento⁴² em Libras e da cultura e da identidade em que se reconhece. Em conformidade com Gesser (2006), em situações de aprendizagem de Libras, ouvintes transitam pela língua de tradição oral, visual-espacial e pela modalidade escrita, como forma de atender suas necessidades comunicativas. Isso justifica o estabelecimento de uma relação direta entre as letras do alfabeto manual às iniciais de palavras, na forma escrita, em situações de aprendizagem da Libras por ouvintes. Esse é apenas um exemplo do que poderia motivar uma seleção equivocada de configurações de mãos durante a pesquisa de sinais, afetando, assim, o percurso de leitura.

5.1.2 Persistência

A noção de persistência na Linguística da Internet refere-se à durabilidade e preservação dos textos digitais de modo que permaneçam “acessíveis, legíveis e utilizáveis por futuras gerações” (Mamede, 2024, p. 5). Nesse sentido, a variabilidade do conteúdo, a maleabilidade do meio eletrônico e as diferenças culturais e linguísticas implicam, segundo Crystal (2011), na heterogeneidade de estilos, comportamentos e recursos linguísticos adotados para comunicação e interação segundo os diferentes propósitos para acesso às páginas eletrônicas. De acordo com Guardia e García (2003), o fator de persistência está associado à arquitetura visual-informativa das páginas, incluindo o desenho gráfico, legibilidade, relação entre interfaces, navegabilidade, conteúdo e funcionalidades. Esses aspectos afetam a organização e o gerenciamento de dados linguísticos, haja vista a

capacidade do meio em acomodar conteúdo multilíngue. Diferente da comunicação oral efêmera, os registros textuais e multimodais na internet permanecem disponíveis para consulta, modificação e ressignificação ao longo do tempo. Essa característica influencia práticas discursivas, pois os enunciadores podem construir discursos intertextuais e revisitar materiais antigos, promovendo a recontextualização de significados. Diante disso, os dados desta seção serão discutidos com foco em três tópicos principais: (i) gravação e arquivamento de sinais; (ii) plataformas de compartilhamento e mídias sociais; (iii) reuso e recontextualização de conteúdos.

Quadro 44. Análise 9



Fonte: Sinal Cabra. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C9zgNlipY47/>
 Sinal Cogumelo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DBYb47oJelU/>
 Sinal Eleição. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DCAunDzJHE5/>
 Sinal Energia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DCep9Rap9zj/>
 Sinal Estacionar. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAYCD1jpMIB/>
 Sinal Frio. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7m7422v9Ai/>
 Sinais Loja e comércio. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAWC5ztpOLx/>
 Sinal Mamografia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C-fMUgCOFx9/>
 Sinal Mercado. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C_xhCCnJcSU/
 Sinal Mesa. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C8AvzELvfw1/>

Fonte: a autora, a partir de capturas de telas de postagens do instagram extraídas do perfil público de Sueli Ramalho. Disponível em: <https://www.instagram.com/sueliramalho/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

42 "Entende-se que letramento vai além do texto escrito, falado ou sinalizado, pois implica um processo de construção de sentidos, com base no que é produzido individual e socialmente" (Cruz, 2018, p. 215).

O corpus de análise é constituído por capturas de telas de textos videossinalizados disponíveis em postagens contidas na rede social Instagram, no perfil público de uma sinalizante surda, filha de pais surdos e nativa da Língua de Sinais Brasileira.

Os sinais apresentados por ela, além do modo como são realizados, descrevem: (i) motivações morfológicas – os sinais de MERCADO e ESTACIONAR apresentados por ela, rememoram o contexto sob o qual deriva sua antiga e atual forma, registrando marcas diacrônicas na forma e uso da Libras; (ii) variações linguísticas – são apresentadas diferentes formas para os sinais MESA, LOJA e CABRA; (iii) traços culturais – o sinal ELEIÇÃO se remete ao hábito de depositar o voto impresso na urna, entretanto, devido ao sistema de votação eletrônica, esse sinal pode ganhar novas formas; (iv) universais linguísticos – associados à iconicidade – o sinal de MAMOGRAFIA lembra a compressão do seio pelo equipamento, já o sinal COGUMELO lembra seu formato original. Além desses, o sinal FRIO expressa a sensação térmica por meio da rigidez corporal e da expressão facial; e (v) universais linguísticos – associados à arbitrariedade – como nos sinais de ENERGIA e COMÉRCIO.

Ao ensinar vocábulos da Libras por meio da internet, o registro que pertence à memória afetiva, sociocultural e linguística da sinalizante passa a ser preservada em um arquivo digital. Ela registra detalhes de uma herança⁴³ linguística e cultural (Quadros, 2017), permitindo-lhe fazer associações entre usos e contextos distintos e imprimir neles fatos particulares experienciados por ela, além de marcas expressivas de sua identidade como pessoa surda. De acordo com Cunha (2020, p. 10), ainda que atrelados à registros informais por meio de redes sociais, a persistência textual de conteúdos associados às línguas minoritárias reduz o risco de ameaça à extinção da diversidade linguística; pelo contrário, as preserva.

A partir do registro em vídeo, o conteúdo pode ser acessado por pares mais jovens e de diversas localidades, sanando dúvidas, permeando curiosidades e sobretudo, expandindo o léxico e a vitalidade da Libras. A necessidade de contato entre gerações para expansão da língua, acaba ganhando uma nova aliada, a

⁴³ “Os surdos de pais surdos herdam a língua de sinais em casa, assim como outros falantes de língua de herança. [...] são surdos de referência das comunidades dos surdos, [...] são sinalizantes nativos da língua de sinais. [...] A língua de herança está cunhada como primeira língua, e esses sinalizantes da língua de sinais a mantêm como língua primária em termos linguísticos, assim como em termos socioculturais” (Quadros, 2017, p. 72).

internet, pois além do acesso ilimitado e gratuito aos textos videossinalizados publicados, os membros da comunidade online podem estabelecer a comunicação por meio de ferramentas disponibilizadas pela própria plataforma, tais como mensagens privadas (*direct message*) ou públicas (*chats*) estreitando os laços interpessoais.

O conteúdo pode ser compartilhado com maior agilidade por meio da página principal de notícias (*feed*), que será apresentado instantaneamente para a rede de contatos, sem que o usuário tenha que navegar por outras publicações. Outros perfis também podem ser marcados na postagem original, motivando o acesso ilimitado e ao longo do tempo (persistência) ao texto videossinalizado.

Além disso, o gerenciamento de dados é realizado pela própria sinalizante, tanto como expressão cultural como forma de difusão profissional, o que não garante o acesso permanente à página, porém a estimula a mantê-la continuamente atualizada e com armazenamento de conteúdos novos, o que implica no fator de persistência.

Quadro 45. Análise 10

Repositório de sinais	
- A persistência é um fator considerado na interação por meio das línguas de sinais? Como?	

Fonte: Acervo CorpusLibras. Disponível em: <https://corpuslibras.ufsc.br/dados>. Acesso em 12 mar. 2025.

Fonte: a autora, pautada na base de dados.

A unidade de análise apresenta a página de acesso ao acervo online do Corpus Libras, um conjunto de produções em Libras armazenadas como forma de observação de aspectos linguísticos, históricos e culturais relacionados à língua. O repositório online suporta grande contingência de arquivos, o que favoreceu a documentação de um vasto inventário de dados linguísticos.

A gravação e o arquivamento das produções sinalizadas, distintamente da sinalização em contexto comunicativo presencial, permitem revisitar o material, pausar e observar os dados produzidos, interpretar e reinterpretar os textos digitais. Além disso, o fato do repositório ser público e institucional amplia a confiabilidade na autenticidade de dados disponibilizados, contribui para a organização e manutenção do material em formatos atualizados e para a adoção de múltiplos suportes de acesso, reduzindo o risco de perda do patrimônio digital, conforme indica Mamede (2024).

A persistência de dados também está associada à navegabilidade e relação de interfaces. Os estados brasileiros são links ativos que conduzem os usuários ao banco de dados produzido em cada localidade, favorecendo a seleção rápida e precisa de informações, em especial para o desenvolvimento de pesquisas sobre variações linguísticas regionais

Por se tratar de um sistema visual-espacial, os registros estáticos do funcionamento da Libras em documentos físicos (impressos) dificultavam a compreensão de sua realização linguística, além disso, o registro escrito da representação sinalizada costuma ser densa devido a necessidade de descrição visual. Com o desenvolvimento da cultura digital e a acomodação de material em vídeo, grandes corpora são produzidos e armazenados em repositórios institucionais, permitindo, sobretudo, documentar sinais. Isto implica diretamente no campo de estudos da linguagem pois viabiliza investigações sobre a língua e descrições cada vez mais detalhadas sobre ela e, conseqüentemente, amplia a persistência desses dados na internet, dada sua usabilidade, aplicabilidade e constância nas práticas de preservação da integridade de arquivos.

Quadro 46. Análise 11

Repositório de sinais

- De que forma a longa e a curta persistência podem alterar/afetar a produção de sinais na criação do enunciado?



Fonte: Postagem no sítio online *TikTok*, perfil @igorbuciolli. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMBnt2gtU/>. Acesso em 03 abr. 2025.

Fonte: a autora.

As capturas de tela (Quadro 45) apresentam a abertura de uma sequência discursiva em que um jovem responde a perguntas formuladas por seus seguidores em seu canal no TikTok. Diferente do caráter efêmero em que perguntas são produzidas em tempo real, na internet, o registro de dúvidas fica armazenado sob a forma escrita na seção de comentários do vídeo e podem ser revisitadas pelo informante a qualquer tempo.

O processo de edição, por sua vez, possibilita a sobreposição do vídeo com as imagens que apresentam o registro textual das perguntas, dispensando a sinalização de cada uma delas. O mesmo ocorre durante a afirmação da identidade do sinalizante. Ao invés de sinalizar “SOU SURDO”, ele adota a incorporação da informação através da escrita, gerando uma economia de sinais. Assim, o enunciado se distingue do modo com que é formulado tradicionalmente, já que não pode contar com estratégias de adoção de recursos multimodais, tampouco rememorar enunciados produzidos há muito tempo sem o uso de equipamentos tecnológicos.

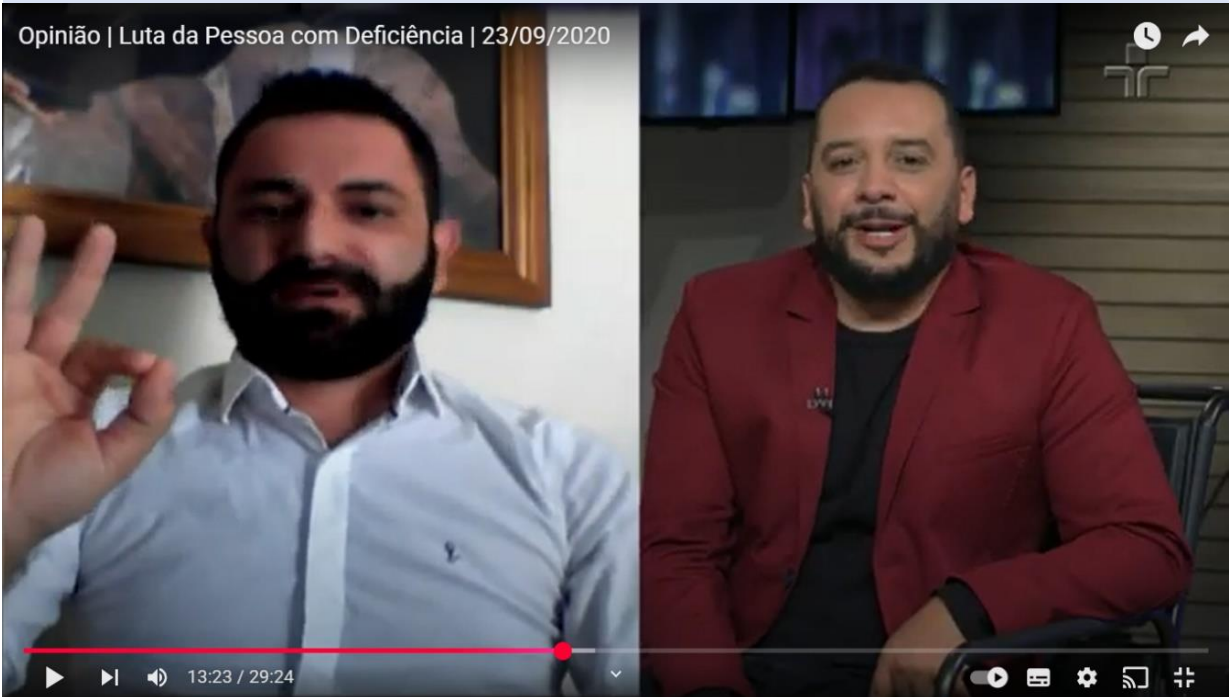
5.1.3 Autoria múltipla ou multiautoria

A autoria múltipla ou múltipla autoria ocorre quando mais de um participante está envolvido na construção do texto. Os Quadros 47, 49 e 50 enfocam, respectivamente, as três metafunções (ideacional, interpessoal e textual), consideradas no enquadre do contexto situacional de campo, relações e modo.

Quadro 47. Análise 12

Repositório institucional (Tv Cultura)

- As línguas de sinais, na interação face a face, são centradas no sinalizante, devido à dinâmica particular de controle de turno. Sendo assim, como o fenômeno da autoria múltipla pode afetar a representação da experiência na internet? (dimensão de campo)



TV Cultura. [Jornalismo TV Cultura – online]. Luta da pessoa com deficiência. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1_ntDb-avPI. Acesso em 10 de abr. 2025.

Fonte: a autora.

Varição na dimensão de Campo: Apresentamos a captura de tela de uma edição do Jornal da Cultura transmitido pela TV Cultura, ao vivo, às 21horas, de segunda a sábado. O trecho do vídeo analisado apresenta uma pessoa surda respondendo a uma pergunta formulada pelos apresentadores do jornal. Embora a interpretação de voz não exija a presença física do tradutor intérprete, já que sua voz torna o texto acessível à ouvintes, a tela da pessoa surda é dividida com ele, pelo fato do intérprete pertencer à equipe de colaboradores do jornal. As relações de força e

poder, portanto, alteram convenções no domínio interpessoal, ainda que essas não estejam previstas em dispositivos legais.

Outra alteração significativa ocorre no domínio do campo, em que a interpretação de voz afeta a construção de significados ideacionais do texto sinalizado, conforme descrevemos por meio do Quadro a seguir,

Quadro 48. Sequência discursiva da análise 12

								
TV Cultura (t. 13:03 – 13:11 s).								
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1_ntDb-avPI . Acesso em 10 de abr. 2025.								
Sinalização manual:								
EU POSIÇÃO DE FALA, SER SURDO, SER CAPAZ, MOSTRAR, EXPLANAR OPINIÃO								
Tradução:								
Eu me posiciono, sou surdo, sou capaz de construir e expor minha opinião.								
Interpretação de voz:								
Eu acho que falta inclusão atitudinal, falta atitude das pessoas. (Demonstra que a atitude do jornal em convidar a pessoa surda foi importante, aproximando ao sentido do que foi sinalizado)								

Fonte: a autora.

Segala e Quadros (2015, p. 361) afirmam que “o fato dos tradutores se apresentarem fisicamente na versão em Libras interfere na relação de autoria do texto”, mas, para além disso, afeta a construção de significados do enunciado. Observamos que o intérprete ressalta o contexto amplo da mensagem na interpretação-voz⁴⁴, a qual destaca a inclusão atitudinal como fator importante para tornar a sociedade mais inclusiva e igualitária, entretanto, o exemplo particular “discursivizado” pela pessoa surda é omitido. Esse é um exemplo de um aspecto interpessoal inerente à múltipla autoria no contexto da linguagem sinalizada e do trabalho dos TILS – Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais em ambientes digitais.

Observamos, portanto, uma alteração significativa na dimensão de campo. Pagura (2015) lembra que a conversão de um sistema linguístico para outro, nesse caso, da língua fonte (língua portuguesa) para a língua alvo (Libras) é um processo que emerge profunda interpretação. Desse modo, é preciso admitir que um gesto de leitura nunca será transparente, ou seja, nunca será isento da subjetividade e das

marcas de experiência do tradutor intérprete de Libras que, conseqüentemente, acaba participando da construção do texto, tornando sua autoria múltipla.

Quadro 49. Análise 13

Repositório de sinais

- As línguas de sinais, na interação face a face, são centradas no falante, devido à dinâmica particular de controle de turno. Sendo assim, como o fenômeno da autoria múltipla pode afetar o domínio interpessoal no uso de uma língua de modalidade visual espacial? (dimensão das relações)



Fonte: postagem do perfil público do instagram cleidianeibras. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cs9GH-RvuCq/>. Acesso em 02 abr. 2025.

Fonte: a autora.

44Interpretação-voz é a tarefa de organizar a mensagem do texto visual-espacial para o texto oral (Lourenço, 2018b).

Variação na dimensão das Relações: O vídeo apresenta uma situação de interpretação em Libras, onde o discurso oral é realizado por meio de uma linguagem informal e marcas de imprecisão teórica e científica. Ao perceber inconsistências no discurso, a intérprete de Libras adota diferentes estratégias para a realização da interpretação, afetando a construção de significados interpessoais, dentre eles:

- Executa pequenas pausas, como estratégia para refletir sobre o que foi dito e organizar o texto na língua fonte, zelando assim pela adequação na construção de significados.
- Simultaneamente às pausas, faz uso de expressões afetivas que demonstram uma polaridade negativa ao conteúdo do discurso (metafunção interpessoal) e direciona o olhar para trás simulando uma interação em tempo real (o fato do texto original ter sido acessado de modo assíncrono, possibilita a edição e o planejamento das mudanças em relação ao texto original, entretanto, preserva as marcas de inviabilidade da tarefa interpretativa como forma de demonstrar ao público a necessidade de recepção prévia do texto na língua fonte para o estudo de sua transposição para a língua alvo).
- Também negocia os significados interpessoais ao fazer uso do reparo, quando verbaliza a resposta a uma pergunta formulada pela comunicante e a apresenta de modo escrito (a palavra TERRA). O reparo⁴⁵ é um mecanismo de polidez com finalidade de ajuste/correção ao discurso e seu uso, neste caso, demonstra atitude colaborativa com a comunicante. Além disso, está vinculado à uma estratégia interpretativa de antecipação⁴⁶ em que a intérprete prevê o conteúdo do discurso e o antecipa, porém distintamente do modo tradicional, o expressa através de um recurso multimodal e não na forma sinalizada.
- Omite trechos do discurso oral, não apenas como estratégia linguística, mas como forma de imprimir suas impressões pessoais sobre o texto. Essa atitude afeta a neutralidade necessária para o desempenho da função como intérprete de Libras e reorganiza os papéis sociais entre comunicante e mediadora do discurso, já que a

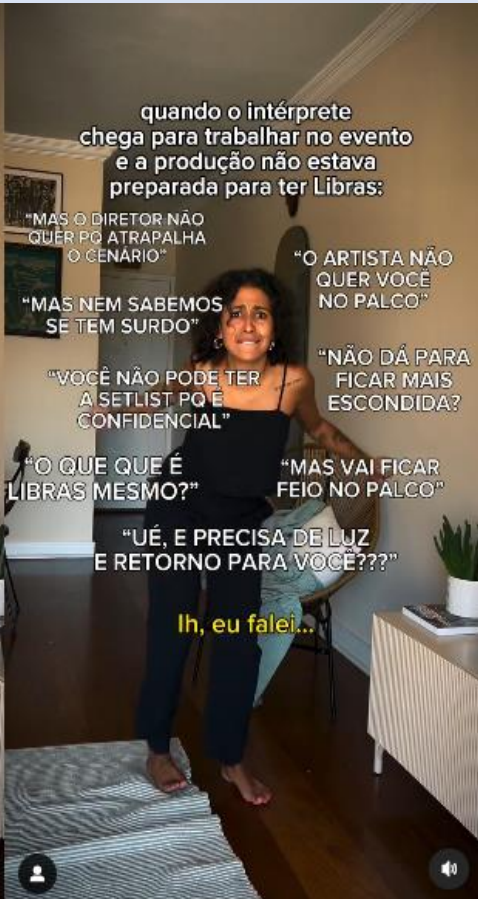
45 Marcuschi (2003, p. 28-29) afirma que o reparo é um “mecanismo de correção” sintática, lexical, fonética, semântica ou pragmática que funciona como recurso para “edição ou auto-edição conversacional e contribui para organizar a conversação”.

46 Mais detalhes sobre o uso de estratégias linguísticas de interpretação podem ser obtidos na pesquisa desenvolvida por Barbosa (2020). Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/PGET0490-T%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/PGET0490-T%20(1).pdf).

intérprete de Libras se torna uma participante ativa na construção da mensagem ao assumir, momentaneamente, a posição discursiva da comunicante. A omissão é um recurso de polidez empregado como forma de preservar a face do interlocutor e, neste caso, contribui para que a intérprete demonstre a falta de inteligibilidade do texto.

Embora a situação de interpretação/interação tenha sido simulada e os recursos utilizados não tenham sido espontaneamente empregados, é possível analisar como, em quais situações são utilizados e com qual finalidade ocorrem, nos permitindo sistematizá-los, o que nos leva a concluir que o meio eletrônico tem permitido um *continuum* entre fala e escrita e também em relação às contingências oriundas de situações de interação reais.

Quadro 50. Análise 14

Repositório de sinais	
- As línguas de sinais, na interação face a face, são centradas no falante, devido à dinâmica particular de controle de turno. Sendo assim, como o fenômeno da autoria múltipla pode afetar o domínio textual em Libras? (dimensão de modo)	
	

Postagem do sítio online instagram.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C328Xb1LeXU/>

Acesso em 31 mar. 2025.

Fonte: a autora.

Variação na dimensão de modo: O conteúdo do texto videossinalizado expressa uma crítica à falta de esclarecimento quanto a oferta da acessibilidade linguística para pessoas surdas em eventos. Para tanto, a sinalizante interpreta uma música, cujo refrão exige a repetição da palavra “CALMA”, expressa por sinais manuais.

Vale destacar que, sob o ponto de vista das metafunções ideacional e interpessoal, a interjeição “IH”, o participante “EU” (ator) e o processo verbal “FALEI” são omitidos da sinalização manual, porém são apresentados através de um recurso multimodal (a legenda). A omissão acompanhada da expressão facial (franzir da testa e morder o lábio inferior) demonstra ironia e deslize em tocar em um assunto delicado, porém, de suma importância, o que justifica a seleção não arbitrária da letra da canção.

Ao destacar outras vozes envolvidas no discurso, com o uso de recursos multimodais sob a forma escrita, o espaço de tela é parcialmente preenchido, enquanto o espaço ocupado pela sinalizante é restringido (intencionalmente). Embora essas vozes se associem no contexto imediato aos produtores e organizadores de eventos, o contexto de cultura explora a dimensão social, em que por muito tempo foi relegado um espaço de fala subalterno às pessoas surdas, assim como o espaço destinado à sinalizante, impactado por construções de significados marcadas por vozes sociais que expressam estigmas, preconceitos, desconhecimento, ironia. Essas vozes, além de apresentarem os tópicos que motivam discordância, também contribuem para a construção do texto em ambiente virtual, tornando-o de autoria múltipla, já que rememoram diferentes papéis sociais.

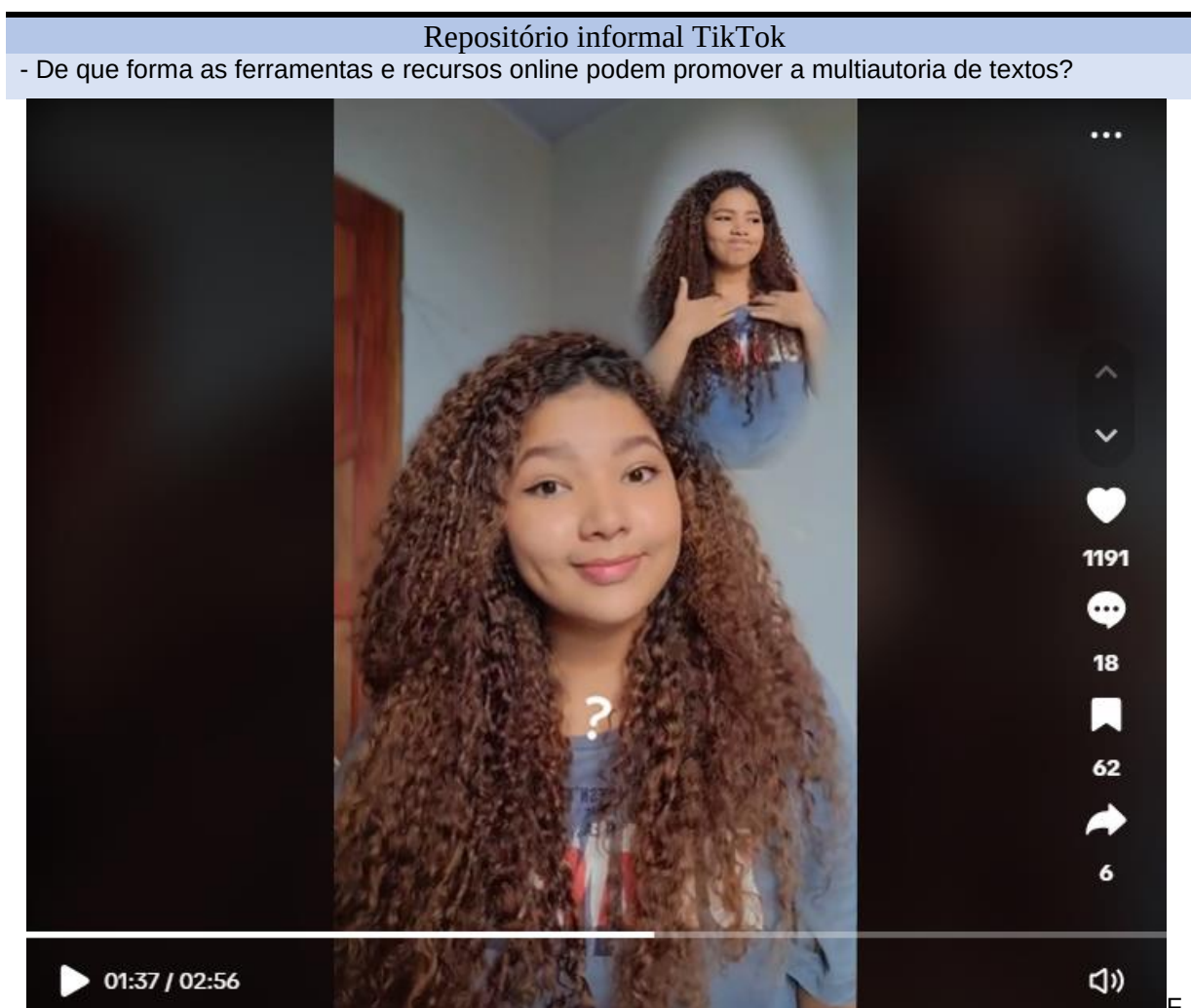
Ao contrário da sinalização prototípica, que exigiria a sinalização de todo conteúdo disposto em tela, o texto multimodal possibilita que a sinalizante reduza a sinalização à mensagem principal do discurso, ou seja, à sinalização da palavra “CALMA”, enfatizando a necessidade de se ter calma em situações de conflito que envolvam o desconhecimento sobre a oferta da acessibilidade linguística. Além disso, a repetição do sinal “CALMA” contribui para que a audiência mantenha o foco na leitura do texto escrito, construindo assim, o sentido do texto em sua totalidade.

Outra distinção significativa ocorre no domínio de modo e no dinamismo da comunicação. A ordem de acesso às informações é gerenciada pelo próprio recurso, pois ao reproduzir o vídeo de forma automática, o leitor é conduzido a diferentes caminhos de leitura e, a depender do ponto em que tenha iniciado sua visualização

e da ordem de leitura dos elementos do texto, pode ocorrer uma reorganização da mensagem, o que acarreta diferentes interpretações. Dentre as possibilidades, “CALMA, CALMA... Ih, eu falei...” se remete ao deslize de ter mencionado algo delicado, ou “Ih, eu falei... CALMA, CALMA...” no sentido de pedido de calma, supostamente direcionado aos colegas de profissão.

As análises a seguir, Quadros 51 e 52, propõem uma análise mais holística do fenômeno da multiautoria no corpus selecionado.

Quadro 51. Análise 15



Fonte: Postagem no sítio online *TikTok*, perfil @cleidianeLibras (t. 01:37 s).
Disponível em: <https://www.tiktok.com/@cleidianeLibras/video/7348129985397329158>.
Acesso em 10 de nov. 2024.

Fonte: a autora.

A postagem realizada no perfil público @cleidianeLibras, na plataforma TikTok, em 19 de março de 2024, retrata o relato de uma situação de interação que exigiu uma conduta ética, durante o exercício da tarefa de interpretação.

Dada a informalidade do relato de experiência e do próprio mecanismo de associação do texto à internet (a rede social), a janela de Libras ganha novos contornos (em formato oval, neste caso) e posicionamento na tela (no canto superior direito ao invés do tradicional canto inferior direito), ou seja, há uma quebra nos padrões formais de incorporação do intérprete à janela de Libras⁴⁷.

No texto videossinalizado em questão, a multiautoria é permitida por remix⁴⁸, um recurso tecnológico de sobreposição de textos. Por meio dele, tanto a mensagem oral quanto sinalizada é realizada pela mesma pessoa, porém, o aspecto cultural atrelado às diferentes modalidades linguísticas as situa em papéis sociais distintos.

A captura de tela registra o momento em que a expressão facial da enunciante da língua oral demonstra ironia e tem como reforço o ponto de interrogação, que expressa a incerteza e incredulidade sobre o acontecimento narrado. Enquanto a expressão facial da intérprete acentua a polaridade negativa a respeito da situação descrita, demonstrando decepção.

Ainda que os textos oral e sinalizado tenham sido sincronizados por edição e se remetam ao mesmo ponto do discurso, há uma alteração na dimensão de campo e relações, pois diferentes significados são mobilizados sobre o fato relatado, conforme observamos através da expressão facial das autoras, gerando avaliações distintas dentro de cada cultura representada.

De acordo com Crystal (2011) a multiautoria acaba perturbando o senso de identidade física de um texto e neste caso, do próprio autor do texto, haja vista a quebra de anonimato devido à exposição corporal para exibição da mensagem.

⁴⁷ A janela de interpretação segue critérios de acessibilidade televisa previstos pela NBR15290/2016 que prevê que o espaço destinado ao intérprete ofereça iluminação e foco e que seu enquadramento não sofra interferência do campo destinado à legenda. Além disso, a proporcionalidade da janela deve ser “no mínimo a quarta parte da largura da tela” (ABNT,2005, p. 9).

⁴⁸ Araújo (2016, p. 58), rememora a teoria do *remix*, formulada por Navas (2010) e explica que “o *remix* se caracteriza por sua vinculação a uma fonte primeira, que passa a ser retomada pelo sujeito de diferentes formas, gerando releituras criativas dessa matriz, que inspiram novas construções de sentido”.

Quadro 52. Análise 16

Repositório informal TikTok

- De que forma as ferramentas e recursos online podem promover a multiautoria de textos?



Fonte: Imagem extraída do sítio online *YouTube*. LibrasCast #03 Sueli Ramalho (2023, t: 9:27 s).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RUN1sdYOdrM>.

Acesso em 20 abr. 2025.

Fonte: a autora.

O texto analisado é composto por múltiplos autores, três intérpretes de Libras (como forma de atribuir diferentes sonoridades vocais a cada um dos interactantes e dividir a tarefa interpretativa) e três sinalizantes (dois entrevistadores e a convidada). Embora os intérpretes estejam fisicamente ausentes do cenário a maior parte do tempo, suas vozes compõem a interpretação-voz e contribuem para a apresentação da legenda, sob a forma escrita, enquanto a interação entre entrevistadores e convidada é produzida de forma sinalizada. O texto, portanto, apresenta a Libras em uma variedade mista.

Além da alteração no formato tradicional de *podcasts*, onde os conteúdos são apresentados em áudio e esporadicamente em vídeo, o Librascast explora múltiplas semioses, em especial, a modalidade sinalizada. Observamos que a construção em multiautoria deste gênero emergente pode ocasionar variações nas dimensões de campo, relação e modo ou seja, na construção de significados, cujas representações são fruto da experiência dos participantes, na relação interpessoal entre os interactantes e na disposição e organização do texto.

É importante destacar que reconhecemos as diferenças no uso da Libras, segundo procedimentos e técnicas específicas de tradução e interpretação, a partir de textos planejados e em contextos espontâneos de uso; no entanto, o foco desta análise consiste em descrever como um texto videossinalizado de multiautoria,

apresentado com uso de recursos multimodais (neste caso, por meio da escrita, da fala e da sinalização), pode afetar a organização do texto e a construção e apresentação da mensagem, interferindo no processo de construção de significados se comparado a uma entrevista tradicional, sem a utilização de tais recursos, já que os recursos multimodais ocasionam diferentes suportes para acesso ao texto e, conseqüentemente, para construção de significados sobre ele, sobretudo se consideradas as diferenças de percepção e recepção do texto videossinalizado por surdos e ouvintes.

A captura de tela apresenta o momento da entrevista em que a convidada surda relata sobre o processo de aprendizagem da oralização, no período da infância. Dois marcadores discursivos são mencionados na interpretação-voz e apresentados na legenda. O primeiro MD, “e aí” tem a função de marcar a continuidade do discurso e o segundo marcador “né” é utilizado como forma de monitorar a compreensão de seus interactantes e buscar confirmação sobre o que foi dito. Entretanto, tais marcas não se fazem presentes no texto sinalizado, mas sim, pertencem ao repertório linguístico da tradutora intérprete.

Marcadores Discursivos (MDs) são recursos linguísticos fundamentais na comunicação e assumem diferentes funções no uso da língua. Operam na organização textual (Castilho, 1989), na articulação do fluxo cognitivo e informativo (Rost, 2002), na construção, coesão e coerência do texto falado (Urbano, 1993) e, dentre estas funções, exprime a força ilocutória do falante. (Marcuschi, 1989).

Identificamos, em outros pontos da entrevista, ocorrências de marcadores discursivos presentes no discurso oral, porém ausentes do texto sinalizado. Foram analisados quinze minutos iniciais do vídeo e descritos MDs presentes apenas nos trechos de sinalização correspondentes ao discurso da convidada:

Quadro 53. Marcadores Discursivos empregados no texto videossinalizado que compõe a análise 16

Marcador Discursivo presente na legenda e interpretação-voz	Marcador Discursivo identificado apenas na interpretação-voz	Identificado em:	Função
E aí (posição inicial)		Librascast (2023, t. 5:00s) Librascast (2023, t. 5:51s) Librascast (2023, t. 9:28s) Librascast (2023, t. 9:50s) Librascast (2023, t. 13:53s)	Introdução ao tópico discursivo
	E aí (posição inicial)	Librascast (2023, t. 14:40s)	Marca continuidade do assunto
Sabe? (i) posição final		Librascast (2023, t. 8:43s)	Tem o propósito de motivar envolvimento na interação e busca de aprovação discursiva.
Sabe (posição medial)		Librascast (2023, t. 8:51s)	Manutenção do foco de atenção.
	É (posição inicial)	Librascast (2023, t. 8:53s)	Indica hesitação

É (posição inicial)		Librascast (2023, t. 13:11s)	Indica planejamento para a interpretação-voz.
	Então (posição inicial)	Librascast (2023, t. 9:01s)	Estabelece relação conclusiva
Né (posição final)		Librascast (2023, t. 9:46s)	Busca concordância.
	Né (posição medial)	Librascast (2023, t. 14:09s)	Reforça o argumento.
Eu acho (posição inicial)		Librascast (2023, t. 10:55s) Librascast (2023, t. 11:50s)	Indica imprecisão, alterando a perspectiva da sinalizante.
Na verdade (posição medial)		Librascast (2023, t. 13:12s)	Expressa correção
Na verdade (posição inicial)		Librascast (2023, t. 14:33s)	Denota oposição à formulação prévia.

Fonte: a autora.

Dada a importância dos marcadores discursivos para a construção de textos sinalizados, conforme demonstrou Matoso (2022), essa amostra nos exige pensar que, embora a tarefa de interpretação seja baseada em um gesto de leitura e o sentido amplo do texto seja preservado, ocorre uma alteração significativa na força ilocutória do discurso sinalizado. Na internet, os marcadores incorporados ao discurso são projetados na legenda, ocasionando suportes de leituras diferentes entre texto sinalizado e escrito, interferindo nas impressões sobre as relações estabelecidas no contexto da entrevista, sobretudo para pessoas surdas.

De igual modo, há verbos empregados no discurso oral que se distinguem do conteúdo sinalizado. A captura de tela apresenta, na legenda, o verbo SENTIR, também presente na interpretação-voz, porém ausente da sinalização. Sob o ponto de vista da metafunção ideacional, este verbo expressa um processo mental, resultado da experiência interna do sinalizante, e que de fato, afeta a compreensão da audiência sobre o comportamento linguístico da sinalizante e o modo particular que expressa os significados de sua experiência.

Além disso, a dimensão de modo também é afetada já que o texto sinalizado se estrutura em outra modalidade e, portanto, exige que seja reorganizado na estrutura da língua portuguesa, em modalidade oral, independentemente do meio e contexto em que ocorra.

Diante disso, observamos que o texto de materialidade mista, construído sob multiautoria na internet pode ocasionar alterações significativas nas dimensões de campo, relação e modo, afetando não apenas a percepção sobre o modo com que a sinalizante organiza textualmente sua sinalização e estabelece sua relação com seus interactantes, como no modo com que ela expressa sua intencionalidade durante a construção de significados de sua experiência na/através da língua.

5.1.4 Feedback simultâneo

Quadro 54. Análise 17

Repositório de sinais

Alguns escritores sugerem que a falta de *feedback* simultâneo é uma das razões pelas quais tantas interações na Internet são percebidas, erroneamente, como abruptas, frias, distantes ou antagônicas. Isso também ocorre na interação sinalizada?



Fonte: Mãos Aventureiras (2024, t. 1:04s). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=cNdQYiJs-nw&t=201s>. Acesso em 14 maio 2025.

Fonte: a autora.

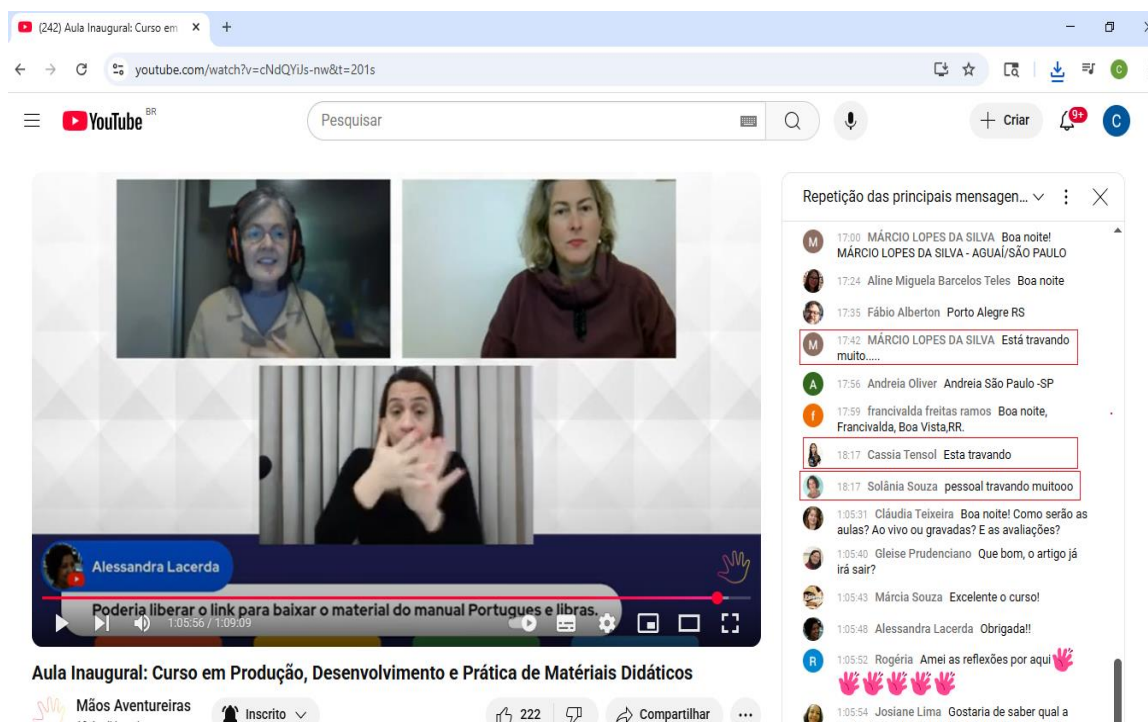
O texto videossinalizado apresenta a realização de uma aula inaugural sobre produção, desenvolvimento e prática de materiais didáticos oferecida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Antes do encerramento da aula, a organizadora abre espaço para dúvidas, porém não houve formulação de perguntas. A expressão de decepção da tradutora intérprete de Libras e o sinal “NINGUÉM” realizado pela palestrante (lado superior direito) revelam a frustração devido a falta de *feedback*.

Além disso, a palestrante demonstrou hesitação na retomada do turno, devido a necessidade de observar o chat, em seguida ela repete o sinal de pergunta e destaca de forma sinalizada “APENAS PARABENIZAÇÕES”. Tais escolhas linguísticas denotam marcas de reparo, devido a ausência de feedbacks. De acordo com Crystal (2013, p.33) “o maior efeito da ausência de feedback seria o aumento do número e do tipo de reparos (no sentido em que o termo é usado na Análise da Conversação)” e autorreparos”.

Minutos depois é possível acompanhar, por meio do chat, reclamações motivadas por falhas na transmissão da *live*, conforme destacamos em meio aos comentários a seguir,

Figura 17. *Feedback sobre a transmissão da aula por meio do chat*



Fonte: Mãos Aventureiras (2024, t. 1:05s).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cNdQYiJs-nw&t=201s>.

Acesso em 14 maio 2025.

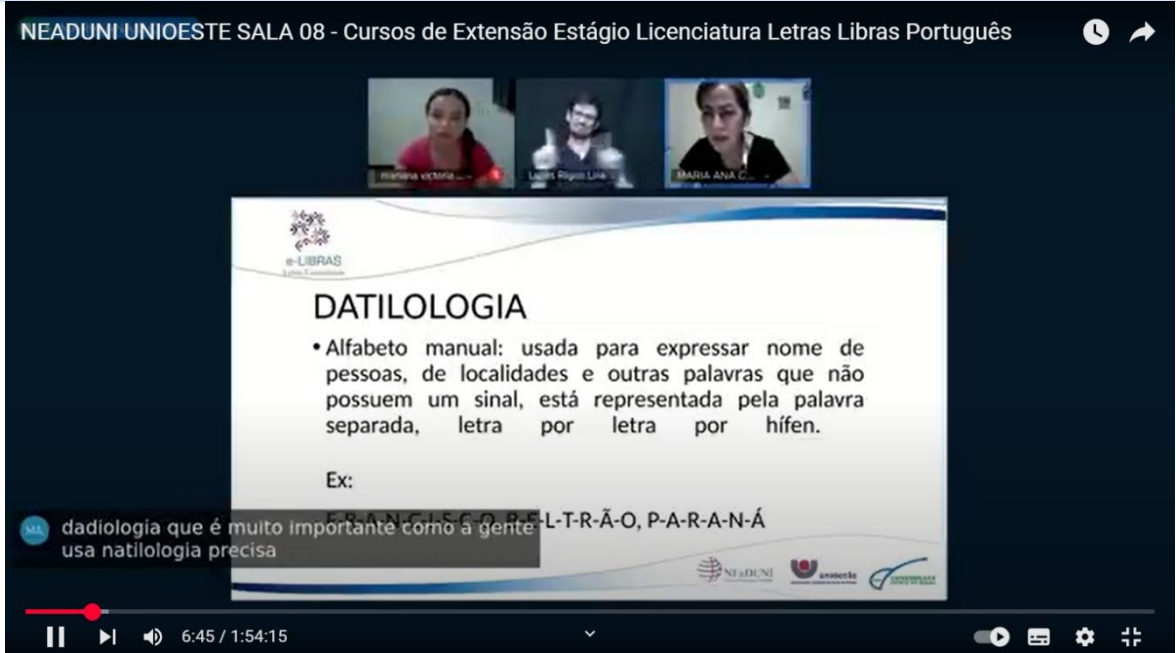
Neste caso, as relações interpessoais são mediadas pela estabilidade da internet e sua oscilação pode ter ocasionado a ausência de interação, aparentando falta de interesse e de empatia pelo conteúdo oferecido e pelas próprias palestrantes.

Houve, portanto, uma alteração significativa na dimensão das relações já que a falha no recurso tecnológico simboliza a quebra dos padrões de troca estabelecidos nos comodites de bens, serviços e informações pertencentes às funções primárias da linguagem (Halliday; Matthiessen, 2014), e que, sobretudo, sustentam a relação dialógica de interação (diálogo/troca de conhecimentos), tradicionalmente estabelecidos, entre professores e alunos, em situações de ensino em contexto presencial.

Quadro 55. Análise 18

Repositório de sinais

- Como a ausência de *feedbacks* pode alterar a interação na modalidade visual espacial?



NEADUNI UNIOESTE SALA 08 - Cursos de Extensão Estágio Licenciatura Letras Libras Português

DATILOLOGIA

- Alfabeto manual: usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen.

Ex:

datiologia que é muito importante como a gente usa natiologia precisa L-T-R-Ã-O, P-A-R-A-N-Ã

Fonte: Neaduni Unioeste sala 8 (2023, 6:45-6:51min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mO6nyC_KQwA. Acesso em 08 dez. 2024.

Fonte: a autora.

O texto, de materialidade mista (oral, sinalizada e escrita) retrata uma atividade institucional, organizada pelo núcleo de educação à distância da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, ministrada por acadêmicos do Curso de Letras-Libras. A reunião ocorre de modo síncrono, com participação da audiência por meio do *chat*.

O grupo que rege a apresentação é constituída por uma pessoa surda e ouvintes. Na tela (imagem capturada) há um acadêmico surdo (quem conduz a aula), uma intérprete de Libras que realiza a interpretação de voz (à direita) e uma acadêmica ouvinte, integrante do grupo (à esquerda).

Aos 6 minutos e 45 segundos da reunião a tradutora intérprete interrompe a interpretação de voz (*feedback* ao texto sinalizado) e alega não estar entendendo. É possível observar na imagem capturada o esforço realizado pela profissional em visualizar a sinalização devido à limitação de espaço destinado ao palestrante, devido à má operação do recurso tecnológico de transmissão (plataforma) adotado. O silêncio é visivelmente desconfortante tanto para o palestrante, quanto para a profissional intérprete e para a audiência. Somente aos 14 min e 36 segundos, ao

final da sinalização e após a alternância de intérpretes altera-se o espaço de tela destinado ao sinalizante, reduzindo o espaço destinado aos slides. Desta vez, o acadêmico surdo é quem pede para que a intérprete espere até que se organize os espaços de tela, conforme demonstramos por meio da Figura 18,

Figura 18. Captura de tela da interação online



Fonte: Neaduni Unioeste sala 8 (2023, 14:36-14:42min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mO6nyC_KQwA. Acesso em 08 dez. 2024.

Neste caso, observamos que a falta de *feedback* oral ao texto sinalizado pode acarretar problemas na comunicação e interação e sobretudo na compreensão do discurso sinalizado. O desconhecimento da cultura surda, do funcionamento do sistema linguístico da Libras ou da própria operação do recurso tecnológico, associado à internet, pode alterar a dinâmica de interpretação simultânea tradicional e desvalorizar a tão importante posição de fala do sujeito surdo.

Quadro 56. Análise 19

Repositório de sinais

- Para as línguas de sinais, o uso de marcadores discursivos de monitoramento de interlocução é muito frequente. Como a realidade online pode afetar a seleção de recursos linguísticos empregados habitualmente na Libras?

Fonte: LibrasCast (2023, t. 7m:47s – 15m:53s). Disponível em: https://youtu.be/aip-7RzDMpk?list=PL3tbMKgSb0mS32euls_QI-3u3gBOWfNwk&t=480. Acesso em 02 jun. 2025.

Fonte: a autora.

O texto videossinalizado retrata uma entrevista organizada pelo LibrasCast e apresentada em outubro de 2023. Foram analisados oito minutos e seis segundos da entrevista e identificamos o uso de vários marcadores discursivos atrelados às propriedades do meio eletrônico. Como forma de situar o leitor sobre as cenas descritas, organizamos os enquadres de tela em ordem alfabética.

Em A, observamos que, enquanto a entrevistada (fundo branco) narra uma situação vivenciada como organizadora de uma festa, a entrevistadora (fundo lilás) expressa seu *feedback* por meio de um recurso de monitoramento da interação não-manual. Ao movimentar a cabeça de forma afirmativa demonstra envolvimento na

interação, porém o movimento da cabeça é interrompido por dispersão de foco ao surgir na tela do dispositivo uma notificação, cobrindo parte do rosto da entrevistada. Enquanto a entrevistada mantém a narrativa, a entrevistadora exclui a notificação e na tentativa de reestabelecer o engajamento e demonstrar que continua atenta ao tópico utiliza o sinal “LEGAL”, conforme observamos em B.

Isso nos mostra que diante de limitações técnicas de recursos tecnológicos, além de sustentar a *face* da entrevistadora diante da imprevisibilidade da interrupção e manter o nível de formalidade da entrevista, os marcadores discursivos ampliam as possibilidades de continuidade da interação e manutenção do foco comunicativo, tornando-se ainda mais proeminentes no meio digital.

Ao narrar como o público reagiu a alguns problemas ocasionados na festa, a entrevistadora utiliza o marcador discursivo “CERTO” como forma de mostrar concordância e apoio à narrativa. Segundos depois, a entrevistada narra que obteve apoio do público e sinaliza detalhes de como se sentiu. Nesse momento, ela se aproxima da tela, enquanto sua interactante, a entrevistadora, afirma que o apoio do público é muito importante, finalizando a afirmação com o uso do marcador “CERTEZA”, cuja tradução admite as expressões “com certeza”, “certamente”, indicando o nível de precisão e confiabilidade em sua afirmação.

O uso de marcadores demonstrando concordância, apoio e confiabilidade nos mostram, sob o ponto de vista da metafunção interpessoal, que se amplia o nível de intimidade e pessoalidade entre as duas interactantes, motivando a aproximação corporal da entrevistada em direção à tela, conforme observamos em D.

Outro ponto observado é que marcações sutis através do olhar que antecedem a troca de turno, em uma interação face a face entre sinalizantes, podem exigir ações mais enfáticas no meio eletrônico, como acenos ou o levantar da mão solicitando a tomada de turno e que sobreposições na sinalização, durante a alternância de turno podem dificultar a leitura minuciosa do texto, dada a necessidade de manutenção do foco visual em quem estiver sinalizando.

Neste caso, aos 15:20 minutos de vídeo a entrevistadora tenta realizar uma pergunta e retomar o turno, porém não obteve sucesso. Diante disso, ela faz uma longa introdução expressa através do marcador discursivo de monitoramento de interlocução “NOSSA” (sobrancelhas arqueadas e articulação boca especificadora) conforme demonstram as capturas de telas E e F. O *feedback*, neste caso, funciona tanto como mecanismo de engajamento interacional, quanto como estratégia de recuperação ao turno.

Após fazer uma longa introdução, organizada por meio do marcador discursivo NOSSA, realizado como forma de ganhar tempo para a formulação da pergunta e manter o turno recém recuperado, a entrevistadora faz uso do aceno manual indicando o marcador discursivo “HEIN”, que antecede o sinal para pergunta, resultando na sinalização: “HEIN, UMA PERGUNTA...”, conforme demonstra a Figura 19,

Figura 19. Aceno manual e indicação de pergunta



Fonte: LibrasCast (2023, t. 15 m:55s).

A organização de estratégias para recuperação ao turno em contexto de entrevista online mostra que, em determinados contextos, há necessidade de respeitar o tempo e o texto pré-estabelecidos por meio de um roteiro. Neste sentido, a disposição corporal (lateralizada) da sinalizante entrevistadora evidencia que em um texto videossinalizado planejado há maior preocupação em estabelecer coerência entre os elementos linguísticos. Como vemos, a lateralização corporal favorece a coerência entre o verbo direcional “PERGUNTAR” e a quem se destina a pergunta, tornando o *feedback* mais próximo de uma interação real.

Em contrapartida, a posição corporal da entrevistada e a continuidade ininterrupta do turno demonstram que, embora ela esteja suscetível a responder as perguntas, não há uma preocupação em respeitar um planejamento estabelecido pelo contexto e rol da entrevista. Assim, os *feedbacks* podem conjugar, em um mesmo ambiente, aspectos formais e informais de interação.

Quadro 57. Análise 20

Repositório de sinais

- Para as línguas de sinais, o uso de marcadores discursivos de monitoramento de interlocução é muito frequente. Como a realidade online pode afetar a seleção de recursos linguísticos empregados habitualmente na Libras?



Sinalização: PERFEITO PARECE INFLUÊNCIA. OPINIÃO? TUDO BEM? CORTA.
 Feedback do câmera: MARAVILHOSO!
 Fonte: Librascast (2023, t. 0:05s - 0:10s). [Momento Conexos]. Disponível em:
<https://youtu.be/U0beUatliFw?list=PL3tbMKgSb0mQPpclcyPfKrE9YHjIZxuVC>.
 Acesso em 30 maio de 2025.

Fonte: a autora.

Após gravarem mais um episódio de entrevistas para o LibrasCast (momento conexos), os sinalizantes (presentes nas capturas de tela) se posicionam sobre as cenas. O rapaz sinaliza “PERFEITO PARECE INFLUÊNCIA. OPINIÃO? TUDO BEM? CORTA.”, que admite a tradução: “Perfeito, me parece que ficou influente. Qual a sua opinião? (voltando o olhar para o operador da câmera, faz uma pequena pausa na sinalização manual e prossegue) tudo bem? Corta.

Burgo e Matoso (2022, p. 976) afirmam que o marcador discursivo “me parece que”, conforme expresso na segunda captura de tela, além de revelar “a subjetividade de quem emite a opinião” também “colabora para diminuir sua responsabilidade acerca do ponto de vista exposto”, o que justifica a necessidade de *feedback* quanto ao sucesso da gravação da cena, por outros membros da equipe.

Ao prestar seu *feedback*, em resposta à pergunta sobre sua opinião, o câmera omite sua expressão facial, tornando visível apenas uma de suas mãos na realização do sinal “MARAVILHOSO”, que em sua forma prototípica é realizado de forma bimanual e necessita da visibilidade da expressão facial como forma de expressar a intenção do sinalizante, haja vista que a opinião poderia estar carregada

de ironia, dúvida ou indicações de variações de intensidade a depender do movimento da cabeça e sobrancelhas, da articulação da boca e abertura dos olhos.

A omissão da face e consequentemente, da expressão facial, neste caso, não apenas corrobora para redução da força ilocutória do discurso, ao expressar o *feedback*, como converge com o arrefecimento de responsabilidade exposto por seu interactante, ao utilizar o marcador discursivo “me parece que”, pois a omissão da identidade do operador da câmera, faz com que as expectativas recaiam sobre aqueles que estão visíveis na cena.

É inquestionável o fato de que “o corpo, principalmente a face, carrega significado e é parte do conjunto da sinalização da Libras, sendo indissociável a ela” (Pêgo, 2023, p. 237), entretanto, é necessário reconhecer que, com o advento da internet, a premissa de indissociabilidade dos parâmetros linguísticos tem sido afetada e que formas reduzidas na composição de constituintes linguísticos têm sido manifestadas, tal qual observamos na última captura de tela do Quadro 56, durante a realização do sinal “MARAVILHOSO”.

Além disso, alterações nas formas tradicionais de realização dos sinais indicam mudanças nos processos fonológicos e podem resultar na identificação de processos ainda não reportados. Silva e Xavier (2021) identificaram dezenove processos fonológicos, a partir de dados sinalizados, extraídos do sítio online *YouTube*. No estudo, assim como nesta pesquisa, os autores comparam as formas prototípicas às realizações analisadas, resultando na identificação de variações significativas, dentre elas, a forma de manifestação do sinal “MARAVILHOSO”.

O Quadro 57 destaca em quais processos fonológicos o sinal “MARAVILHOSO” foi identificado e analisado por Silva e Xavier (2021) e explicamos como ele pode ser descrito, a partir da forma linguística identificada.

Quadro 58. Processos fonológicos

Metátese da ordem de localizações do sinal MARAVILHOSO da Libras  (a) MARAVILHOSO@ (mãos longe do corpo se aproximando dele) (b) MARAVILHOSO@ (mãos próximas do corpo se distanciando dele) Fonte: (Silva; Xavier, 2021, p. 73). Disponível em: https://trabalhoufpr2017.wixsite.com/estudos/copia-processos-fonologicos-6	Metátese – Envolve, neste caso a localização inicial e final do sinal maravilhoso, onde o movimento inicia distante do corpo (a) e em sua forma inversa (b) parte de um ponto mais próximo ao corpo. (Silva; Xavier, 2021).
--	--

Alçamento do sinal MARAVILHOSO@ da Libras  (a) MARAVILHOSO@ (b) MARAVILHOSO@ (alçado) Fonte: (Silva; Xavier, 2021, p. 78). Disponível em: https://trabalhoufpr2017.wixsite.com/estudos/copia-sequencia-unica	Alçamento – O sinal, que tradicionalmente é realizado em uma região mais baixa, passa a ser produzido em uma região mais alta do espaço neutro. (Silva; Xavier, 2021).
 Fonte: Librascast (2023, t. 0:10s). Disponível em: https://youtu.be/YrBGaWiEWAQ	Apagamento – Neste caso, se refere à ausência de um dos articuladores manuais. O sinal bimanual “MARAVILHOSO” passa a ser realizado de modo monomanual (unificação). Este é um exemplo de variação motivada por condições extra-linguísticas, conforme abordam os autores Xavier (2011); Xavier; Barbosa, (2014).

Fonte: a autora.

Nos dois primeiros exemplos, apresentados pelos autores, cujos processos fonológicos se processam em metátese e alçamento, embora coletados da internet, não divergem de suas formas prototípicas em função do meio eletrônico, pois as variações não implicam em restrições na combinação, exposição e realização dos constituintes linguísticos em virtude de sua relação com as telas, propriedades do meio ou recursos tecnológicos associados à internet, o que os leva a afirmar “não [ter] sido possível apresentar motivações para a ocorrência dos 19 processos fonológicos identificados” (Silva; Xavier, 2021, p. 83).

O terceiro exemplo, onde o feedback é realizado com uma das mãos, enquanto a outra mão conduz o equipamento de filmagem deflagra um fenômeno criativo de adequação de estilo de linguagem, conforme pondera Crystal (2011), pois, como podemos observar, a produção manual se adapta às propriedades tecnológicas, ainda que os padrões formais de realização sejam desestabilizados, tal como ocorre com a língua oral e escrita.

5.1.5 Emoticons, GIFs, figurinhas, memes

O meme foi originalmente definido por Dawkins (1976) como um artefato cultural que se replica por imitação. A circulação de memes, sobretudo na internet, possibilitou o reconhecimento de que o meme é resultado de atividades cerebrais

complexas sobre as quais eventos tangíveis se associam à efeitos de memória, em contextos distintos. Shifman (2014) os descreve como ações comunicativas reconhecidas socialmente e que compartilham tópico, estilo e público-alvo. Segundo o autor, a velocidade de propagação e alcance dos memes na internet alteram a lógica social de participação. Além disso, contam com elementos multimodais (remixes com músicas, elementos gráficos, dublagem, imagens). Assim, embora haja um individualismo na criação de personas nas redes, os autores assumem uma personificação cultural que, segundo o autor, lhes permite imprimir suas próprias identidades em suas criações meméticas.

Shifman (2014) apresenta três dimensões que podem, potencialmente, ser reproduzidas em um meme: (i) o conteúdo, por meio do qual são transmitidos aspectos culturais, ideológicos e identitários, (ii) a forma, onde se reproduz a estrutura física da mensagem (descrições sonoras e/ou visuais, animações, contexto e cenário) e a (iii) postura, dimensão que descreve o comportamento linguístico e determina a orientação discursiva no novo texto. Vejamos algumas situações no meio digital que apresentam o uso destes recursos.

Quadro 59. Análise 21

Repositório de sinais

- Como cada um desses elementos visuais e gráficos podem ser empregados na interação sinalizada, online e presencialmente?
- De que forma esses usos ampliam ou restringem a linguagem sinalizada?

VINNI, Marcos. Chegou nosso meme. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DDS86vbw2j/>. Acesso em 15 dez. 2024.

O Meme retratado no Quadro 59 está relacionado a uma situação de interação durante um voo. No episódio real, o filho de uma passageira solicita sentar-se junto à janela, porém o local já estava ocupado e a ocupante se nega a deixar a poltrona para que a criança se sente. A criança começa a chorar e chama a atenção de outros passageiros. Incomodada, uma das passageiras apanha seu celular e filma os envolvidos e ao mesmo tempo faz apreciações verbais negativas sobre a atitude da passageira que negou deixar seu lugar para que a criança se sentasse. O ocorrido foi publicizado nas redes sociais e gerou muitos debates sobre qual posicionamento seria ou não cabível naquela situação. Devido ao contexto polêmico houve grande repercussão e a situação acabou se transformando em meme.

Como o objetivo do meme é realizar uma crítica à atitude da passageira que não cede sua poltrona à uma criança, o texto se respalda na expressão popular “se fingir de surdo” como recurso para humor e como marca da orientação discursiva do texto, o que deixa transparecer que a recusa se deu por não compreender a mensagem. Além disso, os personagens ausentes da cena (a criança e a passageira que registra em vídeo o episódio) são marcados por orientação da direção do olhar dos personagens presentes na cena.

O meme produzido envolve diferentes papéis sociais: a criança que, movida pelo egocentrismo, exige assentar-se em uma poltrona ocupada por outra pessoa. A mãe que avalia o pedido do filho e como forma de atendê-lo solicita a troca de poltronas e a terceira passageira que, comovida com a negativa à solicitação, registra em vídeo todo o episódio.

O texto videossinalizado apresenta marcas das duas culturas envolvidas, tanto surda quanto ouvinte, pois quando a personagem da mãe se direciona para a passageira (que está sentada) e tenta estabelecer comunicação por meio de uma língua de tradição oral, a passageira leva a mão ao ouvido, indicando ser surda (marca de atitude comum entre pessoas surdas). Neste momento, a personagem da mãe altera a amplitude vocal, visivelmente expressa pela intensificação da sinalização manual e não-manual (essa atitude demonstra o equívoco em tentar ser ouvido, desconsiderando que o interactante possa ter surdez profunda).

A modulação vocal também é expressa pela legenda ao apresentar o uso de letras maiúsculas. Além disso, na cultura surda, a adoção de recursos visuais pode ser utilizada para diferentes finalidades. Neste caso, o sinalizante se caracteriza com perucas no intuito de explorá-las como recurso para o humor e como forma de

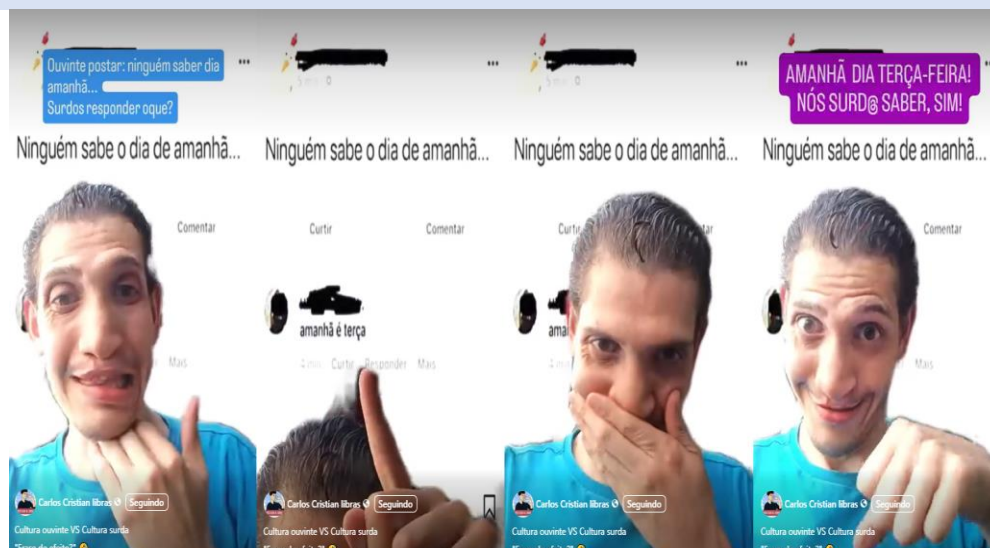
manter a concordância com o gênero das personagens do texto real. Outro aspecto da cultura surda é a presença de comentários no chat, demonstrando as reações e avaliações ao texto, expressos com o uso de recursos visuais (emoticons e figurinhas) de modo prevalente, ao contrário da forma escrita.

São utilizadas propriedades do meio eletrônico tanto na utilização de recursos multimodais, através da composição do cenário (imagem ao fundo) quanto na utilização da legenda e som, ao reproduzir o choro da criança.

A reprodução da situação real, em contexto de interação face a face, não contaria com elementos multimodais, o que reduziria as marcas de intertextualidade entre os textos. As trocas de papéis sociais não seriam intensificadas pelo processo de edição das imagens, pois seria marcada, sobretudo, através da mudança da perspectiva corporal e por orientação da direção do olhar. Além disso, o *feedback* sobre o texto e sua visualização teria duração efêmera, enquanto o texto multimodal pode ser reproduzido, compartilhado e avaliado por inúmeras vezes.

Quadro 60. Análise 22

Repositório de sinais
- Como cada um desses elementos visuais e gráficos podem ser empregados na interação sinalizada, online e presencialmente? - De que forma esses usos ampliam ou restringem a linguagem sinalizada?



Fonte: CRISTIAN, Carlos. Cultura ouvinte VS Cultura surda. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/r/1BQshwiGpa/>. Acesso em 22 mar. 2025.

Fonte: a autora.

O meme, em formato de texto videossinalizado, apresenta uma troca de mensagens que se inicia com a formulação: “ninguém sabe o dia de amanhã”.

Trata-se de uma linguagem figurada, cujos sentidos remetem à imprevisibilidade dos acontecimentos futuros. O tom irônico e humorístico da interação emerge na resposta: “amanhã é terça”, que atribui à mensagem anterior um novo significado, literal e inesperado. Essa ressignificação é reforçada pelo sinalizante, tanto por meio da sinalização quanto pelo recurso escrito: “amanhã dia terça-feira! Nós surd@ saber sim!”. Observa-se, assim, uma mudança significativa na dimensão de campo, já que a representação da experiência é afetada pela reinterpretação do enunciado.

Embora o sinalizante tenha ocultado a identidade dos autores do texto original, ele se posiciona como pertencente ao mesmo grupo cultural ao afirmar “nós surd@ saber sim!”. Com isso, recorre a uma estratégia de equivalência, assumindo a mesma posição social da pessoa surda que responde à mensagem. Tal escolha sinaliza que sua atitude não é ofensiva, mas sim cômica, utilizando o humor para abordar a abstração do sentido literal por sujeitos surdos.

Quadro 61. Análise 23

Repositório de sinais	
- Como cada um desses elementos visuais e gráficos podem ser empregados na interação sinalizada, online e presencialmente? - De que forma esses usos ampliam ou restringem a linguagem sinalizada?	
	

Fonte: fabiodesa.tv (2023). Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/DJg1EZTxLzG/>. Acesso em 02 mai. 2025.

O texto videossinalizado se refere à uma homenagem às mães. A adoção de uma figurinha com imagem afetiva em sobreposição ao texto videossinalizado deflagra a atitude positiva do sinalizante para com as interactantes que são mães e estabelece, no meio eletrônico, uma distinção significativa na dimensão de relações, ao considerarmos os modos tradicionais de interação. Embora não haja nenhuma mudança na realização da sinalização, a acomodação de uma figurinha, contendo um coração com movimento pulsante junto ao menino, reforça a atitude de empatia, afeto e solidariedade com as mães.

Tradicionalmente, a gradação é expressa nos níveis discursivo, lexical e morfossintático da Libras por meio da repetição do movimento do sinal, intensificação da expressão facial, prolongamento da extensão ou comprimento do sinal, alteração do número de dedos e mãos envolvidos na produção do sinal (Ferreira, 2010; Quadros; Karnopp, 2004; Quadros, 2021). Neste caso, observamos, por meio da captura de tela, que o sinal manual ORGULHO é produzido de modo associado ao sinal GOSTAR e intensificado pela inclinação da cabeça e expressão facial (olhos fechados e lábios entreabertos). O ponto de articulação do sinal também é afetado, já que a articulação do sinal na região do tórax é estendida devido à produção bimanual.

O fato do coração (na figurinha) manter-se em movimento durante a enunciação da mensagem intensifica a função de gradação afetiva, reforça a modalização do discurso e a expressão de carinho que motiva a produção do texto e acentua, sobretudo “o caráter sincrético da fala em que se juntam dois tipos de expressão (verbal e visual)”. (Barros, 2000, p. 65).

Além disso, a dimensão cultural também é fundamental para determinar a modalização e o comportamento linguístico dos sinalizantes. Neste caso, o sinalizante mantém contato, em sua rede social, com outros sinalizantes, sobretudo, surdos. Isso explica o fato de que grande parte das reações da audiência são expressas por meio de emojis, devido sua natureza visual. Dentre eles o emoji,

Figura 20. Emoji simbolizando a expressão *I Love You*



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

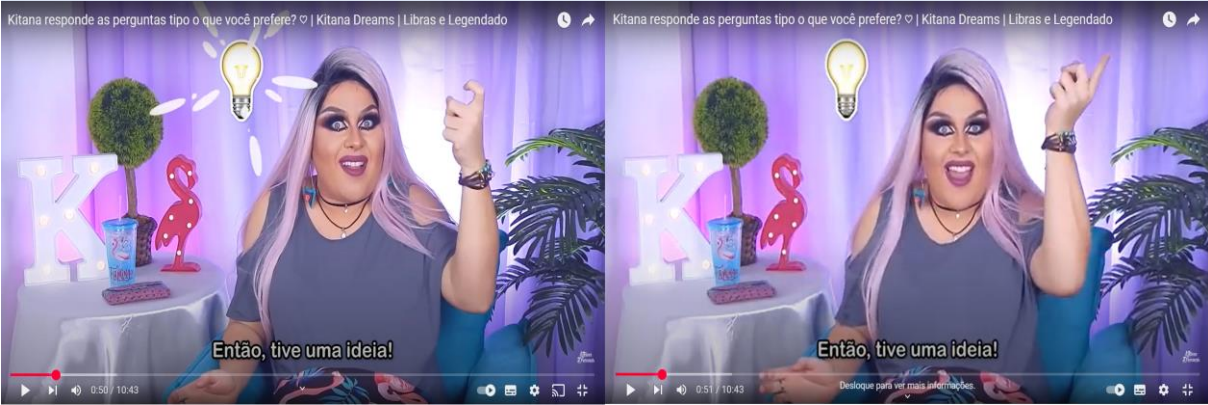
Além de simbolizar uma expressão afetiva, demonstrando que o interactante amou a publicação, o emoji revela “um empréstimo da língua de sinais americana (ASL)”, conforme explicam as autoras Rodrigues e Baalbaki (2014, p. 1110). O significado expresso nas iniciais I, L e Y, é “*I Love You*” e simboliza “o traço mais visível da identidade linguística nesses tempos pós-modernos [,] a mestiçagem, da qual nenhuma língua escapa hoje em dia” (Rajagopalan, 2003, p. 62), sobretudo pelo fato de que “o contato midiático, por meio do uso de novas tecnologias de informação, como chats e plataformas de compartilhamento de vídeos, vêm possibilitando empréstimos” (Rodrigues; Baalbaki, 2014, p. 1110).

Observamos, portanto, uma alteração marcante na dimensão de relações mediada pelo uso de figurinhas e emojis, o que afeta a gradação da modalização discursiva e a construção de símbolos multiculturais.

Quadro 62. Análise 24

Repositório de sinais

- Qual a representatividade desses elementos grafo-visuais para a caracterização da cultura surda?
- Como a comunicação combinada a estes elementos pode afetar a inscrição de surdos na cultura midiática?



Fonte: Dreams (2018, t. 0.50s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tSKHlen0AoY>. Acesso em 18 fev. 2025.

Fonte: a autora.

O texto videossinalizado retrata Kitana Dreams, uma atriz *drag queen*, interagindo com o público, em uma transmissão síncrona, realizada por meio de seu canal, no sítio online *YouTube*. Ela responde a perguntas enviadas pelo *chat*.

A interação envolve múltiplas semioses: as perguntas no chat são realizadas na forma escrita, as respostas ocorrem de forma sinalizada, as reações do público são esboçadas por meio de figurinhas, emoticons e outros elementos gráficos. O que chama a atenção, neste caso, é o fato de que um elemento multimodal (a

figurinha da lâmpada) reforça a intensificação de recursos linguísticos não manuais (elevação de sobrancelhas, abertura acentuada dos olhos e boca).

Estudos sobre a Libras e outras línguas de sinais indicam que a adoção de estratégias de intensificação e ênfase discursiva na realização de determinadas categorias gramaticais, tais como na sinalização de adjetivos e verbos, podem motivar mudanças nas características do movimento, na duplicação de mãos – quando sinais que habitualmente são realizados com uma mão passa a ser realizada com as duas (Xavier, 2013; 2014) – e na alteração de características das expressões faciais (Xavier, 2017, Santos; Xavier, 2019).

Além destas, a repetição do sinal pode expressar, dentre outras funções, intensidade, frequência e continuidade (Quadros, 2020), neste caso, embora a legenda não apresente o adjetivo ‘grande’ para se referir ao substantivo ‘ideia’, a realização do sinal ‘ideia’ (repetido por duas vezes) e intensificado com os recursos não manuais e através de um elemento multimodal nos mostra que a sinalizante teve uma grande ideia (ou uma ideia brilhante, como sugere o uso da lâmpada). Embora não haja estudos que se refiram à co-ocorrência de elementos multimodais às expressões faciais, o trecho analisado evidencia que os elementos multimodais podem funcionar como intensificadores de categorias gramaticais, neste caso de um substantivo e contribuem para a construção de significados, isso nos mostra o quanto a análise do funcionamento da Libras no meio eletrônico é fundamental para compreensão dessas nuances.

Em resposta aos questionamentos organizados nas categorias de análise, observamos que o elemento gráfico é incorporado à sinalização manual e não-manual intensificando o que é “discursivizado”. Esta estratégia alia um elemento multimodal, fruto da cultura midiática à visualidade, fruto da cultura surda. O uso do recurso incorporado à Libras, além de motivar novas investigações quanto às funções assumidas pelos elementos multimodais em co-ocorrência com a sinalização manual e não-manual, impulsiona o protagonismo da pessoa surda no meio eletrônico e o engajamento de sinalizantes e não sinalizantes ao conteúdo apresentado, dada sua criatividade e impacto na relação interpessoal.

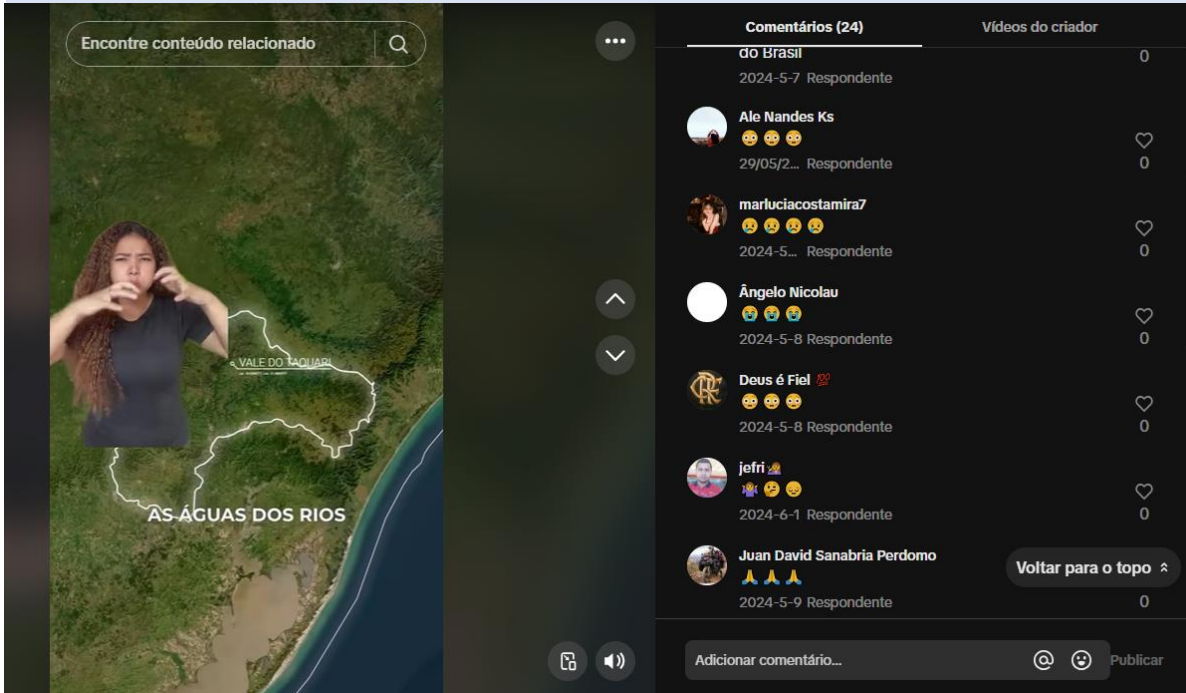
Além disso, a incorporação de diferentes semioses permite que qualquer pessoa, independentemente de seu nível de contato linguístico com um sistema visual-espacial possa acompanhar o conteúdo sem prejuízos para sua compreensão.

Quadro 63. Análise 25

Repositório de sinais

- Qual a representatividade desses elementos grafo-visuais para a caracterização da cultura surda?

- Como a comunicação combinada a estes elementos pode afetar a inscrição de surdos na cultura midiática?



The screenshot shows a TikTok interface. On the left, a video of a woman with long dark hair, wearing a black shirt, is overlaid on a map of Rio Grande do Sul, Brazil. The map highlights the 'VALE DO TAQUARI' region and 'AS ÁGUAS DOS RIOS'. On the right, there is a list of 24 comments in Portuguese. The comments are from various users, including 'do Brasil', 'Ale Nandes Ks', 'marluciacostamira7', 'Ângelo Nicolau', 'Deus é Fiel', 'jefri', and 'Juan David Sanabria Perdomo'. Each comment includes a date and the word 'Respondente'. At the bottom right, there is a button that says 'Voltar para o topo'.

Fonte: Postagem no sítio online *TikTok*, perfil @cleidianeLibras. Disponível em:
<https://www.tiktok.com/@cleidianeLibras/video/736633636507728518>.
 Acesso em 10 abr. 2025.

Fonte: a autora.

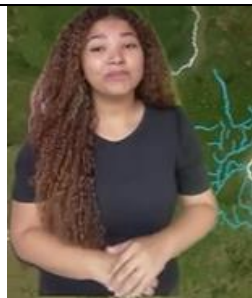
A captura de tela (Quadro 63) retrata uma reportagem sobre as enchentes que acometeram o estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2024, e coloca em destaque os principais fatores que motivaram os temporais na região Sul do Brasil. O fenômeno despertou grande atenção da mídia e resultou na produção diária de conteúdos para a internet, dada a volatilidade do evento climático e a necessidade de atualizar sua evolução, sendo notória sua gravidade e sua marca histórica como evidência de mudanças climáticas.

Entretanto, poucos veículos oficiais de comunicação dispõem de acessibilidade linguística, o que torna iniciativas individuais supervalorizadas no meio eletrônico. Neste caso, observamos a retextualização⁴⁹ de uma reportagem

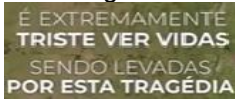
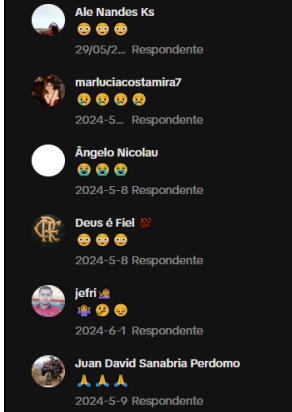
⁴⁹ A retextualização consiste em uma atividade de transformação textual que vai “além da simples regularização linguística, pois envolve procedimentos de substituição, reordenação, ampliação, redução e mudanças de estilo, desde que não atinja as informações como tal” (Marcuschi, 2010, p. 62).

narrada oralmente, com apresentação de imagens do mapa da região do Vale do Taquari, captadas por satélite e descrição do enunciado através de texto escrito, ou seja, um texto multimodal, para um texto videossinalizado sobreposto ao texto original. No processo de retextualização, observamos as seguintes transformações:

Quadro 64. Retextualização

Critérios para a retextualização	Texto original (construído por recursos multimodais – imagem, texto e som)	Texto Videossinalizado sobreposto ao texto original	Trechos selecionados/ Transformação observada
Idealização linguística	Narrativa oral em língua portuguesa	Narrativa visual-espacial	Mudança de modalidade linguística através da técnica de remix ⁵⁰ .
Marcas prosódicas	Pausas curtas, entonação vocal robotizada.	Pausas marcadas pela expressão facial (sombancelhas elevadas, lábios semicerrados) e ausência na sinalização manual.	 CleidianeLibras (t:00:49s)
Condensação linguística	A descrição das cidades atingidas é realizada oralmente, enquanto pontos do mapa são visualmente selecionados, como forma de situar o leitor sobre a localização precisa de cada uma delas. Além disso, os nomes de cada cidade são apresentados na forma escrita.	A intérprete aponta para os campos selecionados, utilizando o recurso visual como fonte autoexplicativa, condensando a informal sinalizada, já que a escrita informa o leitor sobre quais foram as cidades atingidas.	 CleidianeLibras (t:00:59s)
Estratégia de inserção: modificação da ordem dos tópicos discursivos	O texto oral descreve os fatores e a ordem de fenômenos que contribuíram para a ocorrência das enchentes e inundações das cidades situadas às margens do Rio Taquari. A descrição oral é acompanhada do uso de imagens, escrita e efeitos gráficos.	A inserção do sinal PRÉDIO aliado às imagens das margens dos rios (ao fundo) reconstrói o sentido do texto oral, dispensando a utilização do sinal CIDADE e a representação por classificador das margens.	 CleidianeLibras (t:00:21s)

⁵⁰ Araújo (2016, p. 58), rememora a teoria do *remix*, formulada por Navas (2010) e explica que “o *remix* se caracteriza por sua vinculação a uma fonte primeira, que passa a ser retomada pelo sujeito de diferentes formas, gerando releituras criativas dessa matriz, que inspiram novas construções de sentido”.

Estratégia de reformulação objetivando explicitude	O enunciado apresentado através da narrativa oral apresenta uma introdução sobre os principais motivos dos temporais no sul do Brasil.	A sinalizante apresenta a introdução oral, reformulando-a com a sinalização: ACONTECEU + GRAVE+LUGAR e encerra com o uso do sinal PIOR, como forma de intensificar os sentidos sobre a gravidade do fenômeno.	 CleidianeLibras (t:00:04s)
Estratégia de reconstrução em função da norma escrita: reconstrução de estruturas truncadas, encadeamentos, reordenação sintática e reorganização da sequência argumentativa	O enunciado escrito apresenta a seguinte mensagem: “  Observamos que as letras em negrito acompanham a narrativa oral e dão ênfase à mensagem.	O texto visual-espacial é reconstruído da seguinte forma: MUITO RUIM (sinal manual RUIM + TRISTE e expressão facial demonstrando pesar) como forma equivalente ao “extremamente triste”. Em seguida, são utilizados os sinais manuais: VER + SUJEITOS + MORRER, enquanto o sentido do restante do enunciado (a tragédia) é construído através da imagem das enchentes (ao fundo).	 CleidianeLibras (t:01:04 - 01:06s)
Tratamento estilístico – seleção de novas estruturas sintáticas e opções léxicas.	O texto original não conta com marcas de relações interpessoais.	A retextualização disposta em uma rede social possibilita o acesso a informações sobre avaliação e julgamento das informações e conteúdo publicado. Neste caso, expresso, em especial, por meio de figurinhas de reações emotivas.	

Fonte: adaptado de Marcuschi (2010, p. 77-87).

Diante deste exemplo de retextualização observamos que os recursos grafo-visuais potencializam a informação linguística a fim de que a mensagem do texto videossinalizado seja compreendido com maior profundidade de detalhes por sujeitos surdos e ouvintes. Além disso, tais recursos afetam a produção, realização e organização dos enunciados em Libras, conforme demonstramos.

Quadro 65. Análise 26



Fonte: Postagem no story do perfil @Dreams (2018, t. 11m 26s – 11m27s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TPEmHBMGj58>. Acesso em 20 fev. 2025.

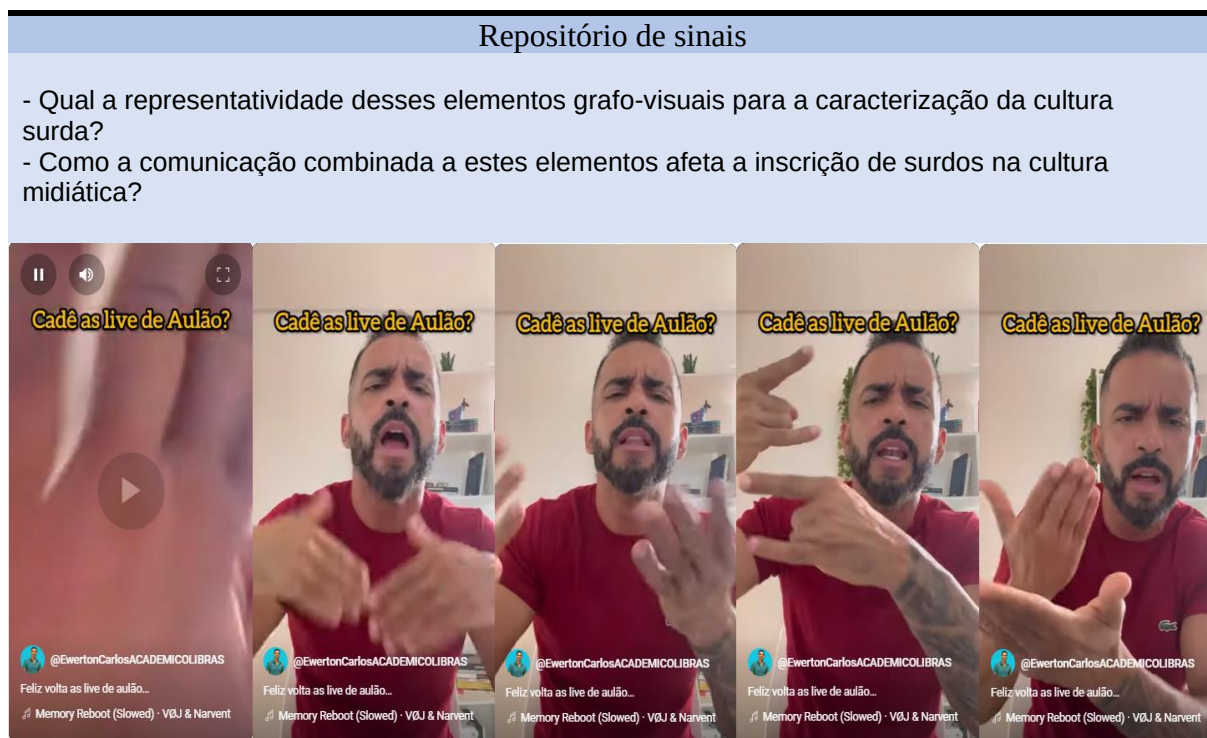
Fonte: a autora.

Kitana Dreams se apresenta ao público online por meio de seu canal no *YouTube*. O texto videossinalizado emprega recursos visuais criados digitalmente.

Kitana responde à várias perguntas formuladas pela audiência sobre sua vida pessoal e profissional. Trata sobre tópicos associados à suas preferências quanto à tipos de alimentos, animais de estimação, lazer, estética, qualidades e defeitos, características e estilo. Entretanto, as respostas são mais longas e elaboradas ao se referir à sua carreira profissional, sobretudo quanto ao tempo e empenho dedicado à produção de seus vídeos. O tom pessoal e colaborativo busca atender as expectativas sobre a imagem que a sinalizante quer construir socialmente, baseado em sua cultura e experiências.

No texto, a cordialidade em que introduz o texto videossinalizado contribui não só para a construção dos significados sobre a persona da sinalizante como estabelece proximidade cultural, o que motiva a audiência a atender seus propósitos, ou seja, curtir o conteúdo do seu canal. Os processos sociais não estão dissociados da gramática, o que nos leva a observar que a adoção da figurinha do like conta com sinais de apontamento realizados repetidamente em sua direção, o que denota o reforço para que a ação de curtir seja efetivamente realizada pelo público.

Quadro 66. Análise 27



Fonte: https://www.youtube.com/shorts/VrGaHuD_mGE?feature=share

Fonte: a autora.

O recorte apresenta a introdução a um recado informando a previsão de retorno de aulas transmitidas no canal do sinalizante, no sítio online *YouTube*. A mensagem inicia com o toque na tela da câmera, realizado com a mão espalmada, repetitivamente. A expressão facial do sinalizante revela a modalização do discurso em modo imperativo: “PRESTE ATENÇÃO”, induzindo o leitor a manter foco no tópico a ser anunciado. O recurso linguístico antecede o recado e intensifica a força ilocutória do discurso, de modo semelhante às funções pragmáticas de figurinhas atreladas à e-comunicação, tais como:

Figura 21. Figurinhas



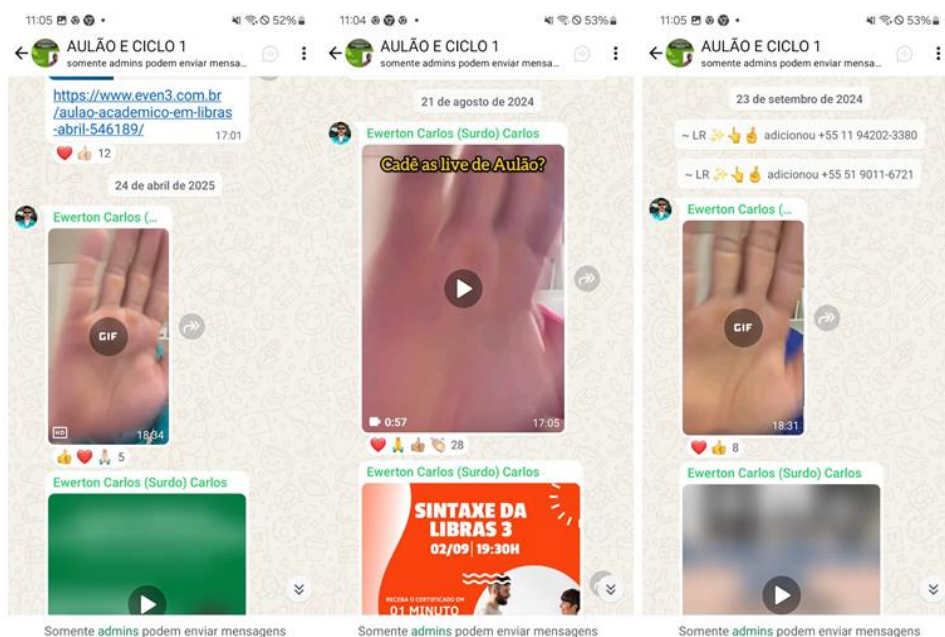
Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Sob o ponto de vista da metafunção interpessoal, ocorre uma alteração relevante na dimensão das relações pois, embora a expressão facial do sinalizante revele seriedade quanto a abertura do tópico, a atitude sinalizada de chamar a

atenção provoca uma descontração na mensagem e suaviza a *face* do sinalizante, indicando abertura para negociação de papéis sociais.

Ao criar um elemento visual sinalizado semelhante aos tradicionais elementos gráficos visuais (figurinhas), o sinalizante inscreve o texto videossinalizado, com as características particulares de sua modalidade, na cultura midiática. O recurso linguístico pode ser encontrado em outros conteúdos e sob diferentes materialidades da e-comunicação, sobretudo em formato de GIF, conforme observamos na página do whatsapp criada para recados sobre o curso, conforme apresentamos a seguir,

Figura 22. Figurinhas visuais-espaciais



Fonte: @EwertonCarlos (2024). [Grupo público do whatsapp]. Disponível em: <https://chat.whatsapp.com/HWo52bWXCeukbl3Kp8DxIW>

Observamos que em todas as situações analisadas o uso do recurso linguístico antecede o recado sinalizado e cumpre o mesmo objetivo, o de chamar a atenção do leitor. Deste modo, assume a função pragmática de figurinhas, porém sob a modalidade visual-espacial incorporada ao texto videossinalizado, diferenciando-se apenas do formato em que são tradicionalmente realizadas.

Quadro 67. Análise 28

Repositório de sinais
- Qual a representatividade desses elementos grafo-visuais para a caracterização da cultura surda? - Como a comunicação combinada a estes elementos pode afetar a inscrição de surdos na cultura midiática?



Fonte: Postagem no sítio online *instagram* Libraspuc. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C3GAQooODPI/>. Acesso em 12 mar. 2025.

Fonte: a autora

O texto videossinalizado, publicado na rede social Instagram, no perfil público institucional denominado Libraspuc, fornece exemplos de atitudes eficazes e ineficazes na condução inicial de uma interação com pessoas surdas.

Ao bater à porta, como estratégias para chamar a atenção da personagem surda, o ator simula um equívoco na seleção do recurso de polidez, pois pelo fato de estar de costas, a ação foge do campo visual de sua interactante. A não correspondência o conduz à seleção de uma nova estratégia, a de acender e apagar a luz repetidamente, chamando assim, a atenção da interactante.

Observamos que as tentativas de interação envolvem o contexto de cultura, que corresponde aos procedimentos adotados, segundo práticas culturais, como forma de atingir os propósitos comunicativos (Eggins, 2004).

A seleção, aparentemente arbitrária, de bater à porta, contradiz uma prática cultural de pessoas surdas devido à ausência de percepção do som e não manutenção do contato visual. Como forma de marcar textualmente o erro são aplicados efeitos de oposição cromática entre as primeiras cenas (preto e branco) e a última cena do vídeo (colorida) e um recurso visual em formato de “X” na cor vermelha. Em oposição, o “check”, na cor verde, indica a atitude assertiva.

Outras semioses também são empregadas no texto. Além do texto escrito estar presente com o uso de diferentes letras e cores, o som das batidas à porta, a

onomatopeia “TOC -TOC”, torna menos abstrato e culturalmente mais próximo, um elemento distante da experiência sensorial de pessoas surdas, o som.

O aspecto cultural atrelado ao teor educativo do texto, que, por sua vez é produzido com o uso de uma linguagem simples e visual, além de atemporal, torna o texto acessível a qualquer público, ampliando as possibilidades de acesso, reprodução e engajamento. Além disso, o fato de se tratar de textos videossinalizados curtos correspondem ao ritmo acelerado das relações comunicativas da contemporaneidade.

O conteúdo do texto multimodal integra, portanto: (a) imagem em movimento (vídeo); (b) recursos visuais gráficos (cores, “X” vermelho, “check” verde); (c) Texto escrito (em diversas cores e tamanhos); e (d) onomatopeia (“TOC-TOC”) – som que recria uma experiência para quem não tem acesso auditivo.

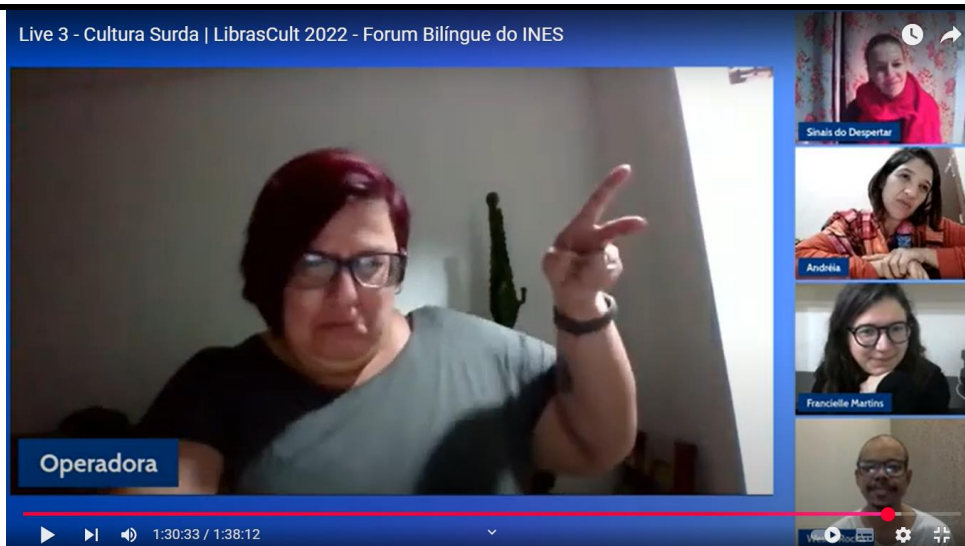
Esses elementos fornecem acessibilidade ampliada por meio de recursos tecnológicos, já que sua aplicação expande as possibilidades de construção de significados sobre o texto.

5.1.6 Conversas múltiplas

Quadro 68. Análise 29

Repositório de sinais

- De que forma pode ocorrer e se organizar as conversas múltiplas na interação sinalizada na internet?
- Que sinais foram criados ou reorganizados para atender as necessidades comunicativas em conversas múltiplas?



INES (2022, t. 1m:30s). [Live 3 – Cultura Surda/Librascult 2022 – Forum Bilíngue do Ines]. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/pOvn7qCJ9As>. Acesso em: 18 mai. 2025.

Fonte: a autora

Assim como eventos que intermediam o encontro entre falantes de línguas orais, as reuniões online têm se popularizado entre sinalizantes. A depender do nível de formalidade da reunião, ocorre maior ou menor controle de recursos tecnológicos, implicando na restrição ou ampliação da atividade sinalizada e no controle de informações referentes à composição e avaliação do texto videossinalizado.

Neste caso, as capturas de tela retratam uma das reuniões realizadas no Fórum Bilíngue do INES. Observamos que informações como o nome dos participantes permanecem afixados na tela, junto às suas imagens. Este recurso possibilita relacionar o sinal de batismo⁵¹, produzido durante a apresentação e menção dos participantes da reunião aos seus nomes próprios (presentes na forma escrita) e imagem (organizada por enquadramentos da tela).

A ocupação do enquadre maior da tela determina, neste caso, a posse de turno e, pode orientar a audiência quanto a assimetrias na hierarquia social, devido ao tempo de permanência no enquadre maior e, consequentemente de controle de turno. A disposição e tamanho dos enquadramentos na tela também podem afetar a avaliação da audiência quanto à relevância comunicativa, devido a marginalidade dos espaços menores.

⁵¹ O sinal de batismo é considerado “um **batizado cultural** da comunidade Surda para identificar os sujeitos [...]. Algo que se assemelha com o nome próprio para não-surdos. É um dos artefatos culturais da comunidade Surda que caracteriza a particularidade de identificação dos sujeitos Surdos, por ex: uma cicatriz, cabelos curtos e longos; os cílios dos olhos, as sardas, as pintas pretas ou marrons nos membros do corpo, bochechas, as primeiras letras do nome” (Campello, 2008, p. 37).

Além disso, por se tratar de um sistema visual-espacial a restrição do espaço de tela pode implicar na perda de informações gramaticais pela audiência, por isso, foi proposto, na descrição da reunião, que a condução de perguntas em Libras aos palestrantes, fossem realizadas em formato de texto videossinalizado e encaminhadas através de um link de whatsapp, como forma de apresentá-las em tela cheia.

Os recursos multimodais, portanto, são fundamentais em conversas múltiplas na interação sinalizada e podem intensificar marcas de identidade e reconhecimento social de figuras representativas na comunidade surda e funcionar como marcadores multimodais de controle de turno, avaliatividade e interação.

Como forma de atender as necessidades comunicativas, as marcações pronominais, realizadas por apontamento, concordam com os sujeitos, segundo a janela de enquadramento em que se encontram, conforme apresentamos por meio das capturas de tela (Quadro 67), onde a realização prototípica do sistema pronominal de número dual “ELAS-DUAS”⁵² recebe uma nova direção do sinal (tradicionalmente horizontal, passa a ser vertical) e é reforçado pela expressão facial da sinalizante (semicerrar dos olhos), ao buscar o ponto exato de convergência entre a posição manual e a localização dos referentes na tela para a articulação do sinal.

Outra estratégia linguística ocorre durante a exposição dos comentários do chat, onde o mediador altera o tom de formalidade do discurso como forma de expressar solidariedade à audiência e equivalência aos elogios incorporados ao chat, ao reproduzir a gíria “TOP” (repetida por duas vezes) ao se referir ao desenvolvimento do tema, conforme observamos por meio da Figura 23,

Figura 23. Manifestação da gíria “TOP”



Fonte: INES (2022, t. 1h:30m04s - 1h:30m13s).

[Sinalização: EU VER CHAT OPINIÕES [...] PARABÉNS, TOP, TEMA TOP].

Disponível em: <https://www.youtube.com/live/pOvn7qCJ9As>. Acesso em: 18 mai. 2025.

⁵² “Berenz (1996) conclui na sua tese de doutoramento sobre pessoa e dêixis na Libras [a presença de] uma categoria gramatical do sistema pronominal chamada de número dual. A evidência para isso é encontrada nas formas dos próprios pronomes pessoais e nas modulações para número nos verbos: NÓS-DOIS, VOCÊS-DOIS, ELES-DOIS” (Quadros, 2013, p. 20).

De acordo com Dino Preti (2000, p. 247), a gíria ⁵³ é concebida como “índice das grandes transformações socioculturais [da contemporaneidade], decorrentes, principalmente, da influência político-social da mídia e das modernas redes de comunicação via satélite, como a Internet”. Observamos, portanto, que o estabelecimento de conversas múltiplas, sobretudo quando estabelecidas em diferentes formatos, podem acarretar distinções nos níveis de formalidade estabelecidos na interação e nos padrões gramaticais atrelados aos contextos de uso, neste caso, agregando um tom colaborativo e espontâneo, ao incorporar uma gíria ao contexto formal de uma reunião institucional.

Quadro 69. Análise 30

Repositório de sinais

- De que forma ocorrem e se organizam as conversas múltiplas na interação sinalizada na internet?
- Que sinais foram criados ou reorganizados para atender as necessidades comunicativas em conversas múltiplas?

TEMA: PAPO LIVRE com a Equipe e participação especial Nathalia - Kitana Dreams | Libras

Leonardo | @kitanadreams

Gabriel Lélis | @mimico_putz

Nathalia da Silva | @nathy_lva

Mila Cahs | @milacahs

9:55 / 3:24:40

Sinal: NÓS-DOIS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NTgsCeHR1W0> Acesso em: 15 mai. 2024.

Fonte: a autora

⁵³ De acordo com Dino Preti (2000, p. 241), “a gíria constitui um vocabulário tipicamente oral” que foi relegado social e historicamente à grupos marginalizados, entretanto, a constante renovação de vocábulos motivou a “descaracterização do signo grupal e a conseqüente dispersão desses vocábulos na linguagem comum” (Preti, 2000, p. 246).

Após alguns problemas técnicos com a transmissão da *live*, a sinalizante interage com o público (que os assistem em tempo real) como forma de garantir que não houvesse andamento ao tópico sem que a transmissão estivesse estabelecida da forma desejada. Após o *feedback* do público, ela sinaliza: “PESSOAS, UM POUCO APOIAR NÓS-DOIS”. Ao fazer uso do sistema pronominal de número dual “NÓS-DOIS”, ocorre uma alteração na direção do sinal (tradicionalmente horizontal, passa a ser vertical) como forma de concordância com a localização espacial da tela em que se encontra um de seus interactantes (Leonardo). Entretanto, ela não se refere exclusivamente a ela e a Leonardo (quem conduz a *live*), pois não existem apenas duas pessoas reunidas e sim, quatro participantes, o que nos leva a crer que a marcação dual não se refere apenas à NÓS-DOIS e sim à “A GENTE”.

A confirmação desta possibilidade está associada ao fato da sinalizante iniciar a frase com a proposição “PESSOAS”, a qual admite a tradução “GENTE” em contextos informais. Embora mais estudos sejam necessários, a internet pode estar desencadeando o que Görski e Freitag (2013, p. 38) chamam de “um fenômeno de *gradação etária*”, ou seja, “cada geração apresenta características linguísticas que lhe são próprias e que se repetem a cada geração, sem se caracterizar uma mudança na comunidade”. As autoras afirmam que os “termos “você” e “a gente” evoluíram de formas nominais de terceira pessoa para formas pronominais, competindo respectivamente com “tu” (para a segunda pessoa do singular) e “nós” (para a primeira pessoa do plural)”, o que acarretou um “enfraquecimento do sistema de flexões verbais, decorrente da entrada de pronomes que se combinam com formas verbais de 3ª pessoa do singular (você canta, ele canta, a gente canta), instalando na língua, gradativamente, uma tendência ao preenchimento do sujeito pronominal” (Görski; Freitag, 2013, p. 38). Deste modo, no uso da língua pode haver “uma enorme variação inclusive para os referentes de “nós” e “a gente”, sem que se explicita ou que haja algum tipo de referente na superfície textual” (Koch; Marcuschi, 1998, p. 173).

5.2 Variações na realização linguística e construção de significados na Libras

Essa etapa de análise investiga aspectos fonético-fonológicos, aspectos morfológicos e aspectos sintáticos da Libras na internet, descritos e analisados pela metafunção ideacional e interpessoal.

Quadro 70. Análise 31

Repositório de sinais

- Quais estratégias de organização linguística no meio eletrônico são percebidas e como podem afetar o uso dos parâmetros?



Fonte: Postagem no story do facebook, perfil @Rimar R. Segala (2024).

[Sinalização manual: EU NASCER ALI].

Disponível em: <https://www.facebook.com/share/BCP34qndUouqixzm/?mibextid=oFDknk> (link de caráter temporário). Acesso em 03 jun. 2024.

Análise linguística

Na formulação “Eu nasci ali”, realizado no meio eletrônico, todos os sinais se articulam em concordância com o local de nascimento do sinalizante (prédio ao fundo). Este fator, aliado às limitações de espaço da câmera do celular, ocasionam a alteração do ponto de articulação e da orientação de mão nos sinais EU e NASCER. A necessidade de utilização de uma das mãos para apoio do celular implica na realização monomanual (unificação) do sinal NASCER, alterando o padrão de realização tradicionalmente bimanual, com o apagamento de uma das mãos.

Sinalização no meio eletrônico



Sinalização Prototípica



Não-Manual			ênfase (sombrancelhas levantadas)
Manual	SA : PRO1SG	NASCI	SA : PRODEM
Experiencial	Ator	Pr: Material	
Circunstância (lugar)			

Tradução	"Eu nasci ali"
https://youtube.com/shorts/dQI_jsPKk0Y (Link do repositório desta pesquisa)	

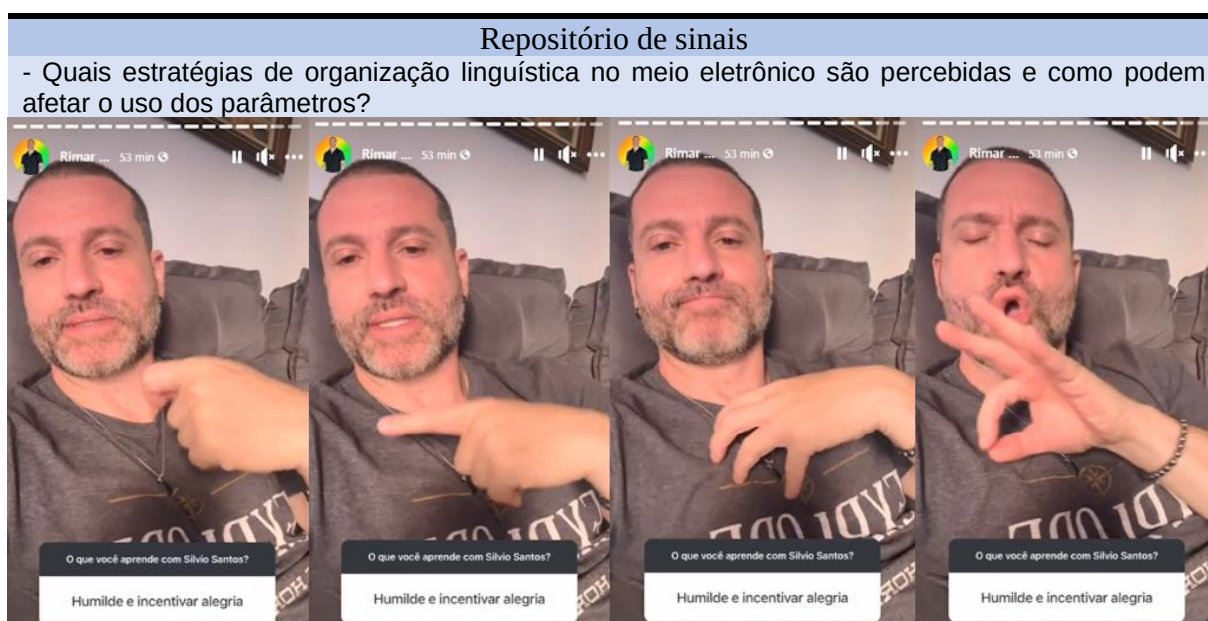
Não-Manual			
Manual	SA : PRO1SG	NASCI	SA : PRODEM
Experiencial	Ator	Pr: Material	Circunstância (lugar)

Tradução	"Eu nasci ali"
https://youtube.com/shorts/c0sb-GK4w48	

Fonte: a autora

Análise linguística: Do ponto de vista ideacional, os participantes "eu" (Ator) no sinal de apontamento e "ali" (Circunstância de lugar) no sinal de apontamento demonstrativo são mantidos. No entanto, há uma contaminação do elemento circunstancial no Processo Material ("nasci"), com o **ponto de articulação** sendo transferido para a posição do elemento circunstancial no plano de sinalização. A motivação para essa variação é possivelmente determinada por motivação interpessoal, já que a escolha específica de variação no processo (estilo de sinalização) implica um princípio de cooperação com o interlocutor e coerência no direcionamento da sinalização no espaço superior da tela de sinalização.

Quadro 71. Análise 32



Fonte: Postagem no story do facebook, perfil @Rimar R. Segala (2024).

[Sinalização manual: PRECISA TER SENTIR HUMILDE]. Disponível em:

<https://www.facebook.com/share/zt87Uw4XDvoXnyra/> (link de caráter temporário). Acesso em 18 ago. 2024.

Análise linguística

O apagamento de uma das mãos, devido ao uso do celular, motiva a alteração do padrão tradicional bimanual dos sinais "PRECISA" e "HUMILDE" (que tradicionalmente são realizados com configurações de mãos idênticas, e com as duas mãos, de modo que ambas as mãos se movem de modo simétrico). Já a posição corporal do sinalizante em relação à tela motiva uma distinção marcante na articulação dos sinais "TER" (alofone, com distinção na orientação da palma da mão pelo fato de estar voltada para o corpo do sinalizante) e "HUMILDE" (produzido com mão unificada e posição inicial ancorada ao corpo). Isso resulta num processo fonológico de

assimilação regressiva, conservando apenas o modo tradicional de realização do sinal “SENTIR”. Além disso, há uma intensificação na articulação-boca (*mouthings*)⁵⁴, simultaneamente à articulação do sinal “HUMILDE, neste caso, como forma de desambiguar o sentido do sinal manual produzido.

Sinalização no meio eletrônico



Contextual	[você – informação textual na tela]			
Não-Manual			intensificação na articulação-boca + franzir da testa	
Manual		PRECISA TER	SENTIR	HUMILDE
Experiencial	[Experienciador]		Pr: Mental	Fenômeno

Tradução "[Você] precisa ter humildade"

Vídeo

<https://www.youtube.com/watch?v=Y7c11M2lg7g>

Sinalização Prototípica



Contextual	[você – informação textual na tela]			
Não-Manual			intensificação na articulação-boca + franzir da testa	
Manual		PRECISA TER	SENTIR	HUMILDE
Experiencial	[Experienciador]		Pr: Mental	Fenômeno

Tradução "[Você] precisa ter humildade"

Vídeo

<https://youtube.com/shorts/ii8nQt2zvb4>

Fonte: a autora

Análise linguística: Do ponto de vista ideacional, tanto na sinalização no meio eletrônico quanto na sinalização prototípica, o processo relacional “ter” é acompanhado do verbo modal “precisa” (metafunção interpessoal – pois expressa um grau de necessidade ou obrigação) para indicar a necessidade de desenvolvimento do sentimento de humildade (atributo⁵⁵) como princípio para a prosperidade. O participante, ou seja, o sujeito que deve desenvolver tal atributo está implícito na oração, porém a forma declarativa com que é enunciada a oração e o texto escrito da pergunta na tela (“O que você aprende com Sílvia Santos?”) deixa subentendida a necessidade ou obrigação de que todo ser humano se comporte de forma humilde, como condição ética para sua progressão social, neste caso, marcada tanto pelo sinal manual “precisa”, seguido por “ter”, quanto pela intensificação da articulação-boca, ampliando o foco na importância do conselho ou orientação direcionada pelo sinalizante.

⁵⁴ “Articulações-boca – *mouthings*: São ações-boca cuja forma de produção é resultado da interpretação visual do surdo sobre o contato com a língua oral que o cerca” (Pizzio et. al, 2023, p. 241).

⁵⁵ Apesar de ser um Atributo no Processo Relacional Atributivo, em nossas análises, optamos pela indiferenciação entre Processos Relacionais Identificativos e Atributivos, empregando Índice e Aspecto em ambos os casos, conforme Rudge (2018).

Quadro 72. Análise 33



Fonte: Postagem no story do facebook, perfil @Rimar R. Segala (2024).

[Sinalização manual: VOCÊS PODER PERGUNTAR (2x) AQUI (3x) PERGUNTAR (2x) TEMA LIVRE].

Disponível em:

https://facebook.com/stories/1428827747188439/UzpfSVNDOjQ1MTEwNTg5MTAyMDc2Nw===?view_single=false (story - link de caráter temporário). Acesso em 11 jul. 2024.

Análise linguística

A estratégia de reorganização, neste caso, ocorre em relação ao espaço altamente restrito da tela do celular e à marcação do referente (o *sticker* de pergunta) para interação diretamente através do story do Instagram (compartilhado também pelo facebook). Ao solicitar que os interactantes façam perguntas, o primeiro sinal manual “PERGUNTAR”, além de ser realizado de modo unificado (monomaneiro), é direcionado para o *sticker* de pergunta, aparentando que as perguntas deveriam ser formuladas para o *sticker* (conforme a sinalização), quando na verdade o recurso apenas mediará a interação, ou seja, as perguntas deveriam ser feitas **por meio dele**, o que justifica o uso do sinal “AQUI” na sequência. No segundo momento em que é formulado o sinal manual “PERGUNTAR” a palma da mão orienta-se para o próprio sinalizante. Ou seja, ainda que todas as perguntas fossem respondidas pelo sinalizante, o recurso tecnológico da internet (o *sticker* de pergunta) é localizado espacialmente, demonstrando sua importância como elemento visual mediador da interação. Além dele, o espaço “altamente restrito” (Quadros, 2021, p. 15) da tela do celular exige que o sinalizante realize apenas uma das aspás do sinal “TEMA”, produzindo-a em frente à sua face, omitindo as expressões faciais que, por sua vez, compõe um dos parâmetros linguísticos. Observamos, ainda, alterações na orientação da mão durante a realização do sinal “PODER” que, orienta-se tradicionalmente para baixo e se reposiciona neste caso para a tela do celular (frente). O sinal “LIVRE” inicia mais próximo ao corpo do sinalizante, devido ao apagamento de uma das mãos e a posição lateralizada do corpo do sinalizante em relação a tela. O sinal também finaliza com maior ênfase atribuída tanto pelo arqueamento das sobrancelhas e pela intensificação do morfema-boca, quanto pelo distanciamento da câmera em relação ao corpo do sinalizante. A atitude do sinalizante demonstra a amplitude e diversidade de temas que, possivelmente, poderiam ser abordados.

Sinalização no meio eletrônico



Não-manual

Articulação-boca síncrona							Articulação - boca prototípica	
SA:PRO 2PL	P O D E R	PERGUN TAR	PERGUN TAR (à ele)	AQUI	(me) PERGUN TAR	(me) PERGUN TAR	T E M A	LIVRE
3→x		3→x		3→y		3→y		
Dizente	Pr: Verbal			Circ. / Rece bedor	Pr: Verbal / Recebedor		verbiagem	

Tradução "Vocês podem perguntar por aqui. Me perguntem, o tema é livre"

Vídeo <https://youtu.be/msn1jRkRLUg>

Sinalização Prototípica



Não-manual

Articulação-boca síncrona				Articulação-boca prototípica	
SA:PRO 2PL	PODER	(me) PERGUNTAR	PERGUNTAR	TEMA	LIVRE
3→y			3→y		
Dizente		Recebedor + Pr: verbal	verbiagem		

Tradução "Vocês podem me perguntar. Tema livre"

Vídeo <https://youtube.com/shorts/OVGJukTXQf8>

Fonte: a autora

Análise linguística:

No meio eletrônico: A representação da experiência tem como dizente o pronome pessoal na segunda pessoa do plural "VOCÊS". É ele responsável pela realização do processo verbal "PERGUNTAR" (repetido por duas vezes), que, por sua vez, é precedido do sinal "PODE". O *sticker* de pergunta (entidade mediadora da interação online e para quem se direciona o sinal de pergunta) é precedido do sinal "AQUI", indicando a circunstância de lugar. Novamente, há a ocorrência do sinal "PERGUNTAR" (repetido por duas vezes), entretanto, desta vez, a direção do sinal se volta para o próprio sinalizante, indicando ser ele o recebedor da ação, por isso se traduz "(me perguntar)". O conteúdo do processo verbal (verbiagem) é representado pelos sinais "TEMA LIVRE" acompanhado da articulação-boca prototípica. Sob o ponto de vista da metafunção interpessoal, a repetição do sinal "PERGUNTAR" incentiva o engajamento dos interlocutores em formular as perguntas e reforça o uso do recurso de interação online. Além disso, demonstra a disponibilidade do recebedor em respondê-las, independentemente da amplitude e diversidade dos temas abordados, conforme mostra a verbiagem "TEMA LIVRE". O tom colaborativo e amigável é estabelecido por meio do sinal manual "PODE", intensificado pela articulação-boca síncrona.

Sinalização prototípica: Devido a inexistência do recurso de interação (o *sticker* de pergunta) em uma interação face a face, a sinalização dispensaria o uso do sinal manual “AQUI”, indicando a circunstância e consequentemente do sinal “PERGUNTAR” direcionado ao recurso. Deste modo, o processo verbal se direciona em sua realização ao receptor (me), enquanto o dizente, a modalização e a verbiagem permanecem inalterados. Isso nos mostra que a representação da experiência se difere do modo de interação tradicional, exigindo novas formas e estratégias de organização linguística e sob o ponto de vista interpessoal, os sinais não manuais aliados aos sinais manuais identificados ampliam o escopo semântico da interação e as possibilidades de atingir os propósitos comunicativos do emissor.

Quadro 73. Análise 34

Repositório de sinais	
- Como a incorporação de recursos e ferramentas tecnológicas da internet podem afetar o uso dos parâmetros na construção de sentido em textos videossinalizados?	
	
LibrasCast (2023, t. 15m:34s). [Sinalização: (me) MOSTRAR FOTOS]. Disponível em: https://youtu.be/aip-7RzDMpk?si=ilsEAE35GtnniWOI Acesso em 02 jun. 2025.	

Análise linguística

A sinalizante comenta sobre o fato de alguns convidados presentes em uma festa, em que ela organizou, registrem por meio do celular alguns problemas ocorridos no evento. Ela sinaliza: “(me) MOSTRAR FOTOS”. Ao sinalizar o sinal MOSTRAR, a sinalizante aproxima excessivamente suas mãos da face, denotando um modo detalhado de visualização a partir de uma tela, com espaço gramatical restrito. Expressa, portanto, ciência de detalhes finos ocorridos na festa e que pôde acompanhar por meio dos registros fotográficos realizados através do celular. O posicionamento de

manipulação do aparelho, por sua vez, justifica o fato de o sinal de “FOTOS” ter sido realizado com orientação da mão na vertical e não com as mãos posicionadas horizontalmente, como em sua forma prototípica.

Ocorre, portanto, um reposicionamento fonológico, em virtude do uso do recurso tecnológico. Este processo fonológico é denominado assimilação e resulta na acomodação de características da unidade fonológica adjacente (Friedman, 1975; Silva; Xavier, 2024). Neste caso, os articuladores manuais, durante a produção do sinal FOTOS assumem a mesma orientação do sinal MOSTRAR. Já o sinal MOSTRAR assume características da configuração de mão que dá origem ao morfema em que tradicionalmente o sinal celular (sob manipulação) é realizado e, conseqüentemente, em posicionamento vertical, estabelecendo uma relação fonológica hierárquica entre a orientação da palma da mão e a configuração de mão que representa o celular (em uso – ao rolar a tela para se ter acesso à informações subsequentes), já que a visualização de fotos não ocorreu em outros suportes tecnológicos e sim, por meio do celular, como indica a sinalizante.

Sandler (2012, p. 166) afirma que a orientação da palma da mão pode ser determinada por características da configuração de mão, conforme as descrições realizadas por Stokoe (1960) levam a crer. Segundo o autor, o “comportamento de assimilação observado em compostos lexicais em várias línguas de sinais” tem motivado a elaboração de modelos que descrevem a orientação de mão como categoria subordinada à configuração de mão, estabelecendo assim, uma relação hierárquica entre os constituintes fonológicos, tal qual observamos nesta análise.

Sinalização no meio eletrônico



Contextual		amigos presentes na festa
Não-Manual		Recuo corporal/articulação-boca síncrona
Manual	[me] MOSTRAR	FOTOS
Experiencial	[Receptor] / Pr: Verbal	Verbiagem/ Dizente
Tradução	Me mostraram fotos	
Vídeo	https://youtu.be/Ovo3nagnWek	

Sinalização Prototípica



Contextual		amigos presentes na festa
Não-Manual	articulação-boca prototípica	
Manual	[me] MOSTRAR	FOTOS
Experiencial	[Receptor] / Pr: Verbal	Verbiagem/ Dizente
Tradução	Me mostraram fotos	
Vídeo	https://youtube.com/shorts/IKN7ZowzdYw	

Fonte: a autora

Análise linguística:

Do ponto de vista ideacional, há um Processo Verbal, em que a sinalizante foi avisada sobre os registros dos problemas ocorridos na festa. O verbo “mostrar” neste caso, tem o sentido de “avisar”, uma vez que mostraram a ela (a avisaram) que é o núcleo de um processo do dizer. O Receptor é a própria sinalizante (quem recebe a mensagem e visualiza as fotos). As fotos representam o que foi mostrado

(dito) a ela, denominada Verbiagem e os Dizentes (recuperados contextualmente) são os amigos que estavam presentes na festa e que mostraram fotos à sinalizante.

É possível verificar que, durante a realização linguística no meio eletrônico ocorre uma ênfase não-manual em relação à Verbiagem. Tradicionalmente, a ênfase é atribuída ao Processo Verbal, o que indica que a motivação, sob a perspectiva da metafunção interpessoal, ocorre com o propósito de busca de engajamento, dando a entender que, mesmo em um cenário de crise, nada fugiu ao controle da sinalizante, nem mesmo as atitudes e posicionamento de seus convidados.

Quadro 74. Análise 35

Repositório de sinais
- Considerando os tipos de variação livre e motivada demonstradas por Xavier e Barbosa (2014; 2017) como o contexto multicultural e multimodal da internet pode afetar o funcionamento dos parâmetros?

Fonte: Perfil @fabiodesa.tv (2023). [Sinalização manual: GOLFINHO VER ELE]. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C2XkGvTONJe/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D. Acesso em 02 out. 2024.
Análise linguística

Na referenciação por meio de apontamentos é fundamental identificar os referentes e posicioná-los, visualmente, em locais diferentes do espaço gramatical. “Quando os referentes estão presentes, os pontos no espaço são estabelecidos baseados na posição real ocupada pelo referente. Porém quando “ausentes da situação de enunciação, são estabelecidos pontos abstratos no espaço” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 130-131).

Na sinalização analisada no meio eletrônico, o referente é identificado por meio de uma imagem, ou seja, um recurso multimodal, flexibilizando tanto a direção do sinal de apontamento quanto o posicionamento do recurso na tela, pois se considerada a posição real do golfinho, dada a presença do referente, ele deveria estar presente em uma região mais baixa do espaço

gramatical e tão pouco, de modo sobreposto à face do sinalizante. Além disso, torna facultativa a sinalização do referente (sinal de golfinho) antes de sua localização no espaço, já que é identificado por meio da imagem, enquanto na sinalização face a face a identificação do referente é obrigatória e precede sua localização espacial.

Deste modo, a variação no sinal de apontamento é motivada tanto pelo uso de um recurso multimodal, quanto pelas limitações de tela e, consequentemente, restrição do espaço gramatical.

Sinalização no meio eletrônico							[imagem de golfinho]
	Multimodal						
	Contextual		[você]				
	Manual	GOLFINHO		VER		SA:PRO3SG	
	Experiencial	Fenômeno	Experienciador	Pr: Mental		Circ. (lugar) / Fenômeno	
	Tradução						
	Vídeo	"Veja o golfinho"					
		https://www.youtube.com/watch?v=vukMEs490YM					
Sinalização Prototípica							
	Multimodal						[imagem de golfinho]
	Contextual		[você]				
	Manual	GOLFINHO		VER		SA:PRO3SG	
	Experiencial	Fenômeno	Experienciador	Pr: Mental		Circ. (lugar)	
	Tradução						
	Vídeo	"Veja o golfinho"					
		https://youtube.com/shorts/L0mQg1ESJPY					

Fonte: a autora

Análise linguística: Tanto na sinalização prototípica, quanto no meio eletrônico, o processo mental é marcado pelo sinal manual “VER”. O golfinho é o fenômeno da oração que sofre a ação de ser visto. A circunstância é expressa por meio da referência por sinal de apontamento, já que ela marca o lugar do espaço gramatical onde o referente é localizado. Observamos que a incorporação de recursos multimodais (neste caso, por imagem) ao espaço de tela motiva uma alteração na relação entre a marca de circunstância e Fenômeno, já que o espaço de tela funciona como espaço gramatical e o sinal de apontamento pode localizar o referente, de qualquer tamanho e dimensão, em qualquer ponto do espaço gramatical, podendo alterar a direção e a orientação de mão no sinal de apontamento.

Essa alteração (na circunstância) tem motivação interpessoal, já que a identificação do referente por meio de uma imagem causa proximidade entre o emissor e seus interlocutores através de elemento cultural dos surdos (a visualidade). Além disso, expande as possibilidades de observação e compreensão da narrativa contada pelo sinalizante, independentemente das experiências particulares de seus interactantes.

Quadro 75. Análise 36

Repositório de sinais

- Considerando os tipos de variação livre e motivada demonstradas por Xavier e Barbosa (2014; 2017) como o contexto multicultural e multimodal da internet pode afetar o funcionamento dos parâmetros?



Fonte: Perfil @ffabiodesa.tv (2024). [Sinalização: NÃO (não manual) VOLTA PAZ (escrita) INSTAGRAM NÃO (não manual)].

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C74GffuW2x/>

Acesso em 03 jul. 2025.

Análise linguística

O texto videossinalizado é realizado por apenas um dos articuladores manuais marcando um processo fonológico de apagamento motivada por uso de recurso tecnológico. Entretanto, o que nos chama atenção neste caso, é o fato de que a ausência da mão não dominante é ocupada por um recurso multimodal, afetando a construção semântica do texto. O sinal “VOLTAR” realizado pelo sinalizante em sobreposição à escrita “PAZ” sugere que o que deixa de voltar é a paz ao instagram, quando na verdade, o que não voltou foi a própria página do instagram, contendo a recuperação do perfil anterior do sinalizante (@fabio.ssilva), tirando assim, a sua paz. No entanto, o uso do recurso multimodal na construção do enunciado “PAZ” resulta em economia linguística, dispensando a necessidade de produção do sinal “PAZ” ambigüizando o sentido do texto.

Esta situação demonstra a evidência de um hibridismo entre escrita e sinalização, ocasionando o que Hilgert (2000, p. 19) chama de “continuum” entre “meios distintos de realização textual”, isso ocorre, segundo o autor, pelo fato de que a fala (neste caso sinalizada) e a escrita envolvem práticas sociais distintas e incorporam procedimentos de formulação diferentes. Enquanto a fala exige envolvimento, espontaneidade, intimidade, cooperação, além de um “grau de dependência situacional e interacional das atividades de comunicação” e “baixo grau de concentração temática”, a escrita exige foco temático, conceituação, propósito social bem definidos para a construção da mensagem.

Neste caso, a espontaneidade e descontração é marcada pelo uso de um recurso multimodal (a figurinha de óculos) e por um recurso linguístico não manual (o inflar de um lado da

bochecha).

Os comentários escritos e gráfico-visuais, enviados pelos interactantes, também levantam possibilidades sobre o sentido do texto e divergem para o fato do sinalizante ter ou não voltado a publicar no instagram. O fenômeno de hibridismo e as divergências de interpretação ressaltam as observações de Crystal (2013) para o fato de que problemas de linguagem demandam cada vez mais soluções de natureza aplicada, sobretudo na internet.

Sinalização
no meio
eletrônico



**Multimodal
Contextual**

PAZ

Não-Manual

balançar de
cabeça

articulação-boca síncrona

balançar de cabeça/
articulação-boca
especificadora

**Manual
Experiencial**

VOLTAR

INSTAGRAM

Pr: Material/Ator

Meta/Circ.

Tradução

A paz não volta ao instagram

Vídeo

<https://www.youtube.com/shorts/9tuHxTzhyMM>

Sinalização
Prototípica



Não-Manual

balançar de
cabeça

articulação-boca
síncrona

balançar de cabeça/
articulação-boca
síncrona

**Manual
Experiencial**

VOLTAR

INSTAGRAM

PAZ

Pr: Material

Meta/Circ.

Ator

Tradução

O instagram não voltou, não estou em paz.

Vídeo

<https://youtube.com/shorts/l46ruMfvZRI?feature=share>

Fonte: a autora

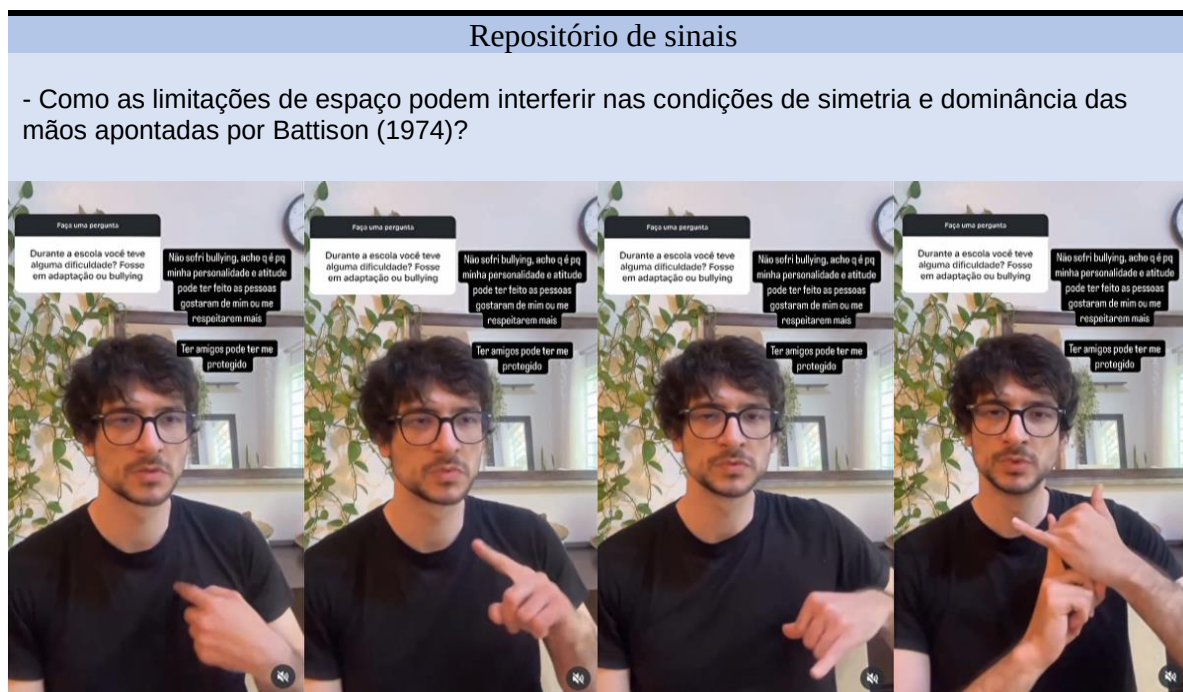
Análise linguística: A representação da experiência neste contexto digital tem como núcleo o Processo Material “VOLTAR”, que é realizado simultaneamente e em sobreposição ao participante simbólico “PAZ”, aqui representado por meio de um recurso multimodal. Na representação da experiência, o substantivo “PAZ” é personificado e funciona como Ator, ou seja, é ela quem realiza o processo de não voltar. O sinal manual “INSTAGRAM” funciona tanto como meta – ou seja, como alvo da ação de retorno –, como quanto circunstância de lugar, para onde, supostamente, a paz voltaria.

Sob o ponto de vista da metafunção interpessoal, o sinal não-manual NÃO é expresso por duas vezes, na abertura do tópico e como reforço da negação, ao final. Marcados pelo balançar de cabeça, esses sinais indicam uma polaridade negativa acentuada sobre a possibilidade de retorno da paz ao instagram, indicando convicção de que o fato não ocorrerá. O nível de certeza, neste caso, afeta a avaliação da audiência sobre a ocorrência do retorno e os leva a outras inferências em virtude da disposição do texto, conforme explicamos anteriormente.

Em sua forma prototípica, a produção do enunciado não contaria com a presença de um recurso multimodal, o que evitaria a ambiguidade causada por

sobreposição de meios distintos de produção textual. Deste modo, o processo Material seria mantido e a Meta e Circunstância de lugar continuaria sendo o instagram. Já o sinal PAZ (Ator) poderia ser articulado simultaneamente à expressão facial “NÃO” por meio do balançar de cabeça, atribuindo um novo sentido para o enunciado “NÃO (não manual) VOLTA INSTAGRAM NÃO (não manual) PAZ”, cuja tradução seria “o instagram não voltou, não estou em paz”.

Quadro 76. Análise 37



Fonte: Postagem no instagram, perfil @igorbuciolli.

[Sinalização: EU NÃO SOFRER BULLYING].

Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C_6E407Rs5q/?utm_source=ig_web_copy_link.

Acesso em 13 jun. 2024.

Análise linguística

O recorte apresenta o momento em que o sinalizante responde a uma das perguntas formuladas a ele por seus seguidores e afirma “EU NÃO SOFRER BULLYING”. Observamos que, em função do posicionamento da tela do celular, ocorre uma restrição parcial do tronco do sinalizante, resultando em algumas alterações na forma linguística prototípica. É importante assinalar que a organização de um texto videossinalizado está sujeito às dimensões de espaço a virtude de sua modalidade. Quadros (2020) demonstra que, mesmo em espaços altamente restritos, é possível preservar os constituintes gramaticais, necessitando apenas de “um ajuste da sinalização para enquadrar no espaço disponível todos os mecanismos [gramaticais] necessários para produção dos sinais por meio de combinações que expressem sentido em um texto” (Quadros, 2020, p. 20).

Neste caso, os ajustes realizados ocasionaram distinções marcantes de pronúncia: em “EU NÃO”, onde o sinal “EU” é realizado lateralizado e mais próximo ao pescoço e não com ponto de articulação no meio do peito como habitualmente; e no sinal “NÃO” que tem seu movimento

encurtado e alteração na orientação da palma da mão, resultando em um processo fonológico de assimilação progressiva, onde todos os outros sinais são afetados.

Stokoe (1960) e Battison (1974) descreveram em suas pesquisas como o número de mãos envolvidas na produção dos sinais afeta a realização linguística resultando em diferentes processos fonológicos. Xavier (2011), Xavier; Barbosa (2014) afirmam que o fenômeno de alternância no número de mãos envolvidas na produção dos sinais resulta em variações de pronúncia e, conseqüentemente, não afeta o significado do sinal (inteligibilidade e correspondência semântica). Entretanto, neste caso, o sinal “SOFRER”, tipicamente realizado com as duas mãos, com movimento simétrico, de forma simultânea e com ponto de articulação na extremidade do quadril, passa a ser articulado apenas com uma das mãos, sem alterações no movimento, porém com alteração no ponto de articulação, desta vez realizado na lateral do peito, o que indica, sob o ponto de vista da metafunção ideacional, uma alteração na representação da experiência, haja vista que o ponto de articulação do sinal ancorado ao corpo deflagra a relação entre o signo linguístico, sua expressão semântica e a natureza visual de sua realização, tal como explica Arriens (2005, p. 14),

Muitos sinais fazem sentido ancorados ao corpo e diretamente relacionados a essas partes corporais. Temos os sinais da área mental (pensar, aprender, esquecer, lembrar, burro, inteligente, bobo, idéia, sonhos), área auditiva (escutar, ouvir, foca, ignorar), área oral (falar, oralizar, linguarudo, reclamar, anunciar), área emocional (coração, amor, ódio, saudade) entre outros.

Deste modo, a realização do sinal SOFRER – que lembra a abertura da cérvix uterina e o esforço fatídico da mãe durante a concepção do bebê, em um parto natural – passa a ser realizado em um campo associado ao emocional, demonstrando que o sinalizante não internalizou tais ocorrências, ainda que, de fato as tenha sofrido, passando despercebido. Nas línguas de sinais “para verbos ancorados ao corpo, o corpo do sinalizador é parte da representação icônica do evento verbal e, por padrão, o corpo é interpretado como se referindo ao sinalizador, ou seja, como primeira pessoa” (Oomen; Kimmelman, 2019, p. 1).⁵⁶

A construção de significados se potencializa com o uso de recursos multimodais integrados à sinalização. Ao apresentar a resposta na forma escrita: “*Não sofri bullying, acho que é pq minha personalidade e atitude pode ter feito as pessoas gostarem de mim ou me respeitarem mais. Ter amigos pode ter me protegido*”, a afirmação de não ter sofrido *bullying* – no início do enunciado – antecede o uso de “acho” e “pode ter” em aspectos que se relacionam à construção da autoimagem do sinalizante, enquanto sujeito amigável, com personalidade e atitude, o que indica que a negação de situações de *bullying* pode ter sido ocasionada como estratégia para preservar a face do sinalizante. Deste modo, o uso de “acho” e “pode ter” indicam a imprecisão ou incerteza do enunciado e funcionam como “prefaciadores de opinião com valor atenuativo” que, neste caso, “servem para manter ou controlar a construção da imagem que o locutor deseja exibir” (Burgo, 2012, p. 64).

⁵⁶ No original: for body-anchored verbs, the signer’s body is a part of the iconic representation of the verbal event, and by default the body is interpreted as referring to the signer, that is, as first person (Oomen; Kimmelman, 2019, p. 1)

Isso justifica a ausência de recursos marcados de gradação na realização do sinal “SOFRER”, os quais, tradicionalmente, se manifestam por meio da expressão facial, da intensificação e da repetição do movimento. Além disso, o sinal é produzido simultaneamente pelos dois articuladores manuais, o que reforça a amenização da gradação e indica uma tendência de pronúncia adaptada ao meio eletrônico — onde os sinais são produzidos de forma mais unificada. Tal reorganização está relacionada à necessidade de preservar a visibilidade da sinalização, especialmente diante da distinção do ponto de articulação. Esta adaptação garante maior coesão na produção do enunciado em ambientes digitais.

O sinal de BULLYING também se adapta ao espaço disponível de tela aproximando-se da face do sinalizante, distintamente do ponto de articulação no espaço neutro, conforme sua realização prototípica.

Essas distinções, além de acentuar uma adaptação proveniente do uso do equipamento tecnológico (conforme evidencia o alçamento do sinal “SOFRER”, com apagamento da mão não dominante) também expressa uma adaptação ao caráter sintético da comunicação online (conforme expressa o encurtamento do movimento do sinal “NÃO” e o uso da abreviação da conjunção PORQUE para “pq”, na forma escrita), demonstrando que o reposicionamento dos articuladores manuais, o ajuste na realização linguística e a incorporação de estilos de escrita, fruto da comunicação online, são estratégias de acomodação do texto videossinalizado ao meio eletrônico.

Sinalização no meio eletrônico	Multimodal						Colegas da escola
	Contextual						
	Não-Manual			Semicerrar dos olhos/ franzimento da testa/ sobreposição de lábios			
	Manual	SA: PRO1SG	NÃO	SOFRER [perceber]			BULLYING
	Experiencial	Ator		Pr: Material			Meta
	Tradução	Eu não sofri bullying					
	Vídeo	https://www.youtube.com/watch?v=MdYesAWqHSA					
Sinalização Prototípica	Contextual						Colegas da escola
	Manual	SA: PRO1SG	NÃO	SOFRER			BULLYING
	Experiencial	Ator		Pr: material			Meta
	Tradução	Eu não sofri bullying					
	Vídeo	https://youtube.com/shorts/E9sArQ2Y6Zq					

Fonte: a autora

Análise linguística

No contexto da internet e na interação face a face, a representação “Eu não sofri *bullying*” é realizada por meio de um processo material, onde o ator, ou seja, aquele que é afetado pela ação material, é representado pelo sinal de apontamento em primeira pessoa do singular “EU” e a meta é o *bullying*. O verbo “sofrer”, apesar de parecer interno ou subjetivo em alguns contextos, quando usado com um objeto

como “bullying”, representa uma ação sofrida pelo sujeito no plano físico ou social. É uma experiência que ocorre com o sujeito, mesmo que ele não a tenha iniciado. Na sinalização, entretanto, o modalizador “NÃO” e o processo material “SOFRER” apresentam formas redimensionadas de pronúncia nos levando a concluir que, por motivação interpessoal, o sinalizante demonstra não ter sido afetado pela ação do *bullying*, de fato, ainda que as tenha vivenciado. Essa contextualização justifica o advérbio de negação NÃO, realizado na internet, ter movimento encurtado, fazendo com que sua atuação na modificação do processo expresse hesitação, confirmando a incerteza ou insegurança que permeia o recurso multimodal. A realização prototípica expressa, em geral, de modo declarativo e seguro, a representação de não ter sido afetado pelo processo.

Quadro 77. Análise 38

Repositório de sinais

- Como o ambiente virtual pode afetar a seleção de recursos linguísticos manuais e não-manuais?
- Como as limitações de tela e espaço interferem na orientação de mão durante a sinalização?



Fonte: @aannemagalhaes (2022).
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZ-JGesP8CY/>.
Acesso em 16 jul. 2025.

Análise linguística

A captura de tela apresenta um trecho da interpretação do poema “Tem gente com fome”, de Solano Trindade, realizada por Anne Magalhães. Observamos que a tela, intencionalmente dividida ao meio, proporciona sensações de distâncias diferentes entre o texto e o leitor. À esquerda, o foco da câmera está sobre a mão da sinalizante realizando movimento circular sobre a barriga, cuja ação construída indica, por meio do corpo da sinalizante, a existência de sujeitos com

fome, colocando em destaque o problema social. À direita, o sinal manual “TREM”, reproduzido repetidamente, revela a marca prosódica de expressão de ritmo e reconstrói a sonoridade presente no poema. Em sua forma prototípica, a produção do enunciado exigiria a utilização de parâmetros não-manuais, como forma de expressar a intensidade da fome.

Recursos de edição possibilitam que a sinalização seja simultaneamente produzida por três articuladores manuais, o que não seria possível no modo tradicional, exceto se houvessem outras sinalizantes envolvidos. Além disso, o foco comunicativo não se limitaria ao ângulo de captura da tela, mas se ampliaria para toda a dimensão corporal. Isso nos mostra que, embora haja uma restrição na exposição de um dos parâmetros linguísticos e, conseqüentemente, na combinação natural entre eles, a intenção do sinalizante é preservada através de recursos multimodais (duração, foco e ângulo de câmera).

A realização prototípica exigiria ainda outras estratégias de organização linguística para representação da mensagem combinada ao ritmo e sonoridade, considerando a realização limitada a apenas um sinalizante, além de tornar mais difusa as interpretações atribuídas ao texto.

Sinalização
no meio
eletrônico



Multimodal	Escrita [tem gente com fome]	Sonoridade
Contextual		
Não-Manual		
	AC	
Manual	(classificador indicando a barriga vazia)	TREM
Experiencial	Pr: existencial / Índice / Aspecto	
Tradução	Tem gente com fome	
Vídeo	https://youtu.be/r2XOPCCdEgY	
Contextual	Tem [existir]	com
Não-Manual		Corpo em movimento semicircular, testa franzida, olhos semicerrados e lábios sobrepostos
Manual	PESSOAS	FOME
Experiencial	Pr: existencial / Índice / Aspecto	
Tradução	Tem gente com fome	
Vídeo	https://youtube.com/shorts/tmINz8Chux0	

Sinalização
Prototípica



Fonte: a autora

Análise linguística

A construção de significados na internet ocorre a partir do funcionamento da língua associado a outros sistemas semióticos. Neste caso, a multimodalidade agrega sonoridade, realizada manualmente por meio do sinal TREM e ritmo, ao repetir o movimento do sinal. A apresentação da letra do poema também é expressa por meio de um recurso multimodal, deixando ainda mais evidente a intenção do sinalizante.

A representação da experiência interna (sensação de fome) é materializada no corpo da sinalizante por meio de um classificador (barriga vazia) de modo a evidenciar uma necessidade fisiológica. Esta representação se constitui a partir de uma Ação Construída (AC), cujo núcleo da oração é expresso por um processo

existencial (marca a existência de pessoas em situação de fome) e tem como participantes envolvidos na oração o Índice representado por “GENTE”, sobre quem se afirma existência, e o Aspecto, representado por “FOME”, ou seja, o estado interno (atributo) em que as pessoas se encontram (“famintas”).

Em sua forma prototípica, o Índice e o Aspecto são apresentados através de relação contextual, dispensando a Ação Construída. O processo existencial “tem [existir]” também é recuperado contextualmente, assim como a preposição “com”. Já a marca prosódica de ritmo e sonoridade é expressa por meio de sinalização não-manual exercida pelo movimento corporal do sinalizante, de modo semicircular.

Distintamente do meio eletrônico em que as marcas não-manuais estão ausentes em virtude do foco e ângulo de captura de imagem, em sua forma prototípica as marcas não-manuais (testa franzida, olhos semicerrados e lábios sobrepostos) estão visíveis e indicam, sob o ponto de vista da metafunção interpessoal, o grau de intensidade da fome e, sobretudo, a ênfase sobre a gravidade do problema social denunciado na mensagem, ou seja, revela o julgamento da sinalizante sobre a mensagem do enunciado.

É preciso ressaltar que, embora tenhamos optado por essa organização de recursos manuais e não-manuais para representar a realização prototípica, outras possibilidades poderiam ter sido selecionadas, em especial a respeito da forma de representar uma Ação Construída, pois, segundo Lidell (2003), o evento a ser descrito necessita de uma integração conceitual entre o corpo do sinalizante, os participantes do evento e os espaços mentais representados, segundo o contexto – o que flexibiliza a seleção de recursos manuais e não manuais, sobretudo na interpretação de um poema.

Quadro 78. Análise 39



Fonte: @ Rodrigo Custódio (2021). [Sinalização não manual: Nossa, como fala... palhaçada] Já aconteceu com você?. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQjblBaJkOK/>. Acesso em 08 jan. 2025.

Análise linguística

A captura de tela registra as expressões faciais realizadas em uma interação simulada no meio eletrônico. Nela, um dos sinalizantes representados solicita quinze minutos do tempo de seu interactante para conversarem. Ele sinaliza manualmente que aceita, autorizando-o a iniciar o tópico. As expressões de descontentamento motivada pela demora em encerrar o assunto são demonstradas por meio das expressões faciais. A principal distinção observada entre a realização no meio eletrônico e sua forma prototípica se refere à incorporação de recursos multimodais que intensificam e dão ênfase à atitude, modalização e ao comportamento linguístico do interactante.

De acordo com Cintra (2021), o efeito de máscara ou “filtro de realidade aumentada” (p. 46) é um grande mecanismo virtual do Instagram na contemporaneidade e tem levantado questionamentos sobre o seu impacto na acomodação de padrões estéticos, difusão da imagem, construção de identidades e, sobretudo, por seu vínculo com a intencionalidade de quem os utiliza. Entendemos que este último aspecto é fundamental para um sistema visual-espacial, pois agrega novas possibilidades de representação e interpretação de informações que, em uma realização prototípica, são produzidas por expressões não manuais e recuperadas contextualmente. No meio eletrônico os recursos podem potencializar os recursos de interpersoalidade, como neste caso.

Sinalização no meio eletrônico 	Multimodal	Máscara		imagem de aranha	Orelhas e nariz de palhaço	Escrita [blá, blá, blá]
	Contextual	NOSSA		[ele] FALAR [muito]	PUUUU	PALHAÇA DA
	Não-Manual	Testa franzida	Sorriso [indicando constrangimento]	olhos arregalados	leve inclinação da cabeça para a direita uma das sobrancelhas arqueadas, boca entreaberta e elevada para a esquerda	GMA
	Manual					
	Experiencial	Dizente / Pr. verbal				
	Tradução Vídeo	Nossa, como fala... palhaçada... blá, blá, blá. https://youtu.be/3-DCn0reNLc				
Sinalização Prototípica 	Contextual	NOSSA		[ele] FALAR [muito]	PUUUU	PALHAÇA DA
	Não-Manual	Testa franzida	Sorriso [indicando constrangimento]	olhos arregalados	leve inclinação da cabeça para a direita sobrancelha arqueada, boca entreaberta e elevada para a esquerda	GMA
	Manual					
	Experiencial	Dizente / Pr. verbal				
	Tradução Vídeo	Nossa, como fala... palhaçada... blá, blá, blá. https://youtube.com/shorts/dSNdMI9ykCQ				

Fonte: a autora

Análise linguística

No meio eletrônico, o processo verbal FALAR, marcado por meio da expressão não manual (olhos arregalados) funciona como núcleo da oração. O dizente [ele] é recuperado contextualmente, enquanto a verbiagem, aquilo que é dito, é expresso por meio de um recurso multimodal na forma escrita (blá, blá, blá). Sob o ponto de vista da metafunção interpessoal, o uso da máscara digital

intensifica a expressão não manual (franzir de testa e Sorriso [indicando constrangimento]).

A imagem da aranha percorrendo o rosto do sinalizante durante a organização não manual (leve inclinação da cabeça para a direita sobrançelha arqueada, boca entreaberta e elevada para a esquerda) expande os significados de avaliação e julgamento com polaridade negativa à atitude do interactante em manter o turno ininterruptamente, tomando mais tempo do que havia solicitado, lembrando as teias do animal que se acumulam em locais que permanecem por muito tempo inacessados. Segundo Grice (1975), as implicaturas conversacionais são inferências pragmáticas geradas com base nos princípios da conversação, como o Princípio da Cooperação e suas máximas (quantidade, qualidade, relação e modo). Neste exemplo, a transgressão da máxima de quantidade gera um ato de ameaça à face, implícito na expectativa do interactante, e cria um julgamento negativo que se intensifica (Graduação – Avaliatividade) ao aplicar o filtro com nariz e orelhas de palhaço, revelando o sentimento de ter sido enganado.

Embora não houvesse distinções na realização prototípica na dimensão ideacional, a realização exigiria que o sinalizante intensificasse as expressões não manuais, já que caberiam a elas demonstrar os julgamentos realizados pelo sinalizante, com o auxílio da recuperação de significados por meio do contexto, afetando assim a dimensão interpessoal.

Quadro 79. Análise 40

Repositório de sinais

- Como podem ocorrer fenômenos de “encaixamento” ou subordinação, parataxe ou coordenação, e hipotaxe no meio eletrônico?
- Como a seleção de recursos linguísticos manuais e não-manuais pode ser afetada pelo ambiente virtual?



Iflocos (2025). Postagem no *storie* do *Instagram*. [Sinalização: AMAR (CL – colocar compras no carrinho) MAS SÓ ASSUSTAR FINAL DINHEIRO. Disponível em: https://www.instagram.com/stories/isflocos/3687563418864533488?utm_source=ig_story_item_share&igsh=dGI0dmQ0MGZpODh1. Acesso em 25 jul. 2025.

O texto videossinalizado conta com um processo fonológico de apagamento motivado pelo uso do recurso tecnológico (celular). O fato de utilizar apenas um dos articuladores manuais motiva a seleção de um classificador como forma de demonstrar a atitude do consumidor em apanhar os produtos e colocá-los no carrinho de compras. O fato de o celular estar ocupando a mão não dominante motiva um outro processo fonológico importante o de assimilação regressiva, onde o sinal utilizado para realizar o classificador assume as características da configuração de mão do sinal “AMAR”, ou seja, o fato de a mão não dominante estar ocupada afeta a seleção de recursos linguísticos empregados no enunciado; uma vez livres ambas as mãos, não haveria impedimentos para a produção do sinal bimanual “MERCADO”.

A ausência do sinal MERCADO na sinalização face a face poderia causar ambiguidade em relação ao significado do classificador, já que a ação de apanhar algo poderia levar o interactante a outras inferências, necessitando de desambiguação pelo contexto. Enquanto na internet, o enunciado escrito é combinado à sinalização (multimodalidade) e deixa claro a intenção do falante. Não há, portanto, impactos para a construção de sentidos de inteligibilidade.

O texto sinalizado resulta em uma oração paratática, onde duas orações independentes são ligadas pelo uso de um conectivo, neste caso, por meio da conjunção “MAS” (marcada nitidamente pela aproximação da mão do sinalizante em relação à tela). Na segunda oração, o sinalizante afirma se assustar com o preço, indicando uma autoavaliação de sua atitude consumista, motivando o riso, que também é reproduzido pelo recurso multimodal “kkkj” e pelo emoticon “sorriso com uma gota de suor na têmpora”. Tal recurso amplia as possibilidades de expressividade e avaliação do texto pelo interactante pois, segundo Crystal (2005, p. 85), as figurinhas e repetições de letras evitam “ambiguidades e percepções errôneas que surgem quando se faz a linguagem escrita carregar o peso da fala”

Sinalização no meio eletrônico



Multimodal	Escrita / emoji 🤔 / repetição de letras						
Contextual	SA:PRO1SG				SA:PRO1SG		
Não-manual							sorriso
Manual	AMAR	CL	MAS	SÓ	ASSUSTAR	FINAL	DINHEIRO
Experiencial	Experienciador / Pr: mental	Fenômeno			Experienciador / Pr: mental		Fenômeno
Tradução	"Amo um mercado... Até ver o valor kkkj"						
Vídeo	https://www.youtube.com/shorts/IQyrdliplM						

Sinalização Prototípica



Contextual	SA:PRO1SG				SA:PRO1SG		
Não-manual							sorriso
Manual	AMAR	MERCADO	MAS	SÓ	ASSUSTAR	FINAL	DINHEIRO
Experiencial	Experienciador / Pr: mental	Fenômeno			Experienciador / Pr: mental		Fenômeno
Tradução	"Amo um mercado... Até ver o valor kkkj"						
Vídeo	https://youtube.com/shorts/yOpFzZ0g5sM						

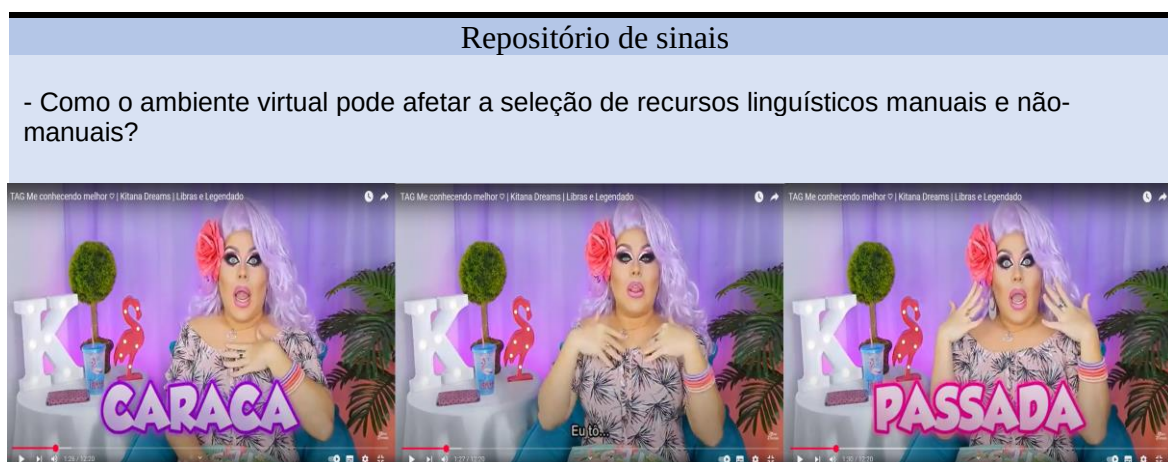
Análise linguística

A primeira oração, que constitui a construção paratática, é marcada pelo processo mental “AMAR”, que demonstra uma ação emotiva relacionada à prática de consumo. O classificador é realizado por descrição imagética que lembra o consumidor selecionando os itens e colocando-os em seu carrinho. “MAS” e “SÓ” não participam ativamente da representação da experiência, porém expressam valor interpessoal, ou seja, “SÓ” ressalta o contraste entre o prazer de comprar e a condição negativa de pagar um alto preço. Já a conjunção “MAS” atenua a frustração de gastar e demonstra contraste entre o que causa prazer e a frustração de expectativa.

Na segunda oração, marcada pelo sinal “ASSUSTAR” (processo mental – reação do consumidor), o participante experienciador é recuperado contextualmente, assim como na primeira oração, enquanto os sinais manuais “FINAL” e “DINHEIRO”, e o sorriso expresso pela ação não-manual participam como fenômeno.

A realização prototípica do enunciado não conta com os recursos multimodais, exigindo que o sinalizante produza o sinal bimanual “MERCADO” como forma de evitar ambiguidades quanto ao significado do texto.

Quadro 80. Análise 41



Fonte: @Dreams (2018, t. 1m26s - 1m30s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TPEmHBMGj58&t=22s>. Acesso em 27 fev. 2025.

Análise linguística

Kitana, presente no trecho analisado, se surpreende ao contabilizar o tempo de sua carreira como *drag queen*. Ao se conscientizar de que já havia se passado vinte anos, a sinalizante demonstra sua reação com o uso da interjeição “CARACA”, expresso por meio de um sinal não manual (abertura excessiva dos olhos e boca) acompanhado de produção gestual (mão espalmada no peito).

O pronome pessoal ‘EU’ sofre mudança no parâmetro linguístico de configuração de

mão e passa por duplicação. A realização tradicional deste sinal envolve a articulação do dedo indicador voltado para o enunciador, produzido com apenas uma das mãos (sinal de apontamento). No dado coletado da internet, o sinal é produzido de forma bimanual (duplicado), onde todos os dedos se voltam para o enunciador sinalizante.

A mudança no parâmetro fonológico configuração de mão está associada ao processo fonológico de assimilação progressiva (Friedman, 1975; Xavier; Silva, 2024) em que a configuração do sinal manual “CARACA” motiva a assimilação de características da configuração de mão do sinal realizado anteriormente e, neste caso, acentua a produção do sinal posterior, que, por sua vez, é realizado com a mesma configuração de mão.

Neste contexto, o processo de assimilação indica a possibilidade do sinal “EU” incorporar uma marca de subjetividade, enquanto uma pessoa pública, pelo fato de todos os dedos se voltarem para a sinalizante, semelhante à realização do sinal de “ATENÇÃO” voltado para ela, resultando em uma variação evidente de pronúncia. Entretanto, não há alteração de sentido, conforme expressa a legenda.

O sinal “ESTOU” é omitido pelo fato de se referir a um estado emocional (assim como na sinalização prototípica), porém é retomado contextualmente e por meio da legenda. Na sequência, o sinal “SUSTO” é expresso manualmente e sua equivalência semântica, a gíria “PASSADA”, é intensificada com um recurso multimodal (escrita em letras maiúsculas, ampliadas e na cor rosa) e com a expressão não manual indicando a surpresa. É importante observar que no uso da interjeição⁵⁷ “CARACA” e no adjetivo “PASSADA” as expressões faciais se assemelham, porém, a edição do texto videossinalizado possibilita sincronizar os recursos multimodais de modo a convergir com efeito de modalidade, neste caso vinculado ao funcionamento simultâneo dos parâmetros linguísticos, assim, o uso dos recursos multimodais na forma escrita, aliados à sinalização manual, contribuem para a eliminação de ambiguidade de sentidos. Deste modo, ainda que as interjeições se assemelhem às expressões não-manuais, a construção de sentidos é estabelecida pelo uso e seleção consciente dos recursos multimodais.

Sinalização no
meio
eletrônico



Multimodal	escrita (interjeição emotiva/surpresa)		estou (legenda)	escrita (passada)
Contextual			estou (estado emocional)	
Não-manual	abertura excessiva de olhos e boca	olhos semicerrados e boca entreaberta		
Manual	GMA ⁵⁸ (mão espalmada no peito)	SA:PRO1SG		PASSADA
Experiencial	Circ.	Ator	Pr: Relacional	Atributo
Tradução	"Caraca! Eu estou passada"			
Vídeo	https://youtu.be/FpfZHPytfxg			

⁵⁷ Embora as interjeições assumam as mesmas funções tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais “a produção desse fenômeno acontece de forma diferente, pois nas línguas sinalizadas está diretamente relacionado às expressões não manuais” (Klimsa, 2022, p. 76).

⁵⁸ GMA – Gesto Manual de Apoio, conforme convencionado na pesquisa de Klimsa (2022). Para maiores detalhes consultar: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/12281>.

Sinalização Prototípica 	Contextual			estou (estado emocional)	
	Não-manual	abertura excessiva de olhos e boca	olhos semicerrados e boca entreaberta		
	Manual	GMA (mão espalmada no peito)	SA:PRO1SG		PASSADA
	Experiencial	Circ.	Ator	Pr: Relacional	Atributo
	Tradução Vídeo	"Caraca! Eu estou passada" https://youtube.com/shorts/hkj0Gx8tzbU			

Fonte: a autora

Análise linguística:

A construção de significados na internet inicia com um gesto manual de apoio (GMA), que possui um valor interpessoal emotivo, demonstrando surpresa e apelo ao público sobre o conteúdo do enunciado. Entretanto, vários sinais na Libras têm caráter polissêmico e, neste caso, são desambiguizados pelo dialogismo com o recurso multimodal “CARACA” (texto legenda). O sinal “EU” (apontamento em primeira pessoa do singular) funciona como ator. O processo relacional “ESTOU” é apagado da sinalização manual, porém é recuperado contextualmente e através do recurso multimodal, o que o distingue da realização prototípica – considerada a possibilidade de recuperação exclusivamente pelo contexto.

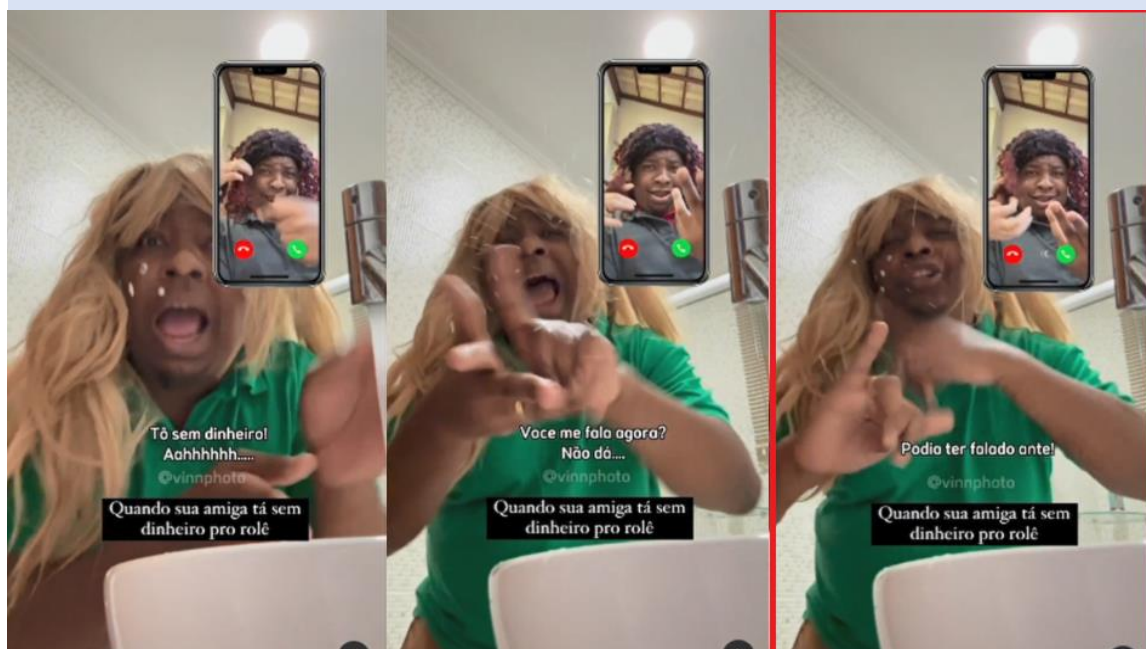
A gíria “PASSADA” funciona como atributo da oração e revela a característica emocional atribuída a ela, neste caso, demonstrando surpresa e incredulidade. Essa escolha lexical também possui forte valor interpessoal, pois representa uma marca da identidade linguística de sinalizantes pertencentes ao movimento LGBT, assim como o gesto manual de apoio

Na realização tradicional, a principal distinção identificada se refere ao estabelecimento do ator, cujo sinal manual incorpora traços da dimensão interpessoal. Essa realização sugere a visibilidade do ator no meio eletrônico, o que justifica o processo fonológico de assimilação progressiva.

Quadro 81. Análise 42

Repositório pessoal (*Instagram*)

- Como verbos de concordância podem ser realizados na internet?



Fonte: Vinnphoto (2024). Publicação no Instagram.

[Sinalização: ENM indicando AH + ANTES AVISAR].

Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C7X3LHxpB0S/?igsh=djYyd3N6dGdqBWVo>.

Acesso em 10 dez. 2024.

Análise linguística

O verbo de concordância “AVISAR” é utilizado em dois momentos do enunciado, e de modos distintos. No primeiro momento, sua realização é bimanual e os dedos mínimos se direcionam para pontos diferentes do espaço de sinalização (tradicionalmente este tipo de realização designaria a pluralidade de sujeitos recebendo a ação, ou seja, sendo avisados), porém, na internet, sobretudo pelo fato de se tratar de um texto humorístico videossinalizado (*ciberhumor*), são adotados recursos gestuais, manuais e não-manuais como forma de mobilizar engajamento e motivar o humor. No segundo momento, o sinal “AVISAR” é produzido de modo monomanual (processo fonológico de unificação) e a orientação da mão se volta para o sinalizante. Deste modo, embora em ambos os casos o destinatário da mensagem (sinal de aviso) seja o próprio sinalizante, ele é executado no primeiro momento sob a forma “avisá-los”, e no segundo momento como “ser avisado”. Além disso, ocorre uma alteração no ponto de articulação do sinal “TENTAR” da face para o queixo, devido ao posicionamento do corpo do sinalizante em relação ao ponto de apoio do celular, responsável por mediar a interação.

Sinalização no
meio eletrônico



Contextual

SA:PRO1SG

Não-manual
Manual

Articulação-boca de
única sílaba

GMA

ANTES

AVISAR (eles)

Experiencial

Circ.

Pr: Verbal /
Receptor

Tradução

"Ah!!! Você me fala agora?"

Vídeo

<https://www.youtube.com/watch?v=89cqzARSXoE>

Sinalização
Prototípica



Contextual

SA:PRO2SG

Não-manual

Articulação-
boca de
única sílaba

Articulação boca prototípica

Manual

GMA

ANTES

(me) AVISAR
/Pr: Verbal/ Receptor

Experiencial

Circ.

Tradução

"Ah!!! Você me fala agora?"

Vídeo

<https://www.youtube.com/shorts/1bwhobAYeE8>

Fonte: a autora

Análise linguística:

A representação da experiência tem como núcleo o processo verbal “AVISAR (eles)” ou “avisá-los”, já a circunstância é marcada pelo advérbio “ANTES” (com repetição). O enunciado inicia com a proposição discursiva “Ah” expressa por meio da articulação-boca de única sílaba⁵⁹ e participação concomitante a um gesto manual de apoio (GMA - abertura e movimentação das mãos).

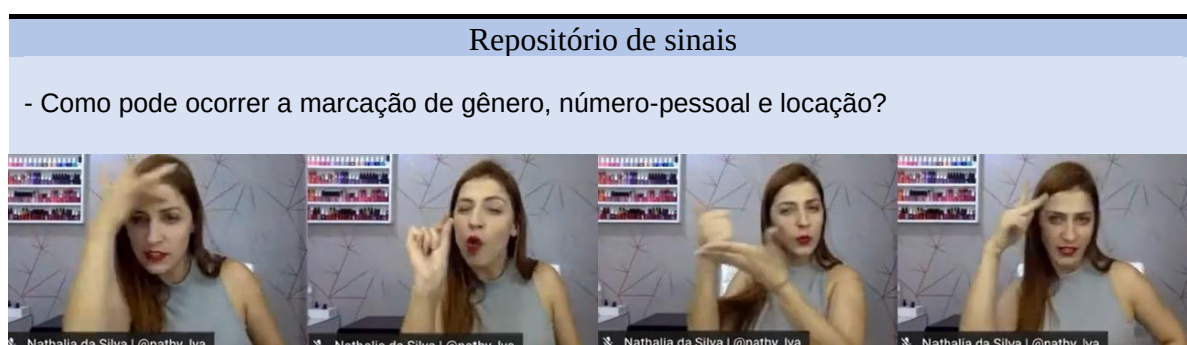
A produção gestual combinada aos sinais manuais é uma marca expressiva de informalidade expressa na linguagem. Sob o ponto de vista interpessoal, essa combinação dá ênfase à reação de desapontamento demonstrada pelo sinalizante e complementa a informação comunicativa, enquanto os olhos semicerrados funcionam como potencializador da mensagem – demonstração de importância do aviso prévio por parte de seu interactante. Isso justifica o uso do processo verbal

⁵⁹ De acordo com Machado (2022) a articulação-boca de única sílaba é uma categoria lexical que resulta do contato entre modalidades linguísticas distintas e é correspondente ao “processo de sinalização com apenas uma única sílaba com produção na articulação-boca que não se relaciona com o sinal manual” (p. 98). Esse tipo de articulação-boca se difere das categorias presentes nas descrições produzidas por Pêgo (2021) quanto aos critérios semânticos, funcionais e temporais. Entretanto, se considerado o critério semântico, sua relação com a produção co-gestual (nesta tese representada por GMA) exigiria maiores investigações.

“AVISAR (eles)” que tem um caráter ético e é empregado como forma de influenciar o comportamento do público (eles), haja vista que a interação online se expande para toda a audiência.

A única alteração significativa na sinalização prototípica ocorre na realização do verbo de concordância, ou seja, no processo verbal “AVISAR (eles)” cuja variação seria “(me) AVISAR”, em virtude da necessidade de engajamento da audiência.

Quadro 82. Análise 43



Fonte: Dreams (2020, t. 9m52s-9m55s). Publicação no *Youtube*.
 [Sinalização: PESSOAS UM POUCO APOIAR NÓS-DOIS].
 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NTgsCeHR1W0>
 Acesso em: 15 mai. 2024.

Análise
linguística

Durante uma transmissão síncrona, ocorre a sinalização: “PESSOAS, UM POUCO APOIAR NÓS-DOIS”. Ao fazer uso do sistema pronominal de número dual “NÓS-DOIS” ocorre uma alteração na direção do sinal (tradicionalmente horizontal, passa a ser vertical) como forma de concordância com a localização espacial da tela em que se encontra um de seus interactantes (Leonardo).

Sinalização
no meio
eletrônico



Não manual	Olhos semicerrados (Circ: modo) e intensificação da articulação boca			Referência ao grupo
Manual	PESSOAS	UM POUCO	APOIAR	NÓS-DOIS
Experiencial	Ator	Circ.	Pr: Material	Beneficiário
Tradução	Pessoas, apoiem um pouco a gente.			
Vídeo	https://youtu.be/4NhdryuMpJc			

Sinalização
Prototípica



Não manual	Olhos semicerrados (Circ: modo) e intensificação da articulação boca			
Manual	PESSOAS	UM POUCO	APOIAR	NÓS-DOIS
Experiencial	Ator	Circ.	Pr: Material	Beneficiário
Tradução	Pessoas, apoiem um pouco a gente.			
Vídeo	https://youtube.com/shorts/LR8QCmk_Z_M			

Análise linguística:

No diagrama de representação da experiência na internet a oração “PESSOAS UM POUCO APOIAR NÓS-DOIS” é centrada no processo material “APOIAR”, o público que participa da *live* é identificado através do sinal manual “PESSOAS” (ator). Quem recebe o apoio, ou seja, o beneficiário da ação é “NÓS-DOIS”, ou a gente, conforme a tradução.

Em sua forma prototípica a adoção da marcação pronominal de número “dual” se alteraria (beneficiário), dado o número de participantes da *live*, porém, considerando as variações linguísticas promovidas pela necessidade de acomodação do sistema ao meio eletrônico, entendemos que a escolha linguística pelo sinal manual “NÓS-DOIS” não se limita a dois participantes, mas sim aos quatro, que, informalmente se refere à “A GENTE” (ENM).

Sob o ponto de vista da metafunção interpessoal, o sinal “UM POUCO” indica uma modalização a fim de mitigar o tom de comando, de modo a não parecer uma obrigação para a audiência o *feedback* solicitado sobre a funcionalidade da transmissão. Além disso, o sinal manual “UM POUCO” é realizado simultaneamente às expressões não manuais que suavizam ainda mais o discurso. Do ponto de vista da polidez, esta escolha linguística amplia as possibilidades de cooperação e solidariedade do público e a efetividade do propósito do emissor.

Quadro 83. Análise 44

Repositório de sinais				
- Composição – Considerando o corpus selecionado, houve formação de novos sinais relacionados à “e-comunicação” (Marcuschi, 2010a), a partir da relação entre radicais e sinais existentes?				
				

Fonte @Isflocos (2021, t. 2m:51s-2m:52s).

[Sinalização: PORQUE-NÃO ME DAR VOCÊ VISIBILIDADE NADA?].

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zHRVMjqPptk>. Acesso em 23 mai. 2025.

Análise linguística

O corpus de análise retrata o momento em que o sinalizante responde a uma pergunta realizada em contexto de entrevista online. Sua interactante pergunta a ele como costuma reagir para perceber os propósitos daqueles que buscam aproximar-se dele, devido à sua fama como influenciador digital. Ao responder, o sinalizante constrói a seguinte formulação: “PORQUE NÃO ME DAR VOCÊ VISIBILIDADE NADA?”.

É possível observar a presença de uma série de processos fonológicos complexos e a combinação de compostos simultâneos⁶⁰. Ao iniciar a resposta, os sinais “PORQUE NÃO” resultam do processo fonológico de perseveração⁶¹, que ocorre quando “a mão não dominante persevera, ou seja, continua na configuração e localização final desse sinal mesmo após sua articulação e mesmo durante a produção do sinal monomanual” (Silva; Xavier, 2021, p. 67). Entretanto, neste caso, ocorre uma distinção relevante de pronúncia, uma vez que a mão não dominante não ocupa, geralmente, a posição final (cf. Silva; Xavier, 2021). Assim, enquanto o articulador não dominante se reorganiza para a produção do morfema base “L” (segunda captura de tela), a mão dominante, após a realização do sinal “NÃO”, acomoda a configuração de mão do verbo de concordância “DAR”, constituindo a composição (L +[me] DAR). A mão não dominante continua perseverando e mantendo a configuração de mão em L, resultando na composição (L+ VOCÊ). Por fim, a sequência discursiva distintiva finaliza com o processo fonológico de abaixamento, onde, embora os dois radicais – dispostos em configurações de mão L – sejam articulados de forma simétrica, a mão não dominante assume “uma posição relativamente mais baixa do que a mão dominante” (Silva; Xavier, 2021, p.

⁶⁰ Compostos simultâneos são fruto de uma propriedade específica da modalidade das Línguas de Sinais, pois apenas a modalidade visual permite a articulação simultânea de dois radicais, graças à disponibilidade de dois articuladores manuais (as duas mãos do sinalizante). (Pizzio et al, 2023, p. 177).

⁶¹ Exemplos de processos fonológicos de perseveração podem ser consultados em: <https://juliehochgesang.wixsite.com/sillx/perseveration> e <https://trabalhoufpr2017.wixsite.com/estudos/copia-processos-fonologicos-7> demonstrados por Silva e Xavier (2021). Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3238>.

67), resultando na composição assimétrica: L + L+ aproximação da face.

De acordo com Pizzio et al. (2023), os compostos manuais, sejam eles articulados de forma simultânea ou sequenciais, são muito produtivos na Libras para formação de novos sinais. Segundo os autores, “morfemas presos também podem servir de morfema base para a criação de vários sinais, como o morfema preso L, que tem o significado de tela e pode derivar sinais como VIDEOCONFERÊNCIA e HIPERTEXTO” (Pizzio et al., 2023, p. 209). Desse modo, entendemos que, por motivações fonológicas e pela relação mediada por telas, é que surgem os sinais:

- (L +[me] DAR) – receber algo do mundo digital
- (L+ VOCÊ) – Você que está inserido no meio digital
- (L + L+ aproximação da face) – fama, visibilidade no meio digital

Essas formas podem ser consideradas “neologismos” na Libras. Esta tese se sustenta pelo fato de que, segundo Crystal (2011), embora muitos dos neologismos individuais se tornem obsoletos na internet, casos analisados a partir de dados do Twitter (agora, X) sugerem formas criativas de combinações, em especial, as que se utilizam de propriedades fonéticas incomuns, tais como a associação consonantal “[tw-], proveniente da palavra Twitter, resultando no léxico em inglês “*twictionary, tweologism, tweekling*) ou [tr-] (*twendy, twaffic*), ou adicionando um encontro inicial extra (*twiden tity theft, twaddiction, twissues*). Misturas também são muito comuns (*twittersphere, twitterhea, twitterati, twitterholic, celebritweet*)⁶² (Crystal, 2011, p. 59). Como observamos, tais combinações também podem ser observadas no uso da Libras na internet.

Sinalização no meio eletrônico 	Não manual	franzir da testa		inclinação da cabeça para baixo/assimetria dos lábios		
	Manual	PORQUE	N Ã O	L+ [me] DAR	L+SA: PRO3SG	L+ L [visibilidade]
	Experiencial			Pr: Material / Beneficiário	Ator	Meta
	Tradução	Porque você não contribuiu para que eu tivesse visibilidade na internet?				
	Vídeo	https://youtu.be/OR0lswHDTls				
Sinalização Prototípica 	Não manual	franzir da testa		inclinação da cabeça para baixo/assimetria dos lábios		
	Manual	PORQUE	N Ã O	[me] DAR	SA: PRO3SG	VISIBILIDADE
	Experiencial			Pr: Material / Beneficiário	Ator	Meta
	Tradução	Porque você não contribuiu para que eu tivesse visibilidade na internet?				
	Vídeo	https://youtube.com/shorts/-lpGFqCUSil				

Fonte: a autora

⁶² No original - (*twictionary, tweologism, tweekling*) or [tr-] (*twendy, twaffic*), or by adding an extra initial cluster (*twidentity theft, twaddiction, twissues*). Blends are also very common (*twittersphere, twitterhea, twitterati, twitterholic, celebritweet*). (Crystal, 2011, p. 59).

Análise linguística:

No meio eletrônico, o sinal L+ [me] DAR expressa uma ação concreta, um processo material, e se estabelece junto ao beneficiário [me], já que na representação da experiência, o próprio sinalizante é afetado pela ação. O participante “VISIBILIDADE” atua como meta na oração, representando o que é dado.

Embora a ordem dos constituintes da oração seja canônica na Libras (SVO), o estilo agregado à sinalização afeta a realização linguística. Sob o ponto de vista da metafunção interpessoal, a oração interrogativa realizada com modalização negativa demonstra a existência de uma cobrança gerada pela frustração de “não obtida” a visibilidade que se gostaria. A ênfase na realização do sinal “PORQUE” (com testa franzida) e o encurtamento do sinal “NÃO” demonstram isso. A modalização sugere uma disparidade na relação de força e poder entre o locutor e o sujeito representado por ele, por isso, a adoção do morfema base L+ SAPRO3SG sugere o pertencimento ao meio e deflagra o não pertencimento do outro ao mesmo meio social. Já o L+ [me] DAR está associado ao benefício atribuído àqueles que se destacam no meio eletrônico (neste caso como influenciador digital) e não àqueles que não estão “visíveis” no meio.

Em sua forma prototípica, seria mantida a organização da oração e a relação entre processo e participantes, porém afetaria a dimensão interpessoal pois dispensaria a necessidade de marcar o pertencimento à tela, o que deflagra uma relação assimétrica de poder.

Quadro 84. Análise 45

Repositório de sinais

- Como fenômenos como o “encaixamento” ou subordinação, parataxe ou coordenação, e hipotaxe podem ocorrer no meio eletrônico?



Fonte: rodrigocustodio84 (2022).

[Sinalização manual: SINAL (ESTE) EU [uso] LEITE CONDENSADO (sinal) POR CAUSA OLHAR LÁ].

Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17929264267880249/>. Acesso em 11 maio 2025.

Análise linguística

O trecho do texto videossinalizado em destaque apresenta uma das possibilidades de formas para o sinal LEITE CONDENSADO. Nele, o sinalizante explica que o sinal apresentado foi motivado pela imagem da personagem (moça), presente no rótulo de uma determinada marca do produto. O sinal reproduz, por iconicidade, a posição da mão da moça, que segura em sua cabeça um balde de leite, lembrando o transporte e a produção artesanal que deu origem ao produto, cuja imagem apresentamos por meio da Figura 24.

Figura 24. Motivação icônica para o sinal "leite condensado"



Fonte: Repositório Público. Disponível em:

https://www.distribuidoracaue.com.br/media/catalog/product/cache/a65d2b67834c4584ec9c01d883900305//e/leite_mo_a.png. Acesso em 11 maio 2025.

O texto videossinalizado apresenta a ocorrência do fenômeno de hipotaxe, ou seja, duas orações estabelecem relação de interdependência marcada pelo uso do conectivo “POR-CAUSA” (sinalizado manualmente). De acordo com Quadros (2021) os sinais “PORQUE” e “POR-CAUSA” marcam o estabelecimento de relações causais na organização de sentenças. Além deles, os estudos de Ludwig, Quadros e Silva (2022) demonstraram que conectivos (ENTÃO) também podem funcionar como marcadores da hipotaxe adverbial causal na Libras e podem estar associados à sobreposição de expressões não-manuais; por isso é tão “importante verificar qual sinal na Libras se configura como o item lexical prototípico para explicitar as sentenças hipotáticas causais” (Ludwig, Quadros; Silva, 2022, p. 5). Neste caso, essa relação é marcada pelo sinal “POR-CAUSA”, que estabelece a dependência semântica entre as orações.

Identificamos variações significativas nas duas sentenças. A primeira delas ocorre no início da primeira oração, quando as palavras “LEITE” e “CONDENSADO” são apresentadas sob a forma escrita em língua portuguesa e não através da datilologia como exigiria a sinalização face a face. Já a relação de causalidade, expressa na segunda oração, se estabelece através do uso de recursos multimodais, onde a imagem da moça apresenta o motivo pelo qual o sinal assume a forma apresentada, é utilizada pelo sinalizante e a tradução em língua portuguesa é expressa sob a forma escrita.

Ocorre, portanto, um processo de economia linguística, já que a explicação sinalizada da evidência causal exigiria uma longa contextualização, a fim de situar o leitor sobre o rótulo e personagem que motivou a produção do sinal – se considerado os diferentes níveis de letramento da audiência. O uso de recursos multimodais, por sua vez, expande as possibilidades de abstração de significados e o estabelecimento da relação icônica entre imagem, sinal e significado.

Sinalização no meio eletrônico 	Multimodal	leite condensado (forma escrita)			uso (forma escrita)				famosa moça (forma escrita)	Moça (imagem)	
	Contextual								Interactantes		
	Não-manual	Sobrançelas arqueadas						articulação boca			
	Manual	SINAL	ESTE	SA:PRO1SG		SINAL	LEITE CONDENSADO (sinal)	POR-CAUSA	OLHAR	LÁ	
	Experiencial	Meta		Ator	Pr: material			Circ.	Pr: Mental + Experienciador		Fenômeno
	Tradução	Eu uso este sinal para leite condensado por causa da imagem da famosa moça, veja a imagem.									
Vídeo	Fonte: https://www.youtube.com/shorts/T-udllZgFow										
Sinalização Prototípica 	Contextual					Uso				[você] interactantes	
	Não-manual	Sobrançelas arqueadas						Olhos semicerrados		Testa franzida + articulação boca	
	Manual	SINAL	L-E-I-T-E C-O-N-D-E-N-S-A-D-O (sinal)	SA:PRO1SG		SINAL	LEITE CONDENSADO (forma/sinal)	POR-CAUSA	LATA [abrir]/ RÓTULO [papel colar]	IMAGEM	FAMOSA MOÇA LEMBRAR ?
	Experiencial	Meta		Ator	Pr: material			Circ.	Pr: Mental AC + Experienciador		
	Tradução	Eu uso este sinal para leite condensado por causa da imagem da famosa moça, veja a imagem.									
	Vídeo	Fonte: https://youtube.com/shorts/LcxJ51hEVU									

Fonte: a autora.

Análise linguística:

No meio eletrônico, a realização do “SINAL”, em justaposição ao apontamento indicativo “ESTE”, funciona como Meta pois organizam a experiência em torno daquele que é afetado pelo processo, sendo este, o “LEITE CONDENSADO” (expresso através da escrita). O processo material (“USO”) não é expresso manualmente, porém é recuperado tanto contextualmente, quanto através da

escrita. Em seguida, o sinalizante demonstra a forma do sinal utilizado por ele e indica o motivo pelo qual o sinal é produzido daquela forma. As duas orações são conectadas pelo sinal manual “POR-CAUSA”, estabelecendo a relação de interdependência semântica entre as duas sentenças.

Na segunda oração, o sinal “OLHAR”, seguido de “LÁ”, marca um processo mental perceptivo, pois envolve a experiência de observar ou perceber algo externo – neste caso, a imagem da moça no rótulo do leite condensado. Trata-se de um processo mental porque expressa a relação entre um experienciador (quem olha) e um fenômeno (aquilo que é olhado), conforme a tipologia proposta por Halliday e Matthiessen (2014). O foco está na percepção visual como forma de acesso ao conteúdo representado. A audiência (os interactantes), neste caso, os experienciadores são recuperados pelo contexto, são eles que devem observar a imagem, a fim de atender os propósitos do sinalizante em compreenderem a motivação icônica pela qual o sinal assume sua forma (o que justifica o fato de o processo – “OLHAR” – se repetir por duas vezes no texto videossinalizado original). A imagem da moça, presente no rótulo do produto, participa do evento como fenômeno, ou seja, é a quem se direciona a atenção a fim de organizar a construção de significados para o sinal apresentado.

Em sua realização prototípica, a palavra “LEITE CONDENSADO” seria apresentada através de datilologia, funcionando como meta, já que é sobre ela que recai a ação. O ator é expresso por sinal de apontamento, em primeira pessoa do singular. O processo material continuaria sendo recuperado pelo contexto e não seria mais expresso através da escrita, devido à ausência de recursos multimodais provenientes do meio eletrônico. O sinal “POR-CAUSA” continuaria marcando a relação de dependência semântica, enquanto a segunda oração demandaria uma ação construída (AC) como forma de formular uma descrição detalhada do referente (a moça do rótulo da lata de leite condensado) para a audiência, preservando o processo mental, já que o núcleo da oração é centrado no verbo “lembrar”.

Compreende-se, portanto, que a utilização de recursos multimodais amplia as possibilidades de representação da experiência e potencializa o uso pragmático da língua sinalizada, tendo em vista a convergência entre os recursos de diferentes semioses. Observamos que, no meio eletrônico, houve omissão de um processo material por sinalização, entretanto, ele se fez presente na forma

escrita, dinamizando a leitura de um texto videossinalizado a partir de diferentes recursos e preservando o sentido e a força ilocutória do texto. Além disso, observamos que a relação de causalidade em uma sentença hipotática pode ser expressa através de recursos multimodais (neste caso, por meio da imagem e da escrita), o que redundaria num processo de economia linguística ao reduzir a utilização de sinais manuais, porém, expandindo a potencialidade da modalidade visual espacial e os modos particulares de representação da experiência de sinalizantes.

6 DISCUSSÃO SOBRE OS RESULTADOS

Ao considerarmos as propriedades formais do meio eletrônico relacionadas à (i) escrita (links de hipertexto, persistência, autoria múltipla ou multiautoria), (ii) fala (*feedback* simultâneo, Emoticons, GIFs, figurinhas, memes e conversas múltiplas) e (iii) interação (aspectos gramaticais envolvidos na realização da Libras no meio eletrônico e na construção de significados expressos nos textos videossinalizados), constatamos que os fenômenos que condicionam o comportamento dos usuários e a experiência de linguagem na internet, não afetam exclusivamente o funcionamento das línguas de tradição oral mas opera, de modo pragmático, em um sistema visual-espacial, neste caso, na Libras.

Os resultados sistematizados nesta seção, portanto, demonstram que os textos videossinalizados, disponíveis na internet, são afetados pelas propriedades do meio eletrônico de diversas maneiras, principalmente na acomodação de recursos dinâmicos de fala e escrita e no funcionamento dos parâmetros linguísticos em relação as formas prototípicas de produção e realização linguística. Essas variações, conforme demonstramos, afetam diretamente os modos tradicionais de interação.

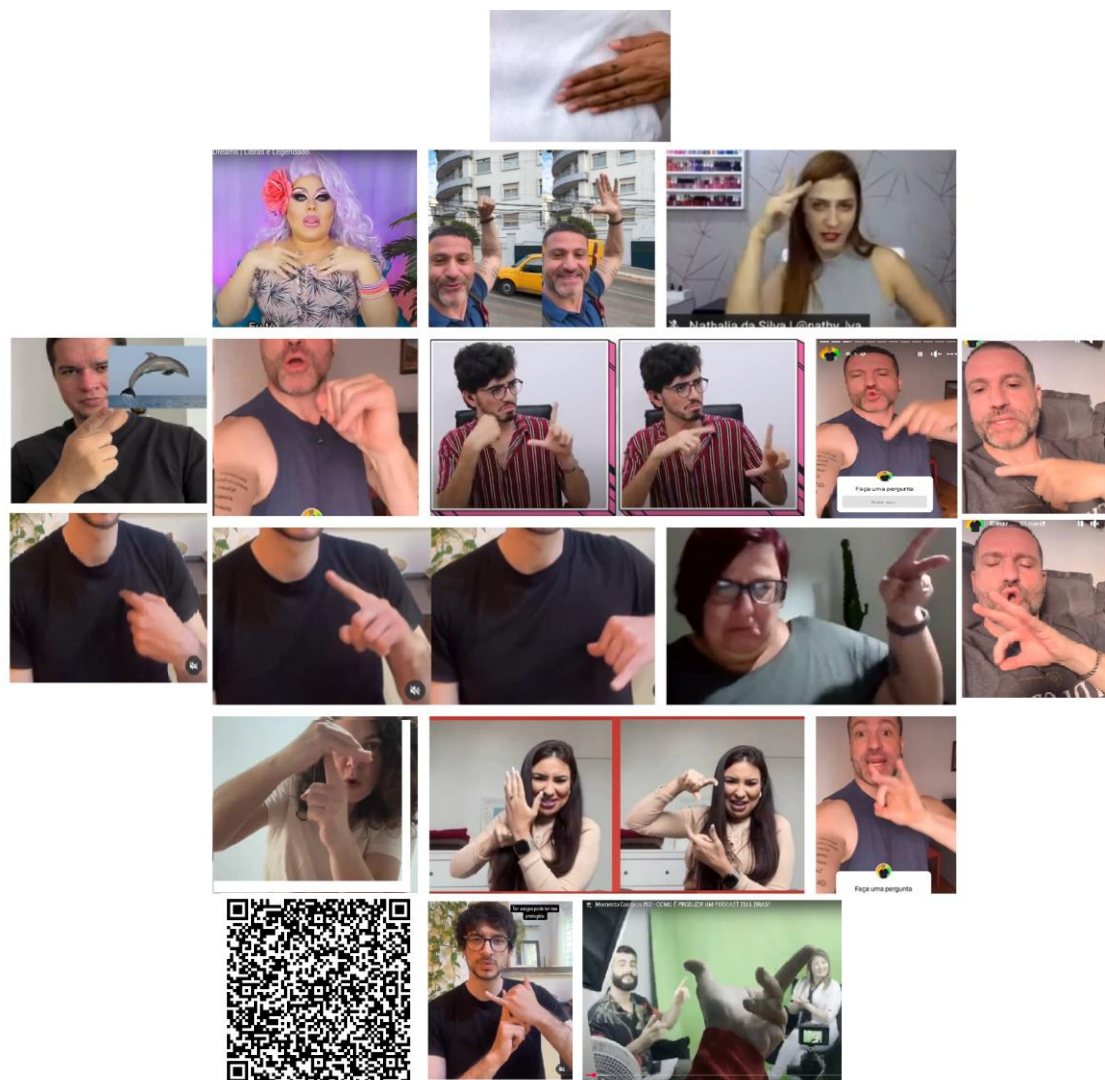
A seguir, destacamos, em cada subseção, os fenômenos que resultam dos usos dinâmicos da Libras na internet.

6.1. *Variações de pronúncia em Libras na internet*

As variações de pronúncia na Libras estão associadas a diferentes manifestações ocasionadas nos parâmetros linguísticos, sem que haja impactos ao significado atribuído ao sinal (Xavier, 2011, Xavier; Barbosa, 2014; 2017). Na internet, os recursos empregados na construção da mensagem escrita, ou do enunciado falado ou sinalizado, são selecionados como forma de satisfazer as necessidades comunicativas segundo as características, propriedades e regras do meio eletrônico, o que, segundo Crystal (2005), acarreta consequências para a língua. Assim, os fenômenos que impactam a forma prototípica de uso da língua têm “pouca motivação para [ocorrer] em outras situações” (Crystal, 2005, p. 91).

Os dados desta pesquisa reforçam a ideia de que alguns fenômenos, aplicados aos usos da língua no meio eletrônico, podem não ocorrer no mundo real ou ocorrer por motivações diferentes, em razão da necessidade de acomodação do sistema linguístico ao meio. Apresentamos, por meio da Figura 25, algumas das ocorrências de variações de pronúncia, motivadas por usos aplicados à internet,

Figura 25. Ocorrências de variações de pronúncia



Fonte: a autora.

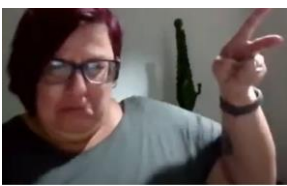
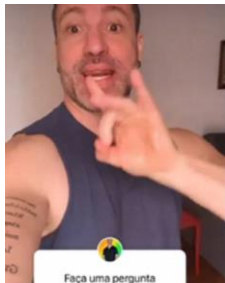
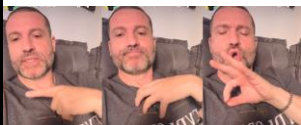
Os dados revelam a predominância do processo fonológico de apagamento de um dos articuladores manuais (a mão não dominante), resultando em um processo de unificação na produção de alguns sinais (produção monomanual), motivado por utilização de recursos tecnológicos, sobretudo, pelo uso do celular para gravação ou transmissão de textos videossinalizados, conforme revela a unificação dos sinais “MARAVILHOSO”

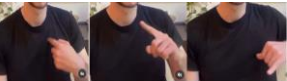
Análise 20 (Quadro 57) “NASCER” (Análise 31, Quadro 70), “PRECISA” e “HUMILDE” (Análise 32, Quadro 71), “PODER”, “PERGUNTAR”, “TEMA” e “LIVRE” (Análise 33, Quadro 72), sinal “SOFRER” (Análise 37, Quadro 76).

Além do apagamento, identificamos outros processos fonológicos empregados como estratégia de acomodação da língua ao meio eletrônico, tais como assimilação progressiva (Análise 37, Quadro 76), (Análise 41, Quadro 80), (Análise 46, Quadro 85), assimilação de orientação da mão (Análise 34, Quadro 73), assimilação regressiva (Análise 32, Quadro 71), perseveração (Análise 44, Quadro 83), duplicação (Análise 41, Quadro 80), o que indica que seu funcionamento cumpre funções linguísticas determinantes para caracterizar modos de pronúncia aplicados à usos específicos na internet, seja pela necessidade de reorganização dos parâmetros linguísticos ao espaço de tela e as características do meio, por questões interpessoais como manutenção do foco comunicativo, preservação da força elocutória do discurso ou incorporação de recursos multimodais à sinalização, conforme demonstram nossas análises.

Quadro 85. Compilado de variações identificadas no corpus

Análise / (Quadro)	Imagem	Processo fonológico / motivações adversas	Fenômeno linguístico
Análise 41 (Quadro 80)		Assimilação progressiva e duplicação dos articuladores manuais.	A distinção é motivada por fatores interpessoais, onde a sinalizante adota recursos estéticos e de personalidade como forma de marcar sua identidade na internet, dada sua função como influenciadora digital.
Análise 31 (Quadro 70)		Apagamento da mão não dominante e alçamento dos sinais “EU” e “NASCER”.	Reposicionamento do espaço gramatical prototípico e alteração no ponto de articulação dos sinais “Eu” e “NASCER”. Alteração da orientação de mão prototípica do sinal “NASCER”. Essas ocorrências se devem à necessidade de captura do andar do prédio (indicado ao fundo), através da câmera do celular e estabelecimento de coerência entre os componentes gramaticais e o referente no espaço de enunciação.

Análise 30 (Quadro 69)		Varição motivada pela adequação linguística aplicada ao uso de ferramentas de comunicação viabilizadas pela internet.	Alteração na orientação de mão do sinal “NÓS-DOIS” por convergência com o espaço de tela em que os interactantes estão.
Análise 29 (Quadro 68)			Como forma de atender as necessidades comunicativas, a marcação pronominal “ELAS-DUAS”, realizada por apontamento, concorda com os sujeitos, segundo a janela de enquadramento em que se encontram.
Análise 33 (Quadro 72)		Apagamento da mão não dominante e unificação do sinal “PODE”	Alteração na orientação tradicional da mão e na realização monomanual do sinal “PODE” motivada por relação interpessoal, dada a necessidade de convergência gramatical com a interface que localiza o interactante, devido ao fato de que a situação comunicativa é mediada pela tela do celular e veiculada pela internet.
Análise 33 (Quadro 72)		Apagamento da mão não dominante e alteração na orientação da palma da mão tradicional. Unificação do sinal “PERGUNTAR”.	O verbo de concordância “PERGUNTAR” é relacionado a um recurso multimodal, sugerindo que as perguntas fossem direcionadas ao próprio recurso (<i>sticker</i> de pergunta) e não mediadas por ele. Ainda que todas as perguntas fossem respondidas pelo próprio sinalizante, o recurso tecnológico da internet (o <i>sticker</i> de pergunta) é localizado espacialmente, demonstrando sua importância como elemento visual mediador da interação.
Análise 33 (Quadro 72)		Apagamento da mão não dominante e unificação do sinal “LIVRE”	O sinal “LIVRE”, tradicionalmente realizado com ambas as mãos é realizado de modo monomanual ou unificado. Além disso, inicia mais próximo ao corpo do sinalizante devido a posição lateralizada do corpo do sinalizante em relação a tela e finaliza com maior ênfase atribuída tanto pelo arqueamento das sobrancelhas e pela intensificação do morfema-boca.
Análise 32 (Quadro 71)		Apagamento da mão não dominante e unificação manual na produção dos sinais “PRECISA” e “HUMILDE”. Assimilação regressiva do	Assimilação regressiva do ponto de articulação do alofone “TER” motivado pela operação do celular em uma das mãos e pelo posicionamento corporal do sinalizante em frente à tela, durante a situação comunicativa.

		ponto de articulação no sinal “HUMILDE”.	
Análise 37 (Quadro 76)		Assimilação progressiva, onde a alteração do sinal “EU” contamina os demais sinais. Ele é realizado lateralizado e mais próximo ao pescoço e não com ponto de articulação no meio do peito como habitualmente.	O fenômeno ocasiona encurtamento do sinal “NÃO” e alteração na orientação de mão durante a realização do sinal. Alçamento da mão dominante e produção monomanual (unificação) do sinal “SOFRER”, ocasionada pela necessidade de tornar visível, em tela, o sinal que, prototipicamente, é realizado em uma posição mais baixa (região do quadril). Além disso, há a omissão da produção não manual tipicamente realizada simultaneamente à produção manual do sinal “SOFRER”, expressando a condição mental do sentimento associado à dor que causa o sofrimento.
Análise 37 (Quadro 76)			
Análise 44 (Quadro 83)		Resultado do processo fonológico de perseveração.	O processo de perseveração aliado ao morfema base L ocasiona neologismos na Libras, motivada pela relação dos significados do enunciado atrelado à relação com as telas.
Análise 34 (Quadro 73)		Assimilação por orientação de mão.	Ao sinalizar o sinal MOSTRAR, a sinalizante aproxima excessivamente suas mãos da face, denotando um modo detalhado de visualização a partir da tela do celular, com espaço gramatical restrito. o sinal de “FOTOS” também sofre reposicionamento pelo fato de ter sido realizado com orientação da mão na vertical e não com as mãos posicionadas horizontalmente como na realização tradicional.
Análise 20 (Quadro 57)		Apagamento manual, porém, sem possibilidade de determinar se conta com ocorrência ou não da mão dominante, devido às restrições de informações linguísticas.	Variação motivada por mão ocupada durante a operação da câmera e por motivação interpessoal.

Análise 9 (Quadro 44)		Restrição parcial da face e de informações linguísticas não-manuais.	A posição corporal da sinalizante sofre uma projeção para o campo visual da câmera do celular e as limitações do espaço de tela acabam sobrepondo a face e, consequentemente as informações não-manuais, ainda que a intenção da sinalizante tenha sido realizar uma adequação discursiva em relação ao espaço gramatical viabilizado pelo recurso tecnológico.
Análise 35 (Quadro 74)		Restrição parcial da face e de informações linguísticas não-manuais.	Ocorrência de variação no sinal de apontamento motivada tanto pelo uso de um recurso multimodal, quanto pelas limitações de tela e, consequentemente, restrição do espaço gramatical.
Análise 38 (Quadro 77)		Apagamento de um dos articuladores manuais, restrição total da face e de informações linguísticas não-manuais.	O apagamento ocorre devido à necessidade de centralidade do foco comunicativo (possibilitado pelo efeito de zoom) na região corporal onde se estabeleceria a ação construída, atingindo os propósitos da sinalizante.

Fonte: a autora.

De acordo com Crystal (2005, p. 95), “um método popular de criação de neologismos na internet é combinar duas palavras separadas para construir um novo termo ou palavra composta”. Na Libras, fenômeno semelhante foi identificado. Por exemplo, quando o sinalizante relaciona o morfema base, produzido com a configuração de mão em “L” a outros sinais existentes – análise 44 (Quadro 83).

Outra pronúncia que nos chama a atenção no copilado de dados se refere à produção do sinal “FOTO” Análise 34 (Quadro 73), onde a manipulação do celular, na posição vertical, afeta o modo com que a sinalizante produz o sinal, tradicionalmente realizado na posição horizontal. Isso nos mostra o quanto os registros de produções sinalizadas são importantes como forma de verificar as mudanças na língua.

6.2 Variação linguística e representação da experiência

A acomodação de recursos multissemióticos à sinalização motivam a seleção de recursos linguísticos que não são empregados em uma situação comunicativa tradicional do mesmo modo que se realizam na internet e resultam em processos importantes de variação linguística, predominantemente motivados por princípios de economia linguística, que consistem na adoção de estratégias de reorganização da mensagem.

A análise da metafunção ideacional demonstrou como a comunicação digital tem potencial de sistematizar a representação da realidade de formas diversas da comunicação face a face. Um processo de hibridização da linguagem é fomentado pela imensa gama de recursos e semioses à disposição dos sinalizantes nos diferentes espaços virtuais.

Por exemplo, na análise 1 (Quadro 36), observamos que, ao apresentar de forma sinalizada um *hiperlink*, o sinalizante o localiza no espaço gramatical por referência e o apresenta através de um recurso multimodal. Este procedimento dispensa a sinalização manual de cada letra ou caractere que compõe o endereço eletrônico, evidenciando o fato de que “nada impede que outros recursos sejam usados para marcar os *links* disponíveis” (Coscarelli, 2012, p. 149).

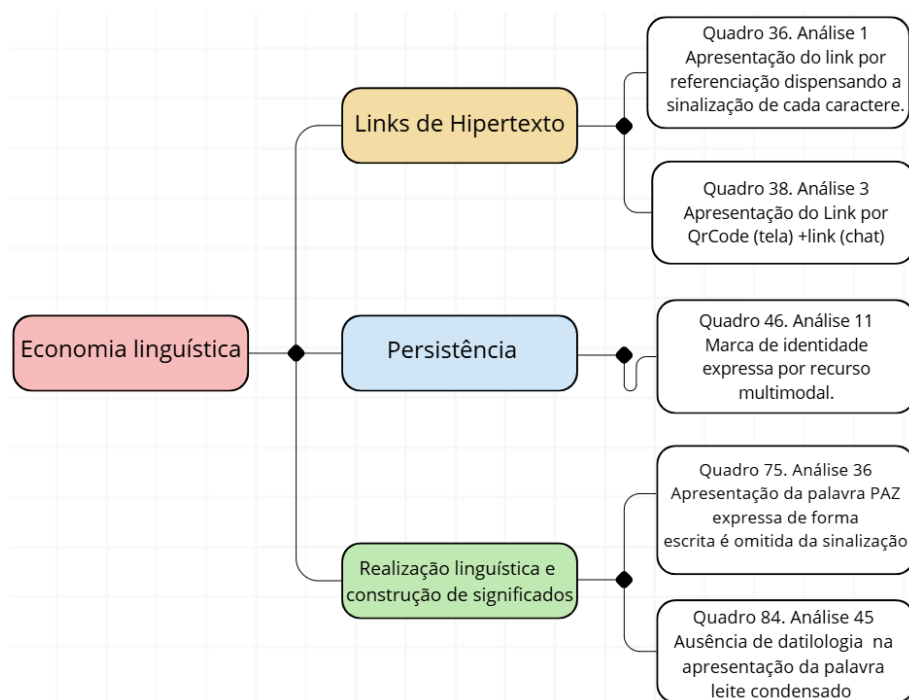
O mesmo ocorre na análise 3 (Quadro 38), quando o sinalizante faz a indicação manual da existência do link, porém o apresenta por meio de *qr code*, na tela em que é transmitida a reunião online e no *chat*. Neste caso, além de ampliar a interatividade o sinalizante abre novas possibilidades de acesso ao hipertexto. Já na análise 11 (Quadro 46), o sinalizante expressa sua identidade através da escrita, isentando-se de realizá-la de forma sinalizada.

Na análise 36 (Quadro 75), a palavra “PAZ”, apresentada no espaço gramatical sob a forma escrita, é marcada por apontamento e não de forma sinalizada. Já a análise 45 (Quadro 84), o procedimento tradicional de apresentação de uma palavra em língua portuguesa e o sinal equivalente em Libras tem como variável a incorporação de recursos multimodais que exercem um continuum funcional com a linguagem verbal.

Estas observações, sistematizadas por meio da Figura 26, revelam que “na internet, [a sinalização], a escrita, a fala e a imagem se mesclam de forma,

até pouco tempo atrás, indispensável” (Rajagopalan, 2013, p. 50) e que as situações de variação linguística são planejadas para satisfazer as necessidades de adequação da mensagem ou enunciado. Destacamos na Figura 26, ocorrências de variação motivados por princípios de economia linguística.

Figura 26. Fenômenos de Variação Linguística (Economia)



Fonte: a autora.

Outras marcas de variação estão presentes nos dados, porém de formas mais sutis, como o encurtamento (suspensão) do movimento (e.g., o sinal “NÃO” identificado na análise 37 – Quadro 76) ou a omissão do sinal (e.g., “CIDADE” e a representação por classificador das margens, devido a integração da sinalização ao recurso multimodal no exemplo de retextualização – Quadro 64).

6.3 Hibridismo entre sinais, fala e escrita: fenômenos da Netspeak

A produção de textos videossinalizados está sujeita à acomodação de recursos multissemióticos associadas às dimensões da fala e escrita. Nas palavras de Matthiessen (2021, p. 529)⁶³,

A linguagem opera em contexto juntamente com outros sistemas semióticos, como os sistemas gestuais e outros sistemas semióticos somáticos no caso da linguagem falada e os sistemas pictóricos no caso da linguagem escrita. O contexto fornece o ambiente semiótico para todos esses sistemas semióticos denotativos e serve para determinar a divisão do trabalho semiótico entre eles e coordená-los de modo que se complementem na construção do significado.

A internet intensifica a natureza híbrida da linguagem ao conectar grupos minoritários – independentemente de limitações sensoriais que impactem sua experiência no mundo físico – às múltiplas possibilidades de acesso, expressão e interação proporcionadas pelo ambiente virtual.

Por exemplo, os links de hipertexto, quando incorporados a comunicação em Libras e a outros recursos multimodais, ocasionam distinções quanto à seleção de recursos manuais e não manuais empregados na apresentação dos mesmos, o que impacta na recepção visual da informação. Na Análise 3 (Quadro 36), observamos que o sinalizante opta por apresentar o conteúdo por meio de *QR Code*, em tela, e através do *link* escrito no *chat*. Enquanto o código *QR* se destaca pela cor verde ao fundo e pela imagem de um sinalizante sorrindo ao olhar a tela de um celular, o link disponibilizado no *chat* está escrito com letras pequenas e discretas, chamando atenção apenas pelo fato de que o nome do palestrante (ao lado do *link*) apresenta um pequeno destaque na cor amarela.

Esse dado revela que, além da possibilidade de deslinearização do texto, o código *QR* estaria mais propenso a ser acessado por pessoas surdas, que tendem a se aproximar de elementos com maior destaque no texto, conforme indica (Krusser, 2019). Além disso, o *QR Code* oferece uma “experiência de realidade aumentada” (Silva; Rezende; Coscarelli, 2024, p.

⁶³ No original: “[...] language operates in context together with other semiotic systems, such as gesture and other somatic semiotic systems in the case of spoken language and pictorial systems in the case of written language. Context provides the semiotic environment for all such denotative semiotic systems, and serves to determine the division of semiotic labour among em and coordinate them so that they complement one another in the making of meaning”. (Matthiessen, 2021, p. 529).

117) que ativa “por meio digital, a partir de um elemento do mundo real, qualquer informação verbal, imagética, ou sonora, que se sobreponha ou complemente o ambiente do mundo real” (Coscarelli e Gonzalez-Ibáñez, 2020, p. 53).

Os links e códigos *Qr* também abrem novas possibilidades de leitura e acesso às duas modalidades linguísticas (oral e visual-espacial), conforme observamos na análise 5 (Quadro 40), onde o conteúdo dos livros está em língua portuguesa e pode ser acessado em Libras por meio do *QrCode* contido na capa, e na análise 6 (Quadro 41) em que a escrita, em cor azul, são links ativos que conduzem o leitor a acepções de vocábulos em Libras. Ambas as situações colocam o leitor como protagonista do processo de seleção de caminhos possíveis para a leitura.

A experiência linguística também é potencializada por meio de links grafo-visuais pautados na arquitetura dos parâmetros da Libras (Análise 8, Quadro 43), por meio da realização simultânea entre texto escrito e videossinalizado (Análise 7, Quadro 42) e texto videossinalizado e recursos de imagem (Análise 10, Quadro 45), executada por ferramentas tecnológicas.

Outro aspecto relevante da experiência surda no mundo digital é a noção de autoria múltipla. As análises demonstraram que a persistência do texto (cf. Herring, 2007) – aqui entendida dentro de um conjunto de semioses visuais, espaciais e interacionais – mantém a mensagem disponível para recepção reiterada pela audiência surda, o que permite múltiplas experiências interpretativas a cada novo acesso ao vídeo. Nesse cenário, a atuação do intérprete adquire uma nova dimensão. Se antes a interpretação em Libras muitas vezes representava o único texto acessível ao surdo, hoje, a interpretação síncrona passa a integrar uma cadeia de produções que reforçam a multiplicidade de vozes. As escolhas linguísticas realizadas pelos intérpretes, longe de serem neutras, tornam-se observáveis, comparáveis e analisáveis – especialmente à luz da metafunção interpessoal proposta por Halliday (1994), em que elementos como polidez (Brown; Levinson, 1987), ênfase, modalidade e expressividade contribuem sobremaneira para a construção dos significados. Assim, a interpretação media e também coautora os sentidos em circulação.

A incorporação de recursos à realização da Libras se mostra produtiva para tratarmos da noção de acessibilidade linguística ampliada por recursos tecnológicos da internet, já que surge como fruto da *netspeak*. Segundo Crystal

(2005, p. 90), essa incorporação “é mais do que um híbrido entre fala e escrita” são fenômenos da transformação da experiência da linguagem na internet e do comportamento de seus usuários. Tais fenômenos “demonstram fluidez, simultaneidade [e] transcendem as limitações tradicionais de disseminação do texto”.

A incorporação de recursos semióticos e tecnológicos a textos videossinalizados permitem que sujeitos surdos expressem marcas de identidade sem o uso de recursos linguísticos, conforme mostra o Quadro 46, (análise 11), onde a inscrição “SOU SURDO” é expressa na forma escrita. Permite também que mantenham o anonimato sem deixar de expressar a informação linguística, conforme evidencia o último enquadre do Quadro 57 (Análise 20), em que o sinalizante permanece atrás da câmera enquanto sinaliza, ou ainda simular interações por recursos de sobreposição de textos, tal como ocorre no Quadro 49 (análise 13).

Observamos, por meio das análises 12, 13 e 14 (Quadros 47, 49 e 50) que o texto videossinalizado pode apresentar distinções marcantes nas dimensões de campo, relação e modo, o que impacta tanto o modo como o texto é construído, como os sentidos que os leitores constroem sobre eles e a relação entre os interactantes. Por exemplo, na análise 16 (Quadro 52), observamos que a seleção de recursos da língua é afetada, comprometendo o estilo adotado pelo sinalizante e o modo com que organiza discursivamente o texto.

O uso de emoticons e figurinhas expandem as possibilidades de construção de significados (metafunção ideacional e interpessoal), conforme observamos na análise 23 (Quadro 61), em que a presença do coração, em movimento de pulso durante a enunciação da mensagem intensifica a representação da experiência interna e amplia a função de gradação afetiva, reforçando a modalização do discurso e a expressão de carinho que motiva a produção do texto.

Além do impacto na construção de significados, o uso de figurinhas e outros recursos multissemióticos podem funcionar como intensificadores de categorias gramaticais, conforme observamos na análise 24 (Quadro 62), onde o recurso afeta a forma linguística.

6.4 *Dinâmicas de interação em Libras no meio eletrônico*

Os dados desta pesquisa demonstram que, em termos das facetas sociais e tecnológicas, o funcionamento da Libras no meio digital está condicionado a uma série de variáveis. Entre elas, destacam-se o desempenho da *web* e dos dispositivos utilizados, as condições de captura da imagem (como posicionamento da câmera e iluminação), e a necessidade de adequação às regras de produção e circulação que possibilitam a acomodação do texto sinalizado ao espaço eletrônico. No que diz respeito à recepção, associada à leitura e compreensão do conteúdo sinalizado, influenciam diretamente fatores como estabilidade da conexão, visibilidade da imagem, privacidade, possibilidades de reprodução, estruturação gramatical do texto sinalizado e incorporação de recursos multissemióticos (visuais, espaciais, expressivos).

Contudo, o aspecto mais instigante observado é o modo como os sujeitos surdos constroem significados ideacionais, interpessoais e textuais nesse ambiente. Especificamente no que tange à metafunção interpessoal, as interações digitais em Libras evidenciam uma rica construção de relações sociais.

Na análise 27 (Quadro 66), por exemplo, observamos que o sinalizante recorre à criação de figurinhas visuais-espaciais, motivado por uma intenção interpessoal de capturar a atenção de seus interlocutores. Este tipo de recurso reforça a dimensão performativa da sinalização digital. As análises 29 e 30 (Quadros 68 e 69) ilustram ainda como as conversas múltiplas impactam as dinâmicas relacionais, com os sujeitos sinalizantes adaptando o uso de sinais e seus posicionamentos ao enquadramento de tela e à posição dos interlocutores, refletindo a negociação de papéis e o reposicionamento gramatical em função da organização do espaço digital.

Essas ocorrências são resumidas no Quadro 85, à luz das categorias da metafunção interpessoal propostas por Halliday e adaptadas ao contexto da sinalização digital.

Quadro 85. Compilado de variações identificadas no corpus

Categorias	Resultados observáveis nas análises
Expressão de identidade	Os sinalizantes demonstraram recorrer à escolha de sinais específicos, variações proporcionadas pelo digital e estilos próprios de sinalização como forma de marcar sua identidade cultural, geracional e comunitária. Essa expressão aparece fortemente em vídeos de influenciadores surdos, em que o estilo de sinalização tem marcas, como expressões faciais estilizadas e sinalização performática para reforçar pertencimentos sociais e linguísticos (como ocorre, por exemplo, nos dados em que os textos videossinalizados apresentam efeitos de humor – Quadros 59, 60, 81; àqueles que exigem transformações da imagem pessoal – Quadros 62, 65).
Polidez e atitudes	A modulação de expressões faciais e a escolha de estratégias lexicais evidenciam como os usuários manejam a cortesia, a empatia e até o humor em suas interações (conforme demonstra a expressão de decepção da tradutora intérprete de Libras e o sinal “NINGUÉM” realizado pela palestrante - análise 17 - durante a ausência de <i>feedback</i> a uma palestra – Quadro 54 – ou a à atitude empática da intérprete de Libras em demonstrar o esforço visual para compreensão do texto sinalizado devido as dimensões da tela atribuída ao sujeito surdo – Quadro 55. O humor também é expresso por meio da supressão corporal, seguida por apontamento de um item lexical escrito – Quadro 60). Em vídeos com teor mais opinativo, por exemplo, foi comum o uso de sobrancelhas arqueadas ou gestos mitigadores para suavizar declarações, de modo a sinalizar FTAs ou FSAs (Brown; Levinson, 1987). Exemplos podem ser encontrados nos quadros (A análise 43 revela que a sinalizante utiliza a modalização “UM POUCO” como forma de mitigar o tom de comando, disfarçando a obrigatoriedade da audiência em prestar <i>feedback</i> – Quadro 82. A ameaça à <i>face</i> também é demonstrada pela supressão corporal do sinalizante – Quadro 57 – e aproximar a mão do rosto, durante a produção do sinal “MOSTRAR”- Quadro 73, a sinalizante demonstra ter mantido o controle de um problema relatado, indicando que a pergunta lhe soou como um ato de ameaça à <i>face</i>), onde a dimensão interpessoal, mediada por tela, demanda maior atenção aos traços expressivos. Nas telas, o canal visual-espacial se torna o principal recurso para demarcar atitudes (como quando a intérprete de Libras volta o olhar para trás demonstrando desaprovação ao texto – Quadro 49 – ao chamar a atenção de seus interlocutores ao tocar repetidamente na tela, criando uma figurinha visual-espacial – Quadro 66 – ou ao empregar recursos grafo-visuais como forma de demonstrar atitudes equivocadas para a interação com pessoas surdas – Quadro 67).
Negociação de papéis sociais	As análises demonstraram que os usuários adaptam seu posicionamento no vídeo e o direcionamento dos sinais de acordo com a posição dos interlocutores na tela, assumindo papéis sociais diversos (como ocorre na última captura de tela do Quadro 57, em que o sinalizante se mantém em anonimato, condicionado por operação da câmera, fazendo com que as expectativas recaiam sobre os que estão visíveis em cena, ainda que ele faça parte da equipe- análise 20. A variação de sinais na tela, comparados à sinalização face-a-face demonstra, por meio da análise 29, a desestabilização de relações de poder tradicionalmente estabelecidas em uma reunião presencial. A análise 29 indica que ao fazer a alteração do sistema pronominal ELAS-DUAS – Quadro 68 – indica a regulação da interação e o controle de turno, estabelecendo a quem é permitido sinalizar. A pronúncia do sinal NÓS DOIS também marca a assimetria nas relações de

	poder, segundo a posição superior ocupada pelo organizador da reunião (Quadro 69). Diferentes usos linguísticos para espaços compartilhados na tela são identificados (resultando em neologismos – Quadro 83), indicando informalidade (como nas gírias “TOP” – Figura 26, “CARACA” e “PASSADA” – Quadro 80). Além de interações mais horizontais (como em lives entre pares, denotam maior assimetria de papéis sociais - Quadros 47, 52, 54, 55, 56) e verticais, com menor assimetria (como <i>reels</i> ou <i>stories</i> – Quadros 50, 51, 59, 61).
Cooperação e conflito	Os sinais de concordância, discordância, retomadas e reformulações aparecem como estratégias de gerenciamento da interação. Em comentários respondidos por vídeo ou em trocas assíncronas, é possível notar como o sinalizante reafirma ou contrapõe pontos anteriores de maneira clara, por vezes utilizando reforços manuais ou expressivos para marcar sua posição (o sinal “PRECISA” indicando obrigatoriedade – Quadro 71, a expressão “TEMA LIVRE” – Quadro 72, utilizado como forma de cooperar com os interactantes e incentivá-los a perguntar, bochechas infladas – Quadro 75, sorriso e uso de emoticon sorrindo com uma gota de suor na têmpora – Quadro 79, expressão de estranhamento na realização de sinais compostos – Quadro 83).
Participação e engajamento	Estratégias como a sinalização de linguagem informal expressos por meio de (gestos manuais de apoio – Quadros 78 e 81) e avaliações (recursos de experiência aumentada, como filtros, máscaras –(orelha e nariz de palhaço, animais sobrepondo a face) – Quadro 78, óculos (Quadro 75), repetições de letras como no exemplo “kkkjj” e sorriso – Quadro 79, e recursos multimodais, sobretudo, na forma escrita – Quadros 80, 84), combinadas ao uso de elementos visuais como stickers, legendas, emojis sinalizados ou até legendas em cores contrastantes (Quadros 59, 61, 62, 63, 71), contribuem para manter a audiência ativa e potencializar a avaliação sinalizada. Nesses contextos, a expressividade (ENMs) ganha uma outra dimensão para construir um modelo comunicativo ampliado.

Fonte: a autora.

A partir da metafunção interpessoal, pudemos observar como os sinalizantes empregam recursos linguísticos para o estabelecimento de suas relações interpessoais e, dentre outras questões, como atingem seus propósitos comunicativos, a partir do engajamento em páginas da internet

As análises indicam que as principais implicações para a realização da Libras na internet residem (i) na acomodação de recursos multissemióticos atrelados aos modos dinâmicos de fala, escrita e sinalização; (ii) da organização dos parâmetros linguísticos segundo às características do meio eletrônico, (iii) na orientação fluida e acelerada de difusão dos textos videossinalizados e, sobretudo, na (iv) codificação cultural que orienta os propósitos e as necessidades comunicativas dos sinalizantes, resultando em fenômenos de variações de pronúncia, economia linguística, hibridismo entre fala, escrita e sinalização, neologismos e gírias, acessibilidade linguística

ampliada por recursos tecnológicos, além de novas dinâmicas de interação e construção de significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi o de caracterizar como as categorias de fala, escrita e interação com surdos afetam a realização linguística da Libras no contexto da internet, e se justifica pela necessidade de: (i) teorização sobre os níveis de estratificação linguística que constituem a Libras; (ii) descrição dos significados realizados na relação entre processos, participantes e circunstâncias nos domínios verbais, mentais, materiais, relacionais, existenciais e comportamentais, em relação ao funcionamento dos parâmetros linguísticos da Libras; e (iii) análise sobre como os significados se materializam na Libras, nos diferentes domínios da experiência humana, pela configuração contextual (cultura e situação).

Como forma de atingir este objetivo, nos pautamos nos pressupostos teóricos e metodológicos da Linguística Sistêmico-Funcional, sob a qual o texto é concebido como potencial semiótico para gestão dos recursos linguísticos, que são empregados na língua como forma de atender às suas necessidades comunicativas, “especialmente quando considerarmos a relação entre diferentes variedades de texto (por exemplo, falado e escrito)” (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 43), e na Linguística da Internet, que se caracteriza pela necessidade de análise de todas as manifestações da linguagem na internet (Crystal, 2011), sobretudo da Libras.

Os textos videossinalizados analisados demonstraram que, assim como outros sistemas linguísticos, a Libras se realiza na internet intimamente integrada às propriedades do meio eletrônico, resultando em distinções significativas na organização, combinação e realização dos parâmetros linguísticos. Isso gera fenômenos relacionados a variações de pronúncia, economia linguística, hibridismo entre fala, escrita e sinalização, neologismos e gírias, acessibilidade linguística ampliada por recursos tecnológicos, além de novas dinâmicas de interação e construção de significados.

A análise da metafunção ideacional evidenciou que a comunicação digital oferece novas possibilidades para a representação da realidade, distintas daquelas observadas na interação face a face. Nesse contexto, a recursividade textual e os recursos multimodais presentes no ambiente digital favorecem processos de hibridização comunicativa, os quais ampliam as

formas de expressão e promovem uma aproximação significativa — e altamente positiva — entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte.

A análise da metafunção interpessoal demonstrou que muitas das variáveis presentes no funcionamento linguístico ocorrem por motivação interpessoal, dada a necessidade de estabelecimento de identidades públicas, linguísticas e culturais. Além disso, constatamos que os sinalizantes marcam o estabelecimento de suas relações interpessoais, sobretudo através de recursos não manuais ou a partir de recursos multimodais que funcionam de modo simultâneo à sinalização, afetando a força elocutória do discurso do sinalizante ou, de forma integrada, constituindo novos modos de produção, significação e percepção do texto.

Diante das recorrências observadas e da complexidade de processos fonológicos no meio digital, é inevitável questionar: até que ponto essas variações já foram assimiladas pela comunidade surda como práticas legítimas de uso da língua? Poderiam tais adaptações, motivadas pelo contexto de interação em telas, vir a se estabelecer como formas canônicas na Libras, especialmente em gêneros digitais específicos? Considerando a crescente popularização da comunicação visual-mediada e o protagonismo das redes sociais na circulação de discursos em Libras, cabe refletir se esses modos de pronúncia — inicialmente situados e estudados como variações contextuais — não estariam sinalizando transformações mais profundas e duradouras no modo como a língua é produzida, percebida e validada em ambientes digitais.

Nossa pesquisa representa uma pequena contribuição diante da imensidão de possibilidades de investigações que se abrem a partir dela. Uma dessas possibilidades recai na necessidade de análise de textos sob a ótica da metafunção textual, como forma de investigar, dentre outras questões, variações no estabelecimento de coesão e coerência em produções videossinalizadas, o que nos parece produtivo para o desenvolvimento de pesquisas futuras.

A contribuição social desta pesquisa está no reconhecimento da complexidade gramatical da Libras, no potencial desse sistema linguístico na concretização dos propósitos comunicativos de seus sinalizantes e na possibilidade de estimular novas produções acadêmicas voltadas para o uso da Libras na internet.

REFERÊNCIAS

AKUJOBI, O. S.; EZE, B. I. A computer-mediated discourse analysis on undergraduates' Facebook and WhatsApp. **IGWEBUIKE: An African Journal of Arts and Humanities**, Umunya, v. 7, n. 2, p. 228-247. 2021. Disponível em: <<https://acjoh.org/index.php/iaajah/article/view/1281>>. Acesso em: 10 set. 2021.

ALBERT, Bruce. "Situação Etnográfica" e Movimentos Étnicos. Notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano. **Campos - Revista de Antropologia**, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 129-144, jun. 2014. ISSN 2317-6830. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/42993>>. Acesso em: 24 jun. 2024. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/campos.v15i1.42993>.

ALBRES, Neiva de Aquino; OLIVEIRA, Sonia Regina Nascimento. Concepções de lingua(gem) e seus efeitos nas conquistas políticas e educacionais das comunidades surdas no Brasil. In.: ALBRES, Neiva de Aquino; NEVES, Sylvia Lia Grespan. (Org.). **Libras em estudo: política linguística**. São Paulo: FENEIS, 2013. p. 39-68.

ALBRES, Neiva de Aquino. (Org.). **Entre a literatura e a tradução para crianças surdas** [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Ayvu, 2022.

ALECRIM, E. C.; XAVIER, A. N. Comparação entre três sistemas de notação da configuração de mão com base em dados da Libras. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 4, 2019. DOI: 10.5216/rs.v4.56832. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/56832>. Acesso em: 26 dez. 2023.

ALECRIM, Elisane Conceicao. **A variação fonético-fonológica da configuração de mão na Libras**. 2022 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Biblioteca Depositária: Biblioteca de Ciências Humanas, 2022.

ALMEIDA, Paulo Roberto Alves de. **Hipervídeo na educação de surdos**. 2016. 172 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/168141>. Acesso em 15 jul. 2024.

ALVES, Bruna E. L. **Estudo descritivo do parâmetro locação na língua brasileira de sinais**. 2022, 95 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2022.

ALVES, Aline da Silva. **Estudo do Uso de Diálogos de Mediação para Melhorar a Interação de Surdos Bilíngues na Web**. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado em Informática Aplicada) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2012. Disponível em: <

<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/6225/FinalissimaDissertCompleta2012.pdf?sequence=1>>. Acesso em 02 fev. 2024.

ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos a aprender?** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ARMSTRONG, David F. **Original signs: Gesture, sign, and the sources of language.** Washington: Gallaudet University Press, 1999.

ARMSTRONG, David F.; WILCOX, Sherman E. **The Gestural Theory origin of Language.** New York: Oxford University Press, 2007.

ARRIENS, Marco Antônio. A importância da linguagem corporal expressiva da Libras. **Revista Forum: INES**, 2005, p. 14-26. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-forum/article/view/171>. Acesso em jul. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10520: Citações em documentos.** Rio de Janeiro. ABNT, 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6023: Informação e documentação, trabalhos acadêmicos: referências.** Rio de Janeiro. ABNT, 2018.

BAKER, Charlotte **What's not on the other hand in American Sign Language**, in Papers from the Twelfth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society. Chicago: University of Chicago Press, 1976.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** 1. ed. Tradução, organização, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARBOSA, Diego Maurício. **Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea:** língua portuguesa – língua brasileira de sinais em contexto de conferência. 2020. 247 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2020.

BARON, Naomi S. Discourse structures in instant messaging: The case of utterance breaks. **Language @ Internet**, Bloomington, v. 7, n. 4, 2010. Disponível em: <https://www.languageatinternet.org/articles/2010/2651>. Acesso: set. 2021.

BARRETO, M; BARRETO, R. **Escrita de sinais sem mistérios.** Belo Horizonte: Edição do autor, 2012.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In.: PRETI, Dino (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2000. p. 57-78.

BATES, Marni. **Socorro, meu vídeo bombou na internet!** Tradução Ananda Alves. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

BATTISON, Robbin. Phonological deletion in American sign. **JSTOR**, language Sign Language Studies, n. 5, p. 1–19, 1974. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/26203099>>. Acesso em 17 Set. 2022.

BATTISON, Robbin. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, MD: Linstok, 1978.

BATTISTI, Juliana. **Linguística aplicada ao ensino do português**. Porto Alegre: SAGAH, 2017.

BAYNTON, Douglas C. The Curious Death of Sign Language Studies in the Nineteenth Century. In.: ARMSTRONG, David F.; KARCHMER, Michael A; VAN CLEVE, John Vickrey. **The study of signed languages**: Essays in honor of William C. Stokoe. Washington: Gallaudet University Press, 2002. p. 13-34.

BÉBIAN, M. **Mimographie, ou essai d'écriture mimique, propre a régulariser le langage des sourds-muets**. Deaf and dumb, the Charles Baker Collection number 8. Paris: Gallaudet College, 1825.

BELLUGI, Ursula; FISCHER, Susan Fischer. A comparison of sign language and spoken language'. **Cognition**, v1: p.173-200, 1972.

BERNARDINO, Elidéa L. A; MARTINS, Dinalva A; MOURA, Jéssica C. B.; BASTOS, Stéfanie V. A ação construída na Libras conforme a linguística cognitiva. **Signótica**, v.32, e62990, 2020. DOI: 10.5216/Sig.v32.62990. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/49245>. Acesso em 20 Jul. 2025.

BERNERS-LEE, Tim; FISCHETTI, Mark. **Weaving the Web**: The original design and ultimate destiny of the World Wide Web by its inventor. San Francisco: Harper, 1999.

BIBER, Douglas; CONRAD, Susan. **Register, genre, and style**. 2. ed. New York: Cambridge University Press; 2019. Disponível em: <https://shre.ink/Dbqn>. Acesso em 16 mar. 2024.

BOLONHINI, Carmen Zink; COSTA, Juliana Pellegrinelli B. C. Libras, Língua Portuguesa e o Bilinguismo. In.: CAVALLARI, Juliana Santana; UYENO, Elzira Yoko. **Bilinguismos**: Subjetivação e identificação nas/pelas línguas maternas e estrangeiras. v. 9. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 83-100.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL, 2002. **Lei 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 10 Fev. 2022.

BRASIL, 2005. **Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20042006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 15 dez. 2023.

BRASIL, 2016. **Resolução CNS nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, Conselho Nacional de Saúde, 07 abr. 2022. Seção 1, n. 98, p. 44. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/116492885/dou-secao-1-24-05-2016-pg-44>. Acesso em 19 mar. 2024.

BRASIL, 2018. **Lei 13.709 de 14 de agosto de 2018**. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). 2018. Brasília: Presidência da República, subchefia para assuntos jurídicos, 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em 19 mar. 2024.

BRASIL, 2021. **Parecer técnico nº 2/2021/DTDL/CGIR/DPI**. Dispõe sobre o reconhecimento da Língua Brasileira de sinais como referência cultural brasileira. Ministério do Turismo, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento do Patrimônio Imaterial, Divisão Técnica de Diversidade Linguística. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/ParecetTcnicoLibras.pdf>. Acesso em 30 jun. 2022.

BRASIL, 2021. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Dispõe sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm. Acesso em 07 abr 2023.

BRASIL, 2022. Inclusão da Língua brasileira de sinais (Libras) no Inventário Nacional de Diversidade Linguística. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 30 jun. 2022. Seção 3, n. 122, p. 268. [ISSN 1677-7069]. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=530&pagina=268&data=30/06/2022>. Acesso em: 04 jul. 2022.

BRASIL, 2022. **Ofício-Circular 17/2022/CONEP/SECNS/MS**. Orientações acerca do artigo 1.º da Resolução CNS n.º 510, de 7 de abril de 2016. Brasília: Ministério da saúde, Secretaria executiva do Conselho Nacional de Saúde, Comissão de Ética em Pesquisa, 2022. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/images/Of%C3%ADcio_Circular_17_SEI_MS_-_25000.094016_2022_10.pdf. Acesso de 20 abr. 2024.

BRENTARI, Diane. Phonology. In.: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. **Sign language**: An international handbook. Boston: Gruyter GmbH & Co, 2012. p. 21-54.

BRENTARI, Diane. **Sign language phonology**. Nova York, NY: Cambridge University Press, 2019.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias, revisão técnica Paulo Vaz. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BRITO, Amanda Gregório. **Tradução e interpretação de músicas em Libras no Instagram e Tiktok**: uma análise das redes em tempos digitais e seu impacto no ensino da Libras. 2022. 75 f. TCC (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BUCIOLI, Igor. igorbuciolli [Online]: fev. 2013. *Instagram/ TikTok*: @igorbuciolli. Disponível em: <https://www.instagram.com/igorbuciolli/>, <https://www.tiktok.com/@igorbuciolli>. Acesso em 11 fev. 2025.

BURGO, Vanessa Hagemeyer. Efeitos de atenuação no discurso político: polidez e preservação da face na interação verbal. **Revista Investigações**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 43–66, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/339>. Acesso em: 26 jun. 2025.

BURGO, Vanessa Hagemeyer; MATOSO, Sheyla Cristina Araujo. A interação entre pessoas surdas: o papel dos marcadores discursivos na língua brasileira de sinais. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S. l.], v. 51, n. 3, p. 961–981, 2022. DOI: 10.21165/el.v51i3.3295. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/3295>. Acesso em: 30 maio 2025.

BUZATO, Marcelo El Khouri. Práticas de letramento na ótica da Teoria Ator-Rede: casos comparados. **Calidoscópio**, v. 10, n. 1, p. 65-82, jan/abr 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5715/571561868007.pdf>. Acesso em 03 jan. 2024.

CAGLIARI, Gladis Massini; CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética. In.: MUSSALIN, Fernanda.; BENTES, Ana Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 1v. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 105- 146.

CALVET, Louis-Jean. **As Políticas linguísticas**. Tradução Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial: IPOL, 2007.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 45. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CAMPELLO, Ana Regina S. Pedagogia visual: sinal na educação dos surdos. In: QUADROS, Ronice M; PERLIN, Gladis. (Org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007. p. 100-131.

CAMPELLO, Ana Regina S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. 2008. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, UFSC, 2008.

CAMPELLO, Ana Regina S; LUCHI, Marcos. Descrições imagéticas e classificadores. In.: QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Jair Barbosa da; ROYER, Miriam; SILVA, Vinícius Rodrigues. (Org.). **A gramática da Libras**. v.1. Rio de Janeiro: INES, 2023. p. 303-378.

CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkiria D.; TEMOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle C. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos**. v.1: Sinais de A a D. v. 2: Sinais de E a O. v. 3: Sinais de P a Z. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CARLOS, Ewerton. **Ewerton Carlos**: aulão acadêmico em Libras [Ciclo acadêmico em Libras Online]: 1 jul. de 2016. *YouTube*: @EwertonCarlosACADEMICOLIBRAS, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/@EwertonCarlosACADEMICOLIBRAS>. Acesso em 28 jul. 2024.

CARVALHO, Paulo Vaz de. **Breve história dos surdos no mundo**. Lisboa: Surd'Universo, 2007.

CARVALHO, Paulo Vaz de. **A herança do Abade de L'Épée na viragem do século XVIII para o século XIX**. Lisboa: Thefactory, 2013.

CAS – CENTRO DE CAPACITAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E DE ATENDIMENTO ÀS PESSOAS COM SURDEZ. **CAS-SED-MS**. Campo Grande: CAS, 30 mai. de 2022. *YouTube*: @cas-sed-ms3672, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/@cas-sed-ms3672/featured>. Acesso em 27 jul. 2024.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTILHO, Ataliba. T. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: CASTILHO, Ataliba. T. (Org.) **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Unicamp, 1989. p. 249-279.

CASTRO JÚNIOR, Glaucio de. **Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira**: foco no léxico. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

CASTRO JÚNIOR, Glaucio de. **Projeto Varlibras**. 2014. 264 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CAVALCANTE, Marianne C. B. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In.: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 198-206.

CHOVANEC, Jan. Simulation of spoken interaction in written online media texts. **Brno studies in English**. v. 35, n. 2, 2009, (p. 109-128). Disponível em: <https://hdl.handle.net/11222.digilib/105142>. Acesso em 25 jan. 2024.

CINTRA, Camila. **O Instagram está padronizando os rostos?** [livro eletrônico]. 1. ed. Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2021.

CLEIDIANE. **Cleidianelibras**. [Online]: mai. 2017. *TikTok*: @cleidianelibras. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@cleidianelibras>. Acesso em 29 jul. 2024.

CORREA, Rosemeri Bernieri de Souza. **A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos**. 2007. 166 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

CORRÊA, Y.; PEDUZZI GOMES, R.; GADIS RIBEIRO, V. Aplicativos de Tradução Português-Libras na Educação Bilíngue: desafios frente à desambiguação. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, 2017. DOI: 10.22456/1679-1916.79277. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/79277>. Acesso em: 31 maio. 2024.

CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello. Aplicativos de tradução automática português-Libras: o que revelam as pesquisas científicas brasileiras?. In.:

CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello (Org.). **Língua Brasileira de Sinais e tecnologias digitais**. Porto Alegre: Penso, 2019. p. 107-124.

COSCARELLI, Carla. V.; NOVAIS, A. E. Leitura: um processo cada vez mais complexo. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 45, n. 3, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/8118>. Acesso em: 25 jul. 2024.

COSCARELLI, Carla. Texto versus hipertexto na teoria e na prática. In.: COSCARELLI, Carla. (Org.). **Hipertextos na teoria e na prática**. Coleção Leitura, Escrita e Oralidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 147-174.

COSCARELLI, Carla. V. A leitura em múltiplas fontes: um processo investigativo. **Ensino e Tecnologia em Revista**. v. 1, n. 1, p. 67-79, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/48224>. Acesso em: 08 abr. 2025.

COSCARELLI, Carla. V. e GONZALEZ-IBANEZ, Roberto. “Au(g)mentando textos”. In.: FIGUEIREDO, Camila A. P. de; LIMA, Cecília Nazaré de; ARBEX, Márcia e VIEIRA, Miriam de Paiva (Orgs.). **Escrita, som, imagem: leituras ampliadas**. 1. ed. v. 2. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020. p. 53-66.

COSTA, Juliana P. B. **A educação do surdo ontem e hoje**: posição sujeito e identidade. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. “Multiliteracies”: New Literacies, New Learning. **Pedagogies: An International Journal**, Routledge, v. 4: p. 164–195, 2009. DOI: 10.1080/15544800903076044. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/242352947_Multiliteracies_New_Literacies_New_Learning. Acesso em 28 jan. 2024.

CRISTIAN, Carlos. **Sinais diários de Libras**. [Online]: 5 abr. 2018. *YouTube*: [@youtube.com/c/CarlosCristianLibras](https://www.youtube.com/c/CarlosCristianLibras). Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCBMCoXdelq_NP6ihSh0RI_w. Acesso em 28 jul. 2024.

CRUZ, O. M. de S. e S. da. Avaliação e Avaliatividade em discursos de alunos surdos à luz da LSF. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 34, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/38993>. Acesso em: 3 abr. 2025.

CRYSTAL, David. **A glossary of netspeak and textspeak**. Finland: Edinburgh University Press, 2004.

CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem**. Tradução de Ricardo Quintana; consultoria de Yonne Leite. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.

CRYSTAL, David. **Language and the internet**. 2. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2006.

CRYSTAL, David. Texting. **ELT Journal**, v. 62, 1. ed., Janeiro de 2008, p. 77–83. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/elt/ccm080>>. Acesso em Jan. 2024.

CRYSTAL, David. **Internet linguistics: A student guide**. New York: Routledge, 2011.

CRYSTAL, David. Entrevista. [2013]. Entrevistadores: SALIÉS, Tânia G; SHEPERD, Tânia G. O princípio: entrevista com David Crystal. In: SALIÉS, Tânia G; SHEPERD, Tânia G. (Org.). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 17-36.

CUNHA, Maria Angélica da; SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção leituras introdutórias em linguagem, v. 2).

CUNHA, Evandro L. T. P. A web como ferramenta de suporte à preservação e à revitalização linguística. **Cadernos de Linguística**, 1(3), 01-14, 2020. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/A_Web_como_ferramenta_de_suporte_a_preservacao_e_a.pdf. Acesso em: 02 abr. 2024.

DAVIS, Boyd H.; BREWER, Jeutonne; BREWER, Jeutonne Patten. **Electronic discourse: Linguistic individuals in virtual space**. Suny Press, 1997.

DAWKINS, Richard. **The Selfish Gene**. Oxford: Oxford University Press, 1976.

DIAS, Marcelo Cafiero. Rotas de navegação: a importância das hipóteses para a compreensão de hipertextos. In.: COSCARELLI, Carla Viana. (Org.). **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 67-91.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes Editores, 2018.

DIGIAMPIETRI, Maria Carolina Casati. Narrativas em libras: um estudo-piloto à luz da teoria de Labov (1967). In.: ALBRES, Neiva de Aquino; XAVIER, André Nogueira. (Org.). **Libras em estudo: descrição e análise**. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 85-106.

DINIZ, Heloise Gripp. Descrição da variação fonético-fonológica na letra manual “E” em Libras. **Revista Linguística**. v. 16, n. 3, p. 452-459, dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16n3a37488>.

DUTRA, Fabíola Aparecida Sartin. Interação na universidade: uma análise do discurso docente e discente na perspectiva sistêmico-funcional. In.: DI RENZO, Ana Luiza A. R.M; PITOMBO-OLIVEIRA, Tânia. (Orgs.). **Linguagem, História e Memória**: discursos em movimento. Campinas: Pontes Editores, 2011, p.113-132.

DREAMS, Kitana. **Kitana Dreams**. [Online]: 14 mar. 2007. *YouTube*: www.youtube.com/@KitanaDreams. Disponível em: <https://www.youtube.com/@KitanaDreams>. Acesso em 28 jul. 2024.

DREAMS, Kitana. Kitana responde as perguntas tipo o que você prefere? [Online]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tSKHlen0AoY>. Acesso em: 18 fev. 2025.

EDITORA ARARA AZUL. **Biblioteca digital**. Petrópolis: Ed. Arara Azul, 2011. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/livro-digital-html5/>. Acesso em 28 jul. 2024.

EGGINS, S.; MARTIN, J. R. Genres and registers of discourse. In: VAN DIJK, T. A. (ed.): **Discourse studies**: a multidisciplinary introduction. v. 1: Discourse as structure and process. London: Sage Publications, 1997. p. 230-256.

EGGINS, Suzanne. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. 2. ed. London: Continuum, 2004.

EMMOREY, K. **Language, cognition, and the brain: insights from sign language research**. London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2002.

EMMOREY, K. The psycholinguistics of signed and spoken languages: how biology affects processing. In.: GASKELL, G. (Ed). **The Oxford Handbook of Psycholinguistics**. New York: Oxford University Press, 2007, p. 703-721.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos. 2003. 310 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) —Universidade de Brasília, Brasília, 2003. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/5287>. Acesso em 15 jul. 2024.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia. **Representações lexicais da língua de sinais brasileira**: uma proposta lexicográfica. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/6547>. Acesso em 15 jan. 2024.

FELIPE, T.A. Sistema de Flexão Verbal na LIBRAS: Os classificadores enquanto Marcadores de Flexão de Gênero. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO INES, 2002, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro, 2002, p. 37- 58.

FELIPE. Tânia A. GP-Libras-FENEIS. **Dicionário da Libras**. CD-ROM. 2005.

FERREIRA BRITO, L; LANGEVIN, R. Sistema Brito-Langevin de transcrição de sinais. In.: FERREIRA BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Babel, 1995. p. 211.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. [reimp]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FONSECA, Vitor da. **Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, Maximina M. O ensino remoto emergencial e a exigência imediata de letramento: reflexões sobre um tempo de exceção. **DELTA** 37 (4) 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/ZSr5839MXMZ4GRmfFBntJyC/>. Acesso em 03 jan. 2024.

FREITAG, R. M. K.; SILVA, M. F. e. Uma análise sociolingüística da língua utilizada na internet: implicações para o ensino de língua portuguesa. **Intercâmbio**, [S. l.], v. 15, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3689>. Acesso em: 28 jan. 2024.

FU, Qing-Ke. Impacts of mobile technologies, systems and resources on language learning: A systematic review of selected journal publications from 2007-2016. **Knowledge Management & E-Learning**, Hong Kong, v. 10, n. 4, 2018 (p. 375-388).

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed. 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEIGER, Paulo. **Caldas Aulete minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

GESSER, Audrei. **“Um olho no professor surdo e outro na caneta”**: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais. 2006. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2006.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GODA, Rumšienė. Development of Internet English: alternative lexis, syntax and morphology. **Kalbuštidijos**. v. 6, 2004 (p. 48-55).

GOES, Camila Guedes Guerra. Acessibilidade em plataforma de educação a distância: um olhar a partir dos usuários surdos sobre os princípios de acessibilidade na Web. 2019. 194 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/204640>. Acesso em 03 jan. 2024.

GOETTERT, Nelson. As tecnologias como ferramentas auxiliares na comunicação em língua portuguesa para usuários de língua brasileira de sinais. In.: CORRÊA; Ygor; CRUZ, Carina Rebello. (Org.). **Língua Brasileira de Sinais e tecnologias digitais**. Porto Alegre: Penso, 2019. p. 125-142.

GOETTERT, Nelson. Spread the sign Brasil: análise e sugestões para sua melhoria. 2023. 176 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/259869>. Acesso em 03 jan. 2024.

GOFFMAN, E. **Interactional ritual**: essays on face-to-face behavior. New York: Anchor Press, 1967.

GOLDIN-MEADOW, Susan. **The resilience of language**: what gesture creation in deaf children can tell us about how all children learn language. New York: Psychology Press, 2003.

GOLDIN-MEADOW, Susan. Homesign: gesture to language. PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. **Sign language**: An international handbook. Boston: Gruyter GmbH & Co, 2012. p. 601-625.

GÖRSKI, Edair Maria; FREITAG, Raquel Meister Ko. O papel da sociolinguística na formação dos professores de língua portuguesa como língua materna. In.: / MARTINS; Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice (Org.). **Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o ensino de Língua Portuguesa**. 5. v. Coleção Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino. Natal, RN: EDUFRN, 2013.

GOUVEIA, Carlos A. M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [S. l.], v. 16, n. 24, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/27795>. Acesso em: 28 abr. 2024.

GUALBERTO, Ilza, M. T. Os hiperlinks e o desafio das conexões em hipertexto enciclopédico digital. In.: COSCARELLI, Carla V. (Org.). **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 37-66.

GUARDIA, María Luisa G.; GARCÍA, Francisco G. Persistencia de modelos de diseño gráfico en las páginas web. *Revista ICONO 14 - Revista científica de Comunicación y Tecnologías emergentes*, v. 1, n. 1, 2003. Disponível em: <https://icono14.net/ojs/index.php/icono14/article/view/470>. Acesso em 07 jun. 2024.

GUARINELLO, A. C.; BERBERIAN, A. P.; SANTANA, A. P.; BORTOLOZZI, K. B.; SCHEMBERG, S.; FIGUEREDO, L. C. Surdez e letramento: pesquisa com surdos universitários de Curitiba e Florianópolis, **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 15, n. 1, p. 99-120, jan. 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-65382009000100008>>. Acesso em 04 fev. 2024.

HALLIDAY, Michael. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, Michael. A. K. Opening Address: Workingwith Meaning: Towards an Applicable Linguistics. In.: WEBSTER, Jonathan J. **Meaning in Context: Strategies for Implementing Intelligent Applications of Language Studies**. New York: Continuum, 2008. p. 7-23.

HALLIDAY, Michael. A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.

HALLIDAY, Michael. A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **An Introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Arnold, 2014.

HASAN, Ruqaiya. The structure of a text; the texture of a text; the identity of a text. In.: HALLIDAY, Michael. A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1989. p. 55-118.

HAYES, Justin C.; KRAEMER, David J. M. Grounded understanding of abstract concepts: The case of STEM learning. **Cognitive Research: Principles and Implications**, v. 2, p. 1-15. 2017. Disponível em: <<https://cognitiveresearchjournal.springeropen.com/articles/10.1186/s41235-016-0046-z>>. Acesso em 27 jul. 2023.

HERRING, Susan C. Computer-mediated discourse. In.: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi. (Ed.). **The handbook of discourse analysis**. Massachusetts: Blackwell Publishers, 2005. p.612-634. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9780470753460.ch32>. Acesso em 25 jul. 2024.

HINE, Christine. **Etnografía virtual**. Traducción de Cristian P. Hormazábal. New Delhi: Editorial UOC, 2004.

HINE, Christine. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. London: Bloomsbury Academic, 2015.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. 1. ed. New York: Cambridge University Press, 1993.

INES - INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. **Repositório Digital Huet**. Rio de Janeiro: INES, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ines.gov.br/>. Acesso em 25 jul. 2024.

INTERNET. In.: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/internet/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

ISAAC. Gabriel. Isflocos. [Online]: 31 mai. 2008. *YouTube*: www.youtube.com/@isflocos. Disponível em: <https://www.youtube.com/isflocos/videos>. Acesso em 12 fev. 2025.

JEREMIAS, Daiana do Amaral. Iconicidade nas sentenças topicalizadas da Libras: uma motivação semântica e pragmática. 2020, 215 f. (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216338>. Acesso em 15 jul. 2024.

KENDON, Adam. Language and gesture: unity or duality? In.: MCNEIL, David. **Language and gesture**. New York: Cambridge University Press, 2000. p. 47-63.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola, 2006.

KLIMSA, Bernardo Luís Torres. Estudo descritivo das interjeições da Língua Brasileira de Sinais – Libras. 2022. 166 f. Tese (Doutorado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió: UFAL, 2022.

KNIGHT, Chris; KENNEDY, Michael Studdert; HURFORD, James. Language: A Darwinian Adaptation? In.: KNIGHT, Chris; KENNEDY, Michael Studdert; HURFORD, James. (Org.). **The Evolutionary Emergence of Language: Social Function and the Origins of Linguistic Form**. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 1-15.

KOCH, Ingedore. Villaça.; MARCUSHI, Luiz Antônio. Processos de Referenciação a Produção Discursiva. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 14, n. spe, p. 169–190, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501998000300012>. Acesso em: 21 jul. 2024.

KOCH, I. G. V. Hipertexto e construção do sentido. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 51, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1425>. Acesso em: 6 jun. 2024.

KOZINETTS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Tradução Daniel Bueno, revisão técnica: Tatiana Melani Tosi, Raúl Ranauro Javales Júnior. Porto Alegre: Penso, 2014.

KRUSSER, Renata. Tecnologia e design para facilitar a leitura em língua brasileira de sinais. In.: CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello (Org.). **Língua Brasileira de Sinais e tecnologias digitais**. Porto Alegre: Penso, 2019. p. 57-78.

KUMARAVADIVELU, B. Linguística Aplicada na era da globalizacao. In.: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 129-148.

LEITE, Tarcísio de Arantes. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras)**: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEITE, Tarcísio de Arantes. O futuro dos estudos das línguas (de sinais). In.: QUADROS, Ronice M.; STUMPF, Marianne R.; LEITE, Tarcísio de A. **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I**. v.1. Florianópolis: Editora Insular, 2013. p. 37-58.

L'ÉPÉE, Charles Michel de. **Institution des sourds et muets, par la voie des signes méthodiques**. Paris: Chez Nyon l'ainé Library, 1776.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LIBRASCAS.T. **Canal LibrasCast**: notícia em movimento. [online]: 6 jul. de 2016. *YouTube*: @noticiaemmovimentotv, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/@noticiaemmovimentotv>. Acesso em 28 jul. 2024.

LIDDELL, Scott K. **American sign language syntax**. The Hague, The Netherlands: Mouton Publishers, 1980.

LIDDELL, Scott. K.; JOHNSON, Robert. (1989). American Sign Language: The Phonological Base. In: VALLI, C.; LUCAS, C. (org.). **Linguistics of American Sign Language**: an introduction. Washington, D.C.: Clerc Books/Gallaudet University Press, 2001. p. 267-306.

LILLO-MARTIN, Diane C.; HILL, Joseph C.; WOOD, Sandra k. **Sign Languages**: structures and contexts. Nova York: Routledge, 2019.

LING, Rich. The Sociolinguistics of SMS: An Analysis of SMS Use by a Random Sample of Norwegians. In: LING, R.S.; PEDERSEN, P. E. (eds.). **Mobile communications: Re-negotiation of the social sphere**. London: Springer, 2005. (p. 335-349). DOI: https://doi.org/10.1007/1-84628-248-9_22

LING, Rich; BARON, Naomi S. Text Messaging and IM: Linguistic Comparison of American College Data. **Journal of Language and Social Psychology**, Santa Barbara, v. 26, n. 3, 2007 (p. 291-298). DOI: <https://doi.org/10.1177/0261927X0630348>.

LOPES, RS; BAUMGARTNER, CT Inglês como língua franca: explicações e implicações. **O ESPECIALISTA**, [S. l.], v. 2, 2019. DOI: 10.23925/2318-7115.2019v40i2a2. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/37053>. Acesso em: 24 set. 2024.

LOURENÇO, Guilherme. **Verb agreement in Brazilian Sign Language**: Morphophonology, Syntax & Semantics. 2018. 320 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

LOURENÇO, Guilherme. A interpretação simultânea libras-português: diferenças morfossintáticas entre as línguas e seus efeitos em uma tarefa de interpretação-voz. **Tradução em Revista**, v 24, 2018.1. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34530/34530.PDF>. Acesso em 12 nov. 2024.

LUDWIG, Carlos. R., QUADROS, Ronice. M.; SILVA, Vinicius R. As Marcaçãoes Não-Manuais na Hipotaxe Adverbial Causal da Libras. **Quintú Quimün. Revista De lingüística**, (6), Q065. DOI <https://doi.org/10.5281/zenodo.7362044>, 2022.

MACFADYEN, Leah Pauline; ROCHE, Jörg; DOFF, Sabine. **Communicating across cultures in cyberspace: A Bibliographical Review of Intercultural Communication Online**. Münster: LIT Verlag, 2004.

MACHADO, Rodrigo Nogueira. O processo de empréstimos lingüísticos na libras: modalidades e categorização. 2023. 188 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística: Linguística) - Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/12877>. Acesso em 18 jan. 2025.

MAGALHÃES, Anne. **Aannemagalhaes**. [Online]: ago. 2012. *Instagram*: @aannemagalhaes. Disponível em: <https://www.instagram.com/aannemagalhaes/>. Acesso em 29 jul. 2024.

MAGALHÃES, Anne. Conheça Anne, a mulher que interpreta pop e hip-hop em Libras para surdos: 'Música vai além do som'. [Entrevista cedida a] Caio Nascimento. *Estadão*: São Paulo, n. jul, 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/conheca-anne-a-mulher-que-interpreta-pop-e-hip-hop-em-libras-para-surdos-musica-vai-alem-do-som/>. Acesso em 02 jun. 2024.

MALINOWSKI, Bronislaw. **The foundations of faith and morals**. Newcastle: Upon-Tyne, 1936.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da cultura**. 2. ed. Tradução de José Auto. Revisão de Rosa Maria Ribeiro da Silva e Moacir. G.S. Palmeira. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1970.

MAMEDE, Henrique S. Construindo pontes digitais: Caminhos para o futuro da preservação e acesso. **Encontro Novos caminhos para a preservação e o acesso à informação**, 2024. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/52892>. Acesso em 16 mar. 2025.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, Ataliba T. de (org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Unicamp, 1989. Cap.5.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 2, n. 3, p. 21–45, 1999. DOI: 10.20396/lil.v3i3.8663510. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8663510>. Acesso em: 12 jul. 2024.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In.: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 15-80.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARQUES; Janice G. T.; CANTARELLI, Antonielle. A influência da Língua de Sinais Francesa (LSF) na Língua de Sinais Brasileira (Libras): estudo Baseado em Metalexigrafia Comparativa. Tocantins: **Revista Porto das Letras**, v. 6, n. 6, p. 84-102, 2020. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/10197>>. Acesso em 24 jul.2023.

MARTIN, J.R. **Factual writing**: exploring and challenging social reality. Geelong, Victoria: Deakin University Press, 1985.

MARTIN, J.R. **English text**: system and structure. Amsterdam: Benjamins, 1992.

Martínez Pérez, Leonardo Fabio. **Questões sociocientíficas na prática docente: ideologia, autonomia e formação de professores**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MATTHIESSEN, Christian M. I. M. Translation, multilingual text production and cognition viewed in terms of systemic functional linguistics. In.: ALVES, Fábio; JAKOBSEN, Arnt Lykke (Ed.). **The Routledge Handbook of Translation and Cognition**. Abingdon: Routledge, 2021, p. 517-544.

MATTOS, Carmem L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In.: MATTOS, CLG; CASTRO, P. A. (Org.). **Etnografia e educação**: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em 25 jun. 2024.

MATOSO, Sheyla Cristina Araujo. **A interação entre surdos**: funções dos marcadores discursivos em Libras. 2022. 180 f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4786>. Acesso em 15 jul. 2024.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MEDEIROS, J. R.; FERNANDES, S. de F. Gêneros textuais em videolibras: um estudo de aspectos composicionais. **Trama**, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 39, p. 65–80, 2020. DOI: 10.48075/rt.v16i39.23705. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/23705>. Acesso em: 25 jul. 2024.

MEIER, Richard P.; CORMIER, Kearsy; QUINTO-POZOS, David. **Modality and structure in signed and spoken language**. New York: Cambridge University Press, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIGLIOLI, S. **Apropriação da informação por surdos no ambiente web à luz da Ciência da Informação**, 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia / Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MINEIRO, Ana; CARMO, Patrícia. Língua Gestual de São Tomé e Príncipe. **Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da Univerdade do Porto**. V.11, p. 161-182, 2016. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id191&sum=sim>>. Acesso em 10 Jul. 2022.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO. **Biblioteca virtual PCD Legal**. Espírito Santo: Projeto PCD Legal [Idealizado por Mauro Lúcio Nascimento e Wendell Luís Táboas], 2015. Disponível em: <http://www.pcdlegal.com.br/>. Acesso em 26 jul. 2024.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In.: PEREIRA, Regina Celi Mendes; ROCA, Maria del Pilar (Org.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24.

MONTES, Maria Teixeira do Amaral. **Aprendizagem colaborativa e docência online**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.

MOREIRA, Falk S. R. **Criação de sinais-termo: o conceito na descrição das estruturas sintáticas em português para surdos**. 2021. 120 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, 2021. Disponível em: <<http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/43440>>. Acesso em 05 maio 2023.

MORI, Angel Corbera. Fonologia. In.: MUSSALIN, Fernanda.; BENTES, Ana Christina (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 1v. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 147- 179.

MOURA NEVES, Maria Helena de. **Gramática funcional**: interação, discurso e texto. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

MÜLLER, Janete I.; STÜRMER, Ingrid E.; KARNOPP, Lodenir B.; THOMA, Adriana S. Educação bilíngue para surdos: interlocução entre políticas linguísticas e educacionais. **Nonada: Letras em Revista**, vol. 2, n. 21, outubro, 2013, p. 1-15. Porto Alegre, Laureate International Universities, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451671022.pdf>. Acesso 21 jul. 2024.

NAPOLI, Ricardo Bins Di. Fundamentos éticos e bioéticos das resoluções sobre a ética em pesquisa no Brasil. **ethic@**, Revista Internacional de Filosofia da Moral, v.6, n. 1, p. 75-97, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/issue/view/1454>. Acesso em 09 mar. 2024.

NAVARRO, Federico; SIMOES, Alex Caldas. Potencial de Estructura Genérica en tesis de ingeniería eléctrica: Contrastes entre lenguas y niveles educativos. **Rev. signos**, Valparaíso, v. 52, n. 100, p. 306-329, agosto 2019. Disponível em http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-09342019000200306&lng=es&nrm=iso Acesso em: 04 jun. 2024.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati; SCHER, Ana Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In.: FIORIN, José Luiz. (Org.). **Introdução à linguística II**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 81-109.

NONEMACHER, Tânea Maria. Reflexos do legado de Saussure na Linguística Sistêmico – Funcional de Halliday. In.: ROTTAVA, Lucia; NAUJORKS, Jane da Costa. (Org.). **Linguística Sistêmico – Funcional**: interlocuções na formação docente e no ensino. 1. ed. Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, 2016. p. 27-34.

NALS. **Núcleo de aquisição de língua de sinais**. Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: <<https://nals.cce.ufsc.br/>>. Acesso em 03 jan. 2024.

NAVAS, E. Regressive and Reflexive Mashups in Sampling Culture. In: SONVILLA-WEISS, S. (Ed.). **Mashup Cultures Wien**; New York: Springer, 2010. p. 157-177.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Formalismos na linguística: uma reflexão crítica. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna. C. **Introdução à Linguística**. v. 3. São Paulo: Cortez, 2005. p. 219-250.

OLIVEIRA, Ulisses Tadeu Vaz. **A crítica ao poder em textos líricos dos séculos XIII, XVII e XX**: um enfoque Sistêmico-Funcional. 2014. 136 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontífica Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13695>. Acesso em 28 maio 2024.

OLIVEIRA, Ulisses Tadeu Vaz. Desenvolvimento de competência escritora através do ensino de recursos de persuasão. In.: SANTOS, Leandra Ines Seganfredo; MACIEL, Ruberval Franco; FORTILLI, Solange de Carvalho. **Formação docente e ensino de língua portuguesa**: resultados e perspectivas do/no Profletras – região centro-oeste. v. 4. Cáceres: Unemat Editora, 2017. p. 149-164.

OLIVEIRA, Ulisses Tadeu Vaz de. Internet Linguistics. In.: OLIVEIRA, Ulisses Tadeu Vaz de. **Tópicos de Semântica e Pragmática**. 1 vídeoaula (54:29 min). Três Lagoas: UFMS, PPGLetras, 2022.

OLIVEIRA, Ulisses Tadeu Vaz de. Politeness Theory. In.: OLIVEIRA, Ulisses Tadeu Vaz de. **Trabalho de Campo**. 1 vídeoaula (53:41 min). Três Lagoas: UFMS, PPGLetras, 2022.

OOMEN, Marloes; KIMMELMAN, Vadim. Body-anchored verbs and argument omission in two sign languages. **Glossa**: a journal of general linguistics 4(1): 42. 1–36. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5334/gjgl.741>

ORGAD, Shani. From Online to Offline and Back: Moving from Online to Offline - Relationships with Research Informants. In.: HINE, Christine. (Ed.). **Virtual methods**: issues in social research on the Internet. New York: Berg, 2005, p. 51-66.

PAGURA, R. J. Tradução & interpretação. In: AMORIM, L. M., RODRIGUES, C. C., STUPIELLO, ÉNA. (Org.). **Tradução & perspectivas teóricas e práticas** [online]. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2015, p. 183-207.

PASSOS, Rosana. **Parâmetros físicos do movimento em Libras [manuscrito]**: um estudo sobre intensificadores. 242 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2022.

PÊGO, Carolina Ferreira. **Sinais não manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e Lexicais**: um estudo do morfema-boca. 2013. 88f f. Dissertação. (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013. Disponível em: < <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/13303>>. Acesso em 26 dez. 2023.

PÊGO, Carolina Ferreira. **Articulação-boca na Libras**: um estudo tipológico semântico-funcional. 2021. 158 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de comunicação e expressão, programa de pós-graduação em Linguística, Florianópolis, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/227070?show=full>>. Acesso em 26 dez. 2023.

PÊGO, Carolina Ferreira. Ações-boca: morfemas-boca, articulação-boca e gestos-boca. [Morfologia da Libras]. In.: QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Jair Barbosa da; ROYER, Mriam; SILVA, Vinícius Rodrigues. (Org.). **A gramática da Libras**. v.1. Rio de Janeiro: INES, 2023. p. 237-302.

PIMENTA, Nelson. QUADROS, Ronice M. de. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, [2006] 2013.

PIZZIO, Aline Lemos; CAMPELLO, Ana Regina e Souza; PÊGO, Carolina Ferreira; WANDERLEY, Débora Campos; LOURENÇO, Guilherme; LUCHI, Marcos; FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. Morfologia da Libras. In.: QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Jair Barbosa da; ROYER, Mriam; SILVA, Vinícius Rodrigues. (Org.). **A gramática da Libras**. v.1. Rio de Janeiro: INES, 2023. p. 175-377.

PORTO, Marcelo. **Transferências visuais**: um recurso indispensável na comunicação da Libras. 2016. 91 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

PRETI, Dino. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In.: PRETI, Dino (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2000. p. 241-252.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; PIZZIO Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais II**. Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em <https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua_de_Sinais_II_para_publicacao.pdf>. Acesso em 05 Mar. 2022.

QUADROS, Ronice Müller de. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. In.: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi; LEITE, Tarcísio de Arantes. (Org.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. Série Estudos de Língua de Sinais. V.I. Florianópolis: Insular. 2013. p. 15-36.

QUADROS, Ronice Müller de; LEITE, Tarcísio de Arantes. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In.: QUADROS, Ronice Müller de; LEITE, Tarcísio de Arantes; STUMPF, Marianne Rossi. (Org.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. Série Estudos de Língua de Sinais. VII. Florianópolis: Insular, 2014. p. 15-28.

QUADROS, Ronice Müller de. O 'bi' do bilingüismo na educação de surdos. In: FERNANDES, Eulália (Org.). **Surdez e bilingüismo**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 27-35.

QUADROS, Ronice Müller de; FINGER, Ingrid (Orgs.). **Teorias de aquisição da linguagem**. 3.ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2017.

QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de herança**: língua brasileira de sinais. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, Ronice Müller de; NEVES, Bruna Crescêncio; SCHMITT, Deonísio; LOHN, Juliana Tasca; LUCHI, Marcos. **Língua Brasileira de Sinais**: patrimônio linguístico brasileiro. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. 1. ed. Linguística para o Ensino superior, 5. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de. Tecnologia para o estabelecimento de documentação de língua de sinais. In.: CORRÊA; Ygor; CRUZ, Carina Rebello. (Org.). **Língua Brasileira de Sinais e tecnologias digitais**. Porto Alegre: Penso, 2019. p. 1-26.

QUADROS, Ronice Müller de. (Org.). **Gramática da Libras**: estudos introdutórios sobre seus componentes gramaticais [livro eletrônico]. Florianópolis: Signa, 2020.

QUADROS, Ronice Müller de. (Org.). **Gramática da Libras** [livro eletrônico: V-book]. Tradução de Sonia Marta de Oliveira; Tom Min Alves. 1. ed. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2021. Disponível em: <<https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/gramatica/index.php>>. Acesso em 05 maio 2023.

QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Jair Barbosa da; ROYER, Miriam; SILVA, Vinícius Rodrigues da. (Org.). **A gramática da Libras**. v.1. Rio de Janeiro: INES, 2023.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Por uma linguística crítica. **Línguas & Letras**, v. 8, n. 14, p. 13-20, 2007. Disponível em: < <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/900>>. Acesso em 02 fev. 2024.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Como o internetês desafia a Linguística. In.: SHEPHERD, G. SALIÉS, Tânia G. **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 37-53.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A Pragmática visa a esmiuçar a condição humana diante dos desafios. In.: ALBUQUERQUE, Rodrigo; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; LINS, Maria da Penha Pereira. (Org.). **O que é e o que faz a Pragmática**. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2023. (Coleção: O que é e o que se faz?, v. 3).

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014. (Coleção Cibercultura).

RESENDE, Carolina Silva. **Assimilação na língua de sinais brasileira**. 2012. 96 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

REILY, Lucia. O papel da igreja nos primórdios da educação dos surdos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, maio/ago 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a11v1235.pdf>>. Acesso em 24 jul. 2023.

REIS, Tatiane Folchini dos; KIRCHOF, Edgar Roberto. Uma análise dos surdos como sujeitos bilíngues nas redes sociais. In.: CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello. (Org.). **Língua brasileira de sinais e tecnologias digitais**. Porto Alegre: Penso, 2019. p. 143-156.

RIBEIRO, Ana Elisa. Leitura, escrita e tecnologia: questões, relações e provocações. In.: COSCARELLI, Carla Viana. (Org.). **Tecnologias para aprender**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 31-42.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Multimodalidade, textos e tecnologias**: provocações para a sala de aula. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa; COSCARELLI, Carla Viana. **Linguística Aplicada**: ensino de português. São Paulo: Contexto, 2023.

ROCHA, Solange. **O INES e a educação de surdos no Brasil**: Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. Rio de Janeiro: INES, 2007.

RODERO-TAKAHIRA, Aline Garcia. **Compostos na língua de sinais brasileira**. 2015. 161 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: < <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-23112015-125742/en.php>>. Acesso em 26 jan. 2024.

RODERO-TAKAHIRA, Aline Garcia; SCHER, Ana Paula. Classificando os Compostos da Libras. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 6, n. 6, p. 152–180, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11439>. Acesso em: 11 maio. 2024.

RODRIGUES, Carlos Henrique; QUADROS, Ronice Müller de. Diferenças e linguagens: a visibilidade dos ganhos surdos na atualidade. **Revista Teias**, [S. l.], v. 16, n. 40, p. 72–88, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24551>. Acesso em: 8 jun. 2024.

RODRIGUES, I. C.; BAALBAKI, A. C. F.. Práticas sociais entre línguas em contato: os empréstimos linguísticos do português à Libras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, n. 4, p. 1095–1120, out. 2014.

ROJO, Roxane. *Escol@ conect@d@: os multiletramentos e as TICs*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; TAVEIRA, Cristiane Correia. **Gramática visual para os vídeos digitais em línguas de sinais** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: INES, 2022.

ROST, Claudia Andrea. **Olha e Veja**: multifuncionalidade e variação. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2002.

ROYER, Miriam; QUADROS, Ronice Müller de. Ordem das palavras nas sentenças em Libras no Corpus da Grande Florianópolis. **Revista da Abralin**, v. 18, n. 1, p. 01-29, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/martinhafaria,+Ordem-das-palavras-nas-sentencas-em-Libras-no-corpus-da-grandeFlorianopolis.pdf>. Acesso em 01 maio 2023.

ROYER, Miriam. **Estrutura oracional e transitividade na Libras**. 2023, 287 f. Tese (doutorado em Linguística) -Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2023.

RUDGE, Luke Andrew. **Analysing british sign language through the lens of systemic functional linguistics**. 2018. 288 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade do Oeste da Inglaterra, Bristol, 2018.

SÁ, Fábio de. **Fabiodesa.tv**. [Online]: mai. 2015. *Instagram*: @fabiodesa.tv. Disponível em: <https://www.instagram.com/fabiodesa.tv/>. Acesso em 29 jul. 2024.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, **Gail**. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696–735, dez. 1974. DOI: 10.1353/lan.1974.0010.

SANCHES, Odécio; MINAYO, Maria Cecilia de S. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Bgpmz7T7cNv8K9Hg4J9fJDb/?format=pdf&lang=p> t. Acesso em 10 fev. 2022.

SANDALO, Filomena. Morfologia. In: MUSSALIN, Fernanda.; BENTES, Ana Christina (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 1v. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. p.181-206.

SANDLER; Wendy; LILLO-MARTIN, Diane. **Sign language and Linguistic Universals**. New York: Cambridge University Press, 2006.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTOS, Fernanda M.A. Marcas da Libras e indícios de uma interlíngua na escrita de surdos em língua portuguesa. 2009. 254 f. (Dissertação em Letras) – Universidade Federal da Bahia, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/10970/1/Dissertacao%20Fernanda%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em 08 dez. 2023.

SANTOS, Zaíra Bomfante. A Linguística Sistêmico-Funcional: algumas considerações. **SOLETRAS** – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ, n. 28, p. 164-181, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/12994/12487>. Acesso em 01 maio 2024.

SANTOS, Thiago Steven; XAVIER, André Nogueira. Recursos manuais e não-manuais na expressão de intensidade em Libras. **Revista Leitura**, [S. l.], v. 2, n. 63, p. 120–137, 2019. DOI: 10.28998/2317-9945.201963.120-137. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/6828>. Acesso em: 23 fev. 2025.

SAT- Serviços de Ajudas Técnicas. **Dicionário de Libras Ilustrado**. Porto Alegre: Fundação de articulação e desenvolvimento de políticas públicas para pessoas com deficiência e altas habilidades no Rio Grande do Sul - FADERS, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHLINDWEIN, Ana Flora; ROCHA, Daniele Silva. LIBRAS e tecnologia: práticas translíngues na produção de youtubers surdos. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 39, n. 1, p. 202359803, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-460X202359803>. Acesso em 25 de set. 2024.

SEGALA, Rimar R. M.; QUADOS, Ronice Muller de. Tradução intermodal, intersemiótica interlinguística de textos escritos em português para a Libras oral. **Cadernos De Tradução**, 35(esp. 2), 354–386. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p354>

SEGALA, Rimar R. **Rimarsegala**. [Online]: fev. 2015. *Facebook*: @rimarsegala. Disponível em: <https://www.facebook.com/rimar.r.segala>. Acesso em 29 jul. 2024.

SEGALA, Sueli R. **Sueliramalho**. [Online]: jan. 2013. *Instagram*: @sueliramalho. Disponível em: <https://www.instagram.com/sueliramalho/>. Acesso em 29 jul. 2024.

SEVERO, Cristine Gorski. Política(s) linguística(s) e questões de poder. **Alfa: Revista de Linguística** (São José do Rio Preto), São Paulo, 57 (2): 451-473, 2013.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. London: Massachusetts Institute of Technology, 2014.

SILVA, Amanda Regina; XAVIER, André Nogueira. Identificação, documentação e descrição de processos fonológicos na Libras. *Humanidades & Inovação*, Palmas, v. 7, n. 26, p. 58-84, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3238>. Acesso em 12 mai. 2025.

SILVA, Amanda Regina; XAVIER, André Nogueira. A assimilação na libras: um estudo baseado em dados naturalísticos. **Entretextos**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 287–314, 2024. DOI: 10.5433/1519-5392.2024v24n1p287-314. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/50484>. Acesso em: 28 set. 2024.

SILVA, Bárbara Amaral da; REZENDE, Janaína; COSCARELLI, Carla Viana. O QR Code como gatilho de leituras. In.: JUNIOR, Ronaldo Corrêa Gomes. **Tecnologias digitais e aprendizagem de línguas além da sala de aula** [livro eletrônico]. Campinas: Mercado de Letras, 2024.

SILVA, Marília da Piedade Marinho. **A construção de sentidos na escrita do aluno surdo**. 4. ed. São Paulo: Plexus, 2001.

SILVA, Vilmar. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In.: QUADROS, Ronice Muller de. (Org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p. 14-37.

SILVA, Jovânia Marques de Oliveira e; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; DINIZ, Normélia Maria Freire. Fenomenologia. **Revista Brasileira de Enfermagem** [online]. v. 61, n. 2, p. 254-257, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672008000200018>. Acesso em 5 dez. 2022.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 9. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, S.; IKEDA, S. N. A persuasão na propaganda de cerveja: um enfoque sistêmico-funcional. **Revista Panorâmica online**, [S. l.], v. 15, p. 01–20, 2013. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/514>. Acesso em: 27 maio 2024.

SILVA, Dáfnie Paulino. Transcodificação cultural nos gêneros digitais de um mud: encontrando o espaço de inovação do usuário via língua(gem). In.: BUZATO, Marcelo E. K. **Cultura digital e linguística aplicada**: travessias em linguagem, tecnologia e sociedade. Campinas: Pontes Editores, 2016, p. 147-172.

SILVA, Maria Cristina Figueredo; MEDEIROS, Alessandro Boechat de. **Para conhecer morfologia**. Coordenado por Renato Miguel Basso e Izete Lehmkuhl Coelho. São Paulo: Contexto, 2016.

SILVA, Edna Cristina Muniz da. Gêneros na teoria sistêmico-funcional. **DELTA**: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 34, n. 1, p. 305-330, jan. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/CCX6KcnxVwtfTHjdJ5Tgh7j/#>. Acesso em 16 mar. 2024.

SILVA, Rodrigo Custódio da. **Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica**: a prova como foco de análise. 2019. 241 f. Tese (Doutorado em Linguística) - - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/PLLG0782-D.pdf>. Acesso em 15 jun. 2023.

SILVA, Rodrigo Custódio da. **Rodrigocustodio84**. [Online]: mai. 2014. *Instagram*: @rodrigocustodio84. Disponível em: <https://www.instagram.com/rodrigocustodio84/>. Acesso em 29 jul. 2024.

SILVA, Jair Barbosa da; QUADROS, Ronice Müller de. Aspectos linguísticos das LS. In.: QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Jair Barbosa da; ROYER, Mriam; SILVA, Vinícius Rodrigues. (Org.). **A gramática da Libras**. v.1. Rio de Janeiro: INES, 2023. p. 29-61.

SIQUEIRA, Sávio. Diversidade, ensino e linguagem: que desafios e compromissos aguardam o profissional de letras contemporâneo? **Línguas & Letras**, [S. l.], v. 13, n. 24, 2012. DOI: 10.5935/rl&l.v13i24.6955. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/6955>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

SKLIAR, Carlos. (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. 2. v. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2004.

SOUZA, Diego Teixeira. **A constituição prosódica da Língua Brasileira de Sinais (Libras)**: as expressões não manuais. 2020, 181 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

SQUIRES, Lauren. Enregistering internet language. **Language in society**. New York, v. 39, 4. ed., 2010. p. 457-492. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/F8A79BB74879D022D911F3B818B727BF/S0047404510000412a.pdf/enregistering-internet-language.pdf>>. Acesso em 30 jan. 2024.

STOKOE, William C. **Sign Language Structure**: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. New York: Cambridge University Press, 1960.

STOKOE, William C; CASTERLINE, Dorothy C.; CRONEBERG, Carl G. **A Dictionary of American Sign Language on linguistic principles**. Washington: Gallaudet College Press, 1965.

STOKOE, William C. Sign Language Structure. **JSTOR**, Annual Review of Anthropology, Washington, v. 9, p. 365-390, 1980. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2155741>>. Acesso em 09 Ago. 2022.

STUMPF, Marianne Rossi. Língua de sinais: escrita dos surdos na internet. [V Congresso Ibero-Americano de Informática]: ULBRA, 2000.

SUN, Hong-mei. A study of the features of internet english from the linguistic perspective. **Studies in Literature and Language**. v.1, n.7, 2010. p. 98-103. DOI: <http://dx.doi.org/10.3968/n> Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/236303075.pdf>>. Acesso em 28 jan. 2024.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras** [Tradução Gustavo Gusmão]. 1. ed. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2021. Disponível em: <http://www.literaturaemlibras.com/leitura-impressa/>. Acesso em 03 nov. 2024.

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

SWALES, John Malcolm. **Genre Analysis**: English in Academic and Research Settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TAGLIAMONTE, S.; DENIS, D. Linguistic ruin? LOL! Instant messaging and teen language. *American Speech*, Durham, v. 83, n. 1, p. 3-34, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1215/00031283-2008-001>

TANG, Gladys; LAU, Prudence. Coordination and subordination. In.: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. **Sign language**: An international handbook. Boston: Gruyter GmbH & Co, 2012. p. 340-364.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**. 2. ed. London: Arnold, 2004.

THURLOW, C.; BROWN, A. Generation txt? The sociolinguistics of young people's text-messaging. *Discourse Analysis Online*, v. 1, p. 1-27, 2003. Disponível em: <[http://faculty.washington.edu/thurlow/papers/Thurlow\(2003\)-DAOL.pdf](http://faculty.washington.edu/thurlow/papers/Thurlow(2003)-DAOL.pdf)>. Acesso em: 28 jan.2024.

TV CULTURA. **Jornalismo TV Cultura**. [online]: 5 out. de 2007. *YouTube*: @JornalismoTVCultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/JornalismoTVCultura>. Acesso em 27 jul. 2024.

TV CULTURA. Jornalismo TV Cultura [online]. **Brasil avança em políticas CLIMÁTICAS, mas desafios persistem**. São Paulo: TV Cultura, 2025. 1 vídeo (3:33 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kpJpWUE6IPE>. Acesso em 10 de nov. 2024.

UFGRS - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Blog Mãos Aventureiras**. Porto Alegre: Carolina Hessel Silveira [Coord], 2017. Disponível em: <https://www.ufgrs.br/maosaventureiras/>. Acesso em 25 jul. 2024.

UFSC - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Portal de Libras**. Santa Catarina: Hiperlab, 2016. Disponível em: <https://libras.ufsc.br/>. Acesso em 25 jul. 2024.

UNIOESTE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ.
WebMídias NEaDUNI. Cascavel: Unioeste, 2017. YouTube:
 @neaduni_webmidias. Disponível em:
https://www.youtube.com/@NEADUNI_WEBMIDIAS. Acesso em 26 jul. 2024.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In.: PRETI, Dino. (Org.).
Análise de textos orais. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações
 FFLCH/USP, 1999. p. 81-102.

USP - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **e-Disciplinas**. São Paulo: Moodle,
 2018 [última atualização]. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/course/view.php?id=5603>. Acesso em 25 jul. 2024.

VIAN JUNIOR, O. Estruturas potenciais de gêneros na análise textual e no
 Ensino de línguas. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 9, n. 2, p. 387-410, ago.
 2009. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ld/a/8Jm6W9df6H3tkMdqMyhgcty/?lang=pt#>. Acesso em
 12 mar. 2024.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o**
 desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organizado por
 Michael Cole [et.al]. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira M. Barreto,
 Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VINNI, Marcos. **Vinnphoto**. [Online]: set. 2016. *Instagram*: @vinnphoto.
 Disponível em: <https://www.instagram.com/vinnphoto/>. Acesso em 29 jul. 2024.

WALLON, Henri. **L'évolution psychologique de l'enfant**. Paris: Armand Colin
 Éditeur, 1941.

WANDERLEY, Débora Campos. A classificação dos verbos com concordância
 da Língua Brasileira de Sinais: uma análise a partir do *SignWriting*. 2017. 336 f.
 Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina.
 Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: <
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/194005>>. Acesso em 25 jan. 2024.

WEEDWOOD, B. A tradição ocidental até 1900. In: WEEDWOOD, B. **História
 concisa da linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002. p.
 21-101.

WIENER, N. **Cybernetics: or control and communication in the animal and the
 machine**. Cambridge, Massachusetts: M.I.T. Press, 1961.

WILCOX, Sherman E. William C. Stokoe and the gestual theory of language
 origins. In.: ARMSTRONG, David F.; KARCHMER, Michael A; VAN CLEVE,
 John Vickrey. **The study of signed languages: Essays in honor of William C.
 Stokoe**. Washington: Gallaudet University Press, 2002. p. 118-132.

XAVIER, André Nogueira. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (libras)**. 2006. 175 f. Dissertação (mestrado em Linguística) –Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2006.

XAVIER, André Nogueira. Variação fonológica na Libras: um estudo da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais. **Revista do SETA**, v. 5, p. 119-145, 2011. Disponível em: <<https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/1934>>. Acesso em 01 jan. 2024.

XAVIER, André Nogueira. Doubling of the number of hands as a resource for the expression of meaning intensification in Brazilian Sign Language (Libras). **Journal of Speech Sciences**, Campinas, SP, v. 3, n. 1, p. 169–181, 2021. DOI: 10.20396/joss.v3i1.15046. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/joss/article/view/15046>. Acesso em: 25 fev. 2025.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Plínio Almeida. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras, **D.E.L.T.A**, v. 30, n. 2, p. 371-413, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102445069770367936329>>. Acesso em 10 jan. 2024.

XAVIER, André Nogueira; NEVES, Sylvia Lia Grespan. Descrição de aspectos morfológicos da Libras. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 130–151, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/43933>>. Acesso em: 25 jan. 2024.

XAVIER, André Nogueira.; BARBOSA, Felipe Venâncio. Variabilidade e estabilidade na produção de sinais da Libras. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 11, n. 3, p. 983–1006, 2017. DOI: 10.14393/DL30-v11n3a2017-25. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37297>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

XAVIER, A. N. A EXPRESSÃO DE INTENSIDADE EM LIBRAS. **Intercâmbio**, [S. l.], v. 36, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/31400>. Acesso em: 23 fev. 2025.

XAVIER, André Nogueira. Concepções sobre língua de sinais e pensamento dos surdos e suas implicações para o ensino de conceitos abstratos. **Revista Porto das Letras**, v. 6, n. 6, p. 292-312, 2020. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11437>>. Acesso em 26 jul. 2023.

XAVIER, André Nogueira; SILVA, Amanda Regina. A fonética e a fonologia das línguas de sinais. In.: QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Jair Barbosa da; ROYER, Miriam; SILVA, Vinícius Rodrigues da. (Org.). **A gramática da Libras**. v.1. Rio de Janeiro: INES, 2023. p. 131-173.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In.: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Org.). **Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 207-220.

ZAIETS, Valentyna; ZADORIZHNA Nataliia; ILCHENKO Iryna; SABLINA Svitlana; UDOVICHENKO Hanna; ZAHORODNIA Liudmyla. As características dominantes da Linguística da Internet. **Revista EntreLinguas**, Araraquara, v.7, n. 00, e021115, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.29051/el.v7i00.15954>>. Acesso em 28 jan. 2024.

ZAVAGLIA, C. Metodologia em ciências da linguagem: Lexicografia. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. de S. **Ciências da Linguagem: o fazer científico?** vol. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 231-264.

ZORZI, Giorgia. **Coordination and gapping in Catalan Sign Language (LSC)**. 2018. 428 f. Tesi (Doctoral in traducció i ciències del llenguatge) – Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10803/665045>>. Acesso em 04 maio 2023.